

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Victor Hugo Barbosa Ramalho

**SISTEMA DE DEMONSTRATIVOS
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ESPANHOL MEXICANO
SOB A PERSPECTIVA DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS:
GÊNEROS *NOTÍCIA* E *ROMANCE***

Belo Horizonte

2016

Victor Hugo Barbosa Ramalho

**SISTEMA DE DEMONSTRATIVOS
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ESPANHOL MEXICANO
SOB A PERSPECTIVA DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS:
GÊNEROS *NOTÍCIA* E *ROMANCE***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança

Linguística

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte

2016

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

R165s

Ramalho, Victor Hugo Barbosa.

Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas [manuscrito] : gêneros notícia e romance / Victor Hugo Barbosa Ramalho. – 2016.

260 p., enc. : il., tabs., grafs., color., p&b.

Orientador: César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

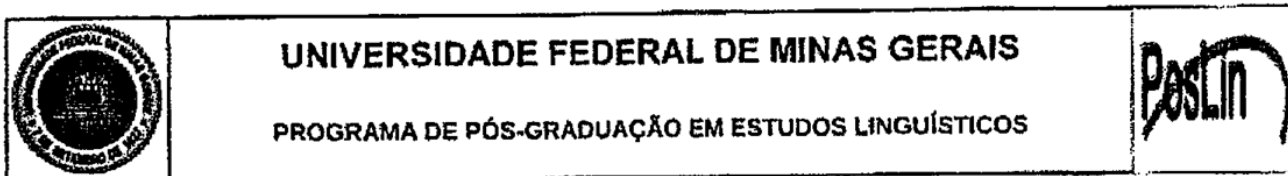
Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 237 a 248.

1. Gramática geral e comparada – Teses. 2. Língua portuguesa – Gramática comparada – Espanhol – México – Teses. 3. Língua espanhola – Gramática comparada – Português – Brasil – Teses. 4. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 5. Língua espanhola – Pronomes – Teses. 6. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 7. Gêneros textuais – Teses. 8. Mudanças lingüísticas – Teses. I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 415



FOLHA DE APROVAÇÃO

SISTEMA DE DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ESPANHOL MEXICANO SOB A PERSPECTIVA DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS: GÊNEROS NOTÍCIA E ROMANCE

VICTOR HUGO BARBOSA RAMALHO

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2016, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). César Nardelli Cambraia - Orientador
UFMG

Prof(a). Maria do Carmo Viegas
UFMG

Prof(a). José da Silva Simões
USP

Prof(a). Enrique A. González Álvarez
UNAM

Prof(a). Alexia Telex Duchowny
UPMG

Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Bernadeth, pelo seu apoio sempre incondicional.

Ao professor e orientador César Nardelli, pelos anos de confiança e por toda a atenção depositada para que eu pudesse chegar até aqui.

À professora Concepción Company Company, por fazer possível a minha estadia no México e por tantas sugestões importantes para esta pesquisa. Ao professor Enrique González Álvarez, por sua receptividade e conhecimento compartilhado em suas aulas na UNAM.

Aos professores Maria do Carmo Viegas, José Simões e Alexia Duchowny, por suas diversas contribuições na realização deste trabalho e a todos os professores que participaram da minha formação como pesquisador na área de linguística.

À Sara e ao Estêvão, dos quais o apoio recebido em diversos momentos foi de grande importância para o bom andamento da minha pesquisa.

A todos os amigos, familiares e alunos que acompanharam a minha trajetória e compartilharam comigo as expectativas, adversidades e êxitos nos caminhos percorridos durante o doutorado.

À UFMG e à UNAM, instituições das quais tive orgulho de fazer parte, pela excelência em ensino e pesquisa de ambas e à CAPES, pelas bolsas de estudos de doutorado e de doutorado sanduíche no exterior, que foram fundamentais para o cumprimento dos objetivos desta tese.

“Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chacara, pendurou-se-me uma idéa no trapezio que eu tinha no cerebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volantim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplal-a. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a fórma de um X: decifra-me ou devoro-te.”

Machado de Assis
Memórias Póstumas de Brás Cubas
1881

SUMÁRIO

RESUMO	10
RESUMEN	11
ABSTRACT	12
ABREVIATURAS	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – Delimitação do problema e revisão bibliográfica	17
1.1 Delimitação do problema	17
1.2 Abordagem tradicional	21
1.3 Binarismo	23
CAPÍTULO 2 – Fundamentação teórica	26
2.1 Modelo teórico tipológico-funcional	26
2.2 Tradições discursivas	28
2.3 Gêneros textuais	31
2.4 Dêixis e modelos de análise referencial	33
2.5 Categorias de análise referencial	41
CAPÍTULO 3 – Objetivos, hipóteses, <i>corpus</i> e metodologia	46
3.1 Objetivos	46
3.2 Hipóteses	48
3.3 <i>Corpus</i>	49
3.4 Metodologia	53

CAPÍTULO 4 – Análise dos gêneros textuais e tradições discursivas	55
4.1 Tradições discursivas: oralidade e gênero textual	55
4.2 O gênero <i>notícia</i>	63
4.2.1 A <i>notícia</i> no PB	64
4.2.2 A <i>notícia</i> no EM	77
4.3 O gênero <i>romance</i>	87
4.3.1 O <i>romance</i> no PB	89
4.3.2 O <i>romance</i> no EM	93
4.4 Oralidade e mudança nas TDs <i>notícia</i> e <i>romance</i>	96
CAPÍTULO 5 – Análise morfológica, sintática e semântica	103
5.1 Formas dos demonstrativos	104
5.1.1 Formas dos demonstrativos no <i>corpus</i>	105
5.1.2 Forma e representatividade do <i>corpus</i>	118
5.2 Análise morfológica	122
5.2.1 Gênero	122
5.2.2 Número	135
5.3 Análise sintática	146
5.3.1 Preposição	146
5.3.2 Posição no sintagma nominal	161
5.4 Análise semântica	181
5.4.1 Valor referencial	181
5.4.2 Referência endofórica	194
5.4.2.1 Anáfora clara	197
5.4.2.2 Anáfora escura	199
5.4.2.3 Catáfora	201
5.4.2.4 Ana-catáfora	203
5.4.3 Referência exofóricas	205
5.4.3.1 Exófora espacial	208
5.4.3.2 Exófora metatextual	210
5.4.3.3 Exófora presencial	212
5.4.3.4 Exófora temporal	214
5.4.4 Referência endo-exofórica	216
5.4.5 Referência anamnésica	218
5.4.6 Referência indefinida	220
5.4.7 Mudança no sistema: endófora e exófora	222

CAPÍTULO 6 – Conclusões e considerações finais	228
6.1 Conclusões	228
6.2 Considerações finais	236
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	237
LISTA DE FIGURAS	249
LISTA DE QUADROS	250
LISTA DE TABELAS	251
LISTA DE GRÁFICOS	256

RESUMO

Este é um estudo comparado dos sistemas de demonstrativos na România Nova, mais especificamente do português brasileiro (PB), com suas formas *este*, *esse*, *aquela* e flexões, e do espanhol mexicano (EM), com suas formas *este*, *ese*, *aquel* e flexões, em diferentes gêneros textuais e sob uma perspectiva diacrônica. O PB e o EM têm em comum o fato de terem seus sistemas originalmente ternários reduzidos a binários, sobretudo na linguagem oral, o que justifica a realização de uma comparação entre as duas línguas. A base teórica deste trabalho se concentra na visão funcionalista de Givón (2001), de que há um *compromisso adaptativo* entre formas linguísticas em competição, durante o processo de mudança linguística, e também na ideia de Kabatek (2006), de que as *tradições discursivas* dos textos seriam fatores fundamentais na definição do comportamento e de inovações dos vários fenômenos linguísticos que os compõem. Sendo assim, o sistema geral de uso dos demonstrativos em uma língua seria a soma dos subsistemas próprios que constroem cada um dos gêneros textuais, os quais possuem tradições definidas historicamente através da repetição e alteração de padrões. Faz-se uma análise da frequência de uso das formas dos demonstrativos de acordo com a influência de fatores morfológicos (*gênero* e *número*), sintáticos (*uso de preposições* e *posição no sintagma nominal*) e semânticos (*valores referenciais*) no PB e no EM, em um *corpus* composto por ocorrências dos gêneros textuais *notícia de jornal* e *romance*, dos séculos XIX ao XXI. São acrescentadas, às discussões realizadas, a análise da influência dos *traços de oralidade* presentes nos textos e a comparação dos resultados obtidos para os gêneros textuais acima citados com os do gênero *teatro* (CAMBRAIA, 2012). Foram confirmadas as hipóteses de que as mudanças nos gêneros textuais estão diretamente ligadas às transformações na sociedade e que essas inovações nas tradições dos textos influenciam nas alterações da configuração dos sistemas de demonstrativos no PB e no EM, embora essas línguas tenham seguido caminhos diferentes ao longo do tempo.

Palavras-chave: *demonstrativos, tradições discursivas, gêneros textuais, mudança linguística*

RESUMEN

Éste es un estudio contrastivo de los sistemas de demostrativos en la Romania Nueva, específicamente las formas *este, esse, aquele* (y flexiones) del portugués brasileño (PB) y las formas *este, ese, aquel* (y flexiones) del español mexicano (EM) en distintos géneros textuales y bajo una perspectiva diacrónica. El PB y el EM tienen en común el hecho de que sus sistemas originalmente ternarios se han reducido a una organización binaria, sobre todo en el lenguaje oral, lo que justifica la realización de un estudio contrastivo entre las dos variedades lingüísticas. La base teórica de este trabajo se concentra en la visión funcionalista de Givón (2001) de que, durante el proceso de cambio lingüístico, existe un *compromiso adaptativo* entre formas lingüísticas que están en competición, y en el postulado de Kabatek (2006) de que las *tradiciones discursivas* de los textos serían factores fundamentales en la definición del comportamiento y de las innovaciones de los fenómenos lingüísticos que los constituye. Así, el sistema general de uso de los demostrativos en una lengua sería la suma de los subsistemas propios que construyen cada uno de los géneros textuales, y éstos últimos poseerían tradiciones definidas históricamente a través de la repetición y alteración de patrones. La investigación hace un análisis de la frecuencia de uso de las formas de los demostrativos de acuerdo con la influencia de propiedades morfológicas (*género y número*), sintácticas (*uso de preposiciones y posición en el sintagma nominal*) y semánticas (*valores referenciales*) en el PB y en el EM, en un *corpus* compuesto de ocurrencias de los géneros textuales *artículo de periódico* y *novela* entre los siglos XIX y XXI. Además de los debates previos, el estudio ofrece un análisis de la influencia de los *rasgos de oralidad* presentes en los textos y otro acerca de los resultados de los dos géneros textuales en contraste con el género *teatro* (CAMBRAIA, 2012). Se confirmaron las hipótesis de que los cambios en los géneros textuales se relacionan directamente a las transformaciones en la sociedad y de que las innovaciones en las tradiciones de los textos influyen las alteraciones de la configuración de los sistemas de demostrativos en el PB y en el EM, aunque estas dos variedades lingüísticas hayan recurrido distintos caminos a lo largo del tiempo.

Palabras clave: *demostrativos, tradiciones discursivas, géneros textuales, cambio lingüístico*

ABSTRACT

This is a comparative study of the demonstrative system in the New Romania, namely the Brazilian Portuguese (BP) with its demonstrative forms *este, esse, aquele* and their inflections, and the Mexican Spanish (MS) with its demonstrative forms *este, ese, aquel* and their inflections, in different textual genres in the light of a diachronic perspective. Both BP and MS have in common the fact that their systems, which are originally ternary, are often reduced to binary, especially in spoken language; that justifies the comparison between both Romance Languages. The theoretical framework relies heavily on Givón's functional-adaptive approach (2001), according to which competing linguistic forms have an *adaptive motivation* during the process of linguistic change, and on Kabatek's idea (2006) that *discursive traditions* are fundamental facts in the definition of the behavior and innovations of different linguistic phenomena. Therefore, the demonstrative system of every language is the sum of particular subsystems that constitute each textual genre, which in their turn have their own historical traditions achieved by repetition and patterns change. An analysis of the frequency of such forms has been carried out bearing in mind the influence of morphological factors (gender and number), syntactic factors (preposition usage and noun group position) and semantic factors (referential values) in BP and MS in a *corpus* composed of samples of *news reports* and *novels* from the XIX and XXI centuries. In addition to such discussion, I have also included an analysis of the traces of orality in the written samples and a comparison of my results to previous research concerning dramatic genres (CAMBRAIA, 2012). My three research hypotheses have been confirmed. First, changes in the textual genres are indeed directly connected to societal changes; second, such innovations in textual traditions influence in the shift of the demonstrative system in both BP and MS; third, both languages have developed in a distinctive manner throughout time concerning the use of demonstrative forms.

Keywords: *demonstratives, discourse traditions, textual genres, linguistic change*

ABREVIATURAS

ABA – Los de Abajo	GLO – O Globo
ACA – referência ana-catafórica	GT – gênero textual
ANC – referência anafórica clara	IMP – El Imparcial
ANE – referência anafórica escura	IND – referência indefinida
ANM – referência anamnésica	JDB – Jornal do Brasil
ART – La Muerte de Artemio Cruz	LEI – Leite Derramado
BAN – Los Bandidos de Río Frío	M – gênero masculino
BRA – Memórias Póstumas de Brás Cubas	MA – margem anteposta
CAT – referência catafórica	MAR – posição margem no SN
CDE – Corpus del Español	m. – metade
CDM – Correio da Manhã	MOR – A Moreninha
CDP – Corpus do Português	N – gênero neutro
cf. – conferir	NPR – não-preposicionado
DIA – O Dia	NUC – posição núcleo no SN
DRJ – Diário do Rio de Janeiro	ORA – modalidade oral
EEX – referência endo-exofórica	P. – página
EM – espanhol mexicano	PAD – posposição articulada de demonstrativo
ESC – modalidade escrita	PB – português brasileiro
EST – A Hora da Estrela	PER – El Periquillo Sarniento
EXC – El Excelsior	p. ex. – por exemplo
EXE – referência exofórica espacial	PLU – plural
EXM – referência exofórica metatextual	PND – posposição não-articulada de demonstrativo
EXP – referência exofórica presencial	PRE – preposicionado
EXT – referência exofórica temporal	POL – Triste Fim de Policarpo Quaresma
F – gênero feminino	REF – Reforma
F1 – forma de 1ª pessoa do demonstrativo (<i>este</i> e flexões)	Séc. – século
F2 – forma de 2ª pessoa do demonstrativo (<i>esse/ese</i> e flexões)	SIN – singular
F3 – forma de 3ª pessoa do demonstrativo (<i>aquela/aquel</i> e flexões)	SN – sintagma nominal
GAC – Gaceta Imperial de México	TD – tradição discursiva
	TES – El Testigo
	UNI – El Universal

INTRODUÇÃO

Os sistemas de demonstrativos das línguas românicas, atualmente, apresentam várias assimetrias entre si e também com relação ao sistema original latino, em níveis morfológicos, sintáticos e semântico-pragmáticos. A fim de contribuir para a compreensão de algumas dessas idiosincrasias, para se edificar, desta forma, um conhecimento mais amplo sobre fatos linguísticos presentes nas línguas neolatinas como um todo, o presente trabalho realiza um estudo histórico e comparado do sistema de demonstrativos na România Nova, a saber, do português brasileiro (*este, esse, aquele* e suas flexões) e do espanhol mexicano (*este, ese, aquel* e suas flexões), a partir da análise dos usos dos demonstrativos, de acordo com o gênero textual e também conforme as tradições históricas de composição dos textos em que eles se encontram.

O primeiro capítulo desta pesquisa, após identificar a origem latina das formas dos demonstrativos em português e em espanhol, apresenta uma revisão bibliográfica sobre os sistemas de demonstrativos em português brasileiro, doravante PB e em espanhol mexicano, doravante EM, partindo, primeiramente, do que preconizam as gramáticas tradicionais e, em seguida, expõe os resultados obtidos por estudos recentes sobre o tema, mais especificamente sobre o *binarismo*, fenômeno de mudança linguística presente em ambas as línguas.

No segundo capítulo, trata-se da fundamentação teórica que serve como base para a interpretação dos usos das estruturas com demonstrativos, para a metodologia de pesquisa adotada e para a discussão sobre os resultados encontrados. Serão apresentados os principais fundamentos do quadro teórico *tipológico-funcional* (GIVÓN, 2001), além dos conceitos de *tradições discursivas* (KABATEK, 2006) e de *gêneros textuais* (MARCUSCHI, 2002), os quais serão articulados com o tema em estudo. Além disso, apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre o conceito de *déixis* e sobre diversos modelos de *análise referencial* dos demonstrativos existentes, visando estabelecer uma base teórica para a criação de um sistema de categorização semântica próprio dos demonstrativos, que melhor se adeque aos dados coletados no *corpus* deste trabalho.

No terceiro capítulo são expostos os objetivos gerais e específicos que a presente pesquisa se propõe a atingir, são feitos questionamentos sobre o tema analisado e, além disso, são apontadas as decorrentes hipóteses de trabalho, estabelecidas a partir da análise crítica de estudos prévios. Em seguida, apresentam-se a metodologia adotada e também informações sobre a composição e tratamento do *corpus* constituído para a coleta de dados do fenômeno em questão, além das categorias de análise linguística a serem aplicadas a esses dados.

O quarto capítulo problematiza a relação entre gênero textual e oralidade e, em seguida, apresenta um panorama da constituição e evolução da *notícia* e do *romance*, promovendo uma discussão sobre tradições discursivas dos textos do PB e do EM que compõem o *corpus*, para se poder entender melhor as relações entre as mudanças históricas dos gêneros discursivos em questão com os resultados que serão apresentados na análise realizada no capítulo seguinte.

O quinto capítulo dedica-se à descrição, quantificação e discussão sobre as ocorrências encontradas no *corpus*, além de apresentar uma classificação formal dos demonstrativos encontrados, com a intenção de se saber de que forma fatores morfológicos como *forma*, *gênero* e *número* ou sintáticos, como *uso de preposições* e *posição no sintagma nominal*, influenciam no aparecimento dos demonstrativos em um dado texto. Faz-se, além disso, uma análise semântica referencial para se conhecer mais profundamente as relações existentes entre os usos das formas dos demonstrativos e os tipos de referências que eles realizam (*endofórica*, *exofórica*, *endo-exofórica*, *anamnésica* ou *indefinida*), através da observação da evolução diacrônica desse aspecto. A todo o momento, são contrastados os resultados obtidos em ambas as línguas e em ambos os gêneros textuais, de modo a se tentar compreender e estabelecer as suas proximidades e diferenças. Além disso, os resultados obtidos são comparados aos valores do gênero *teatro* de Cambraia (2012) e dos demonstrativos em ocorrências orais.

Por fim, no sexto capítulo, são apresentadas as conclusões alcançadas através da avaliação das hipóteses de trabalho postuladas, além das considerações finais, em que se incluem as contribuições desta pesquisa para o estabelecimento de uma metodologia de pesquisa sobre os demonstrativos.

CAPÍTULO 1

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Através de uma perspectiva histórica, é possível se observar as várias assimetrias existentes na reorganização dos elementos que prevaleceram no quadro de formas dos demonstrativos das línguas românicas atuais, em comparação à sua composição original na língua latina. Em latim clássico, segundo Rezende (2009, p. 103), os demonstrativos possuíam três formas: havia a série *hic*, como demonstrativo de primeira pessoa, ou seja, que aponta para o que está próximo de quem fala; havia também a série *iste*, como demonstrativo de segunda pessoa, isto é, que se refere ao que está próximo de com quem se fala; e, por fim, a série *ille*, como demonstrativo de terceira pessoa, que realiza uma referência distal.

Contudo, percebe-se uma grande instabilidade nesse sistema, uma vez que, já nos registros do latim vulgar e na passagem para as línguas românicas, essas formas sofreram inúmeras alterações e substituições. Primeiramente, houve o desaparecimento da forma de 1ª pessoa *hic*, acarretando a mudança de escopo de *iste* (demonstrativo de 2ª pessoa), que ocupou o seu lugar, resultando, portanto, na forma *este* como F1¹ em português e em espanhol. Por conseguinte, os pronomes de reforço da série *ipse* (usados anteriormente com a acepção de “o próprio”), passaram a desempenhar o papel de F2 abandonado por *iste*, resultando nas formas *esse/ese*. Por fim, o demonstrativo latino *ille* transforma-se no pronome pessoal de terceira pessoa *ele/él*, restando com o valor de demonstrativo apenas essa forma adjunta à partícula de reforço **accu*², o que resultou nas formas *aquela/aquel* (*accu+ille*) como F3 nos dias de hoje.

Tanto no português quanto no espanhol, apesar da manutenção da divisão tripartida dos demonstrativos, o inventário das formas também passa por processos de mudança. Os papéis representados por *este*, *esse/ese* e *aquela/aquel* nas duas línguas, atualmente, apresentam-se bastante instáveis e não se encontram ainda muito bem explicados na literatura específica sobre o tema, pois os seus valores parecem modificar-se de acordo com inúmeros fatores, de cunho sintático, semântico, discursivo-pragmático, etc; que parecem influenciar na escolha das formas empregadas nos textos.

¹ As formas dos demonstrativos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas serão tratadas, neste trabalho, respectivamente, por F1 (*este* e flexões), F2 (*esse/ese* e flexões) e F3 (*aquela/aquel* e flexões), seguindo o padrão correntemente utilizado em trabalhos anteriores, como em Cambraia (2009, 2012), Ramalho (2012), Stradioto (2012) e Silva (2013).

² Não há ainda, segundo Cambraia e Bianchet (2008, p. 26), um consenso na literatura atual sobre a forma exata dessa partícula, uma vez que não existe o seu registro isolado. A adjunção de **accu-* com as formas F1 e F2 também deu origem às formas reforçadas com demonstrativos de primeira e segunda pessoas, como *aqueste* e *aquesse/aquese* (MAMUS, 2009, p. 1988), no entanto, essas formas reforçadas caíram em desuso nos últimos séculos e não se encontrou nenhuma ocorrência desse tipo no *corpus* desta pesquisa.

Um dos processos que se pode destacar é chamado *binarismo*, isto é, a simplificação do inventário de formas dos demonstrativos, de um sistema originalmente ternário e a sua passagem a um valor *binário*, no qual o falante apenas diferenciaria as ideias de proximidade e distância, desaparecendo a referência a uma posição medial. Essa mudança linguística está em pleno processo de implementação em algumas das línguas neolatinas, incluindo o português e o espanhol, objetos de estudo do presente trabalho.

Para a análise dessas inovações, segue-se a hipótese de Kabatek (2006), de que os *gêneros textuais*, doravante GT, e as *tradições discursivas*, doravante TD, dos textos seriam fatores fundamentais na definição do comportamento dos vários elementos linguísticos que os compõem. Sendo assim, o sistema geral de uso dos demonstrativos em uma língua seria, portanto, a soma desses subsistemas próprios que constroem cada gênero textual, os quais possuem tradições definidas historicamente através da repetição e alteração de certos padrões estruturais dentro dos mesmos tipos textuais.

Um exemplo de mudança na configuração composicional de um GT é a drástica alteração da tradição histórica de estruturação do gênero *notícia*, uma vez que o relato dos acontecimentos costumava seguir a ordem natural dos fatos, ou seja, o cerne do texto aparecia apenas em sua parte final. Tal estruturação era utilizada pelo fato de que a *notícia* teria a sua origem em outro GT, as cartas e relatos enviados por correspondência, que seguiam esse mesmo modelo. Entretanto, ao longo do tempo, a *notícia*, sendo ela mesma uma *tradição discursiva*, sofreu modificações e o posicionamento das informações principais deslocou-se para a parte inicial do texto, tornando-se, assim, mais “adequada às necessidades econômicas e comunicativas da mídia impressa: primeiramente, o jornal necessita de mais informações e com isso exerce um apelo comercial” (COSTA, 2009, p. 647), o que se tornou extremamente necessário em uma dada época da produção jornalística, por causa da concorrência com outras tecnologias que surgiam, como o rádio, televisão e internet, por exemplo.

Desta forma, o leitor de um jornal poderia prontamente selecionar o assunto das notícias que desejasse ler, dependendo de seus interesses e necessidades particulares, podendo tomar essa decisão simplesmente ao olhar para o título do texto ou ao ler apenas o chamado parágrafo *lead* das notícias, que é sempre inicial e costuma trazer as informações sobre *o quê, quem, como, onde, quando* e *o porquê* dos eventos a serem relatados, isto é, fazendo um resumo geral das informações mais importantes presentes naquele texto.

Pode-se citar também uma situação em que a análise das TDs se tornou imprescindível para a compreensão de um dado fenômeno linguístico, que é mostrada pelo estudo de Kewitz (2007). A autora observa um uso mais frequente da preposição *a*, o que é considerado como um traço mais formal em comparação ao emprego da preposição *para*, em cartas particulares, onde não se esperaria esse resultado, por ser um gênero em que normalmente a coloquialidade se impõe. Tal desvio pôde ser explicado através da TD envolvida, uma vez que as cartas em questão eram escritas por jovens recém-formados ou em preparação para o vestibular, o que os impulsionou a utilizar, principalmente na língua escrita, variantes mais ligadas à norma culta, por hábito e treinamento. É por isso que Kewitz (2009, p. 8) propõe que “todo entorno da produção dos gêneros textuais – intra, inter e extralinguísticos – devem ser levados em conta quando se quer analisar se a língua muda ou não, e como isso ocorre nas sincronias passadas”.

É por isso que, neste trabalho, sob uma perspectiva funcionalista e por meio de uma análise de *corpus*, busca-se entender a influência das tradições dos textos na utilização dos demonstrativos nas línguas portuguesa e espanhola, respectivamente do Brasil e do México, durante os séculos XIX, XX e XXI. Do ponto de vista histórico, pretende-se estabelecer um panorama da evolução das tradições discursivas dos gêneros *notícia de jornal* e *romance*, além de uma análise diacrônica do sistema de demonstrativos em cada um desses gêneros textuais, de acordo com fatores morfológicos, sintáticos e semânticos.

1.2 ABORDAGEM TRADICIONAL

Ao se fazer uma análise em gramáticas tradicionais, percebe-se grande semelhança entre as funções que os demonstrativos podem desempenhar no português e no espanhol. O quadro abaixo, de Cunha & Cintra (2008), mostra que o emprego das três formas dos demonstrativos no português é realizado de acordo com os seguintes valores: o valor *pessoal* (referindo-se às pessoas do discurso), o valor *espacial* e o valor *temporal*.

Demonstrativo	Pessoa	Espaço	Tempo
este	1 ^a	situação próxima	presente
esse	2 ^a	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distante
aquele	3 ^a	situação longínqua	passado vago ou remoto

QUADRO 1 – Valores dos demonstrativos no PB
(CUNHA & CINTRA, 2008, p. 345)

A gramática de Gómez Torrego (2007, p. 74) apresenta, como se vê abaixo, os usos dos demonstrativos no espanhol, os quais são bastante semelhantes aos valores apresentados para o português, já que também envolvem a utilização de cada uma das formas com relação aos participantes do discurso, o espaço e o tempo:

- *Este* (e suas variantes) – aponta para algo (ou alguém) que está próximo ao falante, seja no espaço, seja no tempo. Exemplo: *Esta casa es cómoda*.
- *Ese* (e suas variantes) – mostra algo (ou alguém) que está próximo ao ouvinte tanto no espaço quanto no tempo. Exemplo: *Esa casa es cómoda*.
- *Aquel* (e suas variantes) – usa-se para mostrar algo (ou alguém) que está distante do falante e do ouvinte tanto no tempo quanto no espaço. Exemplo: *Aquellos años son inolvidables*.³

³ No original:

“- *Este* (y sus variantes) – señala algo (o alguien) que está próximo al hablante bien en el espacio bien en el tiempo. Ejemplo: *Esta casa es cómoda*.

- *Ese* (y sus variantes) – muestra algo (o alguien) que está próximo al oyente tanto en el espacio como en el tiempo, o que está en una distancia intermedia entre este y aquel. Ejemplo: *Esa casa es cómoda*.

- *Aquel* (y sus variantes) – se usa para mostrar algo (o a alguien) que está alejado del hablante y del oyente tanto en el tiempo como en el espacio. Ejemplo: *Aquellos años son inolvidables*.”

Entretanto, como afirma Cambraia (2008, p. 1), ao se consultar os vários manuais de gramática normativa disponíveis de ambas as línguas, não parece ainda haver um consenso sobre os inúmeros aspectos possíveis da classe dos demonstrativos, como a sua definição, inventário das formas e os valores que podem desempenhar na comunicação.

Assim, as gramáticas⁴ consultadas muitas vezes trazem diversas páginas de usos bastante específicos desta classe de palavras ou mesmo assumem que as regras apresentadas podem não corresponder ao uso efetivo dos demonstrativos nos textos e discursos, como aponta o gramático Bechara (2005, p. 167), já que “nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina gramática”. Desta forma, para se definir quais seriam essas situações especiais, é necessária a realização de um estudo mais aprofundado baseado na língua em uso, como a presente pesquisa pretende concretizar.

Um dos processos de mudança que divergem da teoria formalista das gramáticas normativas com relação ao uso dos demonstrativos no PB é que as “distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática” (CUNHA & CINTRA 2008, p. 345) e este fato, que pode ser estendido ao EM, ocorre porque está em curso um processo de mudança linguística, da passagem do sistema ternário para um sistema binário, o qual não seria percebido nas variantes europeias dessas línguas. Serão expostos, a seguir, alguns estudos já realizados sobre o tema do *binarismo*, para se entender melhor esse fenômeno.

⁴ Gramáticas do português consultadas: Carneiro (1957), Bueno (1968), Ali (1969), Silveira (1983), Luft (1996), Faraco & Moura (1997), Nicola & Infante (1997), Neves (2000), Sacconi (2001), Rocha Lima (2003), Bechara (2005), Cegalla (2005), Mateus (2006) e Cunha & Cintra (2008). Gramáticas do espanhol consultadas: Benot y Rodriguez (1941), Alcalá-Zamora y Torres (1948), Miranda Podadera (1952), Palisa Mujica de Lacau (1967), Alonso Pedraz (1968), Alonso & Henriquez Urena (1969), Gili y Gaya (1973), Seco (1974), Bello (1984), Sarmiento & Sanchez (1993), Kany (1994), Alarcos Llorach (1995), Gonzales Hermoso & Cuenot (1995), Matte Bon (1995), Bosque & Demonte (1999), Gómez Torrego (2007) e Moreno García (2007).

1.3 BINARISMO

No desenvolvimento histórico do sistema de demonstrativos latinos para as línguas românicas, é notável que, conforme mostram Cambraia & Bianchet (2008, p. 23-24), em pelo menos em três dessas línguas, a saber, no francês, no reto-romano e no romeno, há a simplificação do inventário, com a passagem de um sistema tripartido latino para um binário, ou seja, com apenas duas formas de demonstrativos. Segundo os mesmos autores, essa tendência parece continuar sendo bastante produtiva contemporaneamente em algumas línguas neolatinas, uma vez que, apesar de formalmente possuírem um sistema ternário de demonstrativos, diversos estudos mostram que, no vernáculo, já há um binarismo em pleno uso, como no caso do catalão barcelonês (BADIA I MARGARIT, 1985, p. 216), do occitânico (WHEELER, 1990, p. 259) e em grande parte do italiano (SALMOIRAGHI, 1989, p. 123). Essa mesma mudança linguística nas formas dos demonstrativos pode ser identificada na língua em uso PB e também do EM, como mostram os seguintes estudos:

Cid, Costa e Oliveira (1986) realizaram uma pesquisa sobre a diminuição da oposição entre os demonstrativos *este* e *esse* na fala culta carioca, através do *corpus* oral do NURC⁵, para saberem mais sobre a tendência do PB de transformar o sistema ternário (*este* x *esse* x *aquele*) em binário (*este/esse* x *aquele*), e encontraram a predominância de F2 sobre a forma F1 para expressar a relação proximal de referência. Essa afirmação por sua vez, contraria a hipótese preliminar de Nascentes (1953 *apud* CID, COSTA e OLIVEIRA, 1986, p. 196) de que F1 seria predominante entre essas duas formas concorrentes, “por ser de primeira pessoa e indicar maior proximidade do que *esse*”.

⁵ Norma Urbana Culta

Entretanto, há um dado curioso apontado pelas autoras, em que ocorre um grande predomínio de F1 na fala de um único informante, sendo que em todas as outras falas registradas há o uso majoritário de F2, ou mesmo a inexistência de F1. O entendimento para esta situação só é possível levando-se em conta fatores extradiscursivos, pois é importante saber que a informante “problemática” era, na verdade, uma professora de português realizando um discurso formal. Essa informante teria, portanto, “por força de seu nível de escolaridade e de especialização profissional, um domínio do sistema tricotômico” (CID, COSTA e OLIVEIRA, 1986, p. 206). Assim, pode-se ver que é fundamental, nos estudos de um fenômeno linguístico, atentar-se também a parâmetros sociodiscursivos, tais como o tipo de elocução, o gênero textual e a formação do falante, para se avaliar os resultados obtidos com maior precisão.

Já na obra de Pavani (1987) sobre os demonstrativos da fala culta brasileira, especificamente voltada à variedade de São Paulo, os usos de *este* e *esse*, tanto no âmbito exofórico, como no endofórico, também se contrastam com as regras estabelecidas pelas gramáticas normativas, com um emprego bastante superior de F2 (83,75%) em oposição a F1 (16,25%). É o mesmo padrão encontrado por Pereira (2005, p. 105), que realiza uma comparação com o modelo do português europeu:

Os *corpora* portugueses apresentam, de forma geral, uma distribuição que prioriza a forma "este" mas reserva ao pronome "esse" um papel ativo. No PB, a forma "esse" é praticamente a única existente para o material que simula a oralidade, mantém-se como forma preponderante na escrita jornalística e divide funções com a forma "este" na escrita de caráter ficcional. Esse quadro nos leva a crer que a manutenção de "este" no sistema demonstrativo brasileiro depende dos mecanismos de imposição da norma gramatical dos manuais, o que não se mostra possível na oralidade.

Outros pesquisadores também confirmam o processo de binarismo dos demonstrativos em português brasileiro e a predominância de F2 como a forma mais frequente para a expressão de relação proximal e a de F3 para distal, como Roncarati (2003), Marine (2004), Cambraia (2009, 2012), Castilho (2010) e Stradioto (2012).

Kany (1994, p. 170) aponta para a tendência que ocorre no espanhol das Américas de substituição da forma *aquel* por *ese*. Sendo assim, por outro lado, seguindo um padrão diferente daquele visto para o PB, no qual F2 está suplantando o uso de F1, o sistema de demonstrativos no EM também está sofrendo uma redução, isto é, passando de um sistema ternário para um binário, no entanto, com a substituição de F3 por F2 (*este* x *ese/aquel*). Sendo assim, em EM, tem-se o demonstrativo *este* com função de proximidade ao centro dêitico, que se opõe à forma *ese* com função de distância, como atestam os estudos de González Álvarez (2006), Cambraia (2009), Stradioto (2012) e Silva (2013), sendo que a forma de terceira pessoa *aquel* “está em desuso para vários falantes e muitos dos que a utilizam só o fazem para assinalar referências que não estão próximas temporalmente no momento da enunciação”.⁶ (GONZÁLEZ ÁLVAREZ, 2006, p. 287)

Em síntese, o PB e o EM têm em comum o fato de terem seus sistemas originalmente ternários reduzidos a binários, sobretudo na linguagem oral, e isso justifica a comparação entre essas duas línguas neste trabalho. Contudo, há também uma notável assimetria nesse processo de mudança, já que F2 tende a assumir a função proximal de F1 no Brasil, enquanto tende a assumir a função distal de F3 no México. Todos esses fatos corroboram a ideia de que cada comunidade linguística desenvolve historicamente variações e mudanças em sua língua de acordo com as suas próprias tradições culturais e são influenciadas por fatores diversos. Assim, reforça-se o objetivo do presente trabalho, que é encontrar as diferenças no sistema de demonstrativos de cada um dos GTs que serão examinados, *notícia* e *romance*, a fim de proporcionar uma visão mais detalhada sobre o funcionamento geral do uso dos demonstrativos nas duas línguas em questão.

⁶ No original: “está en desuso para varios hablantes y muchos de quienes la utilizan sólo lo hacen para señalar referencias no cercanas temporalmente al momento de la enunciación.”

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MODELO TEÓRICO TIPOLÓGICO-FUNCIONAL

A gramática funcional, segundo Neves (1997, p. 15), busca compreender a linguagem como um meio de interação social e que se molda a partir das pressões de uso em cada contexto em que uma língua natural é empregada. A comunicação eficiente é tida como o objetivo principal da linguagem e esta se dá através do meio social, durante as interações entre os falantes, devendo sempre o estudo linguístico ser realizado em um contexto natural de uso, e não a partir de criações do próprio linguista.

A competência comunicativa é colocada em foco neste modelo, já que o falante possui a capacidade não somente de codificar e decodificar expressões, mas também usá-las e interpretá-las de uma maneira interacionalmente satisfatória. Haveria uma não-autonomia da língua, uma vez que ela não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. A língua é, portanto, funcional, uma vez que haveria uma relação direta entre o *sistema* e a *função* comunicativa exercida, e, nesta instabilidade entre sistema e função, haveria uma força dinâmica responsável pelo constante desenvolvimento da língua.

Dentro do funcionalismo, Givón (2001, p. 18) apresenta o seu modelo teórico para a linguagem, chamado tipológico-funcional, o qual propõe que os vários tipos de oração (variantes estruturais) seriam formas diferenciadas de codificação gramatical de conteúdos semântico-proposicionais em diferentes domínios funcionais discursivo-pragmáticos. Como a gramática das orações codifica simultaneamente informação semântico-proposicional e discursivo-pragmática e as exigências para essa codificação estão frequentemente em conflito, o resultado é um *compromisso adaptativo* entre as pressões funcionais em competição.

Assim, seria perceptível um *isomorfismo* no âmbito da sintaxe dos demonstrativos, já que a existência de cada uma das suas formas serviria para exercer uma função de linguagem diferente, dentro do uso comunicativo da língua, como prega a teoria tipológico-funcional. Ou seja, o emprego de certa forma em detrimento a outra, segundo esse modelo teórico, não se daria arbitrariamente, pois haveria sempre uma pressão funcional que manteria a sua coexistência em um dado fluxo temporal. Dessa forma, a queda de uma das formas do sistema, como ocorre no fenômeno do binarismo, aconteceria justamente pela tomada de função da forma em desaparecimento por outra, a qual passa a exercer o seu papel.

2.2 TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Os estudos envolvendo a noção de tradições discursivas surgem a partir de um desenvolvimento das ideias de Coseriu (1973), o qual apresenta o conceito de *norma*, que corresponde ao limite entre o que é possível ser usado e o que de fato é empregado pelos falantes. Isto é, se se levar em conta todas as formas e estruturas que a língua é capaz de gerar. Algumas delas são verdadeiramente empregadas pela comunidade linguística e outras não são produtivas, pois simplesmente não ocorrem em contextos naturais de comunicação. Sendo assim, o conceito de norma insere, no campo de estudo dos fenômenos linguísticos, a noção de *historicidade* e *tradição*. A norma é composta, no sistema existente, pelas estruturas linguísticas que os falantes se habituem a utilizar e elegem como representantes da língua de uma comunidade.

Assim, para Coseriu (1973) é imprescindível o papel representado pela historicidade no desenvolvimento dos fenômenos linguísticos, uma vez que, no uso diário, os falantes realizam inúmeras escolhas individuais que podem acabar se tornando escolhas reproduzidas pela comunidade linguística como um todo, fixando os novos elementos dentro de uma tradição histórica.

A rigor, ao estabelecer o conceito de 'norma', efetua-se uma dupla abstração, dado que, por um lado, elimina-se tudo o que é puramente subjetivo, originalidade expressiva do indivíduo (em geral e no momento considerado), e, por outro lado, abstrai-se uma norma única, geral na comunidade: em geral a norma é variável, segundo os limites e a índole da comunidade considerada. (COSERIU, 1973, p. 96)⁷

⁷ No original: "En rigor, al establecer el concepto de "norma", se efectúa una doble abstracción, dado que, por un lado, se elimina todo lo que es puramente subjetivo, originalidad expresiva del individuo (en general y en el momento considerado), y, por otro lado, se abstrae una norma única, general en la comunidad: en general la norma es variable, según los límites y la índole de la comunidad considerada."

A norma é a parte histórica do sistema, que deriva do uso real dos elementos linguísticos no curso do tempo e em um espaço determinado. Coseriu (1955 *apud* KABATEK, 2006), também aponta que a atividade linguística poderia ser dividida em três níveis do falar: a) o nível *universal*, que se refere à capacidade do ser humano de expressar-se linguisticamente; b) o nível *histórico*, no qual os diferentes sistemas linguísticos são delimitados por comunidades linguísticas específicas; c) o nível *individual*, que abrange textos e discursos produzidos concretamente pelos falantes.

Schlieben-Lange (1983) reformula esses conceitos de Coseriu ao estudar a historicidade da linguagem incluindo fatores pragmáticos e sociolinguísticos, para se chegar à definição da história da tradição dos textos, a qual seguiria caminhos diferentes da história da língua em si. A autora enfatiza que “um único texto não possui história, ele é cada produto individual da atividade de fala” (SCHLIEBEN-LANGE, 1983, p. 138)⁸. Assim, para se avaliar o processo histórico de mudança dos fenômenos linguísticos, seria necessário se considerar também as maneiras particulares de se produzir enunciados em uma dada época, ou seja, levar-se em conta a tradição na qual o texto se encontra inserido.

O termo *Tradição Discursiva* foi utilizado, segundo Kabatek (2006, p. 507), primeiramente por Koch (1997) e por Oesterreicher (1997), os quais propõem uma subdivisão para o nível do falar histórico de Coseriu (1955), o das línguas propriamente ditas das comunidades linguísticas, em dois filtros distintos: o primeiro, o da *seleção léxico-gramatical* pregada pelo próprio sistema e o segundo, o da seleção de elementos de acordo com a *tradição do discurso* em questão, sendo que ambos possuiriam historicidades diferentes, como se vê no quadro a seguir:

⁸ No original: “Ein einzelner Text hat keine Geschichte, er ist das jeweils individuelle Produkt der Sprechfähigkeit.”

NÍVEL	DOMÍNIO	TIPO DE REGRAS
universal	atividade do falar	regras elocucionais
histórico	língua histórica particular	regras idiomáticas
	tradição discursiva	regras discursivas
atual/individual	discurso	

**QUADRO 2 – Níveis, domínios e regras do falar
(KOCH, 1997, p. 5)**

Sendo assim, para se exercer a atividade linguística, requer-se um conhecimento não só sobre o funcionamento das regras gramaticais de uma dada língua, mas também há de se ter em mente quais seriam os modos convencionalizados de elaboração textual e discursiva, os quais são determinados historicamente através da evolução das TDs.

A TD seria, portanto, um dos filtros, pelo qual uma finalidade comunicativa deve transpassar para se formar um enunciado concreto, sendo o outro filtro a língua como sistema gramatical. Este é mais um indício de que o momento histórico e os tipos de texto produzidos durante ele influenciam nos elementos que compõem um enunciado, como mostra o esquema a seguir:



**FIGURA 1 - Esquema de tradições discursivas
(KABATEK, 2006, p. 508)**

Desta forma, Kabatek trabalha com a noção de TD relacionando a historicidade dos textos com a historicidade da linguagem, na medida em que as formas do texto se fixam, produzindo um impacto também sobre a linguagem, como se a gramática fosse sensível às formas textuais. Pode-se dizer então que há um processo circular, uma vez que o que define um tipo de texto são as formas linguísticas utilizadas, mas, por outro lado, a constituição de um padrão específico de organização textual tem impacto

sobre os elementos utilizados na composição da linguagem. Sendo assim, Kabatek (2006, p. 512) apresenta o seu conceito de TD:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS

Pode-se ver que a definição de TD explicitada anteriormente se aproxima bastante do conceito de gêneros textuais (também chamados gêneros discursivos ou gêneros do discurso), como o de Marcuschi (2002), o qual entende que eles seriam fenômenos históricos, intrinsecamente atrelados à vida social e cultural dos indivíduos. Para esse autor, os gêneros textuais não podem ser caracterizados como elementos estruturais estáticos, uma vez que correspondem a eventos linguísticos e não se determinam por características meramente linguísticas, pois seriam atividades sociodiscursivas, podendo ser entendidos como um produto coletivo dos múltiplos usos da linguagem, e que se concretizam de diversas maneiras, de acordo com as necessidades comunicativas do cotidiano dos indivíduos.

Desta forma, tem-se uma multiplicidade de possibilidades de surgimento de novos gêneros, como mostra Bakhtin (1992, p. 279):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Bakhtin (1992) apresenta os gêneros textuais como estruturas compostas por enunciados relativamente estáveis que são reproduzidas ao longo do tempo, e por manterem essa estabilização relativa, pode-se dizer que as noções de GT e de TD se entrecruzam e muitas vezes se sobrepõem, com até mesmo alguns autores, na literatura acadêmica atual, tratando-os como conceitos sinônimos. Contudo, apesar de um GTs configurar uma TD, eles não representariam exatamente a mesma ideia, uma vez que a recíproca não é verdadeira, isto é, o conceito de TD é bem mais abrangente e até mesmo dentro de um mesmo gênero podem existir várias tradições discursivas diferentes em concorrência (KABATEK, 2006, p. 509).

Koch (1997) e Kabatek (2006), *apud* Simões & Kewitz (2009, p. 701-702), explicam que os GTs seriam constituídos a partir da *repetição*, com a qual um texto se relaciona com outros em um determinado momento histórico; e da *evocação*, em que certos tipos de textos retomam a mesma temática, estabelecendo, assim, uma forte ligação entre si. Assim, essas especificidades inerentes dos textos construiriam a ideia de um gênero textual específico, contudo, nesse GT, podem estar contidas influências de diversas TDs.

Para se entender melhor essa diferença, Gallardo (2012, p. 300) apresenta alguns dos exemplos de tradições discursivas citados por Koch (1997), como o *editorial*, a *novela*, a *piada*, a *linguagem objetiva*, o *maneirismo* e os *atos de batizar ou prometer*; ou seja, nota-se que gênero textual é uma TD, assim como também são consideradas TDs algumas entidades de outra ordem, como os movimentos artísticos e atos de fala. No entanto, todos esses tipos de TD têm em comum o fato de que são produzidos historicamente para servir a finalidades peculiares dentro de uma comunidade linguística, pelos grupos sociais que a compõem, como os agrupamentos profissionais e religiosos, os movimentos literários, políticos, etc.

É nessa linha de pensamento que Bazerman (2005 *apud* COSTA, 2009, p. 640) vê os gêneros textuais como um instrumento para se “navegar nos mundos complexos da comunicação escrita e da atividade simbólica, porque, ao reconhecer um modelo textual, reconhecemos muitas coisas sobre os aspectos institucionais e sociais envolvidos na comunicação”.

Por fim, outro aspecto fundamental na diferenciação do uso dos conceitos de GTs e de TDs estaria na finalidade do estudo em que essas noções são utilizadas, já que

ambos os conceitos parecem ter uma funcionalidade diferente. A noção de gênero discursivo se aplica, sobretudo, ao estudo dos textos e sua descrição e tipologização. A noção de TD se emprega especialmente nos estudos diacrônicos para explicar a mudança linguística.⁹ (GALLARDO, 2012, p. 300)

2.4 DÊIXIS E MODELOS DE ANÁLISE REFERENCIAL

O fenômeno chamado de *dêixis*¹⁰ é conhecido e estudado desde a Antiguidade clássica e inclui certas palavras que dependem da posição do indivíduo no plano espacial e temporal para adquirirem significado. Exemplos desse fenômeno são os pronomes pessoais (p. ex. *eu* e *nós*, que não possuem significado próprio, pois servem para a identificação do falante no momento em que pronuncia o discurso), os advérbios de lugar e de tempo (p. ex. *aqui* e *hoje* também dependem, respectivamente, do local e do momento de enunciação para adquirirem significado), bem como a classe dos demonstrativos.

⁹ No original: “(...) ambos conceptos parecen tener una funcionalidad diferente. La noción de género discursivo se aplica sobre todo al estudio de los textos y a su descripción y tipologización. La noción de TD se emplea especialmente en los estudios diacrónicos para explicar el cambio lingüístico.”

¹⁰ do grego *δεικτικός* (*deiktikós*), que significa ‘indicar’ ou ‘apontar’.

Essencialmente, a dêixis diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do contexto da enunciação ou do evento de fala e, portanto, também diz respeito a maneiras pelas quais a interpretação das enunciações depende da análise desse contexto de enunciação. (LEVINSON, 2007 p.65)

Diversos autores, ao longo dos tempos, desenvolveram classificações específicas sobre as referências dêíticas e também a sua relação com os usos dos demonstrativos. Faz-se um compilado dessas categorizações, a seguir, de forma cronológica e esquemática, a fim de se mostrar a evolução do entendimento desse fenômeno ao longo dos tempos, e que servirá como base para se fixar os meios de classificação dos demonstrativos no *corpus* do presente trabalho.

Com relação às referências dêíticas, Brugmann (1904), levando em conta a posição em que se encontram falante e ouvinte com relação a um dado referente, fez a seguinte divisão¹¹: 1) *der-Deixis*, com uma indicação geral a um referente, contudo, sem situá-lo no espaço concreto nem com relação a uma pessoa gramatical específica; 2) *ich-Deixis*, relação com o 'eu', ou seja, com o falante; 3) *du-Deixis*, para a relação com o 'você', ou seja, com o ouvinte; e 4) *jener-Deixis*, relação com alguém distante do falante e do ouvinte.

Bühler (1934), também tratou deste tema e identificou três tipos de dêixis: 1) *dêixis ad oculos*, relacionada a elementos exofóricos; 2) *dêixis reflexiva ou fórica*, para elementos endofóricos; e 3) *dêixis anamnésica* ou *em fantasma*, que estabelece relação entre os anteriores, no âmbito do irreal.

Wackernagel (1954) expandiu o sistema proposto por Brugmann, renomeando¹² os modos de diferenciação das referências, como *tó-deixis*, *hic-deixis*, *iste-deixis* e *ille-deixis*, ampliando a noção de referência para além do 'eu' e do 'você' no segundo e terceiro casos, admitindo também a referência ao espaço que eles ocupam.

¹¹ Os termos utilizados por Brugmann para a nomenclatura dos tipos de dêixis são palavras em alemão: *der* – artigo definido masculino; *ich* – pronome pessoal da 1ª pessoa do singular; *du* – pronome pessoal da 2ª pessoa do singular; *jener* – pronome demonstrativo distal.

¹² Wackernagel utiliza termos gregos e latinos: *tó* – artigo definido neutro singular no grego; *hic* – demonstrativo de 1ª pessoa no latim; *iste* – demonstrativo de 2ª pessoa no latim; *ille* – demonstrativo de 3ª pessoa no latim.

Carbonero Cano (1979) também realiza um estudo sobre o fenômeno da dêixis, distinguindo como suas duas características básicas a de *apontar* ou a de *atualizar* um referente, tanto no contexto linguístico, como no contexto extralinguístico, e sugere uma classificação para o campo dêitico segundo cinco critérios metodológicos básicos: 1) a experiência situacional do falante e do ouvinte: *dêixis espacial* (lugar), *dêixis temporal* (tempo) e *dêixis modal ou nocional* (modo); 2) o tipo de entorno ao qual aponta o elemento dêitico: *dêixis mostrativa* (ou *ad oculos*, com referência a um ente no espaço perceptivo), *dêixis contextual* ou *fórica* (com referência ao discurso), que pode ser *anafórica* (aponta para um elemento discursivo anterior), *catafórica* (aponta para um elemento discursivo posterior), *evocadora* (ou *em fantasma*, que relaciona os dois anteriores de modo irreal) ou *pessoal* (aponta para os participantes da interação discursiva); 3) a insistência: tem-se a *dêixis identificada* (com um elemento identificador) e a *dêixis não-identificada* (sem qualquer elemento identificador); 4) os pontos de referência, em que se podem distinguir três graus de distância: *este-dêixis* (referente próximo ao falante), *esse-dêixis* (referente próximo ao ouvinte) e *aquele-dêixis* (referente distante do falante e do ouvinte); 5) a representação pelos diversos elementos morfossintáticos: *dêixis nominal*, que pode ser *pronominal* (com a função de substituição) ou *adnominal* (com a função de atualização) e a *dêixis verbal*, que pode ser *adverbial* (de modo implícito) ou *prepositiva* (de modo explícito).

Cid, Costa e Oliveira (1986) realizaram uma pesquisa em um *corpus* oral sobre a oposição entre 'este' e 'esse' na fala culta carioca e distinguiram as seguintes categorias para classificarem os demonstrativos encontrados: *função dêitica* (com indicações *espaciais* e *temporais* com relação aos participantes do discurso) e *função dêitica-anafórica* (com indicação ao que foi dito, ao que vai ser dito ou fazer uma alusão discriminada). É salientado, ainda, o uso recorrente de *reforço adverbial* do SN com demonstrativo e os casos de *anáfora difusa*, em que o demonstrativo acompanha um elemento que não repete um item lexical mencionado anteriormente, mas que tem a função de retomar o conceito daquilo que já tenha sido explicitado. Concluiu-se que,

na linguagem oral, a anáfora é mais usada que a dêixis e questões como a *proximidade* do referente, *formalidade* do discurso e *afetividade* podem definir a utilização de uma determinada forma do demonstrativo em detrimento a outra.

Em Pavani (1987), sobre os demonstrativos na fala culta de São Paulo, é possível se notar um grande avanço, na medida em que é buscada uma atualização dos conceitos de dêixis e anáfora para termos mais específicos, com o objetivo de se evitar os múltiplos sentidos possíveis da nomenclatura prévia. A autora estabelece, assim como fez Halliday (1976), que seriam chamadas de *referências exofóricas*, aquelas determinadas pela posição espacial e temporal do falante no momento da enunciação (referência situacional), enquanto a anáfora, a catáfora ou dupla referência, que remetem ao interpretante (referência textual), seriam chamadas de *referências endofóricas*. Pelo fato de o *corpus* utilizado na pesquisa ter sido composto apenas por material de áudio, Pavani declara a sua limitação para realizar uma discussão satisfatória sobre os valores exofóricos dos demonstrativos, uma vez que, necessariamente, só seriam possíveis de se analisar a partir de uma fonte visual do contexto comunicativo. Ela distingue a *referência anafórica* (baseada em Meyer-Hermann, 1976), a *referência catafórica* (baseada em Halliday, 1976) e a *referência pressuposicional*, que é a implicação de conhecimentos partilhados entre os participantes do discurso para que a retomada referencial seja concretizada. Além disso, a autora explicita que os demonstrativos podem trazer à tona vários matizes como os de *indeterminação*, *afetividade*, *dimensão incomum* e *contraste*.

Himmelman (1996) busca classificar e identificar os usos dos demonstrativos em um *corpus* oral de diversas línguas provenientes de famílias não relacionadas entre si, a fim de tentar estabelecer padrões gerais do comportamento destes componentes linguísticos. Para tal objetivo, dividem-se os usos dêiticos diferenciando-os em quatro tipos: 1) *situacional* – envolve certo ponto de vista sobre um centro dêitico no contexto de produção do discurso, estabelecendo um referente no universo discursivo. É utilizado (a) para se referir a um ente presente no local da narrativa, (b)

para indicar distância ou altura, (c) na dêixis textual e para fazer auto-referência; (d) no discurso direto (temporário e claramente indicado como uma narrativa), (e) na dêixis em fantasma – fingir que algo está (acontecendo) na frente do narrador e dos interlocutores, e (f) para realizar a primeira menção (*new-this*) de um referente; 2) *dêitico-discursivo* – aponta para um evento ou uma seqüência de eventos ou uma proposição de um segmento discursivo adjacente. Realiza referência a um ponto no tempo em eventos, argumentos ou atos expostos no discurso; 3) *Rastreamento (tracking)* ou *anafórico* – aponta para um referente no próprio discurso (uso anafórico ou correferencial), com o objetivo de (a) realizar contraste, (b) apontar para um referente similar, (c) mudar o foco de atenção, (d) resolver ambiguidades e (e) realizar anáfora imediata após a primeira menção; e 4) *reconhecimento (recognition)* ou *anamnésico* – estabelece referência a entidades ou eventos de conhecimento partilhado e que não estão presentes nem no contexto de produção e nem no universo discursivo. Envolve entidades ou eventos periféricos (pouco tópicos). Usado na retomada de conhecimentos partilhados e como última menção, ou seja, fazer com que o interlocutor se lembre de um evento anterior, mas não o tomar propriamente como um referente.

Macías Villalobos (1997) reorganiza as ideias de Bühler e as conjuga com o conceito de *identificação* (proposto por Charaudeau 1971, em que há identificação quando o referente está acessível no discurso e a não-identificação quando o referente deve ser inferido ou é algo genérico), estruturando a dêixis da seguinte maneira: 1) *mostração de presença* ou *ad oculos*, com identificação ou não-identificação; 2) *mostração de ausência*, que abrange a anáfora singular, dual ou plural, com identificação ou não-identificação; 3) *mostração da fantasia*, que estabelece relação entre os anteriores, no âmbito do irreal; e ainda acrescenta mais um tipo, a 4) *mostração temporal*, em que o passado é anafórico, o futuro é catafórico e o presente é sempre único e *ad oculos*, com identificação ou não-identificação.

Diessel (1999) apresenta dois traços semânticos dos demonstrativos de dois domínios diferentes: *traços dêíticos* e *traços qualitativos*, sendo que o primeiro localiza o referente na situação discursiva (perto ou longe) e o segundo classifica o referente (objeto, pessoa, lugar, etc). Também é trazida novamente à tona a divisão em quatro dos usos pragmáticos dos demonstrativos já anteriormente exposta por Himmelmann (1996, 1997), mas Diessel atribui o valor exofórico como sendo o uso principal e mais básico, do qual os outros usos endofóricos teriam sido derivados, baseando sua hipótese em evidências observadas no processo de aquisição da linguagem, na *teoria da marcação* e na *gramaticalização*.

Pereira (2005) faz um estudo comparativo sobre as diferenças de uso dos demonstrativos *este* e *esse* no português brasileiro e no português europeu, em que utilizou vários parâmetros de análise, como os *traços de referencialidade* – [referencial], [concreto] e [humano] –, o *acesso do demonstrativo ao seu antecedente* – se estão em sentenças adjacentes ou se há entre eles um outra sentença intercalada –, o *campo de interlocução*, que é a posição relativa entre o falante e o objeto apontado (“campo do locutor”, “campo sem o locutor” e “campo não explicitado”), a *função sintática*, o *uso de locativos*, a *estratégia de referência endofórica* – anáfora ou catáfora – e a *gestualização*.

González Álvarez (2006) retoma a divisão feita por Carbonero Cano (1979) em um estudo diastrático de classificação dos demonstrativos na fala culta e popular na Cidade de México. Com relação ao fenômeno da anáfora, o autor a divide em dois tipos: a *anáfora clara*, com a qual os referentes podem ser bem delimitados, e a *anáfora escura*, que constitui uma relação anafórica entre elementos de forma resumida, global ou retomando um discurso inteiro, não podendo ser bem delimitada. As ocorrências de catáfora também tiveram uma classificação realizada neste estudo e, além disso, o autor apresenta alguns casos limites em que as referências são de ambos os casos ao mesmo tempo, tanto na oposição *anáfora x catáfora*, quanto na

oposição *endofórico x exofórico*, podendo ser classificados, respectivamente como *ana-catafóricos* ou *endo-exofóricos*.

Alexander (2007) realiza uma análise sincrônica e diacrônica da posposição de demonstrativos em espanhol e propõe uma série de categorias informacionais para explicitar semanticamente os diferentes usos deste fenômeno tanto no presente quanto através dos séculos. As categorias identificadas por este autor com a especificação do tipo de referência realizada na análise de orações da forma pós-nominal dos demonstrativos foram: *anafórica, conhecimento compartilhado, catafórica, tópico discursiva, situacionalmente acessível, recuperação e reparação, afetiva, exclamativa, evocação de eventos passados, meta-discurso, anafórico correferencial e dêixis presencial*.

Marine (2009), em seu estudo sobre o sistema pronominal dos demonstrativos no português brasileiro e europeu, faz uma análise de *corpus* que a levou a identificar as seguintes categorias para os demonstrativos: No caso dos dêiticos (exofóricos): (a) *dêixis de pessoa*; (b) *dêixis espacial*; (c) *dêixis temporal*; (d) *dêixis textual* (função metatextual); (e) *dêixis social*; (f) *dêixis de memória* (conhecimento compartilhado, antecedente *in absentia*). No caso das referências anafóricas: (a) *anáfora fiel* (com mesmo SN); (b) *anáfora infiel* (com SN diferente do referente por sinonímia ou hiperonímia); (c) *anáfora por nomeação* (um SN que retoma um conteúdo proposicional ou ato de fala anterior); (d) *anáfora associativa* (retoma a ideia de um elemento anterior que funciona com um desencadeador para se chegar ao referente); (e) *anáfora de memória* (conhecimento compartilhado); (f) *anáfora por elipse* (referente retomado exclusivamente com o pronome demonstrativo)

Benítez Rosete (2011), em sua obra sobre a semântica de usos dos demonstrativos, em uma análise dos usos na língua oral da Cidade do México, identifica as seguintes categorias: 1) *uso exofórico*; 2) *uso dêitico-discursivo* (retoma um fragmento do discurso); 3) *uso anafórico*; 4) *uso de reconhecimento* (retoma uma entidade sem antecedente linguístico, mas de conhecimento compartilhado); Ainda

apresenta dois outros casos que podem ser considerados bastante peculiares do espanhol, que são os usos de demonstrativos como *marcadores discursivos* e como *falsos começos*. Além disso, ainda há os chamados *casos limites*, por se tratarem de ocorrências difíceis de se classificar, uma vez que possuem características de dois usos pragmáticos diferentes.

Cambraia (2012), em um estudo diacrônico sobre os usos das formas dos demonstrativos em peças de teatro, identifica as seguintes categorias referenciais: 1) *endofórica*, 2) *exofórica*, 3) *anamnésica*, 4) *atributiva* (quando sucedem ao demonstrativo orações adjetivas restritivas), 5) *indefinido* (quando são colocadas formais proximais e distais dos demonstrativos para não se especificar com clareza um referente, p. ex. “ele fez isso e aquilo”, e 6) *fática*, em que o demonstrativo *este* do espanhol é utilizado quando o falante está processando a informação e o utiliza como um falso começo.

Silva (2013) analisa demonstrativos de fontes orais coletados pelo projeto NURC em Lima e em Buenos Aires e, tomando como base o trabalho de González Álvarez (2006), identifica as seguintes categorias semântico-referenciais: 1) Endófora – que pode ser representada por uma (a) anáfora, (b) catáfora (estrutural ou não-estrutural) ou (c) ana-catáfora; 2) Exófora, eu pode ser (a) temporal e (b) espacial; 3) Endo-exófora, que possui ambas as características endofóricas e exofóricas; e 4) Indefinida, em que não se faz remissão a uma entidade específica.

Como se pode ver através de todos os trabalhos apresentados anteriormente, os parâmetros para se realizar uma análise semântico-referencial dos demonstrativos ainda não estão muito bem especificados e uniformizados, uma vez que vários autores se utilizam de classificações e nomenclaturas bastante díspares, não havendo, portanto, uma padronização e consenso sobre o assunto. A seguir, será proposto um quadro próprio de classificação dos valores referenciais dos demonstrativos, a partir dessa revisão bibliográfica, utilizando as categorias identificadas que pareçam se adequar melhor às ocorrências do *corpus* deste trabalho.

2.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE REFERENCIAL

Os parâmetros para se produzir uma análise semântica dos demonstrativos ainda não estão muito bem definidos e variam segundo os objetivos cada pesquisador, como se viu na seção anterior. Nomenclaturas diversas, por exemplo, são utilizadas para se referir a uma mesma categoria ou fenômeno. Busca-se, portanto, a partir das indicações de categorias de análise semântico-referencial presentes nos vários trabalhos consultados, estabelecer a sistematização das que seriam mais pertinentes para os objetivos deste estudo.

Uma primeira divisão importante é a empregada por Halliday e Hassan (1976), os quais cunham os termos *endófora* e *exófora*, estabelecendo a separação entre a análise dos fenômenos dêiticos que se remetem, respectivamente, às referências internas ao conteúdo linguístico textual e às referências ao contexto situacional do discurso. Esta terminologia é importante para se substituir e evitar a confusão entre o significado dos termos *anáfora* e *déixis*, também usados para se remeter a esses dois tipos de referência. O termo *anáfora* é comumente empregado tanto para se nomear a classe de referências endofóricas em geral, em que se incluem, por exemplo, a própria anáfora e também a catáfora, quanto para se nomear a referência feita apenas a um elemento textual anterior; enquanto isso, *déixis* pode ser empregado tanto para se aludir apenas às referências exofóricas, quanto para se remeter a um processo mais amplo de mostração, que inclui a endófora e a exófora. Assim, neste trabalho, os termos *anáfora* e *déixis* serão utilizados sempre com os segundos valores apresentados de cada um, sendo os primeiros nomeados seguindo a proposta de Halliday e Hassan (1976), que se acabou de apresentar.

A seguir, estão expostas as categorias de classificação dos demonstrativos que serão usadas neste trabalho, exemplos¹³ de uso e suas definições, especialmente baseadas nos trabalhos de González Álvarez (2006) e de Cambraia (2012). Foram identificadas cinco categorias principais e suas respectivas subcategorias, para se classificar os tipos de referenciação com os demonstrativos no PB e no EM, como se vê a seguir:

A **Referência Endofórica**, através da *anáfora clara*¹⁴ e da *catáfora*, aponta para um referente que se encontra no próprio discurso, respectivamente, anterior ou posteriormente, como nos exemplos (1) e (2), abaixo. Há também a *ana-catáfora*, em que o referente pode ser encontrado simultaneamente antes e depois, no contexto linguístico, como no exemplo (3). Já a chamada *anáfora escura*¹⁵ remete não a um elemento específico, mas a um evento, a uma sequência de eventos ou uma proposição de um segmento discursivo adjacente, de forma resumida, como no exemplo (4).

- (1) “En Lógica Mayor se estudiaba la capacidad que tenga el entendimiento para conocer; o sea, lo que se llama *el problema crítico*. Ése es el... eje –digamos– de la Lógica Mayor. **Este problema crítico** no tenía sentido... sino hasta que vinieron los modernos, a negar la capacidad del entendimiento humano para pensar”. (GONZÁLEZ ÁLVAREZ, 2006 p.49)
- (2) “Relativamente, no. Ya cuarenta años, yo creo. En cambio, **este otro**, *Badura Skoda*, tiene cuarenta y tres, y éste yo creo que no llega a los cuarenta”. (GONZÁLEZ ÁLVAREZ, 2006 p.93)
- (3) “Pero hay *muchas mujeres también vestidas todavía como de... a la antigua*, como... este... a mí me impresionaban mucho **esas mujeres**: *unas mujeres tapadas hasta acá*.” (GONZÁLEZ ÁLVAREZ, 2006 p.114)
- (4) “*Trabajaba en la colonia española*, con **este motivo**... pues tenía varias amistades.” (GONZÁLEZ ÁLVAREZ, 2006 p.70)

¹³ cf. seção 5.4 para exemplos dos valores referenciais coletados no *corpus* deste trabalho. Por ora, serão apresentados apenas exemplos extraídos de trabalhos anteriores.

¹⁴ A *anáfora clara* também é chamada simplesmente de *anáfora* (BÜHLER, 1934), de *déixis reflexiva ou fórica* (MACÍAS VILLALOBOS, 1997), de *mostração de ausência* (LAMIQUIZ, 1967; MACÍAS VILLALOBOS, 1997), de *déixis contextual ou fórica* (CARBONERO CANO, 1979), de *função dêitico-anafórica* (CID, COSTA & OLIVEIRA, 1986) e de *uso de rastreamento* (HIMMELMANN, 1996).

¹⁵ A *anáfora escura* também é chamada de *uso dêitico-discursivo* (HIMMELMANN, 1996 e RAMALHO, 2012).

A **Referência Exofórica**¹⁶ envolve um ponto de vista sobre um centro dêitico no contexto de produção do discurso, estabelecendo um referente no universo discursivo. É utilizada com um valor *presencial*, para se referir a um ente presente no local da narrativa, como no exemplo (5); com um valor *metalinguístico*, para realizar auto-referência ao próprio texto ou discurso produzido, como no exemplo (6); e com um valor *temporal* ou *espacial*, para indicar o momento ou o lugar da produção discursiva, como nos exemplos (7) e (8).

- (5) “Le entregó el vaso y volvió a hacer girar el globo de los cielos, a leer los nombres lupus, crater, sagittarius, piscis, horologium, argo navis, libra, serpens. Lo hizo girar, dejando que su dedo rozara la esfera, tocara las frías, lejanas estrellas.
- ¿ Qué haces?
- Miro **el mundo este**.”
(RAMALHO, 2012 p.83)
- (6) “**Neste parágrafo**, abordaremos questões essenciais ao estudo do genoma.” (MARINE, 2009 p.34)
- (7) “Sí, bueno, **este año** yo creo que ya las inversiones desde, de los industriales priváos ya no... no se van a cristalizar. Pero el próximo año, pienso de que... las cosas tienen que cambiar.” (SILVA, 2013 p.81)
- (8) “Yo desde antes ya estaba pensando en derecho, después vinimos a **este local** a derecho, y después con el terremoto tuvimos que irnos a Pando, porque este se quedó quedó muy mal, pes este local, ¿no?” (SILVA, 2013 p.81)

A **Referência Endo-Exofórica** ocorre quando a identificação do referente é feita tanto através do contexto linguístico quanto por uma mostração dêitica no contexto de enunciação, como no exemplo (9).

- (9) No. Nada más a los que tenían cédula. Nada más. Entonces, *este puesto*, que es **este que me dieron**... porque lo compré... porque lo compré. Por eso es que fue mío” (BENÍTEZ ROSETE, 2011 p.50)

¹⁶ A *referência exofórica* também é chamada de *demonstratio ad oculos* (BÜHLER, 1934), *mostração de presença* (LAMIQUIZ, 1967; MACÍAS VILLALOBOS, 1997), *déixis mostrativa* (CARBONERO CANO, 1979), *função dêitica* (CID, COSTA & OLIVEIRA, 1986) e *uso situacional* (HIMMELMANN, 1996).

A **Referência Anamnésica**¹⁷ estabelece referência a entidades ou eventos de conhecimento partilhado e que não estão presentes nem no contexto linguístico, nem no universo da produção discursiva, como no exemplo (10).

- (10) I: ¿qué tengo que hacer? ¿por dónde tengo que empezar? ¿como tengo que empezar? ¿hay
 E: por
 I: una pregunta base?
 E: pues por qué no comenzamos con tu paso por la universidad
 I: mh
 E: y/ después tu desarrollo profesional hasta llegar a lo que haces aquí
 I: bien bueno este yo ingres- ingresé a la a la facultad en el setenta y nueve más o menos entonces este bueno yo ya tenía cierta tendencia o sea **este rollo de la biología** desde que estaba en el, en la me tocó el CCH. (BENÍTEZ ROSETE, 2011 p.140)

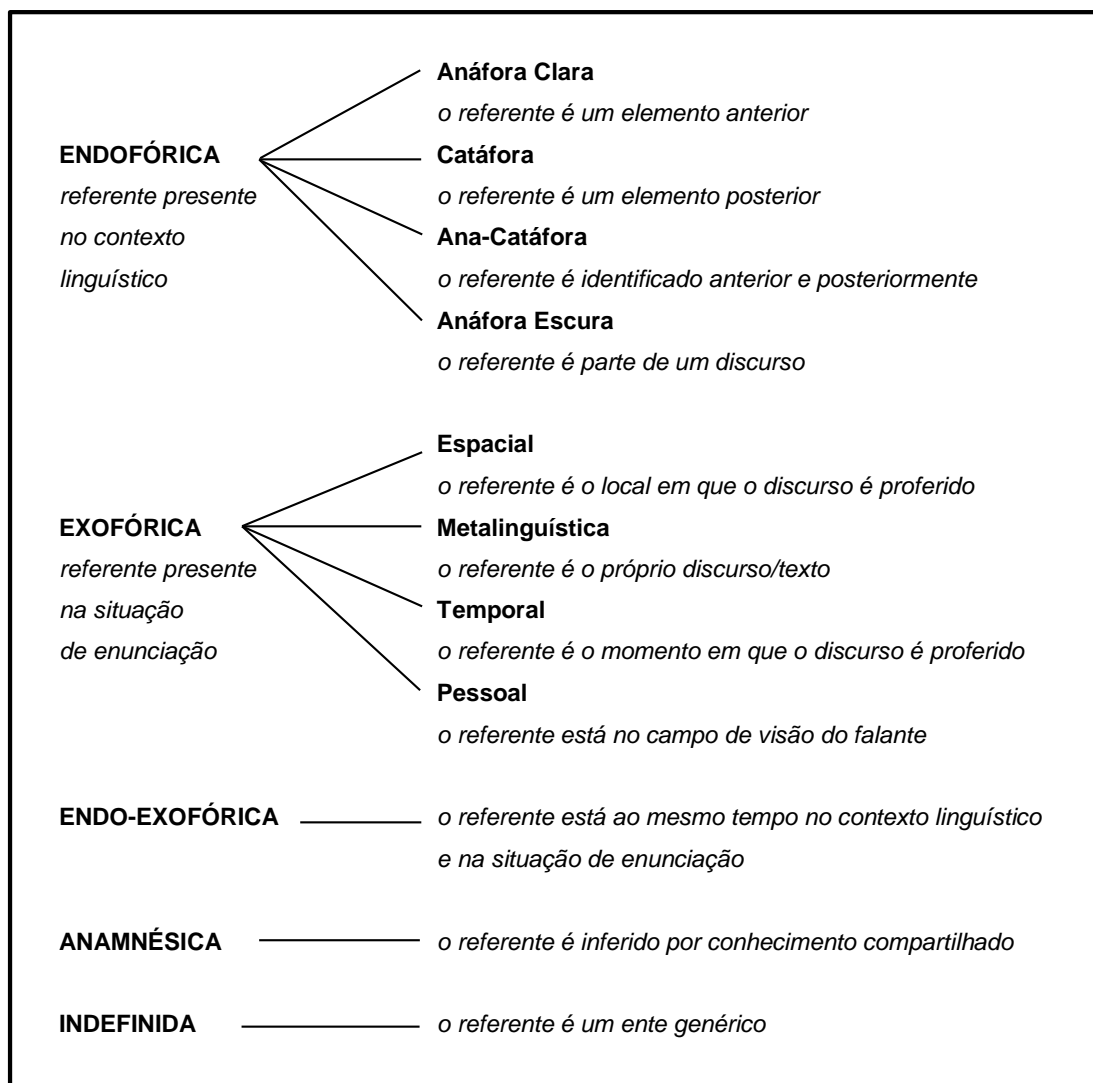
A **Referência Indefinida** acontece quando o referente não pode ser encontrado no próprio texto, nem no ambiente da produção discursiva, nem em um conhecimento compartilhado, e tem o objetivo de apontar para quaisquer entidades não específicas, ou seja, produzir uma generalização que não inclui elementos particulares, como no exemplo (11):

- (11) “me traz **isso** e **aquilo**” (CAMBRAIA, 2012 p.50)

Em suma, a análise semântica, que será realizada posteriormente no presente trabalho¹⁸, seguirá o esquema apresentado a seguir, no quadro 3, o qual mostra a organização das categorias referenciais e suas subcategorias, a serem efetivamente utilizadas na classificação dos demonstrativos encontrados no *corpus*:

¹⁷ A *referência anamnésica* também é chamada de *referência pressuposicional* (PAVANI, 1987), *dêixis de memória* (MARINE, 2009) e de *uso de reconhecimento* (HIMMELMAN, 1996 e BENÍTEZ ROSETE, 2011).

¹⁸ cf. seção 5.4.



QUADRO 3 – Categorias de classificação semântica dos demonstrativos

CAPÍTULO 3

OBJETIVOS, HIPÓTESES, CORPUS E METODOLOGIA

3.1 OBJETIVOS

Segundo Kabatek (2006), as estruturas linguísticas derivam de escolhas históricas que podem ser verificadas através das TDs dos textos e as particularidades dos tipos textuais podem ser identificadas através de fatores como os elementos linguísticos presentes, o seu conteúdo, a sua inserção situacional e a sua função ou finalidade comunicativa. Sendo assim, o objetivo geral da presente pesquisa é realizar a aplicação desse conceito, a partir da observação do comportamento dos sistemas de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano em diferentes gêneros textuais, para a realização de um panorama histórico e comparativo do desenvolvimento das mudanças linguísticas nos sistemas de demonstrativos dessas línguas ao longo dos tempos.

Company Company (2008, p. 37) afirma que a mudança linguística não ocorreria homogeneamente nos diferentes GTs, mas sim, o seu aparecimento seria dependente das temáticas desenvolvidas em cada um desses tipos textuais. Dessa forma, um

gênero discursivo pode ser um fator condicionante tanto para o surgimento de certas inovações e quanto para a sua difusão na língua.

Levando em conta essas questões, um dos objetivos específicos pretendidos é o de se **traçar um panorama diacrônico do uso do sistema de demonstrativos no PB e no EM nos GTs *notícia e romance*, dos séculos XIX ao XXI**, através da classificação das ocorrências encontradas no *corpus* de acordo com fatores morfológicos, sintáticos e semânticos, a fim de se explicitar as semelhanças e diferenças existentes no emprego desse fenômeno linguístico em ambas as línguas.

Outro objetivo específico a ser alcançado é o de, a partir dos textos selecionados para a composição do *corpus*, **apresentar uma visão geral sobre a evolução das tradições discursivas dos GTs *notícia e romance***, ou seja, do desenvolvimento das estruturas que os compõem e a influência exercida por essas mudanças na utilização do sistema de demonstrativos no PB e no EM.

Com a realização de ambos esses objetivos, será possível se responder às seguintes questões fundamentais propostas:

Tomando-se como base a hipótese de Kabatek (2006), de que os diversos gêneros textuais influenciam de modo diferente na aparição dos fenômenos linguísticos, e também se levando em conta que os GTs estão em constante mutação, **quais são as mudanças observáveis nas estruturas internas e no conteúdo da *notícia* e do *romance* ao longo dos tempos e o que essas alterações implicam no comportamento das ocorrências de demonstrativos nesses textos?**

O PB e o EM têm em comum o fato de estarem passando por uma reorganização em seus sistemas de demonstrativos, com a implementação do binarismo na língua oral em detrimento ao sistema ternário. **De que forma essas duas línguas se aproximam ou se distanciam, com relação a essa mudança linguística, diacronicamente? Esse fenômeno também pode ser observado na modalidade escrita?**

3.2 HIPÓTESES

A partir dos objetivos e questionamentos propostos na seção anterior, foram formuladas as seguintes hipóteses, a serem verificadas através da análise das ocorrências dos demonstrativos no *corpus* deste trabalho:

HIPÓTESE 1) As comunidades linguísticas sofrem, ao longo dos tempos, mudanças culturais, sociais, ideológicas, tecnológicas, entre outras; e isso influencia diretamente no modo de se produzir os textos. Assim, tem-se a hipótese de que a *notícia* e *romance*, entendidos como TDs, sofrerão alterações estruturais e/ou de função observáveis no período estudado (séculos XIX ao XXI) no PB e no EM, e **as mudanças nos gêneros textuais devem estar historicamente ligadas às transformações das sociedades em que estão inseridos.**

HIPÓTESE 2) Como qualquer outro fenômeno linguístico, o comportamento dos demonstrativos também deve ser influenciado pelas tradições discursivas dos textos em que se eles se encontram. Dessa forma, espera-se que **as especificidades de cada GT e as mudanças ocorridas em suas TDs ao passar do tempo acarretem em usos diferentes do sistema de demonstrativos em cada um deles.**

HIPÓTESE 3) Por serem sociedades que passaram por inúmeras transformações históricas, culturais e sociais diversas uma da outra ao longo dos tempos, **os sistemas de demonstrativos no PB e no EM devem ter seguido caminhos diferentes, resultando em usos inovadores distintos dos demonstrativos nos gêneros *notícia* e *romance*.**

3.3 CORPUS

Foram escolhidos os gêneros textuais *notícia* e *romance* para a presente pesquisa em função tanto da sua proximidade quanto de sua distância. Ambos se aproximam porque, em sua gênese e período de consolidação, muitas vezes faziam parte do mesmo suporte material, já que os romances, assim como as notícias, também eram publicados em jornais, em capítulos diários no formato chamado de *folhetim*. Contudo, ambos são bem diferentes no que se refere ao seu conteúdo (realidade x ficção), na sua estrutura interna (relato breve x narrativa longa) e com relação às funções que exercem na sociedade (informação x entretenimento), o que permite esperar que apresentem resultados diversos entre si sobre fenômeno estudado nesta pesquisa.

Por causa da escolha desses GTs, a faixa temporal a ser utilizada é também automaticamente delimitada para o PB, uma vez que, no Brasil, os dois tiveram sua gênese no início do século XIX. O *romance* no México também surge no início do século XIX, contudo, periódicos já circulavam desde o século XVIII naquele país. Porém, como a finalidade primordial deste trabalho é a de realizar a comparação do fenômeno no PB e o EM, a faixa temporal em que se tem o surgimento dos dois GTs escolhidos no Brasil será a utilizada como ponto de partida também para o estudo da *notícia* no EM.

A partir disso, foram selecionados textos representativos de *notícia* e de *romance* em ambas as línguas, com subdivisões de cada meio século, dos séculos XIX, XX e XXI, a fim de se poder observar as mudanças ocorridas nos usos dos demonstrativos de forma diacrônica. Buscou-se também, sempre que possível, no caso dos romances, utilizar como fonte de dados a primeira edição ou pelo menos a edição mais antiga disponível de cada obra, para se evitar possíveis problemas com mudanças posteriores na ortografia, gramática ou mesmo no conteúdo, realizadas por casas editoriais, com ou sem a anuência do autor.

Para se efetivar a análise dos demonstrativos no *corpus* deste trabalho, foram coletados 150 dados desse fenômeno em 5 textos (um para cada meio século, do sé. XIX ao sé. XXI), em 2 gêneros textuais (*notícia* e *romance*) e em 2 línguas (português brasileiro e espanhol mexicano), englobando, portanto, a compilação de um total de 3000 ocorrências e seus contextos de uso. Fixou-se esse número de 150 dados coletados em cada obra escolhida por dois motivos:

O primeiro é o fato de que, ao se adotar um número muito maior que esse de ocorrências (muitas vezes, um único romance, por exemplo, pode apresentar milhares de demonstrativos), é comprometida a viabilização de uma análise mais aprofundada sobre aspectos formais e de uso de cada uma das ocorrências em seu determinado contexto, o que, em um trabalho de cunho primordialmente funcionalista como este se propõe a ser, é algo imprescindível.

O outro motivo é que essa é a mesma quantidade utilizada por Cambraia (2012) em seu trabalho diacrônico sobre o uso dos demonstrativos no GT *teatro*. Logo, a seleção do mesmo número de dados permitirá a comparação das tendências observadas no presente trabalho para os GTs *notícia* e *romance* com as da referida pesquisa sobre o *teatro*, possibilitando-se, assim, uma ampliação ainda maior do campo de visão sobre o fenômeno linguístico em questão.

Foram utilizadas as 150 primeiras ocorrências de demonstrativos de cada texto, ou seja, sempre das primeiras notícias que aparecem nos jornais selecionados e dos trechos iniciais dos romances. As notícias são textos reativamente curtos, o que permite se respeitar a sua unidade global na maioria das vezes, mas, no caso dos romances, a seleção dos 150 dados apenas da parte inicial faz com que se perca uma visão sobre as obras em sua totalidade, o que, em um primeiro momento, parece ser um problema da análise pretendida.

Entretanto, como será visto mais adiante neste trabalho¹⁹, esses trechos iniciais dos romances parecem, de fato, possuir uma ótima representatividade do texto global, pois as frequências das formas dos demonstrativos na parte inicial e no texto completo tendem a ser proporcionalmente parecidas e os demonstrativos costumam também a se distribuir uniformemente ao longo dos romances.

Para a seleção dos textos a serem utilizados, preocupou-se também em se manter certo controle sobre a variedade linguística dialetal utilizada, escolhendo-se, desse modo, apenas obras produzidas em uma mesma região, tanto no Brasil quanto no México. Assim, no caso do PB, decidiu-se selecionar jornais da cidade do Rio de Janeiro, já que a imprensa no Brasil teve início nesse local e, com isso, a publicação dos jornais e, dentro deles os primeiros romances em forma de folhetim. Na medida do possível, também foram selecionados romances cujos autores nasceram ou viveram a maior parte do tempo nessa cidade. Do mesmo modo, com relação ao EM, todos os jornais são do Distrito Federal (Cidade do México), e, quando possível, também os autores dos romances. Inclusive, no que diz respeito ao conteúdo, as histórias de todos romances do PB se passam, em maior ou menor grau, especificamente no Rio de Janeiro e as do EM na Cidade do México, o que ajuda na caracterização da sociedade dessas duas metrópoles nas várias épocas estudadas.

¹⁹ cf. seção 5.1.2

Além disso, a seleção dessas duas regiões foi importante por seguir o mesmo padrão utilizado por Cambraia (2012), o que novamente facilita a comparação entre os dados da presente pesquisa com as do GT *teatro*. Ao mesmo tempo, fez-se um esforço para que as obras selecionadas para a composição do *corpus* não só seguissem todos os critérios estabelecidos anteriormente, mas também possuísem uma grande notoriedade e representatividade em sua época. Contudo, a disponibilidade das obras, como a facilidade de acesso à sua edição mais antiga ou já existir em sua versão digitalizada, foi fator fundamental na escolha dos textos.

A seguir, os quadros 4 e 5 apresentam as obras escolhidas²⁰ para cada período a ser analisado, respectivamente, nos GTs *notícia* e *romance*, das quais foram coletadas as ocorrências de demonstrativos no PB e no EM:

Século		NOTÍCIA	
		PB	EM
XIX	1ª metade	<i>Diário do Rio de Janeiro</i> (1821-1878) 1821 DRJ	<i>Gaceta Imperial de México</i> (1821-1823) 1821 GAC
	2ª metade	<i>Jornal do Brasil</i> (1891-atual) 1891 JDB	<i>El Imparcial</i> (1897-1914) 1897 IMP
XX	1ª metade	<i>O Globo</i> (1925-atual) 1925 GLO	<i>El Excelsior</i> (1917-atual) 1917 EXC
	2ª metade	<i>Correio da Manhã</i> (1901-1974) 1974 CDM	<i>El Universal</i> (1916-atual) 1952 UNI
XXI	1ª metade	<i>O Dia</i> (1951-atual) 2013 DIA	<i>Reforma</i> (1993-atual) 2014 REF

QUADRO 4 – Lista de jornais que compõem o *corpus* de notícias do PB e do EM

²⁰ São apresentados, no quadro da *notícia*, o nome de cada jornal, o período de sua publicação e o ano efetivamente utilizado como fonte de dados para o *corpus* desta pesquisa, juntamente com a sigla adotada para se referir a tal texto. No quadro do *romance*, encontram-se o autor de cada obra, o nome do romance e o ano de publicação, além da sigla adotada para o texto em questão. A justificativa para tais escolhas e a apresentação mais detalhada de cada uma das obras selecionadas será feita posteriormente, no Capítulo 4.

Século		ROMANCE	
		PB	EM
XIX	1ª metade	Joaquim Manuel de Macedo <i>A Moreninha</i> 1844 MOR	José Joaquín Fernández de Lizardi <i>El Periquillo Sarniento</i> 1816 PER
	2ª metade	Machado de Assis <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> 1881 BRA	Manuel Payno <i>Los Bandidos de Río Frío</i> 1889 BAN
XX	1ª metade	Lima Barreto <i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> 1911 POL	Mariano Azuela <i>Los de Abajo</i> 1916 ABA
	2ª metade	Clarice Lispector <i>A Hora da Estrela</i> 1977 EST	Carlos Fuentes <i>La Muerte de Artemio Cruz</i> 1962 ART
XXI	1ª metade	Chico Buarque <i>Leite Derramado</i> 2009 LEI	Juan Villoro <i>El Testigo</i> 2004 TES

QUADRO 5 – Lista de obras que compõem o *corpus* de romances do PB e do EM

3.4 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho consiste, primeiramente, na compilação de textos escritos em português brasileiro e em espanhol mexicano, para a criação de um *corpus* próprio, dos GTs que se pretende analisar, a partir dos parâmetros apresentados na seção anterior. Com relação às obras dos séculos XIX e XX, foi de fundamental importância a disponibilização das edições mais antigas dos textos pela *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil*²¹ (jornais brasileiros, em formato digital), pela *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*²² (romances brasileiros, em formato digital), pela *Hemeroteca Nacional Digital de México*²³ (jornais mexicanos, em formato digital) e pela *Biblioteca Nacional de México*²⁴ (romances mexicanos).

²¹ Acessível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

²² Acessível em: <http://www.bbm.usp.br/>

²³ Acessível em: <http://www.hndm.unam.mx/>

²⁴ Neste caso, como não há ainda digitalizações de edições antigas dos romances mexicanos disponibilizadas para o público, foram utilizadas edições atuais em formato digital dos romances para a coleta das ocorrências, porém, foi feita a conferência de cada um dos dados dessas digitalizações com os livros físicos das edições mais antigas disponíveis na biblioteca citada.

Após essa compilação de textos, as primeiras 150 ocorrências de cada obra foram coletadas e organizadas com a ajuda da ferramenta eletrônica *AntConc*, ou manualmente, sempre que não se conseguiu um bom resultado através do reconhecimento ótico de caracteres (OCR) das digitalizações. Entretanto, no caso dos jornais, foi necessária também uma minuciosa seleção manual dos textos que realmente poderiam ser considerados como *notícia*, uma vez que um periódico é um suporte multimodal, ou seja, possui textos de vários GTs, como *artigos de opinião*, *críticas*, *cartas*, *anúncios*, etc.

Depois da coleta de dados citada anteriormente, as ocorrências dos demonstrativos foram classificadas de acordo com a sua forma (F1 - da série *este* -, F2 - da série *esse/ese* - ou F3 - da série *aquela/aquel*), e a utilização de cada uma dessas formas dos demonstrativos foi analisada de acordo com parâmetros formais, mais especificamente sob aspectos *morfológicos*, *sintáticos* e *semânticos* e os resultados serão apresentados e discutidos nos próximos capítulos.

Seguindo-se esses passos anteriormente apresentados, será possível se estabelecer um panorama geral, com o qual se poderá compreender melhor o comportamento dos demonstrativos do português brasileiro e do espanhol mexicano em cada um dos GTs, abrangendo as suas semelhanças e diferenças, contribuindo, assim, com a reconstrução da trajetória histórica de variação e mudança linguística transcorrida pelas línguas românicas, através de uma perspectiva funcional baseada em *corpus*.

CAPÍTULO 4

TRADIÇÕES DISCURSIVAS E GÊNEROS TEXTUAIS

4.1 TRADIÇÕES DISCURSIVAS: ORALIDADE E GÊNERO TEXTUAL

Para se realizar quaisquer pesquisas de fenômenos linguísticos através de dados coletados em um *corpus* de textos escritos, como o da presente pesquisa, não se deve negligenciar a grande importância das especificidades de composição dos gêneros textuais e suas tradições históricas estruturais, uma vez que esses são fatores fundamentais que influenciam diretamente nos resultados obtidos, como aponta Kewitz (2009, p. 6-7):

Imaginemos um pesquisador que escolhe um determinado tipo de texto para buscar seus dados, quantificá-los e analisar os resultados. Se ele selecionar um gênero (...) obterá um resultado X. Se outro pesquisador investigar o mesmo fenômeno em outro gênero, poderá obter o resultado X (esperado) ou um resultado Y, enviesando o resultado X. Com isso, não se pode dizer que houve ou não mudança linguística, pois (...) estamos lidando com a história da língua paralelamente à história dos textos, como evidenciam os estudos em Tradições Discursivas.

Novas tradições discursivas, segundo Koch (1997, p. 61-62 *apud* COSTA, 2009, p. 639) não passariam a existir *ex nihilo*, ou seja, nunca surgiriam do nada, mas sim, estariam intrinsecamente ligadas a modelos de tradições anteriores, as quais passaram por alterações em sua estrutura para desempenhar novos papéis e satisfazer as novas necessidades comunicativas de uma dada comunidade linguística. Sendo assim, os gêneros textuais *notícia* e *romance* e seu desenvolvimento estão diretamente ligados a uma tradição histórico-cultural e, por isso, passam por várias mudanças estruturais através dos tempos. E são justamente essas mudanças históricas que o presente capítulo busca entender e apresentar.

Company Company (2008) afirma que as frequências relativas de uso de uma inovação, e não a sua presença ou ausência, são essenciais para a diferenciação dos gêneros textuais, sendo que estes últimos podem ser fatores muito importantes na criação e na difusão dessas mudanças linguísticas, mas nem sempre algumas mudanças, como casos de gramaticalizações, apresentam uma associação ou dependência com os GTs. Contudo, na sua análise histórica dos usos do substantivo *hombre* e dos advérbios em *-mente*, a autora aponta que a gramaticalização desses elementos encontra-se fortemente condicionada à variável gênero textual.

Algumas outras pesquisas mostram que a frequência dos demonstrativos e suas formas também parecem se alterar de acordo com o gênero textual em que se encontram, como se verá a seguir:

Juilland & Chang-Rodríguez (1965, *apud* KOCK, GOMEZ MOLINA & VERDONK, 1992, p. 21) mostram que os textos dos GTs *teatro* e *romance* (*novela*), em espanhol, possuem uma maior frequência de F2, enquanto *periódicos* e *textos técnicos*, apresentam um uso majoritário da forma F1, como se pode ver na tabela 1, abaixo:

Juilland	<i>este</i>		<i>ese</i>		<i>aquel</i>		total
		%		%		%	
teatro (100.000)	242	31,07	519	66,62	18	2,31	779
novela (100.000)	101	33,44	174	57,62	27	8,94	302
ensayo (100.000)	164	45,05	167	45,88	33	9,07	364
t. periód. (100.000)	174	61,92	90	32,03	17	6,05	281
t. técnicos (100.000)	288	69,9	81	19,66	43	10,44	412
total	969	45,32	1031	48,22	138	6,45	2138

TABELA 1 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais em espanhol (JUILLAND e CHANG-RODRÍGUEZ, 1965)²⁵

Tal diferença evidencia que GTs que possuem um conteúdo mais permeável à presença de registros ligados à língua falada, como nos dois primeiros casos, apresentam maior prevalência de F2, enquanto GTs que costumam exigir em sua estrutura menos traços da oralidade, como nos dois últimos, F2 acaba tendo uma presença bem mais restrita na língua espanhola.

A partir de uma linha de raciocínio semelhante, Jungbluth (2005, p. 117) também apresenta a frequência dos demonstrativos em diferentes GTs em um *corpus* do espanhol através do gráfico reproduzido a seguir:

²⁵ *apud* Kock, Gomez Molina & Verdonk (1992, p. 21).

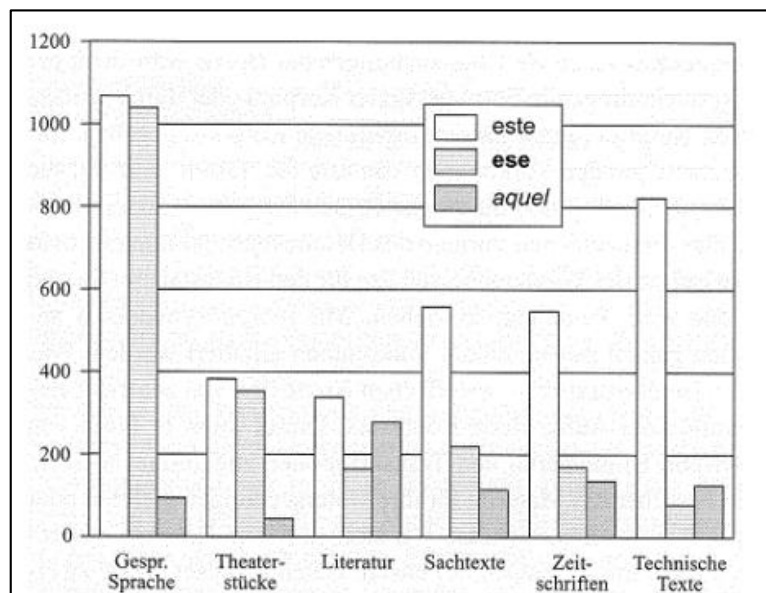


GRÁFICO 1 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais em espanhol (JUNGBLUTH, 2005, p. 117)

Pode-se notar, através deste gráfico, que F1 é a forma mais frequente em todos os GTs que compõem *corpus*, contudo, na *língua oral (gesprochene Sprache)*, é saliente o fato de que F1 e F2 possuem frequências quase equivalentes. A diferença entre os valores de frequência de F1 e de F2 vai aumentando gradativamente, à medida que se caminha para a outra extremidade do gráfico, para gêneros cada vez menos ligados à oralidade, com um uso proporcionalmente cada vez menor da forma F2. Assim, a diferença entre as frequências de F1 e de F2 também é bem pequena nos *textos teatrais (Theaterstücke)*, mas F2 vai diminuindo gradativamente sua frequência com relação a F1 quando se passa pela *literatura de ficção (Literatur)*, *textos acadêmicos (Sachtexte)*, *periódicos (Zeitschriften)*, até chegar aos *textos técnicos (technische Texte)*, nos quais a diferença de frequência entre as duas formas é bastante superior, com uma enorme prevalência de F1 sobre F2.

A partir dessa premissa, para se saber se haveria também em português uma estrita relação entre o uso dos demonstrativos e os GTs em que eles se encontram, realizou-se um estudo preliminar em *corpora* eletrônicos, contabilizando-se a frequência das formas dos demonstrativos no *Corpus do Português* (CDP)²⁶ e no *Corpus del Español* (CDE)²⁷, separando-os de acordo com o gênero textual.²⁸

A tabela e o gráfico correspondente, a seguir, apresentam as frequências das formas dos demonstrativos, no CDP, de acordo com o gênero textual dos textos do *corpus*:

CORPUS DO PORTUGUÊS				
GT	F1	F2	F3	Total
Acadêmico	28267 66,2%	11794 27,6%	2656 6,2%	42717 100%
Notícia (Periódico)	23660 59,5%	11772 29,6%	4335 10,9%	39767 100%
Ficção (Literatura)	13831 27,7%	17953 35,9%	18198 36,4%	49982 100%
Oral (Entrevista)	6031 23,3%	13908 53,9%	5885 22,8%	25824 100%

TABELA 2 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais no CDP

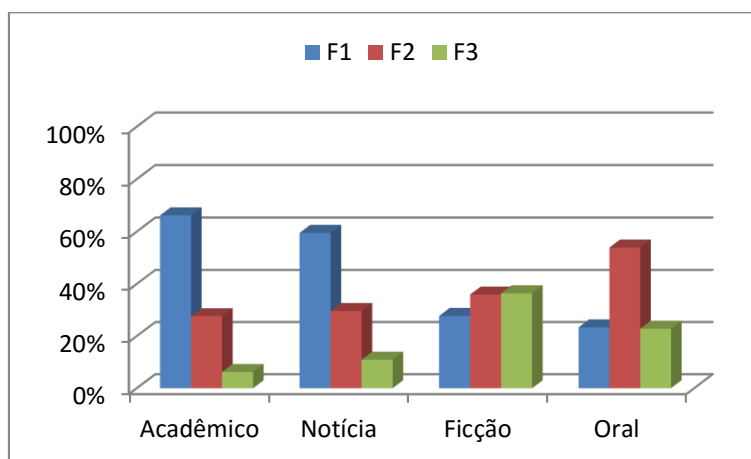


GRÁFICO 2 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais no CDP

²⁶ O *Corpus do Português* é uma base eletrônica elaborada por Mark Davies, da Brigham Young University (BYU), e por Michael Ferreira, da Georgetown University, que contém textos de diversos gêneros, dos séculos XIV ao XX, compreendendo um total de 45 milhões de palavras. (acessível em <http://www.corpusdoportugues.org/>)

²⁷ O *Corpus del Español* também é uma base eletrônica elaborada por Mark Davies, que contém textos de diversos gêneros, dos séculos XIII ao XX, compreendendo um total de 100 milhões de palavras. (acessível em <http://www.corpusdelespanol.org/>)

²⁸ A divisão entre as ocorrências de acordo com os gêneros textuais está disponível, no sistema de busca de ambos os sites, apenas para dados do século XX.

Pelo que se pode ver por estes dados, as frequências das formas dos demonstrativos encontrados no CDP demonstram uma tendência de predominância da forma F1 em gêneros menos ligados à oralidade, inversamente proporcional ao maior uso de F2 naqueles que possuem grande afinidade com a língua falada, assim como ocorre os estudos sobre o espanhol apresentados anteriormente.

Deste modo, tem-se a seguinte distribuição das formas F1 e F2 em cada gênero textual:

- *acadêmico* - F1 muito mais frequente que F2;
- *notícia de periódico* - F1 mais frequente que F2;
- *literatura de ficção* - F2 mais frequente que F1;
- *entrevista oral* - F2 muito mais frequente que F1.

Abaixo, a tabela e o gráfico correspondente apresentam as frequências das formas dos demonstrativos no CDE, de acordo com os vários gêneros textuais disponíveis naquele *corpus*:

CORPUS DEL ESPAÑOL				
GT	F1	F2	F3	Total
Acadêmico	22936 82,4%	3719 13,4%	1182 4,3%	27837 100%
Notícia (Periódico)	23517 65,0%	10944 30,2%	1743 4,8%	36204 100%
Ficção (Literatura)	10471 31,5%	17007 51,1%	5787 17,4%	33265 100%
Oral (Entrevista)	22847 51,1%	20044 44,8%	1814 4,1%	44705 100%

TABELA 3 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais no CDE

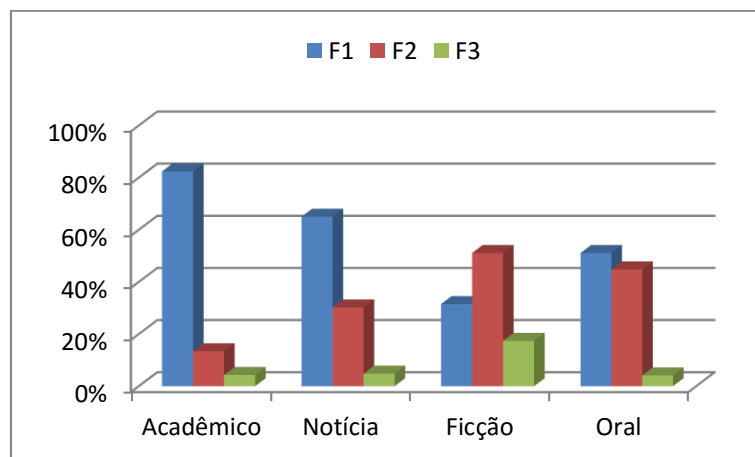


GRÁFICO 3 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais no CDE

Os dados anteriores mostram que, no CDE, F1 é muito mais usado nos *textos acadêmicos* e na *notícia*, gêneros com menor tradição de absorver traços de oralidade, enquanto F2 possui mais ocorrências que F1 na *ficção*. No entanto, contrariando o esperado e o padrão observado no CDP, justamente os dados extraídos dos textos orais nesse *corpus* também possuem um uso mais frequente da forma F1 em suas ocorrências.

Essa assimetria nos dados da língua falada em espanhol, por sua vez, pode ser explicada pelo fato de que, como mostra Benítez Rosete (2011, p. 72), a forma F1, mais especificamente a palavra 'este', é usada apenas na oralidade em espanhol com um sentido *fático*, isto é, como um falso começo (também chamado de *muletilla*), em casos em que apenas serve como um elemento de preenchimento (KANY, 1994, p. 171), quando o falante hesita em suas palavras, ou está processando a própria fala (CAMBRAIA, 2012, p. 50), como se pode ver no exemplo (12), abaixo:

- (12) "Y un resultado - - - poco notable - - - fue que ella usó - - - antes que se definiera el maillot, es decir, la... lo que se conoce hoy como la malla, que va a ser un poco posterior, ya empezó a utilizar... eh... una especie de malla - - - en el cuerpo y otro detalle más, usaba calzones - - - que - - - fue una gran... **este**... preocupación en su época porque ya que usaba - - - polleras más cortas y que hacía saltos bastante elevados ¡ bueno, caramba! ¿estaba cubierta o no estaba cubierta esta mujer?" (Corpus del Español, *Habla Culta: Buenos Aires: M18 A*)

Tal uso possui frequência bastante elevada em *corpora* de língua espanhola oral, como aponta Cambraia (2009, p. 28), podendo variar regionalmente de uma frequência a partir de 2% (em Madrid), até chegar a 15% (na cidade do México) ou 20% (em Porto Rico) do total de demonstrativos. Sendo o CDE composto por variedades da língua originárias de vários países, esse parece ter sido o fator mais provável que influenciou o aparecimento de tal discrepância na frequência da forma F1 com relação a F2 no GT *entrevistas orais*.

Sendo assim, a investigação da influência do emprego da oralidade nos textos, como uma tradição discursiva em maior ou menor grau, de acordo com o gênero textual, é muito importante para a observação da configuração dos sistemas de demonstrativos das línguas. Deste modo, no *corpus* do presente trabalho, é notável que nas notícias há frequentemente a reprodução de discursos diretos de entrevistas e depoimentos dos envolvidos, enquanto nos romances há, quase sempre, diálogos entre os personagens. Assim, a presença desse quesito também será contabilizada para servir de mais um fator para a análise dos dados encontrados no *corpus* da presente pesquisa.

Mas antes, segue-se, nas próximas seções, a apresentação das características específicas de cada um dos textos de *notícia* e *romance* selecionados para o *corpus* desta pesquisa.

4.2 O GÊNERO *NOTÍCIA*

A gênese do gênero *notícia* ocorre, segundo Koch (1997, p. 64 *apud* SIMÕES & KEWITZ, 2009, p. 475), a partir de relatos e cartas impressas, que eram enviadas por correspondência. Bazerman (2000, p. 15) também aponta essa tese de que no GT *carta* estaria a origem dos gêneros jornalísticos, por causa de sua flexibilidade para desempenhar inúmeras funções, inclusive a de relatar acontecimentos, o que é o cerne da *notícia*. Assim, devido à necessidade de se difundir acontecimentos de interesse geral da comunidade a um grande público através da imprensa, haveria a modificação das estruturas daquele GT, criando uma nova tradição.

A partir de uma visão mais detalhada, segundo o esquema abaixo criado por Wilhelm (1996, *apud* COSTA, 2009, p. 640) sobre a história dos panfletos italianos, o GT *notícia* teria sua origem a partir da evolução de vários outros gêneros interligados entre si, os quais apareceram após a invenção da impressão de livros, na primeira metade do século XVI:

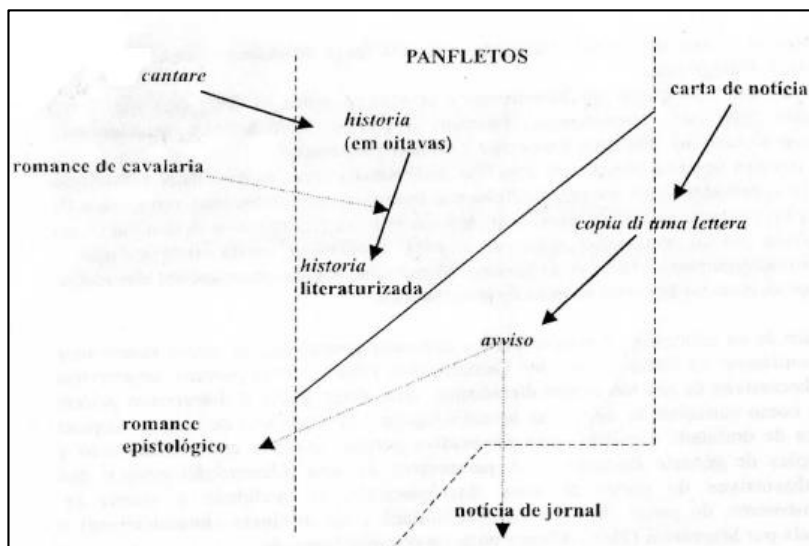


FIGURA 2 – Tradições discursivas em panfletos italianos 1500-1550 (WILHELM, 1996 *apud* COSTA, 2009, p. 640)

O gênero *cantare* era uma balada declamada de memória e começa a ser impresso e vendido como *historia*, ou seja, mudando a sua funcionalidade, uma vez que agora visava a sua venda e ao lucro. Já a *carta de notícia* dá origem ao *avviso*, que era a impressão dessa carta escrita à mão (*cópia de uma lettera*). E é desse *avviso* que se teria, portanto, a gênese do GT *notícia*, o que é mais uma confirmação de que “os gêneros e TDs não estão isolados uns dos outros, eles aproximam-se, distanciam-se, sobrepõem-se e misturam-se” (COSTA, 2009, p. 641)

4.2.1 A NOTÍCIA NO PB

*Diário do Rio de Janeiro*²⁹

O primeiro jornal brasileiro passa a circular bastante tardiamente com relação a outros países, por causa da proibição de atividades de impressão imposta por Portugal à sua principal colônia. A gênese da imprensa no Brasil se deu somente no início do século XIX, mais especificamente no ano de 1808, por conta da presença da Corte Real Portuguesa no Rio de Janeiro, com a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*³⁰. Contudo, esse jornal apenas publicava notas oficiais e reproduzia, quase que exclusivamente, notícias extraídas de periódicos da Europa sobre os acontecimentos daquele continente, pouco se dedicando à situação e a fatos locais da colônia e, além disso, encontrava-se sob forte supervisão da censura imperial.


²⁹ *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1878), exemplares utilizados no *corpus*: nº. 01 a 23, de 01 a 25 de junho de 1821, disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira (acessível em <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/diario-rio-janeiro/094170>).

³⁰ *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1821), publicada a partir de 10 de setembro de 1808, é, efetivamente, o primeiro jornal produzido em solo brasileiro. Entretanto, do ponto de vista cronológico, houve, anteriormente, em 1º de junho daquele mesmo ano, o lançamento do *Correio Brasiliense* (1808-1822), que era produzido na Europa e trazido ao Brasil, para evitar a censura prévia de suas informações. (Sodré, 1999, p. 21)

É por isso que para Sodré (1999, p. 20), a *Gazeta do Rio de Janeiro*, apesar de ser “consagrada como marco inicial da imprensa brasileira, (...) não teve nenhum papel daqueles que são específicos do periodismo, salvo o cronológico”. O autor ainda apresenta as palavras do jornalista Hipólito da Costa, fundador do *Correio Brasiliense*, que também era publicado na mesma época, o qual lamentava o consumo de “tão boa qualidade de papel em imprimir tão ruim matéria”.

Por esse motivo, neste trabalho, foram utilizadas como fonte de coleta dos dados para a 1ª metade do século XIX as notícias publicadas em um periódico um pouco mais tardio, mas também de grande importância histórica, o *Diário do Rio de Janeiro*.

N. 2.
40 rs.



DIÁRIO
DO RIO DE JANEIRO.

SABADO, 2. DE JUNHO, E 153. DO ANNO 1821.

S. Mateellino M. S. Erasmo B. M. o B. Sadoc, e 48 Comp. Mn. Dd.

Observações Meteorológicas, feitas no dia 1.º de Junho.

Horn.	Thermomet.		Boreas		Estado do Ceu.
	Sub. Prob.º	Recur.	Polig. Franc.	Polig. Ing.	
7 manhã	70º,00	16º,9	20,26	30,12	Alguns nevoes.
Mes dia	70º,00	15º,6	28,54	30,10	Clarissimo.
à tarde.	77º,50	20º,2	22,92	30,08	Clarissimo.

O Sol nasce ás 6 horas 40 minutos, passa pelo Meridiano ás 11 horas 57 minutos 14 segundos, e põe-se ás 5 horas 20 minutos.
A Lua põe-se ás 7 horas 30 minutos da noite.
Balnear ás 10 horas e 18 minutos, e ás 11 horas e 3 minutos da noite.
Maree. { Preamar ás 4 horas 59 minutos da tarde, e ás 5 horas 15 minutos do dia.

6

CORREIO.

Esta manhã serão entregues as cartas mandadas pela correspondencia entre esta Cidade e a Villa de S. Salvador dos Campos de Goytacazes: e á manhã partirão infallivelmente as que houverem de ser remetidas pela referida correspondencia, e por isso deverão ser mandadas, até as 9 horas da manhã, á casa da Administração do Correio, e até ás 8 horas e meia, as que houverem de ser seguras: sendo para advertir que pela referida Correspondencia se faz tambem a da Capitania do Espirito Santo.

MEDICINA:

Este interessante artigo he fielmente extrahido do Tomo X dos *Annuaes das Sciencias, das Artes, e das Letras: por huma Sociedade de Portuguezes residentes em Paris.*

M. Peres, medico de Carcassone, publicou huma serie de observações, que confirmão a virtude febrifuga da tanchagem (*plantaço maior, minor, e lancifolia*), particularmente no tratamento das febres intermitentes.

O Doutor Mongeny, Medico na Ilha de Cuba, recommenda como remedio heroico contra a tania, huma massa feita com abobra fresca, tres onças, mel, seis onças, repartida em tres doses, tomadas com intervallos de huma hora entre cada dose. Diz ter feito expulsar com esta composição taniás, que tinham resistido a todos os methodos conhecidos. He de lastimar que o Doutor Mongeny não designe pelo seu nome botanico a abobra de que faz uso.

BARCOS DE VAPOR.

Por huma lista destes Barcos, que navegam no *Mississipé* e nos rios, que desembocão nelle; o numero he de 55, do porte total de 7359 toneladas, e estão-se construindo outros 30, do porte total de 5995 toneladas.

M. Sullivan, publicou no Tomo I. do *Jornal Americano das Sciencias*, a individuação de huma importante simplificação, feita por M. Sam. Masey aos Barcos movidos pelo vapor.

COMTRAES.

Quem tiver hum preto que saiba do trabalho de huma roça; e o queira vender ou alugar, procure, na Impressão Regia o Mestre Livreiro da mesma Officina.

FIGURA 3 – *Diário do Rio de Janeiro*, nº2 (02 de junho de 1821)

Redigido por Zeferino Vito de Meireles, começa a circular em 1º de junho de 1821 e, como afirma Sodré (1999, p. 50), esse sim pode ser considerado como o primeiro jornal de cunho realmente informativo que circulou no Brasil, pois “ocupava-se quase tão somente das questões locais, procurando fornecer aos leitores o máximo de informação”. Esta primeira fase da atividade jornalística no Brasil, segundo Pessoa (2007, p. 550), era feita ainda sob forte censura em seu conteúdo e apenas servidores do governo e homens de letras da época colaboravam nos jornais, contendo, portanto, textos de alta formalidade.

Possuía um grande distanciamento das questões políticas, o que pode ser comprovado pelo fato de, por exemplo, não ter noticiado a Proclamação da Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822, colocando notas a respeito do assunto somente no dia 24 de setembro daquele ano. (Sodré, 1999, p. 51).

Além de possuir vários conteúdos utilitários, como listagem de obras publicadas, funcionamento dos correios, observações meteorológicas, etc; o *Diário do Rio de Janeiro* trazia uma seção chamada *Miscellanea curioza, útil e instructiva*, em que se relatavam acontecimentos e descobertas científicas da época. Como principal conteúdo informativo havia a seção denominada *Noticias Particulares*, em que se publicavam notas e anúncios deixados por moradores da região, gratuitamente.

Como se pode ver na figura abaixo, as notícias nesse periódico são, em sua maioria, bem curtas, tendo, em geral, um título bastante genérico e apenas um parágrafo.

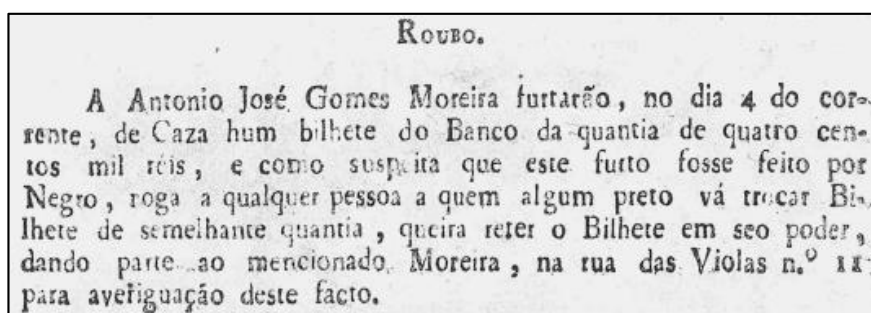


FIGURA 4 – Notícia no *Diário do Rio de Janeiro*
(7 de junho de 1821)

Neste exemplo, vê-se que ainda existe uma certa relação entre a *notícia* e o GT *anúncio*, pois há uma sobreposição entre os objetivos informativo e utilitário, uma vez que se noticia o fato, no caso o roubo, e, logo após, instruções são dadas a quem encontre alguém suspeito de cometer tal crime. Esse tipo de *notícia*, havia também as seções denominadas *Perdas* e de *Achados*, em que se publicavam, respectivamente, vários avisos sobre fugas de escravos e de escravos que foram achados sem seus “donos” pela cidade, podem ser considerados, segundo Pessoa (2007, p. 571) como o “gérmen da *notícia* policial de hoje”.

*Jornal do Brasil*³¹

Para representar a 2ª metade do século XIX, foi escolhido o *Jornal do Brasil*, um dos mais importantes jornais do Rio de Janeiro e também de todo o país, que ainda se encontra em publicação, entretanto, nos últimos anos somente em versão digital. Fundado por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco, o *Jornal do Brasil* está inserido no que Pessoa (2007, p. 552) chama de segunda fase da história do jornalismo, que é caracterizada pelo amplo crescimento do interesse pela informação, causado pelo aumento do número de leitores. Com a ascensão da burguesia no fim do Império e no começo da República, essa classe social tinha mais acesso à escolarização e buscava incessantemente a leitura como forma de ampliar sua cultura e ter acesso a informações que antes apenas os nobres consumiam.

³¹*Jornal do Brasil* (1891-2010, após esse período, apenas em versão digital), exemplares utilizados no corpus: nº. 01 a 03, de 09 a 11 de abril de 1891, disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional Digital (acessível em <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-do-brasil/030015>)



FIGURA 5— *Jornal do Brasil*, nº2 (10 de abril de 1891)

Além disso, outro fator muito importante para o crescimento do consumo de informações é o advento tecnológico do telégrafo, que chega ao Rio de Janeiro em 1874 através da agência Reuter-Havas, o que influenciou diretamente em uma inovação na configuração do GT *notícia*. Uma vez que foi universalizado o acesso às informações do mundo inteiro de maneira rápida, gerou-se uma ênfase, em toda imprensa, na divulgação de uma maior quantidade de conteúdos informativos.

O *Jornal do Brasil*, em sua gênese, possuía uma diagramação com oito colunas, quase não havendo espaços sem textos na folha, e as notícias eram separadas geralmente por parágrafos dentro das seções em que se encontravam. Como conteúdo informativo principal, possuía as seções chamadas *Telegrammas*, *Notícias Diversas*, *Notícias Políticas*, *Notícias Financeiras*, *Occurencias Policiaes*, *Sport e Exterior*, todas com textos curtos, facilitando a divulgação de muito conteúdo em pouco espaço, como as notícias mostradas na figura 6, a seguir, a fim de suprir as necessidades de consumo de informação do novo grupo de leitores da época.

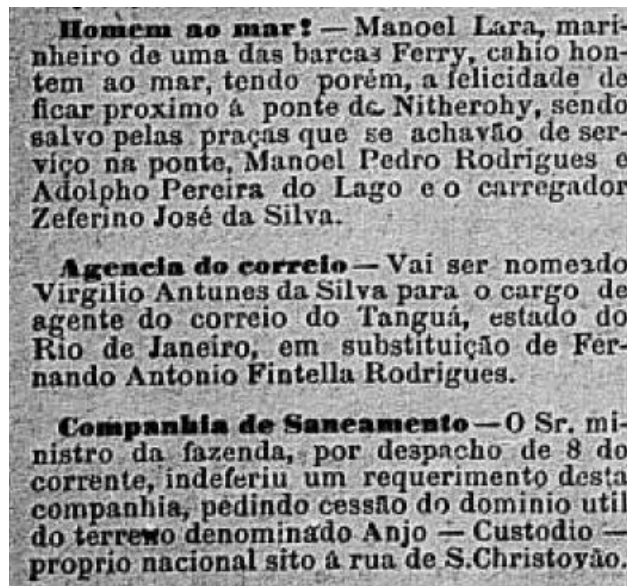


FIGURA 6 – Notícias no *Jornal do Brasil*
(11 de abril de 1891)

*O Globo*³²

O comportamento dos demonstrativos no GT notícia na 1ª metade do século XX será visto através do grande jornal carioca *O Globo*, fundado por Irineu Marinho e que começa a ser publicado em 1925. A chegada do novo século também trouxe consigo um momento histórico de guerra mundial, o que fazia com que todos tivessem pressa em saber o que estava acontecendo em várias partes do mundo. Tal necessidade imediata foi suprida com a invenção do rádio, que conseguia transmitir informações bem mais dinamicamente e chamava bastante a atenção do público. *O Globo* surge nesse momento considerado como a “idade de ouro” do rádio, o que fez com que ele tivesse que se adaptar para poder concorrer com essa nova tecnologia, buscando oferecer uma leitura mais agradável e seletiva ao leitor.

³² *O Globo* (1925- ainda em publicação), exemplar utilizado no *corpus*; nº. 01, de 29 de julho de 1925, disponível no site do Acervo Digital *O Globo* (acessível somente para assinantes em <http://acervo.oglobo.globo.com/>)

ANNO 1 — N.º 1

EDIÇÃO DAS 18 HORAS

Quarta-feira, 29 de julho de 1925

O GLOBO

Director-geral — HERBERT MOSES
Director-proprietario — IRINEU MARINHO
Director-gerente — A. LEAL DA C.

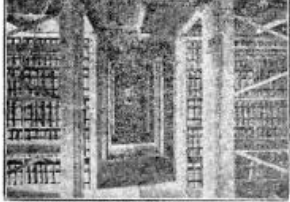
ASSIGNATURAS
Anual... 18000
Semestral... 9000
Trimestral... 4500
Mensal... 1500

JORNAL DA NOITE
310 DE JARDINS
Respostas e artigos...
Telefones
Redacção — Central 2541, Central 2542 e 2543
Administrativa — Central 2543
Circulação — Central 2544

Voltam-se as vistas para a nossa borracha!

A QÜEDA DO IMPÉRIO BRASILEIRO
Desvendam-se os mysterios de um archivo secreto

(Correspondência de Vienna, especial para O GLOBO)



Um dos seus arquivos dos arquivos secretos da Piazza...

...nossa sempre esteve...
...desvendam-se os mysterios...
...de um archivo secreto...

UM CASO
Os inimigos natos

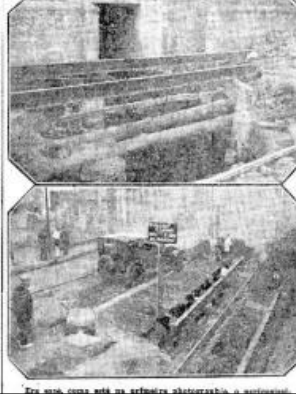
(Um caso de um jornal...)



...os inimigos natos...
...de um jornal...
...de um caso...

A CIDADE ESBURACADA
S. M. o rei dos Baracos foi tapado provisoriamente

UM PEQUENO SERVIÇO PRESTADO AO PUBLICO PELO "O GLOBO"



Uma importante questão
que o Sr. Ford vem fazer no Para

A luta contra o predomínio inglês no mercado da borracha

...uma importante questão...
...que o Sr. Ford vem fazer no Para...
...a luta contra o predomínio inglês...

FIGURA 7 – O Globo, nº1 (29 de julho de 1925)

Como se vê na figura acima, diferentemente dos jornais anteriores, *O Globo* apresenta uma separação de cada notícia a partir de títulos e subtítulos bem chamativos, com letras maiores, além de inserir fotos e figuras para ilustrar os acontecimentos, tudo isso para chamar mais a atenção do leitor em face dessa tecnologia concorrente.

O surgimento do rádio forçou a imprensa escrita a se modernizar, a adotar o uso de imagens (fotografia e ilustrações) e a buscar um novo padrão visual que pudesse agregar ao veículo algo mais que o fato, a notícia, a informação. (SEABRA, 2000, p. 37)

Assim, nesta terceira fase do jornalismo há uma pressão adaptativa do gênero notícia para não “cansar” seus leitores, em que as informações seriam dadas de modo breve e com uma pontuação regida pela entonação (PESSOA, 2007, p. 560), uma vez que as notícias eram muitas vezes lidas na própria rádio, com a adição de comentários dos locutores.

Por causa disso, percebe-se que, na primeira edição d' *O Globo* há uma ligação bastante forte com a linguagem oral, pois o jornal “interage” com os leitores em suas notícias em vários momentos e também há a forte presença de discursos diretos, isto é, transcrição de falas de pessoas entrevistadas, o que era bem raro nos periódicos anteriores.

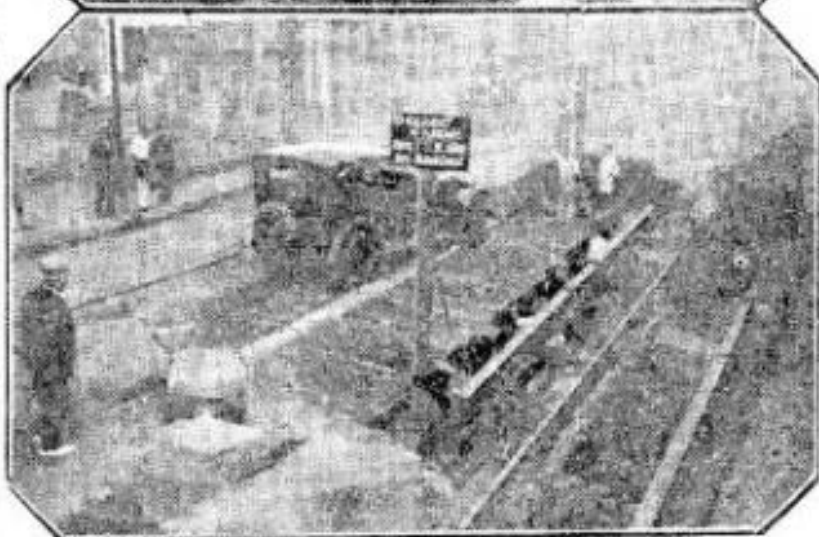
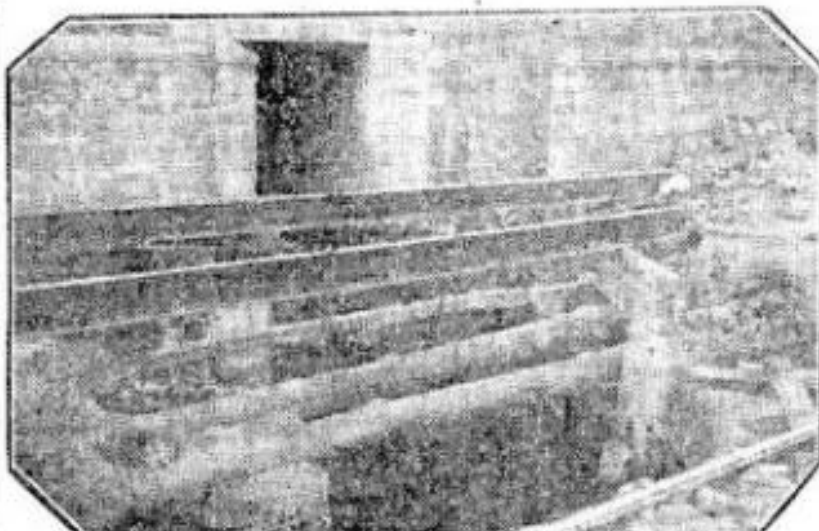
A diagramação, do mesmo modo, se torna bem mais agradável visualmente, facilitando a seleção pelo leitor do conteúdo que desejasse ler. Na figura a seguir, por exemplo, vê-se a chamada para uma *notícia* em que o próprio jornal faz um serviço à população, tapando um grande buraco, o qual é ironizado como “S.M.³³ o rei dos Buracos” e, logo abaixo, duas imagens mostrando o antes e o depois da obra prestada. Assim, *O Globo* parece deixar um pouco de lado a grande formalidade costumeira, presente em outros periódicos, para que se atinja um número cada vez maior de consumidores da informação impressa.

Entretanto, segundo pesquisa realizada por Oliveira (2009) em edições atuais d' *O Globo*, este jornal é, nos dias de hoje, caracterizado por conter elementos bastante formais, o que mostra que neste quase um século de existência do periódico, houve uma grande mudança em suas tradições discursivas para se adequar a um público alvo diferente, deixando de ser tão popular.

³³ Sua Majestade.

*S. M. o rei dos Buracos
foi tapado provisoriamente*

UM PEQUENO SERVIÇO PRESTADO AO
PÚBLICO PELO "O GLOBO"



Era esse, como está na primeira photographia, o perigosíssimo buraco do Engenho Negro, sobre o qual O GLOBO collocou, para defender as vidas dos incautos, a tapagem provisória que na segunda se destaca

FIGURA 8 – Trecho de notícia em *O Globo*
(29 de julho de 1925)

O *Correio da Manhã* surge em 1901 e se torna um dos mais respeitáveis e duradouros jornais de sua época no Rio de Janeiro e em todo o Brasil, mas acaba sendo extinto em 1974. Apresentava um conteúdo muitas vezes opositivo ao governo, o que culminou com o Estado exercendo várias pressões sobre o jornal e até mesmo houve um atentado, com a explosão de uma bomba em sua redação. A presente pesquisa toma seus últimos exemplares para coletar os demonstrativos correspondentes à 2ª metade do século XX.



FIGURA 9 – *Correio da Manhã*, nº 24.882 (23 de abril de 1974)

³⁴*Correio da Manhã* (1901-1974), exemplares utilizados no corpus: nº. 24.881 e 24.882, de 06 a 07 de junho de 1974, disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional Digital (acessível em <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842>).

Como se mencionou anteriormente, esse jornal tinha um cunho político muito forte, sendo até responsabilizado por incitar movimentos sociais como a Revolta da Vacina (1904) e de exercer um papel crucial, por causa de seus editoriais contrários às ações do governo, na derrubada de presidentes como Getúlio Vargas em 1945 e João Goulart em 1964. (ASSIS, 2009, p. 3-4).

Nesse momento, o gênero *notícia* já apresenta uma mudança crucial em sua configuração estrutural, com a inversão do posicionamento da informação mais importante para o começo, através do chamado *lide* (ou *lead*, em inglês). Tem-se como estruturação principal das informações a chamada técnica da “pirâmide invertida”, em que a base da *notícia*, isto é, os dados principais (o quê, quem, onde, como, quando e por quê) do relato são explicitados logo na parte inicial do texto, modelo este que acabou sendo absorvido por todas as casas editoriais e que hoje em dia é uma característica fundamental do GT *notícia* em todo o mundo.

A primeira notícia redigida segundo a técnica da “pirâmide invertida” teria aparecido no *The New York Times* em abril de 1861. A partir da segunda metade do século XX, alguns dos mais importantes periódicos latino-americanos passaram a publicar notícias das agências norte-americanas, redigidas segundo esse modelo. Nesse período, essa técnica se espalhou gradativamente, tendo chegado no Brasil exatamente em 1950, pela iniciativa do jornalista Pompeu de Sousa. (GENRO FILHO, 1987, p. 183).

Assim, essa nova tradição discursiva mudou completamente o modo de como o leitor se relacionava com o GT *notícia*, uma vez que agora ele pode, de imediato, saber o conteúdo de um dado texto e consegue, apenas com a leitura das primeiras linhas, se manter a par dos acontecimentos em geral, selecionando os assuntos de seu interesse, os quais valem mais a pena de se ler para se saber as informações secundárias dos eventos em questão, como se vê na figura apresentada a seguir:



FIGURA 10 – Notícia no *Correio da Manhã* (07 de junho de 1974)

*O Dia*³⁵

O jornal *O Dia*, fundado em 1951, e ainda em grande circulação no Rio de Janeiro, foi escolhido para a coleta de dados do século XXI, sendo utilizados exemplares digitalizados do ano de 2013. O jornal é dividido em cadernos temáticos, dos quais foram selecionados apenas os com conteúdo informativo para a coleta de dados, são eles: *Mundo*, *Rio de Janeiro*, *Economia*, *O Dia D*, *País*, *Ataque* e *Saúde*. É considerada uma publicação de caráter mais popular, tanto por seu preço mais acessível, quanto pela linguagem menos formal que utiliza, para atrair também leitores de classes sociais menos favorecidas.

³⁵*O Dia* (1951- ainda em publicação), exemplares utilizados no *corpus*: n.º. 22.226 e 22.227 de 22 e 23 de abril de 2013, versão digital.

6 RIO DE JANEIRO SÉTIMA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 2013 O DIA

Para evitar o caos no trânsito
Com bloqueio na Edgar Romero, motoristas devem ter paciência ao passar por Madureira

Jacarepaguá também terá mudanças

Partes das ruas Vaz Lobo, Alice Freitas e Oliveira Figueiredo ficarão restritas apenas a moradores

Uma odisseia nos trens do Rio
Peça de teatro faz adaptação do cotidiano do carioca à história grega

Símbolo católico chega para Jornada Mundial

Uso de drogas cresce entre policiais do Rio
Estudo da Fiocruz revela que 35% dos policiais militares e civis que consomem álcool associam a bebida a tranquilizantes, maconha e cocaína. O problema vem aumentando pela falta de tratamento adequado aos policiais. "A corporação está doente", admite o diretor do Hospital Central da PM, Sérgio Santilana. >A12

QUANTA BELEZA
Mãe luta para que Estado dê tratamento a filho viciado

Condennados do Carandiru vão ficar soltos
Os 261 PMs condenados a 105 anos de prisão pelo massacre de 1992 poderão receber a sentença em liberdade. >A 18 e 19

ODIA
Nova banda de ex-músicos de Charlie Brown Jr. lembra Choro em turnê - C3A

RECORRITO
Válizco salta sobre Menezes em São José

ATAQUE FOGO É 100%
Bruno Mendes manobra vitória no JAD sobre o Volta Redonda. Time venceu os 7 jogos da Taça Rio. Semifinais sendo Botafogo e Flamengo contra Fluminense e Vasco. >A10

RELOGIO DA FÉRIAS
Cidades como Piracambi e Guapimirim investem em turismo na Baixada - RÍO DE JANEIRO, P. 10 E 11

Suspeitos de atentado em Boston tinham um arsenal de bombas
- MUNDO, P. 20

FIGURA 11 – O Dia, nº 22.226 (22 de abril de 2013)

Conta com a presença de muitas transcrições de discursos diretos, por causa de constantes trechos de entrevistas inseridas nas notícias. O que mais chama a atenção nos jornais atuais, como *O Dia*, é o constante apelo visual, através não só da impressão em páginas coloridas, mas também da presença da chamada multimodalidade (COSTA, 2009, p. 650), que é a aparição maciça de elementos complementares ao texto que compõem a *notícia*, como fotos, imagens, tabelas, gráficos, *boxes* com informações extras, depoimentos dos envolvidos, entrevistas, etc. Isso tem o objetivo de trazer uma maior dinamicidade a esse GT e de atrair o leitor para o assunto tratado, antes mesmo de ele sequer ler o texto propriamente dito, como se pode ver na figura a seguir:

Para evitar o caos no trânsito

Com bloqueio na Edgar Romero, motoristas devem ter paciência ao passar por Madureira

ANGÉLICA FERNANDES
afernandes@odiario.com.br

Paciência ao volante é o que não pode faltar aos motoristas hoje, principalmente aqueles que passarem pela Avenida Ministro Edgard Romero, em Madureira. O primeiro dia útil de intervenção da via — até Vaz Lobo — para obras da Transcarioca, promete ser caótico. Ontem, quando os bloqueios começaram, houve desorganização no esquema de trânsito e pontos de congestionamentos no entorno.

No desvio montado na avenida, em direção a Irajá, com acesso pela Rua Lima Drumond, a CET-Rio permitiu 'bandalhas' de motoristas para evitar congestionamento no sentido contrário. Agentes retiraram os cones que separavam as pistas. Por pouco não houve acidentes.

"Quase bati em outro carro. É um absurdo deixar o desvio aberto nos dois sentidos. Quem vem de Madureira não vê os carros vindo de Irajá", reclamou o taxista Alberto de Freitas, 56 anos. À tarde, a CET-Rio recolocou os cones.

O desvio começa na Rua Lima Drumond, segue pela Rua Bezerra de Menezes até a Ave-



O bloqueio na Edgar Romero dura seis meses. No domingo, duas faixas no sentido Madureira ficam interditadas

nida Vicente de Carvalho. Ontem, equipe de **O DIA** fez o trajeto. Mesmo com fluxo pequeno de veículos, por ser domingo, houve engarrafamento no trecho. A CET-Rio alegou que as paradas repentinas de motoristas que pediam informações provocaram as retenções. "Até eles (motoristas) se acostumarem vai ser difícil o trânsito fluir", disse um agente de trânsito.

Com o trecho em obras,

Partes das ruas Vaz Lobo, Alice Freitas e Oliveira Figueiredo ficam restritas apenas a moradores

partes das ruas Vaz Lobo, Alice Freitas e Oliveira Figueiredo ficaram restritas apenas a moradores. "Se ontem levei quase dez minutos para chegar no

outro lado da Edgar Romero, imagina durante a semana?", questionou o taxista Alberto.

Para minimizar o impacto, a prefeitura distribuiu por Madureira e Vaz Lobo, cinco painéis de mensagem viária e 30 agentes de trânsito. O bloqueio na Edgar Romero vai durar seis meses. No próximo domingo, duas faixas no sentido Madureira, entre a Leopoldino de Oliveira e Lima Drumond, ficarão interditadas.

Jacarepaguá também terá mudanças

> Para a implantação do Binário Nelson Cardoso, que também faz parte da Transcarioca, vias de Jacarepaguá estão com mudanças de direção. No sentido Taquara, a Avenida Nelson Cardoso passa a ter mão única, entre a Estrada do Tindiba e a Rua André Rocha. Haverá mudança de mão na Rua Godofredo Viana, entre a Nelson Cardoso e a Rua Ipinambês.

Na Zona Sul, a partir das 22h de hoje, parte da Avenida Armando Lombardi, na Barra, sofrerá interdição para construção de um dos acessos à Estação Jardim Oceânico, da Linha 4 do Metrô (Ipanema — Barra da Tijuca). Para as obras, a via vai reduzir de cinco para quatro faixas de rolamento, com velocidade máxima de 40 km/h.

FIGURA 12 – Notícia em *O Dia*
(22 de abril de 2013)

A sua ligação com a informalidade pode ser comprovada pelo trabalho de Oliveira (2009) que, ao comparar o léxico de *O Dia* com o jornal tradicional *O Globo* em um período de uma semana do ano de 2008, concluiu que o primeiro nem sempre seguia as regras canônicas do jornalismo, justamente por possuir como um público alvo de classes mais baixas.

4.2.2 A NOTÍCIA NO EM

*Gaceta Imperial de México*³⁶

Com a independência do México, em 1821, após mais de uma década de guerra, surge, na capital do país, substituindo o *Diario de la Soberana Junta Gubernativa del Imperio Mexicano*, a *Gaceta Imperial de México*, fundada por Alejandro Valdés e publicada pela Imprensa Imperial daquele país.



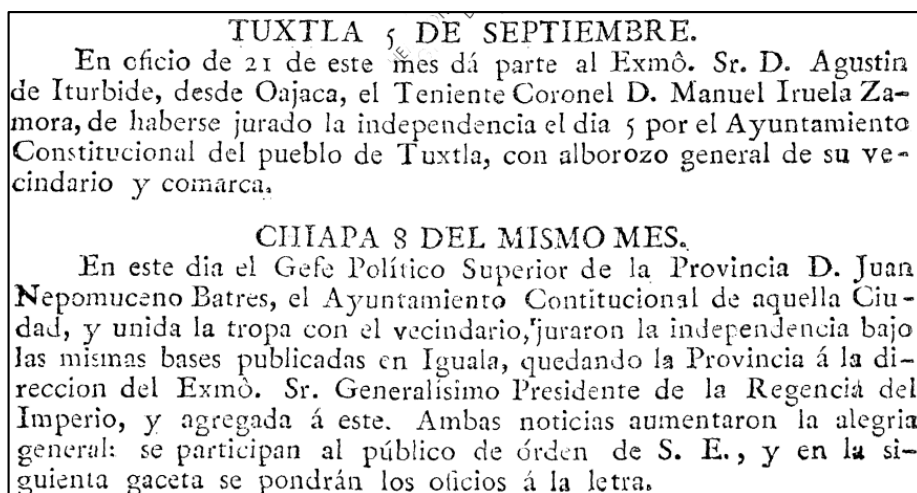
Tóm. I.	Núm. 1.	Pág. 1.
		
<h2 style="margin: 0;">GACETA IMPERIAL</h2> <p style="margin: 0;">DE MÉXICO. <small>HEMEROTECA NACIONAL MEXICO</small></p>		
<p style="margin: 0;">DEL MARTES 2 DE OCTUBRE DE 1821.</p>		
		
<p style="margin: 0;">MEXICO, TUXTLA Y CHIAPA</p>		
<p>Después de trescientos años de llorar el continente rico de la América Septentrional la destrucción del Imperio opulento de Moctezuma, un Genio de aquellos con que de en tiempo en tiempo socorre el cielo á los mortales para redimirlos de las miserias, en el corto período de siete meses consigue que la Aguila Mexicana vuele libre desde el Anahuac hasta las provincias mas remotas del Septentrion, anunciando á los pueblos está restablecido el Imperio mas rico del globo; pero tan mejorado su sistema gubernativo, que si el destruido por Hernan Cortés era el modelo del despotismo, este vá á ser la base mas firme de la libertad, y copia perfecta del gobierno paternal. La voz dada en iguala por el Sr. Coronel D. Agustin de Iturbide, luego en el mismo instante demostró la justificacion de los principios que lo gobernaban; porque si por una parte el plan descubrió al Reino su religiosidad y respeto á todo lo sagrado y eclesiástico, por otra su prudencia supo reunir los ánimos por los lazos de la moderacion y de la sinceridad; siendo su misma exactitud el seguro mejor que puede presentar, como tiene acreditada la experiencia en todos los pueblos.</p>		<p>independencia se difundió por todas partes y direcciones, siendo el grito de las provincias y los pueblos como el eco de ella que resonó aun por los ángulos mas apartados. Unánimes los Mexicanos juran sostener los derechos de la libertad de la patria; y empuñando el sable, y adiestrados en el manejo del fusil, vuelan hasta encontrar al Héroe, bajo cuyo mando se consideran invencibles. Su vista inflama más y mas su entusiasmo patriótico, su actividad los alienta, y su moderacion sin apocarlos, infunde en sus corazones la docilidad mayor para ser benéficos, útiles, y no causar mal alguno. Las noticias que comunican de las virtudes del Gefe primero del Ejército Triguarante, llenas de emulation honrosa á los que permanecian al cuidado de las familias; y avergonzados de que otros se les hallan anticipado, cerrando los ojos á los halagüenos alegatos de sus mageres, á las tiernas instancias y llanto de sus hijos, abandonan sus hogares; y el consuelo único que atempera la afliccion de estas personas tan amadas es poder decir, <i>existen en el campo de la victoria al mando del hijo predilecto de la virtud, padre del soldado, y el mejor de los ciudadanos.</i></p>
<p>A la manera que la luz se propaga con la velocidad que el entendimiento apenas puede calcular, la voz de la</p>		<p>Si para explicar la fortaleza del ejército de Alejandro el Grande, no se encontró mejor expresion que la de llamar á los soldados capitanes, y á estos reyes, se conocerá las ventajas que le llevó el Triguarante si se reflexiona, que él se componía de hermanos amerosos, dedicados á sacrificar su propia existencia por libertar á los que aun permanecían bajo los filos de la cuchilla del Conquistador que los oprimía. El llevaba á su frente la victoria, y la consiguió en todas las ocasiones en que atacado le fué preciso combatir; mas al propio tiempo, su templanza era el iris que anunciaba la tranquilidad en los pueblos que disfrutaron la dicha de hospedarlo. Los admirados del contraste que presentaba con la victoria y la moderacion, no sabían explicar su júbilo, sino con ofertarle sus haberes; y se desprendían de los alimentos para obsequiarlo, y que no padeciera necesidad. Es la primera vez en que el aspecto del vencedor es agradable al vencido; y la bizarría de es-</p>

FIGURA 13 – *Gaceta Imperial de México*, nº1
(02 de outubro de 1821)

³⁶ *Gaceta Imperial de México* (1821-1823), exemplares utilizados no corpus: nº. 01 a 17, de 02 de outubro a 01 de novembro de 1821, disponíveis no site da Hemeroteca Nacional Digital de México (acessível em <http://www.hndm.unam.mx/>).

Segundo Reed Torres & Ruíz Castañeda (1998, p. 129), essa publicação “não foi um órgão nem de opinião nem de polêmica, como também não foram os primeiros periódicos oficiais da época”³⁷ Como todo periódico do governo, publicava frequentemente extensos documentos e comunicados oficiais (os quais se chamam *bandos*). Também podem ser vistos elementos do cotidiano da sociedade local, como a divulgação de anúncios, avisos, empregos, leilões, etc.

Trazia em suas páginas tanto *notícias* do Império, quanto *notícias* estrangeiras, e os seus títulos quase sempre eram apenas os nomes dos locais em questão e muitas vezes as datas, como se vê na figura abaixo, que geralmente eram bem anteriores à do periódico, uma vez que havia uma grande demora, nessa época, para a chegada dessas informações até poderem ser publicadas.



**FIGURA 14 – Notícias na *Gaceta Imperial de México*
(02 de outubro de 1821)**

³⁷ No original: “no fue un órgano de opinión ni de polémica, como no lo fueron los primeros periódicos oficiales de la época.”

El Imparcial⁸⁸

Para representar a 2ª metade do século XIX, escolheu-se o jornal El Imparcial, de Rafael Reyes Spindola, o qual era subvencionado pelo governo e principia a imprensa de massa na Cidade do México. Era vendido por apenas um centavo e possuía a maior tiragem da época em todo o México, com uma tiragem de 75.000 exemplares. Possuía um maquinário bastante moderno para o seu tempo, inaugurando o que se chama de jornalismo industrializado.



FIGURA 15 – El Imparcial, nº201 (02 de abril de 1897)

⁸⁸ El Imparcial (1891-2010), exemplares utilizados no corpus: nº. 01 a 03, de 09 a 11 de abril de 1897, disponíveis no site da Hemeroteca Nacional Digital de México (acessível em http://www.hndm.unam.mx)

Reed Torres & Ruíz Castañeda (1998, p. 22) caracterizam essa publicação como tendo um “amarillismo informativo”, ou seja, seria uma típica “imprensa marrom”, sensacionalista e defensora apenas dos interesses dos mais poderosos e, ao contrário do que o seu nome implica, não era verdadeiramente imparcial.

Nesse jornal, o telégrafo era uma forma muito importante para a transmissão de *notícias* de todas as partes do mundo e havia, portanto, o objetivo de se divulgar o maior número de informações ocupando o menor espaço, como se percebe por sua diagramação, muito semelhante à que foi vista anteriormente no *Jornal do Brasil*. Contudo, *El Imparcial* já conta com a presença de elementos gráficos ilustrativos, mas somente na capa e em sua seção de anúncios. A figura abaixo é um exemplo de *notícia* transmitida por telégrafo ao IMP:



FIGURA 16 – Notícia em *El Imparcial*
(02 de abril de 1897)

El Excelsior foi fundado em 1917 por Rafael Alducin e possuía grande influência norte-americana, sobretudo do New York Times, com informações e artigos muito bem escritos e muitas ilustrações e elementos gráficos. (REED TORRES & RUÍZ CASTAÑEDA, 1998 p. 287).

EXCELSIOR
EL PERIODICO DE LA VIDA NACIONAL

Año I — TOMO I. MEXICO, DOMINGO 18 DE MARZO DE 1917. NUMERO I.

MEXICO CONTINUARA LABORANDO EN FAVOR DE LA PAZ EUROPEA

VIENTOS REPUBLICANOS SOPLAN SOBRE EL IMPERIO MOSCOVITA

ALEMANIA NO AYUDA A MEXICO
DECLARACIONES DEL SR. R. NIETO
CON MOTIVO DE LAS VERSIONES QUE DINGAN QUE EL BANCO GERMANO FACILITABA DINERO AL GOBIERNO

CANDIDATOS TRIUNFANTES HASTA HOY
JUAN RIVERA AZCONA
Primer Novedero Proprietario

EL CZAR SE DIRIGE AL PUEBLO
QUE DIOS QUIERA SALVAR A RUSIA
ASI COMO EL MONARCA ESTRONDO EN SU MANIFIESTO DE ADOCCION, RECOMENDANDO LA LENGUA

El Czar Nicolás fue Arrestado en el Palacio de la Duma y la Emperatriz fue Deportada a Kieff
LOS GRANDES DUQUES ENVIADOS A LA PENINSULA DE CRIMEA

El Czar Preso en Tauride

Llegaron los Gobernadores
Disputado por el Sr. DÍAZ

FIGURA 17 – El Excelsior nº01 (18 de março de 1917)

Na figura a seguir, vê-se um exemplo de uma inovação da notícia da época, em que, a partir de um tema central, o texto vai se dividindo em vários subtópicos com títulos diferentes, de forma a chamar a atenção do leitor e apresentar, dessa forma, com certa antecedência os assuntos tratados em cada parágrafo.

³⁹ El Excelsior (1917- ainda em publicação), exemplares utilizados no corpus; nº. 01, de 18 de março de 1917, disponível no site da Hemeroteca Nacional Digital de México (acessível em <http://www.hndm.unam.mx/>).

IMPORTANTES MEJORAS EN EL HOSPITAL MORELOS

"LA OCIOSIDAD ES MADRE DE TODOS LOS VICIOS", DICE EL DR. VINIEGRAS.

El Hospital Morelos, lugar donde se acogen muchas mujeres enfermas, va a ser adaptada, en parte de su piso bajo, a fin de instalar allí talleres destinados a que las asiladas puedan desempeñar labores provechosas y no permanezcan en la ociosidad.

Con este motivo estuvimos a hacer una visita a dicho establecimiento, siendo recibidos por su Administrador, el señor doctor Federico Viniegras.

Dicho señor expresó que se han obtenido algunas máquinas para el tejido de medias, y que en breve quedarán instaladas, dándose principio a la actividad en los talleres.

Para ello van a sufrir grandes reformas una galería de gran capacidad, que si ahora es húmeda y humeda, con las obras que allí se realicen quedará en magníficas condiciones, pues se construirá un entablado y se abrirán grandes ventanas en los muros, para que haya una ventilación y una iluminación perfectas.

VARIAS INNOVACIONES

Entre otras innovaciones que han quedado últimamente establecidas en esa dependencia de la Beneficencia Pública, se pueden anotar también el Gabinete Dental, que antes no existía. El aparato especial para cauterizaciones por medio de la electricidad, que ha estado dando resultados magníficos y más efectivos que las quemadas con sustancias químicas.

INSTALACION DE BAÑOS

En el Morelos hay una bien acondicionada instalación de baños de vapor, de tina y de regadera, obligándose a todas las enfermas, exceptuando naturalmente a aquellas que no están en estado de tomarlos, a que se bañen miércoles y sábados.

La ropa es cuidadosamente lavada y desinfectada en una lavadora de lo más moderno que se conoce.

RACION COTIDIANA

La alimentación que se proporciona diariamente a cada una de las reclusas está compuesta de lo siguiente: 60 gramos de arroz, 75 de frijoles, 200 de carne, 300 de pan, 40 de azúcar, 17 de sal y 15 de mantequilla. Dándoseles también leche, verduras y café.

YA NO HABRA INTENTONAS DE FUGA

Aunque la disciplina es muy estricta, se observa con tal discreción, que casi no la advierten las 300 mujeres que han alojadas en el Morelos y supone el señor doctor Viniegras, como antes hemos dicho, que una vez que las reclusas puedan emplear su tiempo en una labor provechosa, quedarán definitivamente desterradas las intentonas de fuga.

Concierto en honor del C. M. de la Plaza

Anoche en el edificio que ocupa la Comandancia Militar, en la esquina de Reales y Reforma, se efectuó el concierto con que festejaron la llegada del Gral Hill: los empleados y amigos particulares de este Departamento.

El programa que se desarrolló, fue el siguiente:

- I.—Obertura Guillermo Tell, Rossini
- II.—Otrecimiento, Sr. Carlos Ortigosa.
- III.—Bohemia, Canto Srta. Paz Alvarez
- IV.—Rapsodia número 11, Liszt
- V.—Poesía, Srta. Carmen Urozar
- VI.—Aida, Canto Srta. Paz Alvarez
- VII.—Impromptu, de Schubert, número 2, Sr. José Macías
- VIII.—Pieza de música Apia Profesora María Luisa Espinosa
- IX.—Rapsodia, J. Corona.

De entre los invitados de honor anotamos al Gral. Luis Hernández, Gral. Elias Menges, Gral. Utho, Carl Peñala, Lic. Bernudez, Carl Ortíz Rubio, Mayor Valle, y otras muchas personas, cuyos nombres no recordamos.

FIGURA 18 – Noticia em *El Excelsior* (18 de março de 1917)

El Universal foi fundada em 1916, no período da Revolução Mexicana, e possui grande importância na história do México, pois figurava, juntamente com *El Excelsior*, como um modelo para o jornalismo moderno, mantendo-se até hoje como um dos periódicos mais lidos daquele país. Segundo seu fundador, Félix Fulgencio Palavicini:

“Quando fundei *El Universal* – disse -, a situação moral havia mudado. Se gozava de maior liberdade. Esse periódico foi fundado por um grupo de particulares, com muito poucos recursos e maquinaria antiga. Sua independência, sua honradez e sua vivacidade o converteram no diário mais lido de toda a nação.”⁴¹ (REED TORRES e RUIZ CASTAÑEDA, 1998, p. 283)



FIGURA 19 – *El Universal* nº13.097 (28 de dezembro de 1952)

⁴⁰ *El Universal* (1916 - ainda em publicação), exemplar utilizado no corpus; nº. 10.664 de 06 de abril de 1946, disponível no site da Hemeroteca Nacional Digital de México (acessível em <http://www.hndm.unam.mx/>).

⁴¹ No original: *Cuando fundé El Universal - dice -, la situación moral había cambiado. Se gozaba de mayor libertad. Ese periódico lo fundamos un grupo de particulares, con muy pocos recursos y vieja maquinaria. Su independencia, su honradez y su vivacidad lo convirtieron en el diario más leído de toda la nación.*

El Universal tinha, assim como seu principal concorrente, *El Excelsior*, grande influência do periodismo feito nos Estados Unidos e até mesmo publicava algumas páginas em inglês. Como se pode ver no exemplo de *notícia* da figura abaixo, grande parte de seu conteúdo informativo provém de agências de notícias internacionais como *Reuters*, *United Press* e *France Presse*, reproduzindo, portanto, modelos estrangeiros de produção jornalística.

<h2><i>Renuncias y Enfermedad</i></h2> <p><i>Dimitieron el Consejo de la Compañía Nacional Petrolera y el Embajador de EE.UU. en Persia. Por supuesto quien está enfermo es el primer ministro Mossadegh</i></p>	<h2>RECIBIRA ESPAÑA AVIONES YANQUIS</h2> <p>Para la defensa de Occidente, si las negociaciones con Franco para crear bases allí tienen éxito</p>
<p>United Press TEHERAN, Irán, 27 de diciembre.—El Primer Ministro Mahoma Mossadegh se informó que se encuentra muy débil hoy, después de haber sufrido hemorragias internas. El Ministro del Exterior, Hossein Fatemi, dijo que los médicos han estado inyectando a Mossadegh y han prohibido las visitas.</p> <p>France - Presse TEHERAN, Irán, 27 de diciembre.—Según informes de la prensa, el</p>	<p>Reuters WASHINGTON, 27 de diciembre.—Fuentes del Departamento de Defensa dijeron hoy que "cierto movimiento" de fuerza aérea norteamericana habrá de Gran Bretaña hacia España en 1953, si las negociaciones con el gobierno de Franco para establecer bases militares allí terminan pronto.</p> <p>Estas fuentes declararon, no obstante, que cualquier traslado de aviones y equipo dependerá de las decisiones de los jefes militares de Estados Unidos y de los dirigentes de la Organización del Tratado del Atlántico del Norte.</p> <p>Se tiene entendido que no se ha</p>
<p>SIGUE EN LA PAGINA SIETE</p>	<p>SIGUE EN LA PAGINA SEIS</p>

FIGURA 20 – Notícias em *El Universal*
(28 de dezembro de 1952)

Reforma

Reforma, Corazón de México⁴² é o jornal do século XXI a ser analisado no corpus, sendo utilizado um exemplar do ano de 2014. Sob a direção de Alejandro Junco de la Vega, foi fundado no ano de 1993.



FIGURA 21 – Reforma nº7.619 (05 de novembro de 2014)

As tradições culturais influenciam bastante no aparecimento de mudanças e os textos jornalísticos são um bom exemplo disso, pois “com a ampla divulgação do recurso midiático da internet, a notícia e a reportagem ganharam uma nova roupagem, com a inclusão de boxes, gráficos e enlaces que lembram em muito o hipertexto da rede mundial de computadores” (SIMÕES & KEWITZ, 2009, p. 701), e essas inovações estão fortemente presentes fortemente na constituição deste jornal.

⁴² Reforma (1993 - ainda em publicação), exemplar utilizado no corpus; nº. 7.619 de 05 de novembro de 2014.

Outra característica importante que se pode notar nas *notícias* do periódico *Reforma* é a frecuente presentación de depoimentos dos envolvidos no evento noticiado para pasar maior credibilidade ao conteúdo presentado. Ou seja, existe, nessa época uma grande recorrência na *noticia* de representacións da lingua oral, seguindo a mesma táctica observada anteriormente no jornal DIA do PB, como se vê na figura 22, a seguir:

Repudian taxistas a Uber aún con regulación

RICARDO RIVERA

Representantes de taxistas de la Ciudad exigen a diputados locales detener la regularización de empresas que ofrecen transporte privado como Uber y Cabify.

Ayer, alrededor de 100 taxistas se presentaron afuera de la Asamblea Legislativa del DF, en el cruce de Donceles y Allende, en el Centro Histórico, para exponer sus inconformidades contra los servicios de transportes irregulares.

“Es necesario que dejen de simular, que dejen de mentir y acaben con todas las formas de servicios de transporte de pasajeros que operan ilegalmente y, sobre todo, con las de aplicaciones (Uber y Cabify).

“Si no lo hacen, entonces van a continuar realizando un mazacote que no conviene, ni a los verdaderos prestadores de servicios, ni a los usuarios porque carecen de una verdadera seguridad y certeza como tal”, dijo Ignacio Rodríguez, vocero de los taxistas.

Dijo que de acuerdo a cálculos hechos por ellos mismos, diariamente el gremio de taxistas regularizados pierde 24 millones de pesos por la competencia de personas que trabajan con autos sin placas, o sin permiso para funcionar como transporte individual.

“De cada dos taxis regulares que hay en el DF, hay dos piratas; los 24 millones de pesos salen de dividir las 28 mil unidades que está prestando el servicio de manera ilegal.



Los transportistas pidieron a diputados locales no regularizar servicios como Uber y Cabify.

“El perjuicio es por el pasaje que nos roban este tipo de unidades que no están regularizadas”, apuntó.

Los taxistas informaron

que fueron recibidos por integrantes de la Comisión de Gobierno de la Asamblea Legislativa y posteriormente se retiraron del lugar.

**FIGURA 22 – Noticia em *Reforma*
(05 de novembro de 2014)**

4.3 O GÊNERO ROMANCE

Na literatura, um já decadente uso da *epopeia*, narrativa em verso, cede lugar a um novo gênero textual: o *romance*. Narrativa moderna em prosa, o *romance* tem, para muitos, como marco inicial a obra *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, no século XVII, a qual reinventava e atacava os *romances de cavalaria* da Idade Média (THOMAS, 1920, p. 1).

Consolida-se como um dos GTs mais produtivos na literatura no período do Romantismo, popularizando-se e caindo no gosto da burguesia, em grande ascensão naquela época, uma vez que trazia uma estrutura de composição e linguagem mais acessíveis a essa camada da sociedade, que visava penetrar no mundo da cultura, como aponta Monteiro (1940, p. 1):

(...) o romance é mais *fácil* do que o drama ou a poesia, pois o leitor mediano, mesmo quando não possa digerir toda a sua íntima riqueza psicológica, encontra nele um conteúdo que pode apaixoná-lo, uma intriga, a vida de outros homens que o cativa, embora tudo o mais, e inclusive o *sentido* dessas vidas, lhe permaneça talvez oculto e incompreensível.

O *romance* em forma de folhetim, ou seja, em capítulos semanais nos periódicos, era uma forma muito popular de entretenimento no século XIX, sendo um excelente índice dos interesses da sociedade culta e semiculta, pois era, segundo Bosi (2006, p. 97) tão relevante como são, nos dias de hoje, as histórias representadas no cinema e a televisão.

Por detrás da aparente descontinuidade de sua construção, uma vez que entre um capítulo e outro seguem-se sempre uma lua e outras consuetúdes, o que o romance-folhetim faz é validar a continuidade cotidiana como forma ideológica de reafirmar o transcurso inexaurível da História, tal como a concebia o homem do século XIX. (SANT'ANNA, 1973, p. 18)

Ao longo dos tempos, as tradições de composição do gênero *romance* adquiriram diversos formatos e se reinventaram de acordo com as intenções criativas específicas dos seus autores, não devendo seguir, portanto, modelos fixos ou regras (MONTEIRO, 1940, p. 10). Dessa forma, o que se pode dizer sobre o que todos os textos desse GT têm em comum seria, sobretudo, o seu objetivo principal de mostrar um reflexo fiel da sociedade da época que representa, isto é, o *romance* “se presta especialmente para expressar a realidade de uma nação por sua capacidade de abarcar tanto a realidade visível como aqueles elementos da realidade que não estão à vista”. (BRUSHWOOD, 1973, p. 9).

4.3.1 O ROMANCE NO PB

A Moreninha

Segundo Nascimento (2010, p. 10), o *romance* se estabelece como gênero corrente no Brasil em 1843, através de Teixeira e Sousa, com sua obra *O Filho do Pescador*, publicada primeiramente como folhetim no jornal *O Brasil*. Entretanto, essa posição de marco inicial é renegada por muitos teóricos literários, porque esse texto possuiria uma trama que não se enquadraria nas premissas do *romance* romântico. Por exemplo, Bosi (1994, p. 102) não inclui Teixeira e Souza entre os principais autores de ficção, pois haveria uma “inegável distância, em termos de valor, que o separa de todos” e também Hollanda (1977, p. 17, *apud* CERQUEIRA, 2011, p. 126) faz duras críticas a esse romance, afirmando que ele possui uma “narrativa desgrenhada” em que “os tipos aparecem já feitos, como de encomenda”, as personagens, ao invés de “seres humanos”, são meras “abstrações”, o tom é “largado” e a inverossimilhança “às vezes raia pelo cômico”.

Desta forma, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicada inicialmente como folhetim em 1844 no *Jornal do Comércio*, pode ser considerado, de fato, o primeiro *romance* brasileiro, por se tratar de um exemplar ideal e mais bem-feito, pois o autor

conseguiu o que Teixeira e Souza não havia conseguido, isto é, respeitabilidade literária. Para isso contribuíram, basicamente, dois fatores: o próprio talento do autor e sua tendência ao riso, muito mais do que às lágrimas, no que contrariava frontalmente as tendências do folhetim lacrimajante [resultado ainda de uma mentalidade colonial], atingindo plenamente o público ávido por entretenimento leve. (SERRA, 1994, p. 30)

Por isso, esta obra de Macedo, claramente mais representativa do gênero textual *romance*, será a utilizado no *corpus* deste trabalho como fonte de dados para a era do Romantismo, na 1ª metade do século XIX.

A história se passa no Rio de Janeiro imperial, em que um grupo de amigos acaba fazendo uma aposta que envolve os sentimentos amorosos de Filipe, o protagonista. Publicado em formato de folhetim, representava fielmente o estado de espírito da corte fluminense, da classe média e da burguesia ascendentes. A narrativa d'A *Moreninha* possui um tom quase coloquial, e é realizada em terceira pessoa, embora na história se revele que o autor do *romance* fosse o próprio protagonista.

Joaquim Manuel de Macedo, nascido no ano de 1820, em Itaboraí, Rio de Janeiro, formou-se em medicina e foi professor, jornalista e político. Como escritor, suas obras tiveram grande importância no período do Romantismo, pois ele utilizava os elementos necessários para satisfazer às expectativas dos leitores daquela época: a comicidade, o amor impossível e também a presença de uma revelação surpreendente para gerar o clímax da história, repetindo essa fórmula em todos os seus 18 romances (BOSI, 2006, p. 130).

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis rompe a sua série de publicações de romances românticos com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma das obras mais revolucionárias e inovadoras da literatura brasileira, marcando o início do Realismo no Brasil, em 1881. Publicado como folhetim na Revista Brasileira, o romance é marcado por retratar temas fortes e importantes na sociedade da época, como as diferenças entre as classes sociais e escravidão. Com a narrativa em primeira pessoa, *Memórias Póstumas* é a autobiografia de Brás Cubas, que, depois de morto, resolve escrever suas memórias. Na obra, o autor consegue “verificar quanto as criaturas iam sendo moldadas pelas circunstâncias, como as modificava o fluir do tempo e como todas as vicissitudes se reduziam a um único problema: o destino, a rir-se das ambições e afirmações humanas” (LINHARES, 1987 v.1, p. 381).

Nascido em 1839, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, Joaquim Maria Machado de Assis, era mestiço e também de origem humilde. É considerado por muitos como o maior escritor brasileiro de todos os tempos pela qualidade e originalidade de suas obras que englobam tanto gêneros narrativos quanto dramáticos, além da poesia.

Triste Fim de Policarpo Quaresma

A literatura brasileira atravessava um período de transição no início do século XX, chamado de Pré-modernismo, no qual se encaixa o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de 1915, do autor Lima Barreto. A narrativa se faz em terceira pessoa e essa obra, assim como *A Moreninha*, foi publicada como folhetim no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. O texto narra a história do funcionário público Policarpo Quaresma, um nacionalista extremo e seus ideais utópicos, ao mesmo tempo em que faz um retrato político e social do Brasil no início da República.

O *Policarpo Quaresma* me parece, em conjunto, como concepção e como fatura, o mais bem realizado dos romances de Lima Barreto, e por isso mesmo o mais carregado de Rio de Janeiro (...), a gente que povoa suas páginas, o ambiente que ele reflete e sobretudo os pequenos quadros da vida de família que vão se encadeando na trama – tudo isso tem a cor, o cheiro, o gosto desse vário e vasto mundo pequeno-burguês que formava então e forma ainda a “alta sociedade” dos subúrbios cariocas. (HOLLANDA, 192, p. 69-70)

Seu autor, Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 1881, era mestiço e de origem humilde. Trabalhou como jornalista e amanuense, e essa biografia reflete a ideologia em várias de suas obras, passando o conteúdo autobiográfico para o âmbito da ficção. Além disso, grande parte dos seus textos buscam combater o preconceito racial e dão destaque às classes menos favorecidas e ao mundo suburbano, como também se pode observar em *Triste fim de Policarpo Quaresma*. (LINHARES 1987 v.2, p. 1)

A Hora da Estrela

Na escola literária chamada de Geração de 1945, na qual se encaixam as obras de Clarice Lispector, os escritores eram menos exigidos social e politicamente, podendo se dedicar a experimentar modelos estéticos diferentes e novas formas de expressão literária. Dentro deste cenário, tem-se o romance *A Hora da Estrela*, de 1977, construído em sua totalidade por meio da associação entre ações e digressões metalinguísticas, de metáforas, do fluxo de consciência e da ruptura com o enredo factual (BOSI, 2006, p. 424). Também como característica da escola literária vigente presente nesse romance de Lispector, pode-se ressaltar um recurso narrativo chamado monólogo interior, técnica que apresenta o mundo a partir de um ângulo central, limitando-se aos sentimentos, pensamentos e percepções da personagem, geralmente utilizando o discurso indireto.

A Hora da Estrela conta a história de Macabéa, uma alagoana simples que se muda para o Rio de Janeiro e suas dificuldades e dramas psicológicos são expostos por um narrador também psicologicamente afetado. Como parafraseia Linhares (1987, p. 426) no prefácio da obra, o romance é sobre

uma indagação maior, curtida no encontro, ou do desencontro, daquela 'resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito' com o 'ambicionado clã do sul do país'; o nordeste rural na sua difícil contra-cena com a engrenagem urbana. A hora da estrela ou 'as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela'. De um lado a 'terra serena de promessa, terra do perdão'; do outro, o sufoco, o vale-tudo, a agressão da 'cidade inconquistável' – os dois brasis.

Chaya Pinkhasovna Lispector, assim registrada, Clarice Lispector nasceu em 1920 na aldeia de Tchetchelnyk, Ucrânia, em meio à fuga de sua família para o Brasil, devido ao antissemitismo resultante da Guerra Civil Russa, instalando-se em Recife. Em 1934 sua família se muda para o Rio de Janeiro, onde Lispector cursa Direito (BOSI, 2006, p. 23).

Leite Derramado

Marcado por inúmeros manifestos e movimentos em geral de curta duração, tem-se as tendências da literatura contemporânea como pano de fundo para a obra de Chico Buarque, *Leite Derramado*, de 2009. Narrado em primeira pessoa e muitas vezes utilizando-se do recurso de fluxo de consciência, o romance conta a história de um homem em seu leito de morte contando a história de três gerações de sua família na cidade do Rio de Janeiro, retratando os problemas da sociedade brasileira por todas essas gerações.

Chico Buarque de Holanda nasceu em 1944, na cidade do Rio de Janeiro, cursou dois anos de arquitetura na Universidade de São Paulo, se dedicou à carreira artística. É até os dias de hoje um dos mais importantes nomes para a música popular brasileira e também para a literatura.

4.3.2 O ROMANCE NO EM

El Periquillo Sarniento

Considerado como o primeiro romance da Nova Espanha, *El Periquillo Sarniento*, de 1816, é um retrato da vida mexicana consequente da época do vice-reinado mexicano. Conta a trajetória de um rapaz espertalhão, porém, não contemplado pela sorte, mas que também apresenta muitos momentos de bondade e generosidade que, por fim, o redimem (GONZALEZ PEÑA, 1949, p. 202). O autor retrata o personagem como um malandro contando sua história pela visão do que não deve ser feito pelos outros e, durante a trama, o protagonista tem a esperança que sua história sirva de lição para os leitores. (BRUSHWOOD, 1973, p. 148).

O autor, José Joaquín Fernández de Lizardi, também conhecido como *El Pensador Mexicano*, nasceu na Cidade do México em 1776 e vem de uma origem bastante pobre. Cursou Filosofia, mas não chegou a se formar. Foi jornalista, romancista, poeta e também autor dramático e toda a sua obra é dedicada a criticar a vida e os costumes de sua época. (JIMENEZ RUEDA, 1944).

Los Bandidos de Río Frío

O romance de Manuel Payno, *Los Bandidos de Río Frío*, foi publicado no formato de folhetim dividido em 117 episódios, primeiro em Barcelona no período de 1889 a 1891, depois no México no período de 1892 a 1893. Retrata a sociedade mexicana através de seus mitos, religião e hábitos, no início do século XIX. Narra a história do militar Juan Robreño, que se apaixona por Mariana, filha do dono da fazenda, que logo se opõe à relação.

Manuel Payno, um romancista nascido na Cidade do México em 1810, era de origem humilde, porém, em sua trajetória profissional, ocupou cargos políticos como o de ministro da fazenda e o de senado. Foi também jornalista, escrevendo sobre temas relacionados a questões políticas, fazendárias, filosóficas e históricas. (GONZALEZ PEÑA, 1949, p. 333-334)

Los de Abajo

Em sua obra *Los de Abajo*, publicada em 1916, Mariano Azuela demonstra uma característica principal que se repete em suas demais obras: a desilusão com o resultado da Revolução Mexicana. Por mais que o autor acreditasse nas reformas sociais em benefício do povo, estas jamais seriam impostas pelos novos governos. (LEAL, 1968, p. 64-65). O romance se desenrola no contexto da Revolução, e o título apresenta uma antítese de caráter social: os pobres contra os ricos, os ignorantes

contra os cultos, os oprimidos contra os opressores e o instinto contra a razão. Narrado em terceira pessoa, o texto conta a história de Demétrio, um camponês envolvido na Revolução, não pelos seus ideais, mas sim pelo conflito com um cacique que o denunciou como rebelde.

Mariano Azuela nasceu em Lagos de Moreno, Jalisco, México em 1873 e ficou famoso por suas obras inspiradas em cenas da Revolução, destacando-se pelo seu vigor, pela diligência da observação e por ser um dos romancistas modernistas mexicanos mais traduzidos. (GONZALEZ PEÑA, 1949, p. 406).

La Muerte de Artemio Cruz

O romance *La Muerte de Artemio Cruz*, de Carlos Fuentes, publicado em 1962, foi escrito em primeira pessoa a fim de dar vazão ao seu fluxo de consciência (LEAL, 1968, p. 131). A história se inicia quando Artemio regressa de uma viagem de negócios da cidade de Hermosillo e sofre de um ataque gástrico. Tamanha a gravidade o faz ficar inválido, o que o obriga a aguardar a morte em sua mansão na Cidade do México. No decorrer da narrativa ele reflete sobre sua vida corrupta. A novidade desta obra foi a técnica utilizada, que se limita a deslocar o tempo para ajustá-lo ao pensamento de Artemio Cruz antes de morrer. Também se destaca o fato de quase todas as regiões do México serem incluídas na narrativa e conter quase toda a história moderna do México, que vai desde Santa Anna até os últimos presidentes. (LEAL, 1968, p. 132).

Carlos Fuentes foi um escritor, intelectual e diplomata, nascido em 1928 na Cidade do Panamá. Filho de diplomata mexicano cresceu em constante mudança para várias capitais de diversos países. Formou-se em direito pela Universidade Nacional Autônoma do México e em Economia pelo Instituto de Estudos Internacionais em Genebra. Foi também professor de renomadas universidades nos Estados Unidos, além de exercer funções diplomáticas na França.

El Testigo

O romance *El Testigo*, de Juan Villoro, publicado em 2004, conta a história do professor universitário Julio Valdivieso residente na Europa, que retorna ao México e tem dois de seus antigos amigos assassinados, gerando uma investigação sobre o caso. Trata de temas como a *guerra cristera*⁴³ na história recente mexicana, os meios de comunicação e a importância do narcotráfico no contexto sociopolítico do país.

El testigo apresenta uma problematização da figura da testemunha, que percorre toda a obra, uma vez que indiretamente se indaga se é preciso ter vivido o horror para ser testemunha. O México não passou por uma ditadura como outros países latino-americanos, mas isso não significa que não tenha atravessado um duro período de repressão e violência. Deste modo, o testemunho é também, nesse romance, uma forma de reunir fragmentos do passado (que não passa), uma maneira de dar nexos a um determinado contexto. (CARMO, 2013, p. 121)

Juan Villoro Ruiz nasceu em 1956 na cidade do México, estudou sociologia na Universidade Autónoma Metropolitana e, além de escritor, trabalha como jornalista.

4.4 Oralidade e mudança nas TDs *notícia e romance*

A partir do panorama geral, apresentado nas seções anteriores, sobre as características de composição das obras que constituem o *corpus* do presente trabalho, observar-se-á, neste momento, o emprego dos demonstrativos nos GTs *notícia e romance*, com relação ao fator da presença de elementos orais nesses textos escritos.

⁴³ A *guerra cristera* foi um conflito entre a Igreja e o Estado, que ocorreu de 1926 a 1929 no México.

A sobreposição entre as modalidades escrita e oral, isto é, a presença de exemplares linguísticos típicos da língua falada em textos escritos, é bastante comum, uma vez que, segundo Kock, Gomez Molina & Verdonk (1992, p. 81),

as gramáticas das línguas escrita e falada são diferentes, mas não formam compartimentos estanques. Do mesmo modo que um pronome demonstrativo do paradigma escrito pode aparecer na língua falada, os da língua falada podem invadir a língua escrita, inconscientemente e ocasionalmente (...) ou intencionada e sistematicamente (...).⁴⁴

Por esse motivo, realizou-se a identificação e classificação das ocorrências dos demonstrativos que seriam representantes da modalidade oral. Essa tarefa pôde ser realizada computando-se, no *corpus*, todos os registros de demonstrativos dentro de trechos marcados graficamente como discursos diretos, como, por exemplo, quando há o uso de aspas, do sinal de travessão ou de letras em itálico, indicando a fala de alguém, no mundo real ou na ficção. A oralidade é bastante frequente em grande parte dos textos analisados e está presente, por exemplo, em relatos orais apresentados por uma *notícia* ou em diálogos entre personagens de um *romance*. Todos os demais casos foram considerados como pertencentes à modalidade escrita, mantendo-se, assim, um critério metodológico bem delimitado, apesar de se saber que pode haver expressões de oralidade presentes nos textos, que não são marcadas por esses recursos gráficos específicos.

As tabelas a seguir e os gráficos correspondentes mostram as frequências dos demonstrativos no *corpus* em ocorrências das modalidades *escrita* (ESC) e *oral* (ORA) no PB e no EM:

⁴⁴ No original: “Las gramáticas de las lenguas escrita y la lengua hablada son diferentes pero no forman compartimentos estancos. Del mismo modo que un pronombre demostrativo del paradigma escrito puede aparecer en la lengua hablada, los de la lengua hablada pueden irrumpir en la lengua escrita, inconscientemente y ocasionalmente (...) o intencionada y sistemáticamente (...).”

PB			
Séc.	ESC	ORA	Total
XIX	225	75	300
1ªm.	75%	25%	100%
XIX	272	28	300
2ªm.	90,7%	9,3%	100%
XX	235	65	300
1ªm.	78,3%	21,7%	100%
XX	269	31	300
2ªm.	89,7%	10,3%	100%
XXI	225	75	300
1ªm.	75%	25%	100%

TABELA 4 - Frequência de modalidades no PB

EM			
Séc.	ESC	ORA	Total
XIX	290	10	300
1ªm.	96,7%	3,3%	100%
XIX	257	43	300
2ªm.	85,7%	14,3%	100%
XX	186	114	300
1ªm.	62%	38%	100%
XX	270	30	300
2ªm.	90%	10%	100%
XXI	229	71	300
1ªm.	76,3%	23,7%	100%

TABELA 5 - Frequência de modalidades no EM

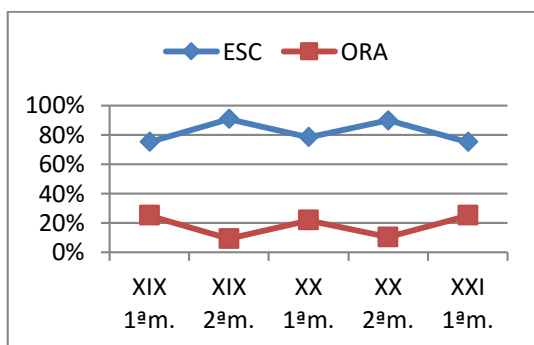


GRÁFICO 4 - Frequência de modalidades no PB

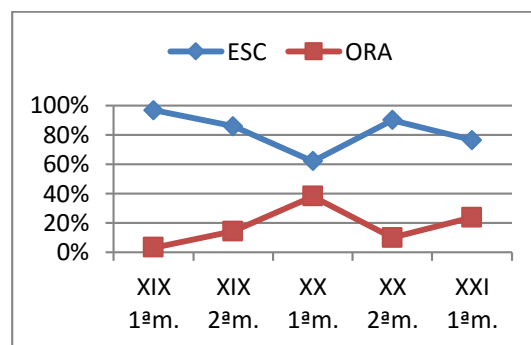


GRÁFICO 5 - Frequência de modalidades no EM

Como é de se esperar, ESC sempre é a modalidade mais frequente nos dados apresentados anteriormente e a diferença de frequência se mantém constante ao longo do tempo. Mesmo assim, uma vez que o *corpus* é composto por textos escritos, as porcentagens de ORA, que ficam próximas à faixa dos 20% na maioria dos casos nas duas línguas, são bastante significativas, corroborando o fato de que a oralidade consegue permear também GTs da tradição escrita

As especificidades do comportamento dos demonstrativos nos GTs *notícia* e *romance* no PB e no EM são apresentadas nas tabelas e gráficos correspondentes a seguir, com as frequências dos demonstrativos em ocorrências das modalidades *escrita* e *oral*. Como se vê, as frequências dos demonstrativos separando-se as ocorrências por gêneros textuais apresentam resultados bem diferentes da visão geral em conjunto, o que será discutido logo em seguida à apresentação dos dados.

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ESC	ORA	Total
XIX	DRJ 1821	150 100%	-	150 100%
	JDB 1891	150 100%	-	150 100%
XX	GLO 1925	121 80,7%	29 19,3%	150 100%
	CDM 1974	132 88%	18 12%	150 100%
XXI	DIA 2013	82 54,7%	68 45,3%	150 100%

TABELA 6 - Frequência de modalidades na notícia do PB

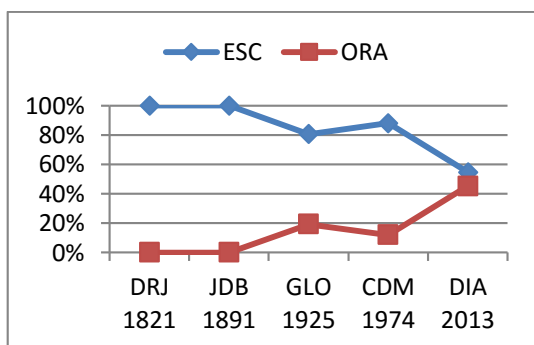


GRÁFICO 6 - Frequência de modalidades na notícia do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	ESC	ORA	Total
XIX	MOR 1844	75 50%	75 50%	150 100%
	BRA 1881	122 81,3%	28 18,7%	150 100%
XX	POL 1911	114 76%	36 24%	150 100%
	EST 1977	137 91,3%	13 8,7%	150 100%
XXI	LEI 2009	143 95,3%	7 4,7%	150 100%

TABELA 7 - Frequência de modalidades no romance do PB

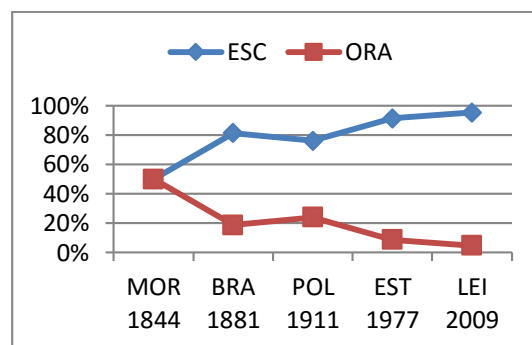


GRÁFICO 7 - Frequência de modalidades no romance do PB

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ESC	ORA	Total
XIX	GAC 1821	150 100%	-	150 100%
	IMP 1897	147 98%	3 2%	150 100%
XX	EXC 1917	148 98,7%	2 1,3%	150 100%
	UNI 1952	134 89,3%	16 10,7%	150 100%
XXI	REF 2014	95 63,3%	55 36,7%	150 100%

TABELA 8 - Frequência de modalidades na notícia do EM

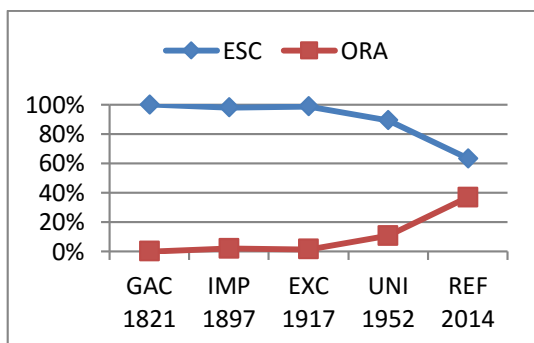


GRÁFICO 8 - Frequência de modalidades na notícia do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	ESC	ORA	Total
XIX	PER 1816	140 93,3%	10 6,7%	150 100%
	BAN 1889	110 73,3%	40 26,7%	150 100%
XX	ABA 1916	38 25,3%	112 74,7%	150 100%
	ART 1962	136 90,7%	14 9,3%	150 100%
XXI	TES 2004	134 89,3%	16 10,7%	150 100%

TABELA 9 - Frequência de modalidades no romance do EM

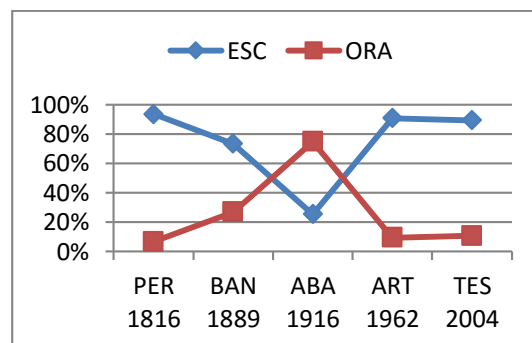


GRÁFICO 9 - Frequência de modalidades no romance do EM

Tradições discursivas e a notícia

A evolução do GT *notícia*, entendido aqui também como uma tradição discursiva que se molda a certos padrões inovadores de acordo com a influência das mudanças ocorridas na comunidade linguística em que está inserida, claramente segue a mesma tendência em ambas as línguas, nos dados apresentados nas tabelas e gráficos 6 e 8, com relação ao fator da oralidade, na medida em que há o crescimento progressivo da frequência de ORA. Essa inserção cada vez mais recorrente de trechos orais nesse gênero textual pode ser considerada como uma inovação, pois possibilita uma nova forma de noticiar, através dos relatos e opiniões literais dos envolvidos, fazendo também com que se demonstre uma maior imparcialidade do jornalista sobre um dado assunto.

Como foi visto anteriormente, as mudanças na *notícia* surgem a partir da sua necessidade de adequação à concorrência com vários outros meios de comunicação, que passaram a existir ao longo dos séculos. Tendo em vista os avanços tecnológicos de transmissão de informação como o telégrafo, o rádio, a televisão e até mesmo a internet, os periódicos tiveram que se adaptar e apresentarem as suas *notícias* segundo novos formatos para conseguirem suprir as necessidades mais atuais dentro das sociedades que os consumiam.

Esse GT, portanto, muda sua composição estrutural e também de conteúdo para se manter relevante, apresentando soluções inovadoras, como, por exemplo, a implementação do esquema de pirâmide invertida, a qual revoluciona o modo de se noticiar, tornando mais ágil a leitura, pois apresenta todas as informações mais salientes sobre o acontecimento noticiado já no primeiro parágrafo. Além disso, a *notícia* passa a incluir cada vez mais elementos gráficos como figuras, fotos, uma diagramação mais convidativa para facilitar a leitura, *boxes* com informações complementares, cores, infográficos, etc; que têm como objetivo chamar a atenção do leitor para aquele texto.

Assim, a *notícia*, inicialmente um GT considerado como distante da oralidade, tende a seguir uma linha cada vez mais inovadora, dando voz aos participantes ou conhecedores do tema em questão, certamente para se conseguir mais credibilidade às informações passadas. Além disso, houve grande avanço das tecnologias que propiciam uma facilidade de armazenamento de informações orais e sua posterior transcrição. Assim, as reproduções da língua falada na *notícia* tornam-se cada vez mais frequentes em sua composição ao longo do tempo, na forma de depoimentos de pessoas envolvidas nos eventos noticiados e também através de relatos de pessoas de interesse ou de especialistas nos assuntos tratados.

Tradições discursivas e o romance

Ao contrário do que foi visto para o GT *notícia*, as ocorrências de representação da língua oral no *romance* do PB sofrem, como se vê nas tabelas e gráficos 7 e 9, apresentados anteriormente, uma diminuição ao longo dos séculos, enquanto no EM há um crescimento do uso da oralidade seguido por uma brusca queda de frequência nas duas últimas faixas temporais. Na verdade, com relação ao EM, o romance *ABA* é que destoa dos outros, pois é o único em que o número de ocorrências de ORA supera as de ESC, com uma frequência de 75%. Tal assimetria pode ser explicada pela presença de numerosos diálogos entre os personagens nesse texto, os quais fazem diversas referências a elementos do contexto de produção discursiva (mostração dêitica para elementos fora do contexto linguístico), propiciando-se, assim, uma frequência de demonstrativos na modalidade ORA bem superior à dos outros romances do EM.

Ao contrário da *notícia*, não se pode dizer que haja uma tradição padrão a ser seguida na composição de um *romance*, ou seja, não haveria uma fórmula específica a ser seguida, abrindo um grande leque de possibilidades aos autores, que costumam se utilizar de vários artifícios diferentes na criação literária desse GT. Contudo, uma

característica inerente ao *romance*, conforme foi mostrado no início deste capítulo⁴⁵, seria a sua grande proximidade da língua oral, notavelmente superior do que a *notícia*. Entretanto, os dados das tabelas e gráficos anteriores transparecem o contrário, pois as frequências de ORA estão em constante queda no caso do PB ou são muito baixas em quase todas as faixas temporais, como se vê no EM.

A ligação do *romance* com a oralidade, portanto, não parece ter a ver com a presença dessas formas marcadamente de representação da língua oral na modalidade escrita, como são os diálogos dos *romances*, mas sim, está relacionada com o modo de composição intrínseco ao texto. Isto é, as estruturas linguísticas utilizadas pelos próprios narradores, principalmente quando existe um narrador-personagem, possuem uma ligação mais forte com a fala. Os exemplos (13) e (14), abaixo, são uma amostra de que a expressão linguística dos narradores pode ser realizada através do fluxo de consciência, o que realça ainda mais as características orais das narrativas em questão:

(13) “Estou pensando alto para que você me escute. E falo devagar, como quem escreve, para que você me transcreva sem precisar ser taquígrafa, você está aí? Acabou a novela, o jornal, o filme, não sei por que deixam a televisão ligada, fora do ar. Deve ser para que esse chuvisco me encubra a voz, e eu não moleste os outros pacientes com meu palavrório.” (LEI, 2009)

(14) “Las cobijas me llegan hasta el vientre. El estómago... ah... y las piernas permanecen abiertas, con ese artefacto frío entre los muslos. Y el pecho sigue dormido, con el mismo hormigueo sordo que siento... que... que sentía cuando pasaba mucho tiempo sentado en un cine. Mala circulación, eso es.” (ART, 1962)

Assim, apesar de não se ter encontrado uma grande frequência de ocorrências orais no *romance*, já que, por uma decisão metodológica do presente trabalho apenas os trechos devidamente marcados textualmente como orais com o auxílio de aspas, travessões ou itálico foram considerados como tais, o GT *romance*, em ambas as línguas, continua, em sua essência, mais ligado à oralidade do que a *notícia*, por sua tradição de produção possibilitar essa aproximação.

⁴⁵ cf. seção 4.1.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE MORFOLÓGICA, SINTÁTICA E SEMÂNTICA

Retomando a ideia de Company Company (2008), as diferenças de frequência de um fenômeno linguístico, e não sua presença ou ausência, em gêneros textuais, é útil à identificação dos próprios GTs e também de inovações linguísticas. Assim, a seguir, faz-se uma análise sobre a influência de fatores *morfológicos*, *sintáticos* e *semânticos* na configuração dos sistemas de demonstrativos do português brasileiro e do espanhol mexicano nos gêneros *notícia* e *romance*, sob uma perspectiva diacrônica, acrescentando-se às discussões realizadas a influência dos traços de oralidade presente nos textos. Além disso, a fim de se ampliar a visão sobre o assunto, serão comparados os resultados obtidos, sempre que possível, com os do GT *teatro*⁴⁶, de Cambraia (2012).

Deve-se ter em mente, porém, que os resultados aqui apresentados não podem ser tomados como representação absoluta de um modelo seguido por todos os textos publicados durante as épocas estudadas, uma vez que a predominância de certos fatores pode estar simplesmente atrelada ao próprio conteúdo dos textos e também dos gostos individuais dos seus autores. Contudo, pela grande importância que cada obra escolhida possui em seu tempo, é inegável a sua representatividade com relação à época em que elas foram publicadas.

5.1 FORMAS DOS DEMONSTRATIVOS

No quadro abaixo, encontram-se as formas dos demonstrativos efetivamente presentes no *corpus* deste trabalho. Como se vê, as formas apresentadas no quadro não diferem das admitidas pelas gramáticas modernas do português e do espanhol.

	F1	F2	F3
PB	<i>este, estes</i> <i>esta, estas</i> <i>isto</i>	<i>esse, esses</i> <i>essa, essas</i> <i>isso</i>	<i>aquêle, aqueles</i> <i>aquela, aquelas</i> <i>aquilo</i>
EM	<i>este, estos</i> <i>esta, estas</i> <i>esto</i>	<i>ese, esos</i> <i>esa, esas</i> <i>eso</i>	<i>aquel, aquellos</i> <i>aquella, aquellas</i> <i>aquello</i>

**QUADRO 6 – Formas dos demonstrativos
no PB e no EM**

Algumas variações lexicais dessas formas apresentadas podem ser identificadas em ambas as línguas. Em português, há uma grande presença de demonstrativos adjuntos às preposições *a*, *de* e *em* (p. ex. *àquilo* (*a+aquilo*), *desse* (*de+esse*), *nesta* (*em+esta*)). Em espanhol por sua vez, ocorre a utilização do acento

⁴⁶ Tal comparação é possível já que ambas as pesquisas seguiram uma metodologia semelhante de constituição do *corpus* e de análise dos demonstrativos, como o número de ocorrências utilizado, padrões de seleção de textos para o *corpus* e classificações dos demonstrativos.

agudo que diferencia os demonstrativos, somente dos gêneros masculino e feminino, que aparecem na posição de núcleo do sintagma nominal (p. ex. *éste, ésa, aquéllos*), ou seja, exercendo a função de pronomes, em contraposição aos demonstrativos em função de margem do SN, não acentuados (p. ex. *este hombre, esa casa, aquellos niños*), isto é, exercendo uma função de determinante. Segundo Matte Bon (1995, p. 224), o acento ocorre porque, no ritmo da frase, os demonstrativos que se apoiam nos substantivos seriam átonos, enquanto os pronominais seriam tônicos.

5.1.1 FORMAS DOS DEMONSTRATIVOS NO *CORPUS*

Forma no PB

A tabela e o gráfico abaixo apresentam as frequências das formas dos demonstrativos no *corpus* do PB:

PB				
Séc.	F1	F2	F3	Total
XIX 1ªm.	196 65,3%	61 20,3%	43 14,3%	300 100%
XIX 2ªm.	164 54,7%	93 31,0%	43 14,3%	300 100%
XX 1ªm.	89 29,7%	149 49,7%	62 20,7%	300 100%
XX 2ªm.	119 39,7%	156 52,0%	25 8,3%	300 100%
XXI 1ªm.	56 18,7%	179 59,7%	65 21,7%	300 100%

TABELA 10 – Frequência por forma no PB

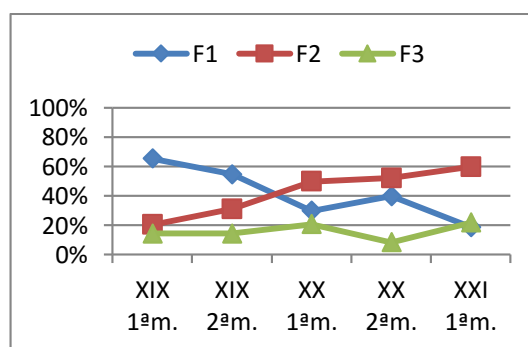


GRÁFICO 10 – Frequência por forma no PB

Vê-se que a tendência geral das formas dos demonstrativos no *corpus* é a de ascensão da forma F2 através dos tempos, em contraste com a queda de F1 e a tomada por F2 do lugar de mais frequente a partir da 1ª metade do século XX. Enquanto isso, a forma F3 se mantém constante e com uma baixa frequência, em torno de 15%.

Forma na notícia e no romance do PB

As tabelas abaixo e os seus respectivos gráficos apresentam as frequências por forma dos demonstrativos, separando-se os textos do GT *notícia* e dos de *romance* do PB:

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	128 85,3%	6 4%	16 10,7%	150 100%
	JDB 1891	101 67,3%	25 16,7%	24 16%	150 100%
	GLO 1925	48 32%	82 54,7%	20 13,3%	150 100%
XX	CDM 1974	72 48%	58 38,7%	20 13,3%	150 100%
	DIA 2013	38 25,3%	96 64%	16 10,7%	150 100%

TABELA 11 – Frequência por forma na notícia do PB

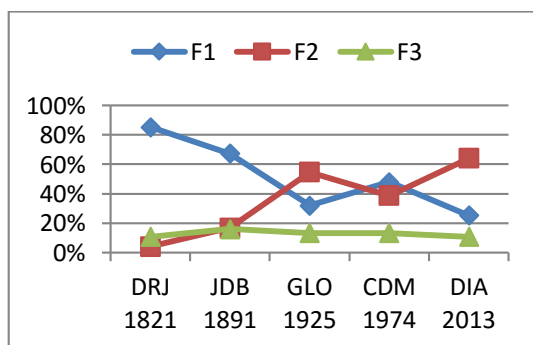


GRÁFICO 11 – Frequência por forma na notícia do PB

PB – ROMANCE					
Séc.	Texto	F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	68 45,3%	55 36,7%	27 18%	150 100%
	BRA 1881	63 42,0%	68 45,3%	19 12,7%	150 100%
	POL 1911	41 27,3%	67 44,7%	42 28%	150 100%
XX	EST 1977	47 31,3%	98 65,3%	5 3,3%	150 100%
	LEI 2009	18 12%	83 55,3%	49 32,7%	150 100%

TABELA 12 – Frequência por forma no romance do PB

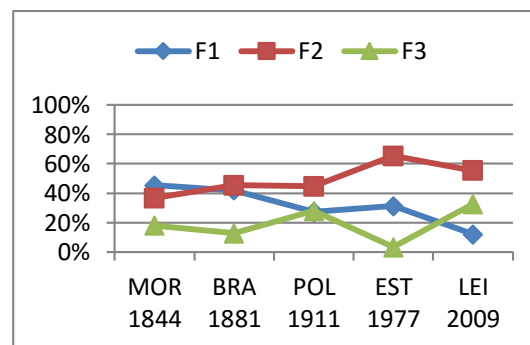


GRÁFICO 12 – Frequência por forma no romance do PB

Separando-se as frequências dos dois gêneros textuais, vê-se que há uma semelhança com o padrão geral conjunto apresentado anteriormente em ambos os GTs. Na *notícia* também se nota a ascensão de F2 através dos tempos, a qual se torna a forma mais frequente a partir da 1ª metade do século XX. Ao mesmo tempo, ocorre a queda sucessiva das frequências dos demonstrativos da forma F1, a qual ocupava o posto de mais frequente nas duas primeiras faixas temporais apresentadas. No entanto, na 2ª metade do século XX, em *CDM*, há uma quebra do padrão, já que F1 retoma, mesmo que por uma pequena diferença, o posto de mais frequente.

O motivo que contribui para o aparecimento dessa assimetria em *CDM* parece estar ligado diretamente à tradição desse periódico, que emprega, com menor frequência, zonas textuais que apresentam traços de oralidade, como a reprodução de discursos diretos em entrevistas e em depoimentos, em comparação com os outros periódicos em que F2 é predominante (*GLO* e *DIA*). Essa afirmação pode ser corroborada ao se observar o padrão apresentado pelo gráfico 6, do capítulo anterior⁴⁷, sobre a oralidade na *notícia* do PB, o qual mostra uma queda na utilização de representações de língua orais em *CDM* muito semelhante à queda do uso de F2 vista acima, o que transparece, portanto, a existência de uma estreita relação entre os dois fenômenos. Mesmo assim, ainda é de se reconhecer que esse caso específico não consegue alterar a percepção de uma tendência geral das formas dos demonstrativos ao longo dos séculos nesse GT, que é o aumento gradativo do uso de demonstrativos F2, concomitante à queda do uso de F1. A forma F3, por sua vez, mantém uma notável constância em todos os séculos estudados na *notícia*, porém, sempre com uma frequência baixa, entre 10% e 16% das ocorrências.

Os dados coletados do gênero *romance* do PB apresentam a prevalência de F2 em quase todas as épocas, exceto em seu ponto de partida, em *MOR*, na 1ª metade do século XIX. Os valores de F2 tendem apenas a crescer ao passar do tempo, o que

⁴⁷ cf. seção 4.4

configura uma grande similaridade ao padrão visto nas ocorrências da *notícia*, já que os dados também mostram uma notável ascensão de F2, proporcional à consequente queda do uso da forma F1. Com relação ao uso de F3, vê-se que essa forma apresenta frequências bem maiores que na *notícia*, podendo chegar a mais de 30% das ocorrências dos demonstrativos e até mesmo a superar F1 em dois momentos, em *POL* e em *LEI*. Essa assimetria pode ser explicada pela tradição textual do conteúdo de cada um, uma vez que é mais característico do GT *romance* realizar a remissão a múltiplos acontecimentos distantes temporal e espacialmente do que a *notícia*, portanto, utiliza-se bem mais repetidamente a forma F3.

Forma no teatro do PB

Os resultados obtidos anteriormente pelos dados dos GTs *notícia* e *romance* do PB podem ser comparados aos apresentados por CAMBRAIA (2012) para o gênero *teatro*, os quais podem ser vistos no gráfico reproduzido a seguir:

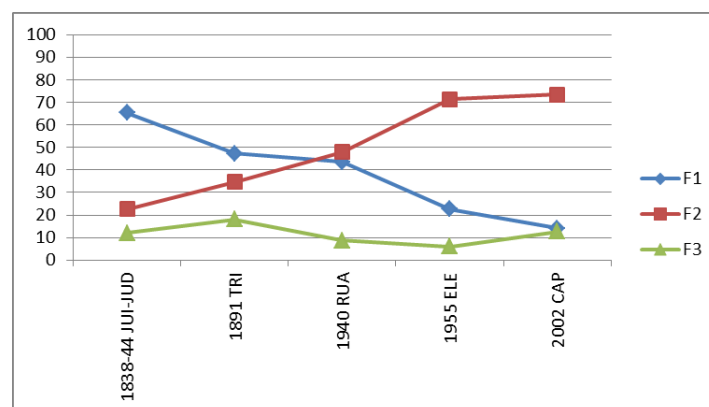


GRÁFICO 13 – Frequência por forma no *teatro* do PB
CAMBRAIA (2012, p. 35, adaptado)⁴⁸

⁴⁸ Cambraia (2012) realiza a análise dos demonstrativos em textos dos séculos XVI ao XXI, portanto, todos os gráficos e tabelas reproduzidos aqui sobre o GT *teatro* tiveram que ser adaptados para englobar apenas as frequências dos demonstrativos nos séculos XIX, XX e XXI, para se equiparar à faixa temporal utilizada no presente trabalho. As siglas que aparecem no gráfico representam as seguintes obras teatrais do PB: *O Juiz de Paz da Roça* (JUD) e *O Judas no Sábado de Aleluia* (JUI), de Luís Carlos Martins Pena; *O Tribofo* (TRI), de Artur Azevedo; *Rua Alegre, 12* (RUA), de Marques Rebelo; *Um Elefante no Caos* (ELE), de Millôr Fernandes; e *Capitanias Hereditárias* (CAP), de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella.

Nos séculos XIX ao XXI, assim como na *notícia* e no *romance*, houve, no GT *teatro* a ascensão gradativa do uso da forma F2 no PB, a qual assume a posição de mais frequente a partir da 1ª metade do século XX, enquanto também se nota o decréscimo do uso de F1 ao longo do tempo. Além disso, esse GT também possui baixa frequência de F3, com valores aproximados aos da *notícia*, sempre com frequências inferiores a 20% dos casos, uma vez que o gênero teatral também possui a tradição, de um modo geral, de apresentar em seus textos somente uma sucessão de eventos próximos, o que minimiza o uso da forma distal dos demonstrativos.

Forma e modalidade no PB

As tabelas e os gráficos, abaixo, apresentam as frequências das ocorrências das modalidades oral e escrita na *notícia* e no *romance* do PB.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ORAL			Total
		F1	F2	F3	
XIX	DRJ 1821	-	-	-	-
	JDB 1891	-	-	-	-
XX	GLO 1925	6 20,7%	20 69%	3 10,3%	29 100%
	CDM 1974	6 33,3%	11 61,1%	1 5,6%	18 100%
XXI	DIA 2013	5 7,4%	55 80,9%	8 11,8%	68 100%

TABELA 14 – Frequência por forma na modalidade oral na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ESCRITA			Total
		F1	F2	F3	
XIX	DRJ 1821	128 85,3%	6 4%	16 10,7%	150 100%
	JDB 1891	101 67,3%	25 16,7%	24 16%	150 100%
XX	GLO 1925	42 34,7%	62 51,2%	17 14%	121 100%
	CDM 1974	66 50%	47 35,6%	19 14,4%	132 100%
XXI	DIA 2013	33 40,2%	41 50%	8 9,8%	82 100%

TABELA 15 – Frequência por forma na modalidade escrita na *notícia* do PB

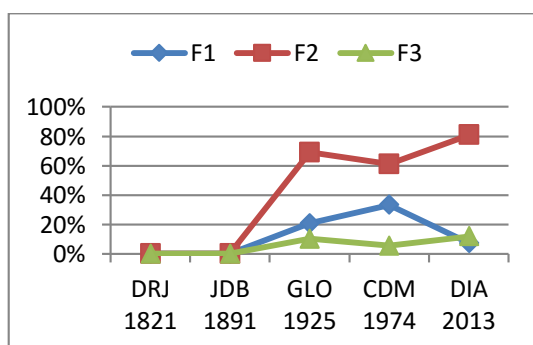


GRÁFICO 14 - Frequência por forma na modalidade oral na *notícia* do PB

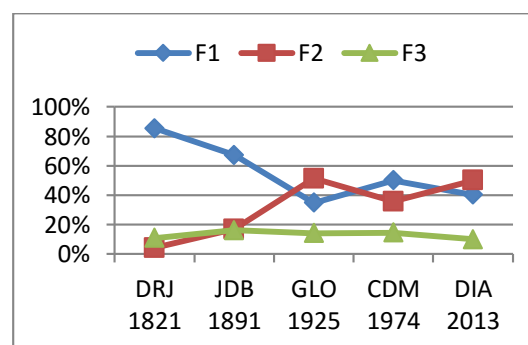


GRÁFICO 15 - Frequência por forma na modalidade escrita na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ORAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	35 46,7%	26 34,7%	14 18,7%	75 100%
	BRA 1881	11 39,3%	13 46,4%	4 14,3%	28 100%
XX	POL 1911	10 27,8%	21 58,3%	5 13,9%	36 100%
	EST 1977	1 7,7%	12 92,3%	-	13 100%
XXI	LEI 2009	1 14,3%	5 71,4%	1 14,3%	7 100%

TABELA 16 – Frequência por forma na modalidade oral no *romance* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ESCRITA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	33 44,0%	29 38,7%	13 17,3%	75 100%
	BRA 1881	52 42,6%	55 45,1%	15 12,3%	122 100%
XX	POL 1911	31 27,2%	46 40,4%	37 32,5%	114 100%
	EST 1977	46 33,6%	86 62,8%	5 3,6%	137 100%
XXI	LEI 2009	17 11,9%	78 54,5%	48 33,6%	143 100%

TABELA 17 – Frequência por forma na modalidade escrita no *romance* do PB

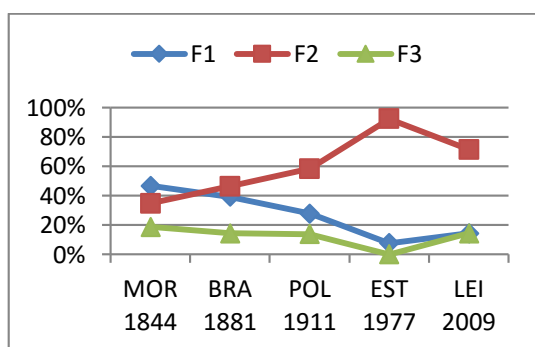


GRÁFICO 16 - Frequência por forma na modalidade oral no *romance* do PB

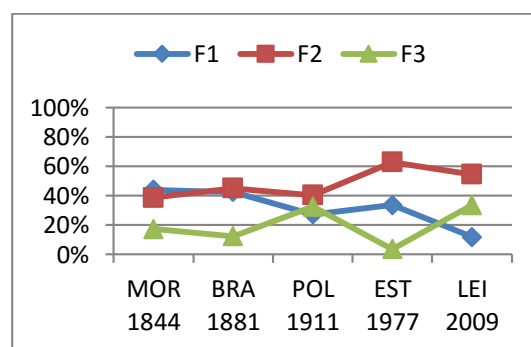


GRÁFICO 17 - Frequência por forma na modalidade escrita no *romance* do PB

Primeiramente, deve-se esclarecer que o fato de não haver ocorrências de ORA nas duas primeiras faixas temporais da *notícia* do PB não implica necessariamente a inexistência de oralidade nesses textos, mas sim, apenas na sua baixa frequência e, por conseguinte, a ausência de demonstrativos orais entre os primeiros 150 dados coletados.

Nota-se que, exceto em ESC da *notícia*, em que F1 ainda se mantém bastante produtiva, F2 é forma mais amplamente difundida no PB, com uma tendência de contínua ascensão, e este padrão é mais acentuado nos dados de ORA do que nos de ESC. É interessante observar também que CDM apresenta uma leve queda no uso de F2, algo anteriormente discutido, tendo como causa não só apresentar menos ORA mas também porque esse periódico é, dentre todos os outros, o que mais continua a empregar a forma F1 de maneira geral.

Forma e binarismo no PB

Em suma, o *corpus* mostra que, em todos os três GTs, incluindo-se aqui o *teatro*, F2 segue em constante ascensão e toma a posição de mais frequente de F1 em momentos bastante próximos (na 2ª metade do século XIX, no *romance*, e na 1ª metade do século XX, na *notícia* e no *teatro*), enquanto a forma F1 sofre uma vertiginosa queda de frequência ao longo do tempo em todos os casos, o que sugere uma tendência a seu desaparecimento. Enquanto isso, a forma F3 se mantém sempre com valores mais baixos, porém geralmente constantes nos três GTs, exceto no *romance*, já que a sua frequência pode chegar a ser mais alta que a de F1 em alguns casos.

Em termos gerais, os resultados obtidos podem ser relacionados ao fenômeno do *binarismo*, pois eles mostram que, no uso das formas nos GTs escritos analisados, parece estar em processo de implementação a mesma tendência já fortemente estabelecida na língua oral, em que o sistema de demonstrativos originalmente ternário é gradativamente substituído por um sistema com apenas duas formas, excluindo-se, assim, a distinção de um valor intermediário na referência e, conseqüentemente, acarretando o desuso de uma das três formas dos demonstrativos, no caso, da forma F1. O PB, portanto, estaria suplantando o uso de F1 pelo uso da forma F2, fazendo com que o inventário de formas se consistisse apenas de esse (de valor proximal) e de *aquela* (de valor distal), como afirmam Cid, Costa e Oliveira (1986), Pavani (1987), Roncarati (2003), Marine (2004), Pereira (2005), Cambraia (2009, 2012), Castilho (2010) e Stradioto (2012).

Forma no EM

Abaixo se encontram a tabela e o gráfico correspondente, com as frequências das formas dos demonstrativos no *corpus* do EM:

EM				
Séc.	F1	F2	F3	Total
XIX 1ªm.	246 82%	22 7,3%	32 10,7%	300 100%
XIX 2ªm.	193 64,3%	84 28%	23 7,7%	300 100%
XX 1ªm.	176 58,7%	86 28,7%	38 12,7%	300 100%
XX 2ªm.	146 48,7%	143 47,7%	11 3,7%	300 100%
XXI 1ªm.	113 37,7%	166 55,3%	21 7%	300 100%

TABELA 18 – Frequência por forma no EM

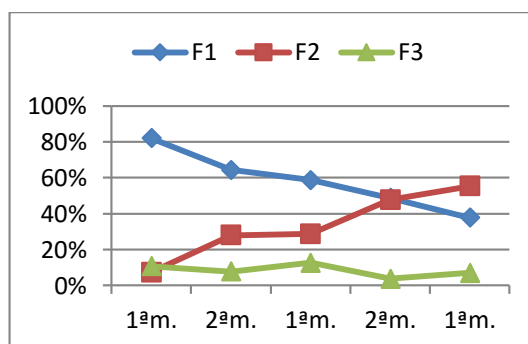


GRÁFICO 18 – Frequência por forma no EM

Como se pode ver por esses dados, a tendência de ascensão de F2 para o posto de mais frequente é bem semelhante ao que se viu no PB, contudo, F2 alcança um valor maior que o de F1 no EM apenas na última faixa temporal, pois o processo parece mais lento, com uma curva bem menos acentuada no gráfico. O uso de F3 também se mostra inferior ao observado no PB.

Forma na notícia e no romance do EM

A seguir, encontram-se as tabelas e os seus respectivos gráficos, que apresentam as frequências por forma dos demonstrativos, separados pelos GTs *notícia* e no *romance* do EM:

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	F1	F2	F3	Total
XIX	GAC	118	12	20	150
	1821	78,7%	8%	13,3%	100%
	IMP	101	27	22	150
XX	1897	67,3%	18%	14,7%	100%
	EXC	120	22	8	150
	1917	80%	14,7%	5,3%	100%
XXI	UNI	106	34	10	150
	1952	70,7%	22,7%	6,7%	100%
	REF	90	52	8	150
2014	60%	34,7%	5,3%	100%	

TABELA 19 – Frequência por forma na notícia do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	F1	F2	F3	Total
XIX	PER	128	10	12	150
	1816	85,3%	6,7%	8%	100%
	BAN	92	57	1	150
XX	1889	61,3%	38%	0,7%	100%
	ABA	56	64	30	150
	1916	37,3%	42,7%	20%	100%
XXI	ART	40	109	1	150
	1962	26,7%	72,7%	0,7%	100%
	TES	23	114	13	150
2004	15,3%	76%	8,7%	100%	

TABELA 20 – Frequência por forma no romance do EM

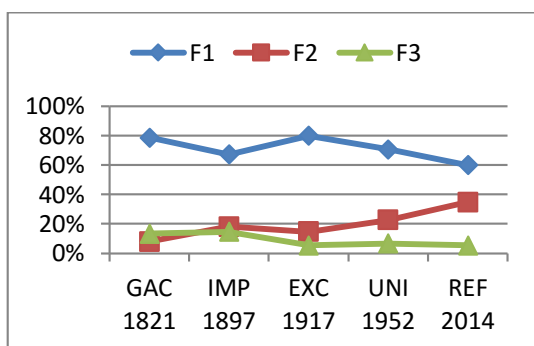


GRÁFICO 19 – Frequência por forma na notícia do EM

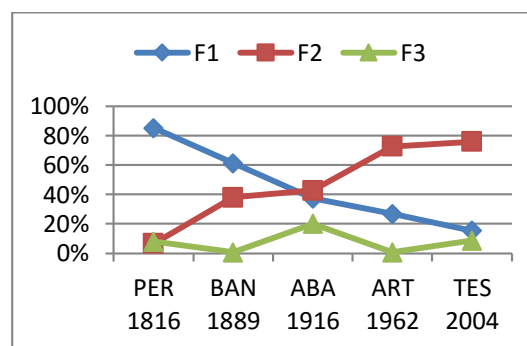


GRÁFICO 20 – Frequência por forma no romance do EM

Em contraste com o que foi visto no PB, a forma F1 no gênero *notícia* do EM mantém-se como a mais frequente em todas as faixas temporais analisadas. Porém, observa-se uma gradativa queda dessa forma e crescimento de F2 ao longo do tempo, o que resulta em uma aproximação do número de ocorrências de ambas. Quanto a F3, apesar de na 1ª metade do século XIX, em GAC, possuir frequência até mesmo maior que F2, essa forma apresenta uma notável queda em seu número de ocorrências ao longo dos séculos, ficando com uma frequência que não chega a 7% nos três últimos períodos analisados.

Já no *romance*, os dados do EM se espelham à tendência vista no PB, uma vez que, nesse caso, também ocorre a ascensão de F2, a qual toma a posição de forma mais frequente de F1 a partir da 1ª metade do século XX, enquanto o número de ocorrências desta última apenas decai vertiginosamente ao longo dos séculos. Com relação a F3, excetuando-se *ABA*, obra na qual a frequência dessa forma chega a 20% de suas ocorrências, os valores apresentados no *romance* são sempre extremamente baixos, como em *BAN* e *ART*, por exemplo, que possuem somente uma única ocorrência de F3 e nas obras restantes fica entre 8% e 9% dos dados.

Forma no teatro do EM

O gráfico a seguir apresenta as frequências das formas dos demonstrativos no GT *teatro* do EM:

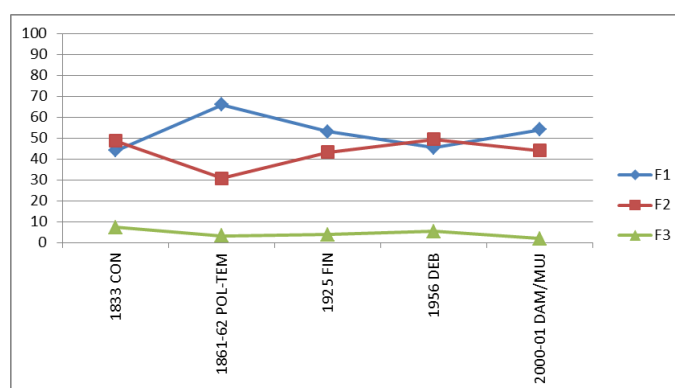


GRÁFICO 21 - Frequência por forma no *teatro* do EM (CAMBRAIA, 2012, p. 35, adaptado)⁴⁹

⁴⁹ As siglas que aparecem no gráfico representam as seguintes obras teatrais do EM: *Contigo Pan y Cebolla* (CON), de Manuel Eduardo de Gorostiza; *La Politicománia* (POL) e *Temporal y Eterno* (TEM), de Vicente Riva Palacio e Juan Antonio Mateos; *Al Fin Mujer* (FIN), de Lázaro Lozano García e Carlos Lozano García; *Debiera Haber Obispas* (DEB), de Rafael Solanas; *La Dama Fantasma* (DAM) e *La Mujer que Trajo la Lluvia* (MUJ), de Alejandro Licona Padilla.

Nos dados do *teatro* do EM, as formas F1 e F2 se revezam na posição de mais frequente e possuem sempre porcentagens bem parecidas, o que não parece demonstrar uma tendência de ascensão ou queda de uma das formas, mas sim, uma equiparação entre elas na faixa de frequência entre 40% e 60% das ocorrências. No que diz respeito à forma F3, assim como nos outros gêneros textuais do EM, essa forma possui uma frequência muito baixa, sempre inferior a 8% dos dados coletados, e tende a diminuir ainda mais ao passar do tempo.

Forma e modalidade no EM

As tabelas e gráficos, abaixo, apresentam as frequências das ocorrências de demonstrativos nas modalidades oral e escrita na *notícia* e no *romance* do EM.

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ORAL			Total
		F1	F2	F3	
XIX	GAC 1821	-	-	-	-
	IMP 1897	2 66,7%	1 33,3%	-	3 100%
XX	EXC 1917	2 100%	-	-	2 100%
	UNI 1952	11 68,8%	5 31,3%	-	16 100%
XXI	REF 2014	28 50,9%	26 47,3%	1 1,8%	55 100%

TABELA 22 – Frequência por forma na modalidade oral na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ESCRITA			Total
		F1	F2	F3	
XIX	GAC 1821	118 78,7%	12 8,0%	20 13,3%	150 100%
	IMP 1897	99 67,3%	26 17,7%	22 15,0%	147 100%
XX	EXC 1917	118 79,7%	22 14,9%	8 5,4%	148 100%
	UNI 1952	95 70,9%	29 21,6%	10 7,5%	134 100%
XXI	REF 2014	62 65,3%	26 27,4%	7 7,4%	95 100%

TABELA 23 – Frequência por forma na modalidade escrita na *notícia* do EM

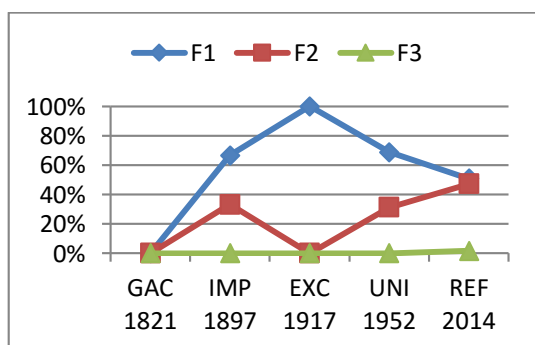


GRÁFICO 22 - Frequência por forma na modalidade oral na *notícia* do EM

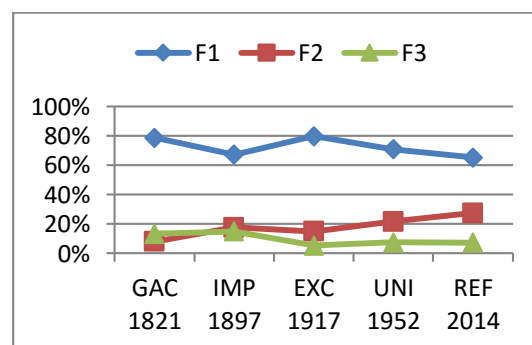


GRÁFICO 23 – Frequência por forma na modalidade escrita na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ORAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	8 80%	2 20%	-	10 100%
	BAN 1889	17 42,5%	23 57,5%	-	40 100%
XX	ABA 1916	48 42,9%	55 49,1%	9 8,0%	112 100%
	ART 1962	1 7,1%	13 92,9%	-	14 100%
XXI	TES 2004	8 50%	8 50%	-	16 100%

TABELA 24 – Frequência por forma na modalidade oral no *romance* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ESCRITA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	120 85,7%	8 5,7%	12 8,6%	140 100%
	BAN 1889	75 68,2%	34 30,9%	1 0,9%	110 100%
XX	ABA 1916	8 21,1%	9 23,7%	21 55,3%	38 100%
	ART 1962	39 28,7%	96 70,6%	1 0,7%	136 100%
XXI	TES 2004	15 11,2%	106 79,1%	13 9,7%	134 100%

TABELA 25 – Frequência por forma na modalidade escrita no *romance* do EM

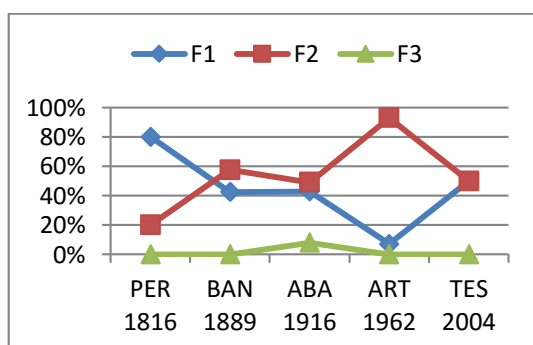


GRÁFICO 24 - Frequência por forma na modalidade oral no *romance* do EM

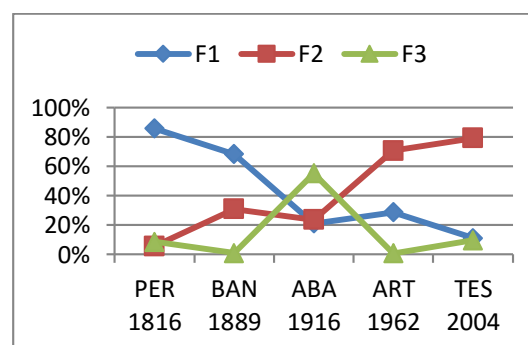


GRÁFICO 25 – Frequência por forma na modalidade escrita no *romance* do EM

As ocorrências de reprodução da língua falada e também escrita mantêm a tendência de superioridade de uso da forma F1 na *notícia* e da ascensão de F2 no *romance* do EM, ou seja, diferem do PB, em que a forma F2 se sobressai em ambos os GTs, na modalidade oral. Esse fato mostra que ambas as formas ainda são produtivas na oralidade, diferentemente da forma F3, que só possui ocorrências orais em *REF* e em *ABA*, mesmo assim, com frequência bastante baixa.

Forma e binarismo no EM

Assim como os do PB, os dados do EM também podem ser relacionados com o fenômeno do binarismo. Seguindo o mesmo processo de simplificação do sistema visto no PB, mas de modo diverso, o EM estaria deixando de utilizar, na oralidade, o demonstrativo *aquel*, mantendo apenas a forma F1 para realizar referências proximais e F2 para referências distais, segundo Kany (1994), González Álvarez (2006), Cambraia (2009) e Stradioto (2012). A baixíssima frequência de demonstrativos F3 nos três GTs apresentados, com a ausência dessa forma em alguns dos textos, principalmente nas ocorrências de âmbito oral, e a sua notável tendência de estar em constante queda de frequência nos textos, ajudam a confirmar que essa mudança linguística encontra-se em processo já avançado, inclusive na língua escrita. Enquanto isso, as duas outras formas dos demonstrativos parecem ser igualmente produtivas na língua, sendo que apenas no *romance* há um cenário de ascensão e queda de uso, respectivamente, das formas F2 e F1.

Enfim, a análise das formas dos demonstrativos no *corpus* mostrou-se bastante útil para sustentação não só de que o uso dos demonstrativos tem relação direta com a natureza das tradições textuais de composição do gênero textual em que eles se encontram, o que explica, por exemplo, o maior emprego de F3 em romances do que na *notícia* e nas peças de *teatro* do PB, mas também da presença cada vez mais sólida do binarismo no sistema de demonstrativos também na modalidade escrita, principalmente através do fortalecimento da tradição de inserção de representações de oralidade nos textos, o que acarreta, na maioria das vezes, uma frequência bem mais ampla da forma F2 que a de F1 no PB e o quase desaparecimento de ocorrências da forma F3 em EM.

5.1.2 FORMA E REPRESENTATIVIDADE DO *CORPUS*

A quantificação das formas realizada anteriormente também é pertinente para se realizar uma apreciação da metodologia empregada neste trabalho para a constituição do *corpus*, como uma análise sobre a representatividade das 150 ocorrências coletadas dos trechos iniciais dos romances com relação ao texto completo. Buscou-se responder a seguinte questão: Ao se tomar um trecho de um dado texto, essa parte específica apresentaria características semelhantes às observáveis na composição global do mesmo?

Para se tentar resolver tal impasse, foram contabilizadas as frequências das três formas dos demonstrativos nos textos completos dos romances em ambas as línguas, como mostram as tabelas abaixo:

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	261 46,9%	209 37,5%	87 15,6%	557 100%
	BRA 1881	305 44,1%	284 41,1%	102 14,8%	691 100%
XX	POL 1911	216 18,7%	472 40,8%	469 40,5%	1157 100%
	EST 1977	71 33,2%	130 60,7%	13 6,1%	214 100%
XXI	LEI 2009	32 11,1%	155 53,6%	102 35,3%	289 100%

TABELA 26 – Frequência por forma no romance (completo) do PB

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	2844 69,3%	604 14,7%	654 15,9%	4102 100%
	BAN 1889	2362 56,9%	1657 39,9%	132 3,2%	4151 100%
XX	ABA 1916	99 35,6%	132 47,5%	47 16,9%	278 100%
	ART 1962	385 28,9%	881 66,1%	67 5%	1333 100%
XXI	TES 2004	253 19,6%	972 75,5%	63 4,9%	1288 100%

TABELA 27 – Frequência por forma no romance (completo) do EM

Através destes dados, foi possível se estabelecer uma comparação entre as frequências de uso das formas nos trechos iniciais dos romances, vistas na seção anterior⁵⁰, e as dos textos completos, conforme se observa pelos gráficos a seguir:

⁵⁰ cf. tabelas e gráficos 12 e 20, respectivamente para o PB e para o EM, na seção 5.1.1

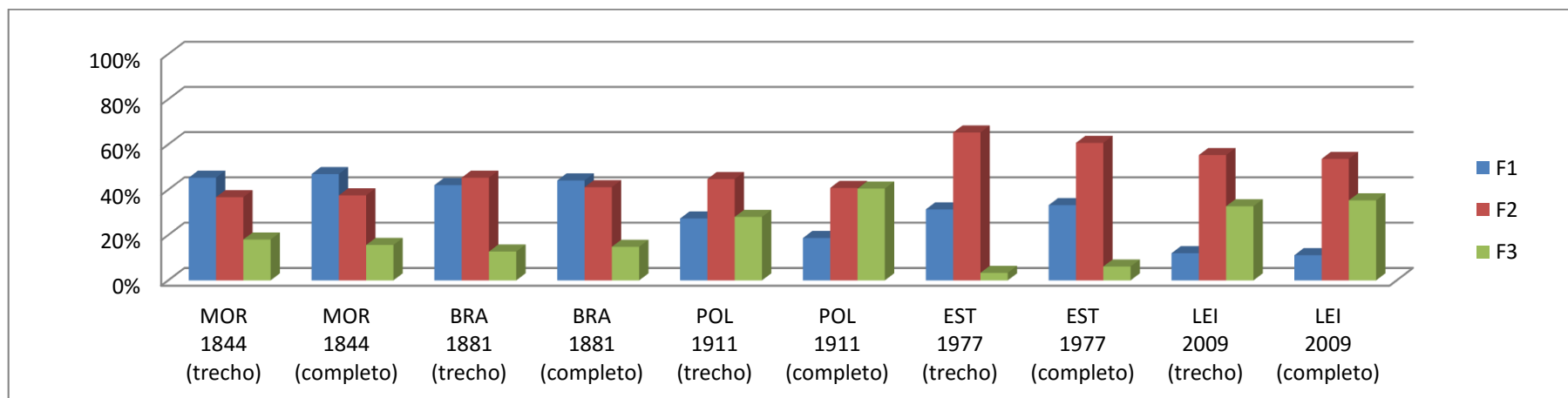


GRÁFICO 26 – Frequência por forma no *romance* (trecho inicial x texto completo) do PB

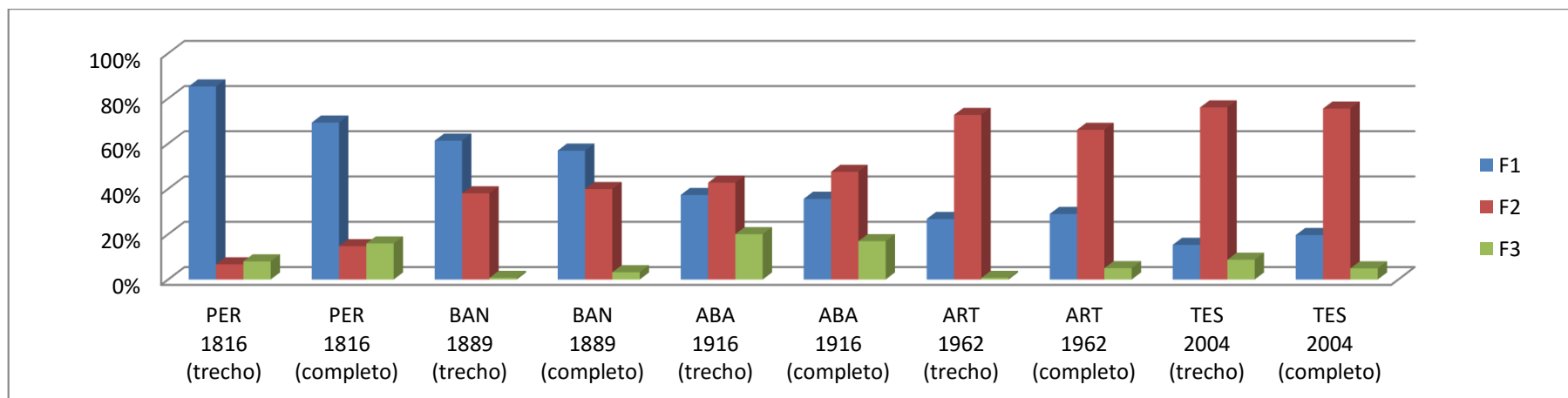


GRÁFICO 27 – Frequência por forma no *romance* (trecho inicial x texto completo) do EM

Nos gráficos apresentados, com exceção de algumas poucas diferenças entre as frequências (p. ex., em que F2 se torna mais frequente que F1 em *BRA*, em que há a diminuição do uso de F3 em *POL* e em que existe uma frequência notadamente maior de F1 em *PER*), permanece-se, no geral, uma grande semelhança entre a proporção das três formas presentes dos demonstrativos nos trechos iniciais de 150 ocorrências em comparação à composição global das obras do gênero *romance*, o que é bastante positivo para a metodologia empregada nesta pesquisa.

Além disso, foram produzidas as *tramas de concordância*⁵¹ de cada texto em ambas as línguas, apresentadas a seguir, com relação a cada forma dos demonstrativos, com o objetivo de se observar se elas estavam distribuídas uniformemente ao longo dos textos ou se havia partes dos romances (início, meio ou fim) que favoreceriam o aparecimento de uma ou outra forma. Como se pode ver, as barras brancas representam o texto completo e os preenchimentos de cor negra são os pontos dos textos em que as formas dos demonstrativos em questão aparecem. Tanto nas figuras relativas aos textos do PB quanto nas referentes ao EM, as formas dos demonstrativos parecem se distribuir de maneira uniforme em todos os textos analisados, havendo lacunas (partes em branco, em que não aparecem demonstrativos) um pouco maiores apenas em romances que possuem uma frequência muito baixa de uma dada forma, como é o caso de F3 em *EST*. Por isso, não se pode dizer que haja, em nenhum desses textos, uma parte específica em que os demonstrativos são mais recorrentes que em outras.

Sendo assim, os resultados apresentados por essas duas análises parecem um indício de que se pode confiar na representatividade do *corpus* criado para esta pesquisa, validando, portanto, o método utilizado para a coleta dos dados.

⁵¹ 'Concordance plot', uma das funções do programa AntConc 3.2.4.

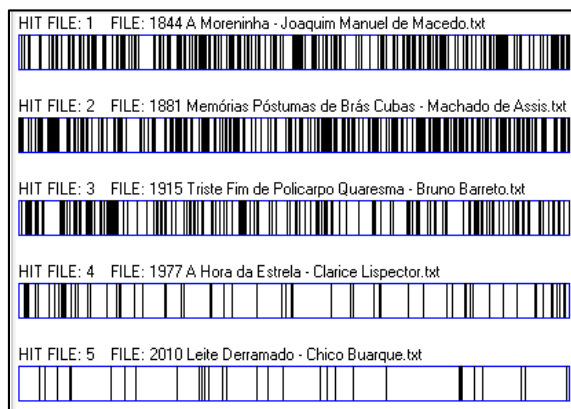


FIGURA 23 – Trama de concordância de demonstrativos F1 no *romance* do PB

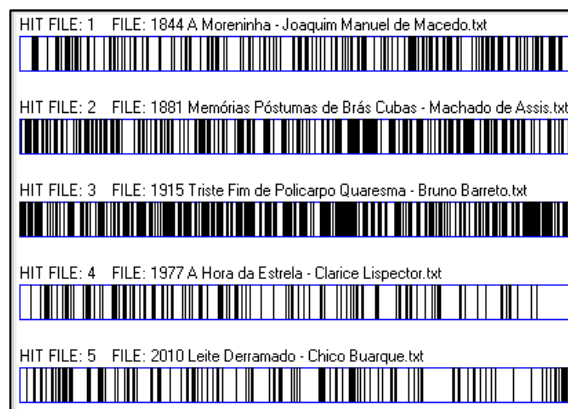


FIGURA 24 – Trama de concordância de demonstrativos F2 no *romance* do PB

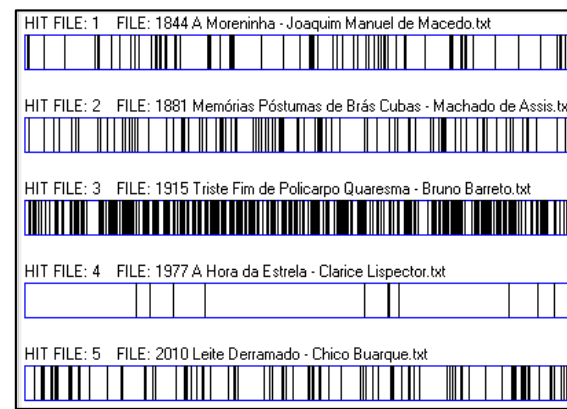


FIGURA 25 – Trama de concordância de demonstrativos F3 no *romance* do PB

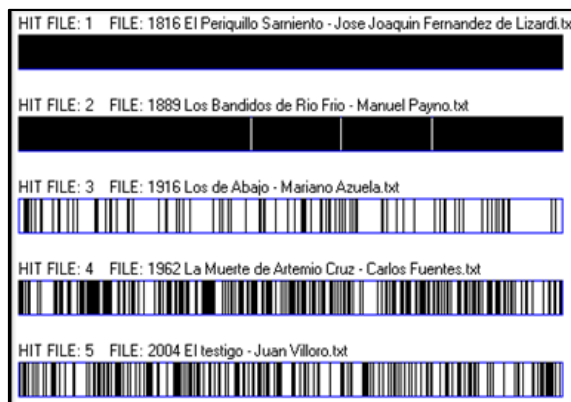


FIGURA 26 – Trama de concordância de demonstrativos F1 no *romance* do EM



FIGURA 27 – Trama de concordância de demonstrativos F2 no *romance* do EM

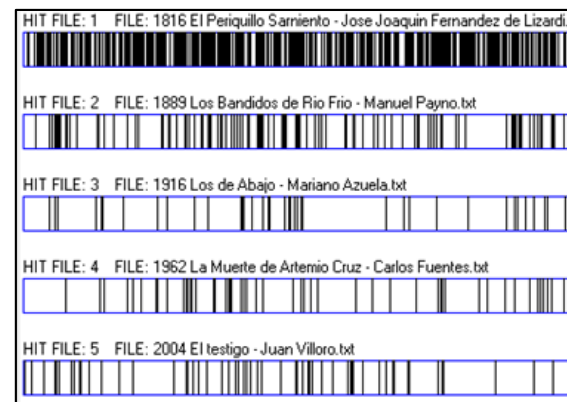


FIGURA 28 – Trama de concordância de demonstrativos F3 no *romance* do EM

5.2 ANÁLISE MORFOLÓGICA

Analisar-se-á, nesta seção, a influência de fatores morfológicos no uso dos demonstrativos do *corpus* no português brasileiro e no espanhol mexicano. Serão detalhados os seguintes fatores: o gênero dos demonstrativos (*masculino*, *feminino* ou *neutro*) e o número dos demonstrativos (*singular* ou *plural*).

5.2.1 GÊNERO

Gênero no PB

A tabela e o gráfico abaixo apresentam as frequências dos gêneros *masculino* (M), *feminino* (F) e *neutro* (N) no *corpus* do PB:

PB				
Séc.	M	F	N	Total
XIX 1ªm.	137 45,7%	110 36,7%	53 17,7%	300 100%
XIX 2ªm.	139 46,3%	122 40,7%	39 13,0%	300 100%
XX 1ªm.	116 38,7%	116 38,7%	68 22,7%	300 100%
XX 2ªm.	117 39,0%	122 40,7%	61 20,3%	300 100%
XXI 1ªm.	123 41,0%	97 32,3%	80 26,7%	300 100%

TABELA 28 – Frequência por gênero no PB

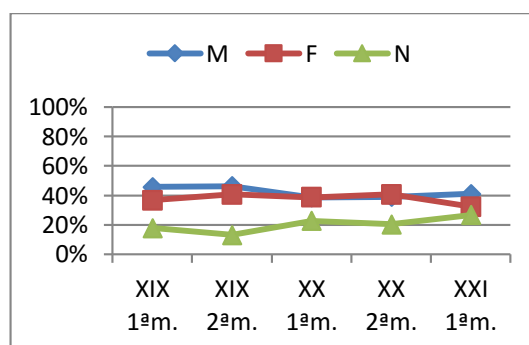


GRÁFICO 28 – Frequência por gênero no PB

Nota-se, através dos dados apresentados, que M e F se revezam como o gênero mais frequente, com valores na faixa dos 40%, enquanto N é menos utilizado, com frequências que ficam próximas aos 20% das ocorrências.

Gênero na notícia e no romance do PB

As tabelas abaixo e os gráficos correspondentes mostram as frequências dos demonstrativos de acordo com os gêneros nos GTs *notícia* e *romance* do PB:

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	M	F	N	Total
XIX	DRJ 1821	91	50	9	150
		60,7%	33,3%	6%	100%
XIX	JDB 1891	76	67	7	150
		50,7%	44,7%	4,7%	100%
XX	GLO 1925	62	73	15	150
		41,3%	48,7%	10%	100%
XX	CDM 1974	84	49	17	150
		56%	32,7%	11,3%	100%
XXI	DIA 2013	61	49	40	150
		40,7%	32,7%	26,7%	100%

TABELA 29 – Frequência por gênero na notícia do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	M	F	N	Total
XIX	MOR 1844	46	60	44	150
		30,7%	40%	29,3%	100%
XIX	BRA 1881	63	55	32	150
		42%	36,7%	21,3%	100%
XX	POL 1911	54	43	53	150
		36%	28,7%	35,3%	100%
XX	EST 1977	33	73	44	150
		22%	48,7%	29,3%	100%
XXI	LEI 2009	62	48	40	150
		41,3%	32%	26,7%	100%

TABELA 30 – Frequência por gênero no romance do PB

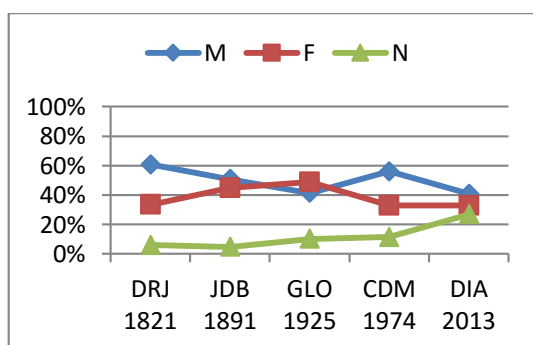


GRÁFICO 29 – Frequência por gênero na notícia do PB

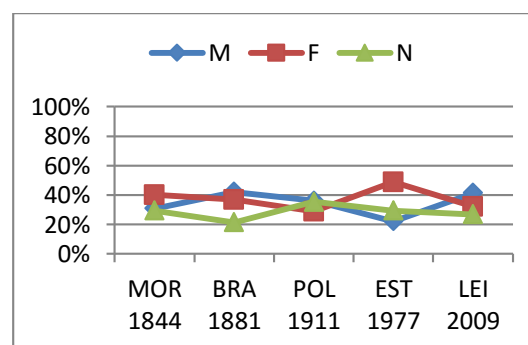


GRÁFICO 30 – Frequência por gênero no romance do PB

A *notícia* e o *romance* do PB têm em comum com os dados totais a alternância protagonizada pelos gêneros M e F na posição de mais frequente, ambos possuindo, em geral, um valor sempre bem próximo, girando em torno de 40% do total de ocorrências. Contudo, os GTs se diferenciam pelo uso do N, que, apesar de ser quase sempre o menos frequente em ambos, há um emprego muito mais amplo desse gênero no *romance* (por volta de 30%) do que na *notícia* (na faixa de 10%, exceto em *DIA*).

Gênero no teatro do PB

A tomada de posição de forma mais frequente ora por M e ora por F também é encontrada no gênero *teatro*, aproximando, portanto, os três GTs com relação a esse parâmetro, como se vê no gráfico abaixo:

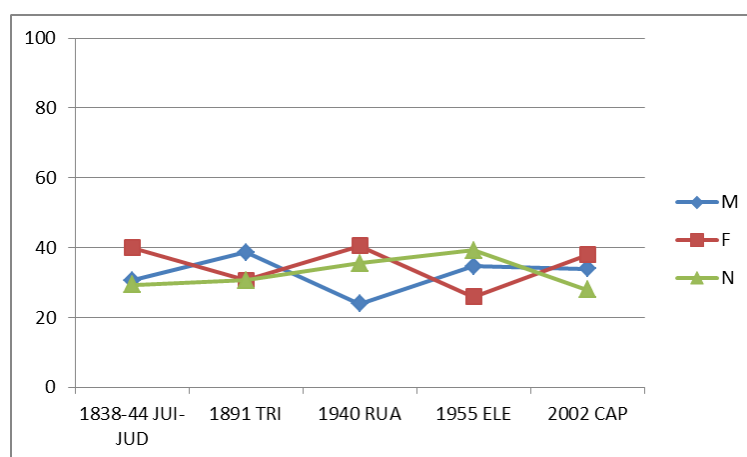


GRÁFICO 31 – Frequência por gênero no teatro do PB (CAMBRAIA, 2012, p. 38, adaptada)

Com relação ao gênero N, em contraposição à baixa frequência identificada na *notícia*, o *teatro* possui, assim como no *romance*, um número de ocorrências bem mais expressivo (com frequências também em torno de 30%).

Gênero e modalidade no PB

A maior proximidade da tradição textual do *romance* e do *teatro* com a língua falada, como se viu no gráfico⁵² de Jungbluth (2005, p. 17), pode ser a explicação para o emprego bem mais frequente das formas neutras (ou seja, *isto*, *isso* e *aquilo*) nesses dois GTs do que na *notícia*, já que existe um forte indício de que a oralidade influencie no aparecimento de demonstrativos neutros. Esse indício é o padrão de emprego das formas apresentado em trabalhos sobre os usos dos demonstrativos em *corpora* orais do espanhol, como o de González Álvarez (2006), com dados dos demonstrativos utilizados na Cidade do México, e também o de Silva (2013), com dados de Lima e Buenos Aires, nos quais o gênero N (as formas *esto*, *eso* e *aquello*) é encontrado sempre como mais frequente que M e F em ambos os casos. González Álvarez (2006, p. 36-38) encontra para a fala popular da Cidade do México uma frequência de N de 43,85% e na língua culta, um total de 33,84% dos dados. Já Silva (2013, p. 68) encontra o gênero N em seu *corpus* em 37,4% das ocorrências do espanhol de Lima e em 39% dos casos na fala de Buenos Aires.

As tabelas a seguir e os seus gráficos correspondentes apresentam as frequências por gênero nas ocorrências das modalidades oral e escrita dos GTs *notícia* e *romance* do PB.

⁵² cf. seção 4.1

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ORAL			
		M	F	N	Total
XIX	DRJ 1821	-	-	-	-
	JDB 1891	-	-	-	-
XX	GLO 1925	12 42,9%	15 53,6%	1 3,6%	28 100%
	CDM 1974	6 33,3%	8 44,4%	4 22,2%	18 100%
XXI	DIA 2013	29 42,6%	22 32,4%	17 25%	68 100%

TABELA 32 – Frequência por gênero na modalidade oral na *notícia* do PB

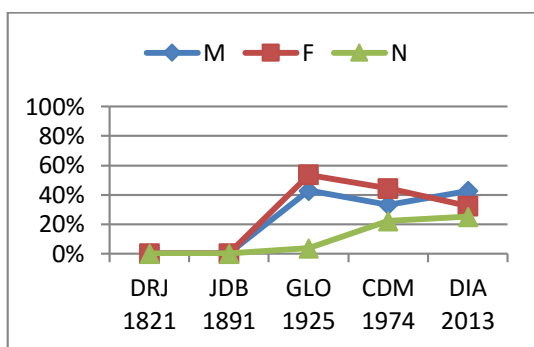


GRÁFICO 32 – Frequência por gênero na modalidade oral na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ESCRITA			
		M	F	N	Total
XIX	DRJ 1821	91 60,7%	50 33,3%	9 6,0%	150 100%
	JDB 1891	76 50,7%	67 44,7%	7 4,7%	150 100%
XX	GLO 1925	50 41,0%	58 47,5%	14 11,5%	122 100%
	CDM 1974	78 59,1%	41 31,1%	13 9,8%	132 100%
XXI	DIA 2013	32 39,0%	27 32,9%	23 28,0%	82 100%

TABELA 33 – Frequência por gênero na modalidade escrita na *notícia* do PB

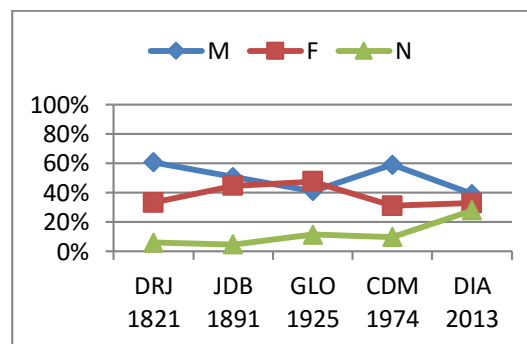


GRÁFICO 33 – Frequência por gênero na modalidade escrita na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ORAL			
		M	F	N	Total
XIX	MOR 1844	17 22,7%	31 41,3%	27 36%	75 100%
	BRA 1881	9 32,1%	9 32,1%	10 35,7%	28 100%
XX	POL 1911	10 27,8%	7 19,4%	19 52,8%	36 100%
	EST 1977	2 15,4%	5 38,5%	6 46,2%	13 100%
XXI	LEI 2009	-	4 57,1%	3 42,9%	7 100%

TABELA 34 – Frequência por gênero na modalidade oral no *romance* do PB

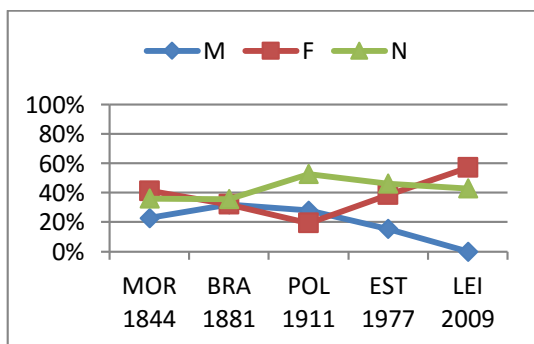


GRÁFICO 34 – Frequência por gênero na modalidade oral no *romance* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ESCRITA			
		M	F	N	Total
XIX	MOR 1844	29 38,7%	29 38,7%	17 22,7%	75 100%
	BRA 1881	54 44,3%	46 37,7%	22 18,0%	122 100%
XX	POL 1911	44 38,6%	36 31,6%	34 29,8%	114 100%
	EST 1977	31 22,6%	68 49,6%	38 27,7%	137 100%
XXI	LEI 2009	62 43,4%	44 30,8%	37 25,9%	143 100%

TABELA 35 – Frequência por gênero na modalidade escrita no *romance* do PB

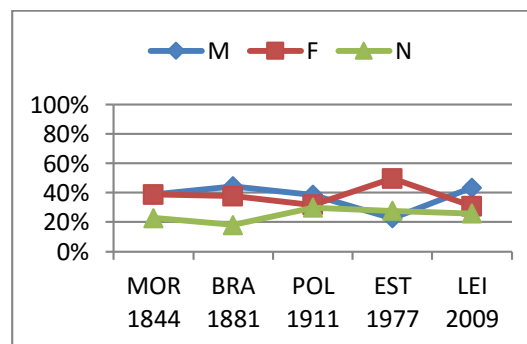


GRÁFICO 35 – Frequência por gênero na modalidade escrita no *romance* do PB

Vê-se que o número de ocorrências de N realmente aumenta, especialmente no *romance*, quando são analisados apenas os dados orais dos textos, no qual a sua frequência chega a superar à dos gêneros M e F na maioria das faixas temporais apresentadas. O gênero N, portanto, parece desempenhar um papel de protagonista dos fenômenos de mudança dos demonstrativos, já que apresenta uma relação mais estreita com a modalidade oral, fonte primária das inovações linguísticas.

Gênero e forma no PB

A fim de se observar também a relação entre os gêneros e o uso das formas dos demonstrativos nos GTs *notícia* e *romance*, seguem as tabelas abaixo e seus gráficos correspondentes, relativos ao PB.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	MASCULINO			Total
		F1	F2	F3	
XIX	DRJ 1821	79 86,8%	2 2,2%	10 11%	91 100%
	JDB 1891	51 67,1%	13 17,1%	12 15,8%	76 100%
	GLO 1925	21 33,9%	33 53,2%	8 12,9%	62 100%
XX	CDM 1974	47 56%	24 28,6%	13 15,5%	84 100%
	ODI 2013	17 27,9%	35 57,4%	9 14,8%	61 100%

TABELA 36 – Frequência de formas no gênero masculino na *notícia* do PB

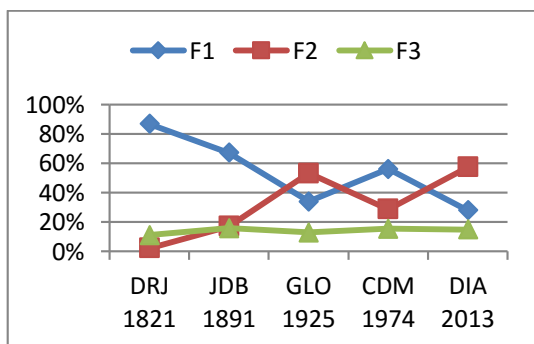


GRÁFICO 36 – Frequência de formas no gênero masculino na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	MASCULINO			Total
		F1	F2	F3	
XIX	MOR 1844	23 50%	14 30,4%	9 19,6%	46 100%
	BRA 1881	23 36,5%	30 47,6%	10 15,9%	63 100%
	POL 1911	13 24,1%	20 37%	21 38,9%	54 100%
XX	EST 1977	16 48,5%	16 48,5%	1 3%	33 100%
	LEI 2009	10 16,1%	25 40,3%	27 43,5%	62 100%

TABELA 37 – Frequência de formas no gênero masculino no *romance* do PB

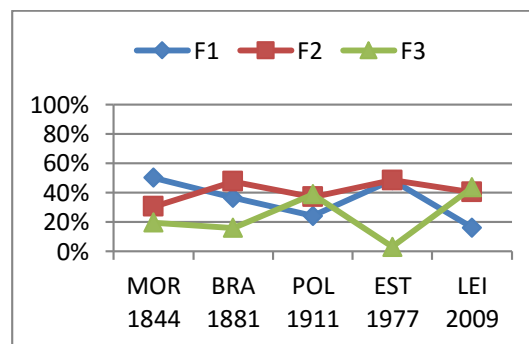


GRÁFICO 37 – Frequência de formas no gênero masculino no *romance* do PB

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	FEMININO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	44 88%	-	6 12%	50 100%
	JDB 1891	46 68,7%	9 13,4%	12 17,9%	67 100%
XX	GLO 1925	21 28,8%	40 54,8%	12 16,4%	73 100%
	CDM 1974	18 36,7%	25 51%	6 12,3%	49 100%
XXI	ODI 2013	20 40,8%	24 49%	5 10,2%	49 100%

TABELA 38 – Frequência de formas no gênero feminino na *notícia* do PB

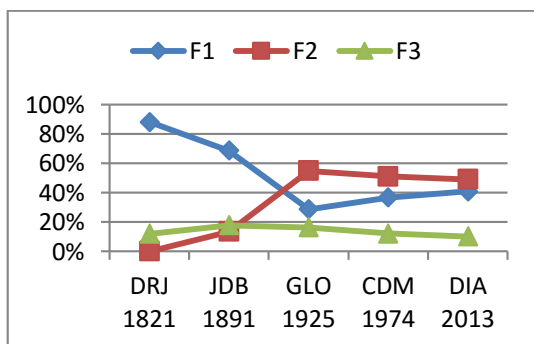


GRÁFICO 38 – Frequência de formas no gênero feminino na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	FEMININO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	28 46,7%	18 30%	14 23,3%	60 100%
	BRA 1881	24 43,6%	25 45,5%	6 10,9%	55 100%
XX	POL 1911	7 16,3%	20 46,5%	16 37,2%	43 100%
	EST 1977	26 35,6%	43 58,9%	4 5,5%	73 100%
XXI	LEI 2009	6 12,5%	25 52,1%	17 35,4%	48 100%

TABELA 39 – Frequência de formas no gênero feminino no *romance* do PB

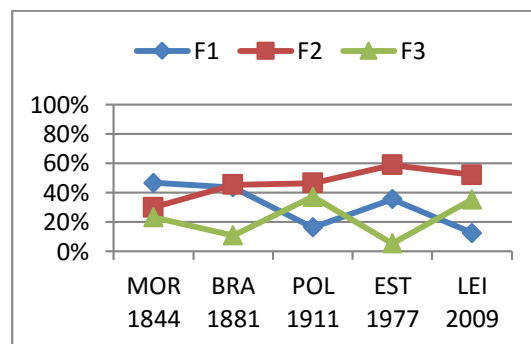


GRÁFICO 39 – Frequência de formas no gênero feminino no *romance* do PB

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	NEUTRO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	5 55,6%	4 44,4%	-	9 100%
	JDB 1891	4 57,1%	3 42,9%	-	7 100%
XX	GLO 1925	6 40%	9 60%	-	15 100%
	CDM 1974	7 41,2%	9 52,9%	1 5,9%	17 100%
XXI	ODI 2013	1 2,5%	37 92,5%	2 5%	40 100%

TABELA 40 – Frequência de formas no gênero neutro na *notícia* do PB

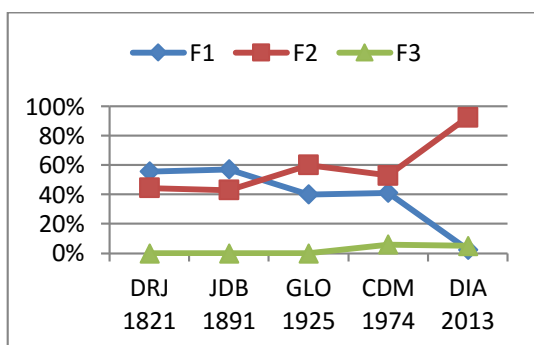


GRÁFICO 40 – Frequência de formas no gênero neutro na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	NEUTRO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	17 38,6%	23 52,3%	4 9,1%	44 100%
	BRA 1881	16 50%	13 40,6%	3 9,4%	32 100%
XX	POL 1911	21 39,6%	27 50,9%	5 9,4%	53 100%
	EST 1977	5 11,4%	39 88,6%	-	44 100%
XXI	LEI 2009	2 5%	33 82,5%	5 12,5%	40 100%

TABELA 41 – Frequência de formas no gênero neutro no *romance* do PB

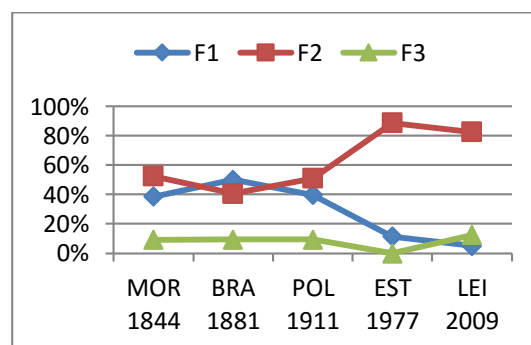


GRÁFICO 41 – Frequência de formas no gênero neutro no *romance* do PB

Os dados mostram que a distribuição das formas dos demonstrativos em todos os três gêneros retrata fielmente as tendências de mudança do PB, isto é, apresenta padrões muito próximos à evolução do fenômeno do binarismo, já que mostram, tanto na *notícia*, quanto no *romance*, a forma F2 se expandindo cada vez mais e tomando o lugar de F1, a qual sofre grande queda no número de ocorrências na grande maioria dos casos apresentados, enquanto F3 se mantém como a menos frequente e com valores baixos. No gênero N, vê-se que essas tendências aparecem ainda mais acentuadas do que no M e no F.

Gênero no EM

A tabela e o gráfico abaixo mostram as frequências das formas nas ocorrências de demonstrativos no *corpus* do EM.

EM				
Séc.	M	F	N	Total
XIX 1ªm.	160 53,3%	104 34,7%	36 12%	300 100%
XIX 2ªm.	120 40%	131 43,7%	49 16,3%	300 100%
XX 1ªm.	128 42,7%	122 40,7%	50 16,7%	300 100%
XX 2ªm.	137 45,7%	123 41%	40 13,3%	300 100%
XXI 1ªm.	141 47%	126 42%	33 11%	300 100%

TABELA 42 – Frequência por gênero no EM

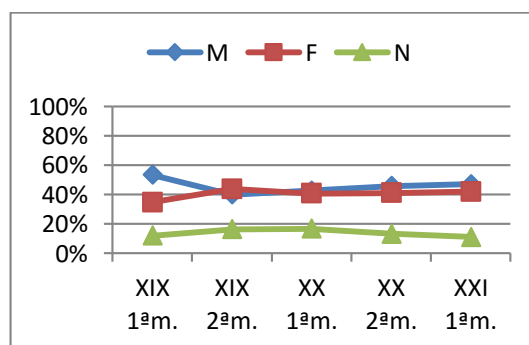


GRÁFICO 42 – Frequência por gênero no EM

À semelhança da tendência vista no PB, o *corpus* do EM mostra que M e F possuem frequências, na maioria dos casos, próximas a 40%, alternando-se na posição de mais frequente, enquanto N possui valores bem mais baixos, que não superam os 16%.

Gênero na notícia e no romance do EM

As tabelas e os gráficos correspondentes, abaixo, mostram as frequências dos demonstrativos de acordo com os gêneros nos GTs *notícia* e *romance* do EM:

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	M	F	N	Total
XIX	GAC 1821	93 62%	53 35%	4 2,7%	150 100%
	IMP 1897	74 49,3%	67 44,7%	9 6%	150 100%
XX	EXC 1917	65 43%	77 51%	8 5,3%	150 100%
	UNI 1952	74 49%	71 47,3%	5 3,3%	150 100%
XXI	REF 2014	79 52,7%	59 39,3%	12 8%	150 100%

TABELA 43 – Frequência por gênero na notícia do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	M	F	N	Total
XIX	PER 1816	67 44,7%	51 34%	32 21,3%	150 100%
	BAN 1889	46 30,7%	64 42,7%	40 26,7%	150 100%
XX	ABA 1916	63 42%	45 30%	42 28%	150 100%
	ART 1962	63 42%	52 34,7%	35 23,3%	150 100%
XXI	TES 2004	62 41,3%	67 44,7%	21 14%	150 100%

TABELA 44 – Frequência por gênero no romance do EM

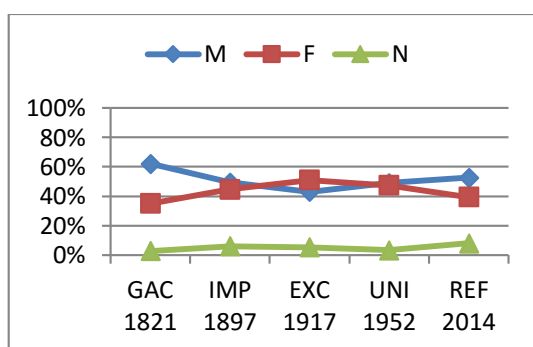


GRÁFICO 43 – Frequência por gênero na notícia do EM

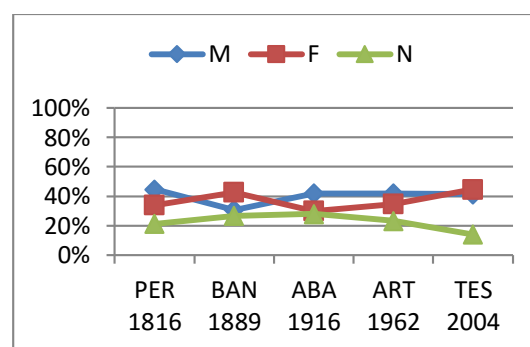


GRÁFICO 44 – Frequência por gênero no romance do EM

Através dos dados apresentados anteriormente, percebe-se uma grande identidade entre o EM e o PB, uma vez que os gêneros M e F também se encontram em constante alternância na posição de mais frequente e quase sempre mantêm um número de ocorrências bastante próximo um do outro. Além disso, do mesmo modo

que no PB, N é sempre o gênero menos utilizado e o GT *romance* também apresenta muito mais ocorrências desse gênero do que a *notícia*.

Gênero no teatro do EM

Os mesmos padrões de similaridade entre M e F, vistos nos GTs anteriores, também são encontrados ao se observar os dados do *teatro*, conforme a tabela abaixo. Além disso, vê-se que N, do mesmo modo que no PB, possui uma frequência muito mais baixa no GT *notícia* do que no *romance* e no *teatro*, resultante da ligação mais estreita entre esses dois últimos GTs e a oralidade.

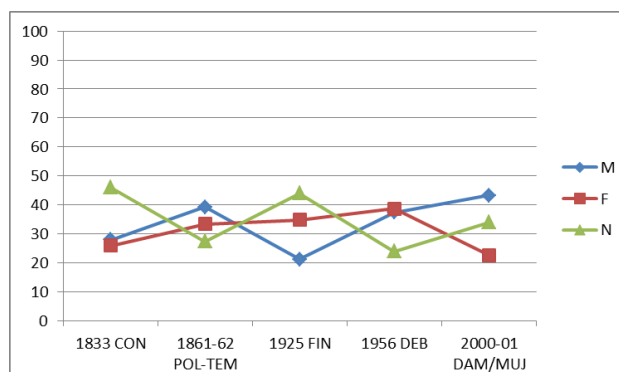


GRÁFICO 45 – Frequência por gênero no teatro do EM (CAMBRAIA, 2012, p. 39, adaptado)

Gênero e modalidade no EM

As tabelas a seguir e os seus gráficos correspondentes, mostram as frequências dos gêneros dos demonstrativos, separando-se as ocorrências orais e modalidade escrita nos GTs *notícia* e *romance* do EM:

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ORAL			
		M	F	N	Total
XIX	GAC 1821	-	-	-	-
	IMP 1897	2 66,7%	-	1 33,3%	3 100%
XX	EXC 1917	1 50%	-	1 50%	2 100%
	UNI 1952	11 68,8%	5 31,3%	-	16 100%
XXI	REF 2014	29 52,7%	16 29,1%	10 18,2%	55 100%

TABELA 46 – Frequência por gênero na modalidade oral na *notícia* do EM

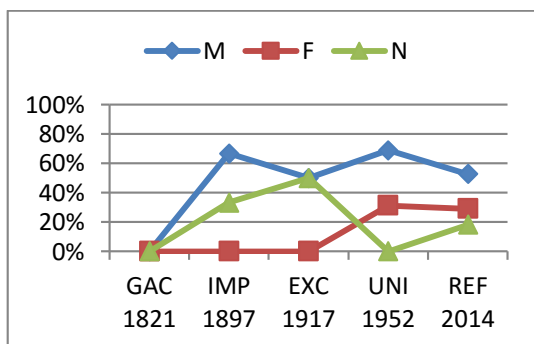


GRÁFICO 46 – Frequência por gênero na modalidade oral na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ESCRITA			
		M	F	N	Total
XIX	GAC 1821	93 62,0%	53 35,3%	4 2,7%	150 100%
	IMP 1897	72 49,0%	67 45,6%	8 5,4%	147 100%
XX	EXC 1917	64 43,2%	77 52,0%	7 4,7%	148 100%
	UNI 1952	63 47,0%	66 49,3%	5 3,7%	134 100%
XXI	REF 2014	50 52,6%	43 45,3%	2 2,1%	95 100%

TABELA 47 - Frequência por gênero na modalidade escrita na *notícia* do EM

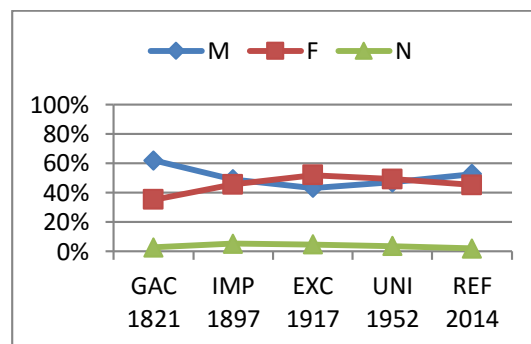


GRÁFICO 47 – Frequência por gênero na modalidade escrita na *notícia* do EM

M - ROMANCE					
Séc.	Texto	ORAL			
		M	F	N	Total
XIX	PER 1816	4 40%	3 30%	3 30%	10 100%
	BAN 1889	9 22,5%	10 25%	21 52,5%	40 100%
XX	ABA 1916	47 42%	29 25,9%	36 32,1%	112 100%
	ART 1962	5 35,7%	3 21,4%	6 42,9%	14 100%
XXI	TES 2004	7 43,8%	6 37,5%	3 18,8%	16 100%

TABELA 48 – Frequência por gênero na modalidade oral no *romance* do EM

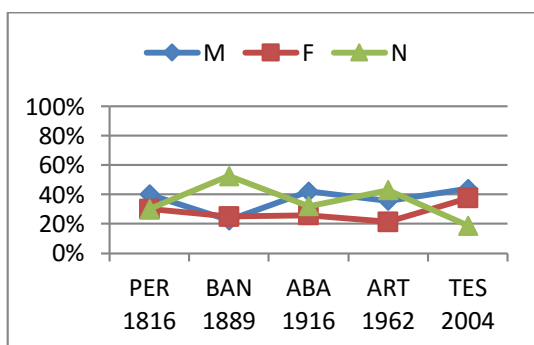


GRÁFICO 48 – Frequência por gênero na modalidade oral no *romance* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ESCRITA			
		M	F	N	Total
XIX	PER 1816	63 45,0%	48 34,3%	29 20,7%	140 100%
	BAN 1889	37 33,6%	54 49,1%	19 17,3%	110 100%
XX	ABA 1916	16 42,1%	16 42,1%	6 15,8%	38 100%
	ART 1962	58 42,6%	49 36,0%	29 21,3%	136 100%
XXI	TES 2004	55 41,0%	61 45,5%	18 13,4%	134 100%

TABELA 49 - Frequência por gênero na modalidade escrita no *romance* do EM

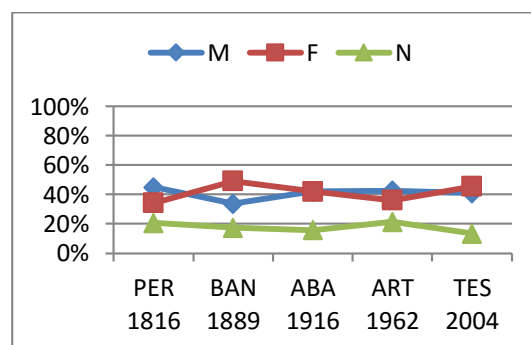


GRÁFICO 49 - Frequência por gênero na modalidade escrita no *romance* do EM

Assim como no PB, isolando-se apenas os dados de cunho oral do EM, a frequência do gênero N aumenta consideravelmente em alguns textos de ambos os GTs, chegando até mesmo a atingir o posto de forma mais frequente nos romances *BAN* e *ART*. Enquanto isso, em *ESC*, o gênero N continua com uma frequência extremamente baixa, principalmente no GT *notícia*.

Gênero e forma no EM

As tabelas a seguir e os seus gráficos correspondentes mostram relação entre os gêneros e as frequências de uso das formas dos demonstrativos nos GTs *notícia* e *romance* do EM:

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	MASCULINO			Total
		F1	F2	F3	
XIX	GAC 1821	69 74,2%	9 9,7%	15 16,1%	93 100%
	IMP 1897	48 64,9%	11 14,9%	15 20,3%	74 100%
XX	EXC 1917	53 81,5%	8 12,3%	4 6,2%	65 100%
	UNI 1952	45 60,8%	22 29,7%	7 9,5%	74 100%
XXI	REF 2014	48 60,8%	29 36,7%	2 2,5%	79 100%

TABELA 50 – Frequência de formas no gênero masculino na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	MASCULINO			Total
		F1	F2	F3	
XIX	PER 1816	57 85,1%	5 7,5%	5 7,5%	67 100%
	BAN 1889	29 63%	17 37%	-	46 100%
XX	ABA 1916	33 52,4%	14 22,2%	16 25,4%	63 100%
	ART 1962	18 28,6%	45 71,4%	-	63 100%
XXI	TES 2004	7 11,3%	47 75,8%	8 12,9%	62 100%

TABELA 51 – Frequência de formas no gênero masculino no *romance* do EM

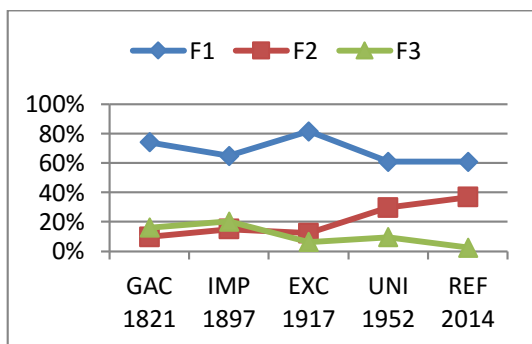


GRÁFICO 50 – Frequência de formas no gênero masculino na *notícia* do PB

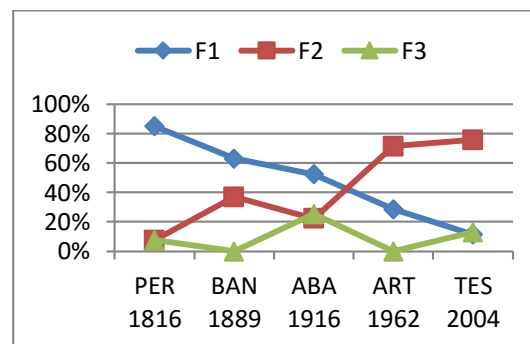


GRÁFICO 51 – Frequência de formas no gênero masculino no *romance* do EM

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	FEMININO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	47 88,7%	1 1,9%	5 9,4%	53 100%
	IMP 1897	46 68,7%	14 20,9%	7 10,4%	67 100%
XX	EXC 1917	62 80,5%	12 15,6%	3 3,9%	77 100%
	UNI 1952	57 80,3%	12 16,9%	2 2,8%	71 100%
XXI	REF 2014	36 61,0%	17 28,8%	6 10,2%	59 100%

TABELA 52 – Frequência de formas no gênero feminino na *notícia* do EM

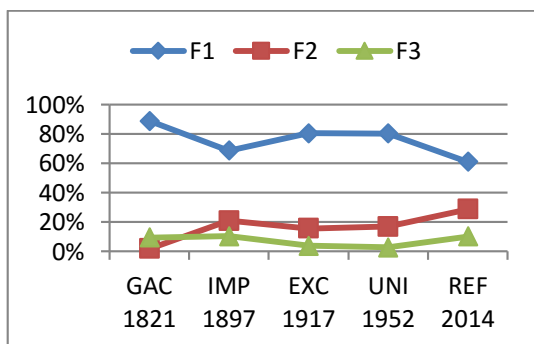


GRÁFICO 52 – Frequência de formas no gênero feminino na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	FEMININO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	44 86,3%	-	7 13,7%	51 100%
	BAN 1889	42 65,6%	21 32,8%	1 1,6%	64 100%
XX	ABA 1916	21 46,7%	15 33,3%	9 20%	45 100%
	ART 1962	15 28,8%	36 69,2%	1 1,9%	52 100%
XXI	TES 2004	11 16,4%	51 76,1%	5 7,5%	67 100%

TABELA 53 – Frequência de formas no gênero feminino no *romance* do EM

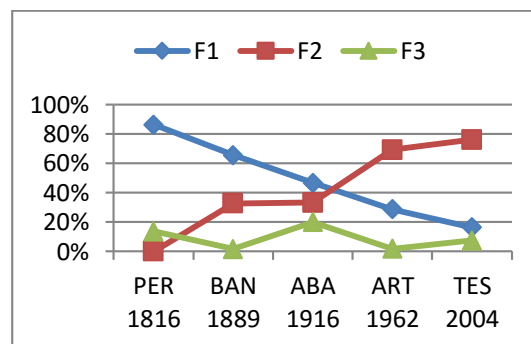


GRÁFICO 53 – Frequência de formas no gênero feminino no *romance* do EM

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	NEUTRO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	2 50%	2 50%	-	4 100%
	IMP 1897	7 77,8%	2 22,2%	-	9 100%
XX	EXC 1917	5 62,5%	2 25,0%	1 12,5%	8 100%
	UNI 1952	4 80%	-	1 20%	5 100%
XXI	REF 2014	6 50%	6 50%	-	12 100%

TABELA 54 – Frequência de formas no gênero neutro na *notícia* do EM

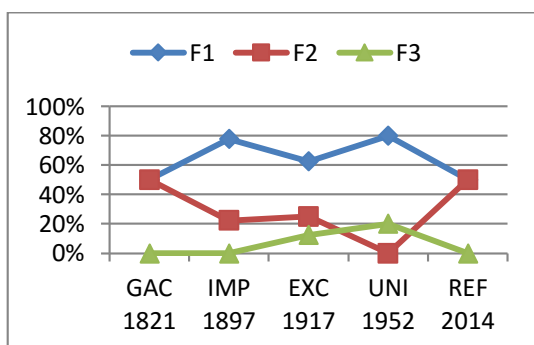


GRÁFICO 54 – Frequência de formas no gênero neutro na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	NEUTRO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	27 84,4%	5 15,6%	-	32 100%
	BAN 1889	21 52,5%	19 47,5%	-	40 100%
XX	ABA 1916	2 4,8%	35 83,3%	5 11,9%	42 100%
	ART 1962	7 20%	28 80%	-	35 100%
XXI	TES 2004	5 23,8%	16 76,2%	-	21 100%

TABELA 55 – Frequência de formas no gênero neutro no *romance* do EM

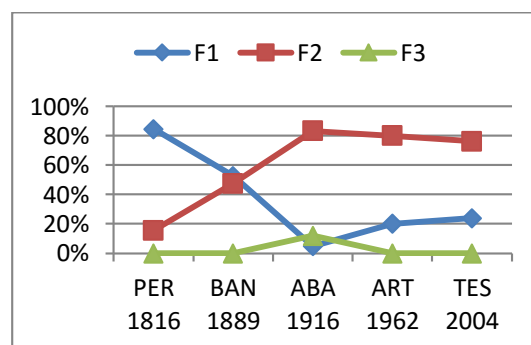


GRÁFICO 55 – Frequência de formas no gênero neutro no *romance* do EM

As formas dos demonstrativos em cada gênero, assim como no PB, apresentam a mesma tendência geral de uso dos demonstrativos no EM, com a predominância categórica da forma F1 sobre F2 na *notícia* e a ascensão de F2 para o posto de forma mais frequente no *romance*, causando, proporcionalmente, a queda de frequência de F1. Enquanto isso, F3 se apresenta com frequências bastante baixas ou mesmo nulas, como se pode ver no gênero N, em que a forma F3 (*aquello*) somente está presente em notícias de dois jornais, *EXC* e *UNI*, mesmo assim, apenas com uma ocorrência em cada um deles, e em um único romance (*ABA*). Esse fato reforça a tendência de um futuro desuso dessa forma dos demonstrativos no EM, para a configuração de um sistema binário, e também é mais um indício de que o gênero N possui uma ligação muito estreita com a linguagem oral, pois é nele que os padrões de mudança já aparecem em estágio mais avançado.

5.2.2 NÚMERO

Número no PB

A tabela e o gráfico, abaixo, mostram as frequências de demonstrativos por número, *singular* (SIN) ou *plural* (PLU), no PB:

PB			
Séc.	SIN	PLU	Total
XIX 1ªm.	256 85,3%	44 14,7%	300 100%
XIX 2ªm.	262 87,3%	38 12,7%	300 100%
XX 1ªm.	254 84,7%	46 15,3%	300 100%
XX 2ªm.	256 85,3%	44 14,7%	300 100%
XXI 1ªm.	256 85,3%	44 14,7%	300 100%

TABELA 56 – Frequência por número no PB

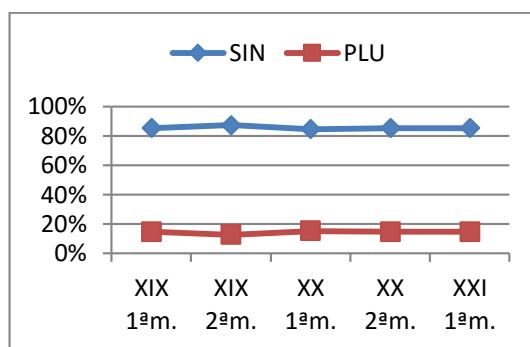


GRÁFICO 56 – Frequência por número no PB

SIN aparece, em todas as faixas temporais, com um valor muito superior ao de PLU, com mais de 80% das ocorrências.

Número na notícia e no romance do PB

As tabelas e os gráficos abaixo servem à exposição das frequências de demonstrativos por número nos GTs *notícia* e *romance* do PB:

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	SIN	PLU	Total
XIX	DRJ 1821	134 89,3%	16 10,7%	150 100%
	JDB 1891	136 90,7%	14 9,3%	150 100%
XX	GLO 1925	124 82,7%	26 17,3%	150 100%
	CDM 1974	114 76%	36 24%	150 100%
XXI	DIA 2013	132 88%	18 12%	150 100%

TABELA 57 – Frequência por número na notícia do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	SIN	PLU	Total
XIX	MOR 1844	122 81,3%	28 18,7%	150 100%
	BRA 1881	126 84%	24 16%	150 100%
XX	POL 1911	130 86,7%	20 13,3%	150 100%
	EST 1977	142 94,7%	8 5,3%	150 100%
XXI	LEI 2009	124 82,7%	26 17,3%	150 100%

TABELA 58 – Frequência por número no romance do PB

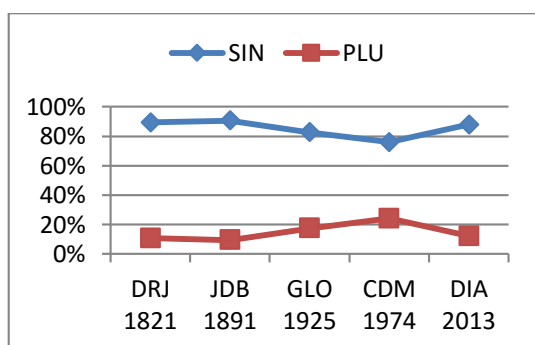


GRÁFICO 57 – Frequência por número na notícia do PB

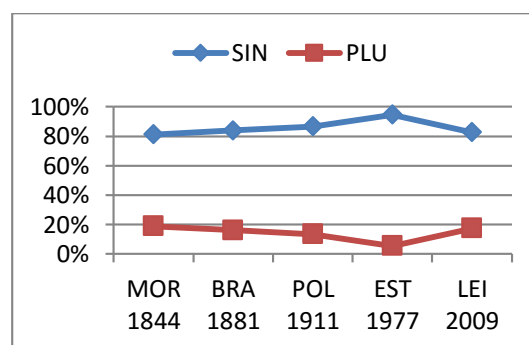


GRÁFICO 58 – Frequência por número no romance do PB

Com relação a este fator, é observável que o padrão geral se mantém em ambos os GTs no PB, já que, tanto na *notícia* quanto no *romance*, há uma grande prevalência de uso de SIN (na faixa de 80% dos casos), sendo que PLU tem o seu ponto máximo de frequência, dentre todos os textos, na casa de apenas 20% em *CDM*.

Número no teatro do PB

Os dados do gênero *teatro*, abaixo, atestam, igualmente, a massiva superioridade do singular sobre o plural dos demonstrativos, com a maioria das faixas temporais na casa dos 90% de uso de SIN:

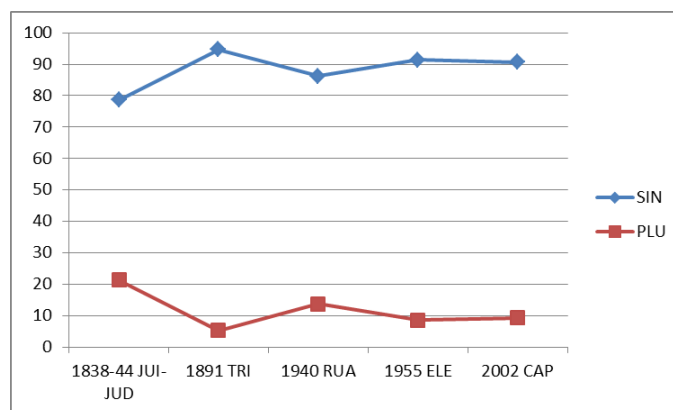


GRÁFICO 59 – Frequência por número no teatro do PB (CAMBRAIA, 2009, p. 40, adaptado)

Número e modalidade no PB

A seguir, as tabelas e os gráficos correspondentes apresentam as frequências dos demonstrativos nas modalidades oral e escrita, com relação ao seu número:

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ORAL		
		SIN	PLU	Total
XIX	DRJ 1821	-	-	-
	JDB 1891	-	-	-
XX	GLO 1925	18 62,1%	11 38%	29 100%
	CDM 1974	14 77,8%	4 22%	18 100%
XXI	DIA 2013	61 89,7%	7 10%	68 100%

TABELA 60 – Frequência por número na modalidade oral na *notícia* do PB

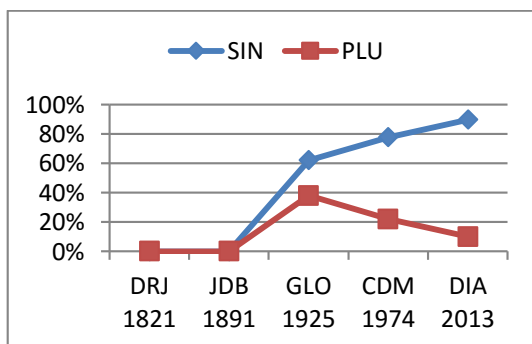


GRÁFICO 60 – Frequência por número na modalidade oral na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		SIN	PLU	Total
XIX	DRJ 1821	134 89,3%	16 10,7%	150 100%
	JDB 1891	136 90,7%	14 9,3%	150 100%
XX	GLO 1925	106 87,6%	15 12,4%	121 100%
	CDM 1974	100 75,8%	32 24,2%	132 100%
XXI	DIA 2013	71 86,6%	11 13,4%	82 100%

TABELA 61 – Frequência por número na modalidade escrita na *notícia* do PB

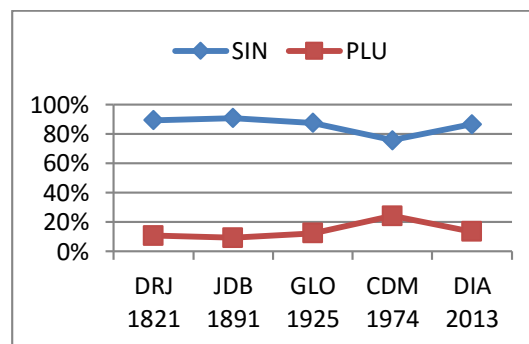


GRÁFICO 61 – Frequência por número na modalidade escrita na *notícia* do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	ORAL		
		SIN	PLU	Total
XIX	MOR 1844	61 81,3%	14 18,7%	75 100%
	BRA 1881	22 78,6%	6 21,4%	28 100%
XX	POL 1911	31 86,1%	5 13,9%	36 100%
	EST 1977	13 100%	-	13 100%
XXI	LEI 2009	7 100%	-	7 100%

TABELA 62 – Frequência por número na modalidade oral no *romance* do PB

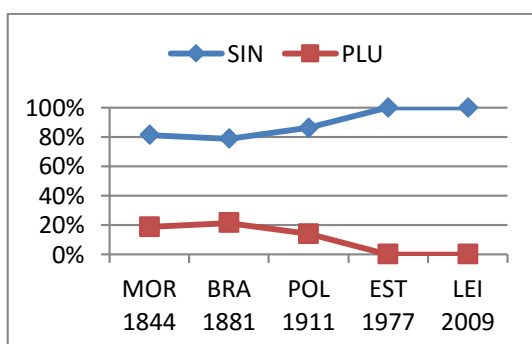


GRÁFICO 62 – Frequência por número na modalidade oral no *romance* do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		SIN	PLU	Total
XIX	MOR 1844	61 81,3%	14 18,7%	75 100%
	BRA 1881	104 85,2%	18 14,8%	122 100%
XX	POL 1911	99 86,8%	15 13,2%	114 100%
	EST 1977	129 94,2%	8 5,8%	137 100%
XXI	LEI 2009	117 81,8%	26 18,2%	143 100%

TABELA 63 – Frequência por número na modalidade escrita no *romance* do PB

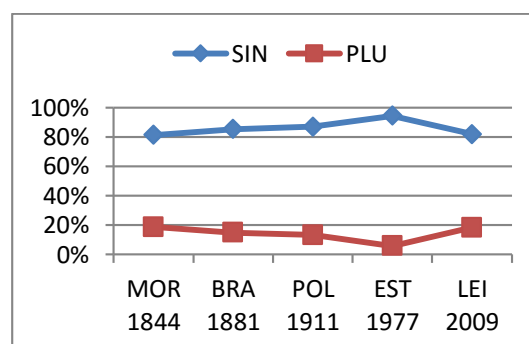


GRÁFICO 63 – Frequência por número na modalidade escrita no *romance* do PB

Nas ocorrências orais do PB de ambos os GTs analisados, exceto nas notícias de GLO, em que há certa aproximação dos valores de frequência de ambos os números, o singular em todos os outros casos continua apresentando-se de forma muito mais ampla que o plural, com tendência de crescimento da diferença ao longo do tempo. No caso de ESC, ele mantém categoricamente a grande superioridade da frequência de SIN com relação a PLU.

Número e forma no PB

As tabelas e gráficos correspondentes, abaixo, apresentam as frequências dos demonstrativos por forma utilizada no singular e no plural, nos GTs *notícia* e *romance* do PB.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	SINGULAR			Total
		F1	F2	F3	
XIX	DRJ 1821	113 84,3%	5 3,7%	16 11,9%	134 100%
	JDB 1891	95 69,9%	20 14,7%	21 15,4%	136 100%
XX	GLO 1925	45 36,3%	65 52,4%	14 11,3%	124 100%
	CDM 1974	57 50%	40 35,1%	17 14,9%	114 100%
XXI	ODI 2013	37 28%	81 61,4%	14 10,6%	132 100%

TABELA 64 – Frequência de formas no singular na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	PLURAL			Total
		F1	F2	F3	
XIX	DRJ 1821	15 93,8%	1 6,3%	-	16 100%
	JDB 1891	6 42,9%	5 35,7%	3 21,4%	14 100%
XX	GLO 1925	3 11,5%	17 65,4%	6 23,1%	26 100%
	CDM 1974	15 41,7%	18 50%	3 8,3%	36 100%
XXI	ODI 2013	1 5,6%	15 83,3%	2 11,1%	18 100%

TABELA 65 – Frequência de formas no plural na *notícia* do PB

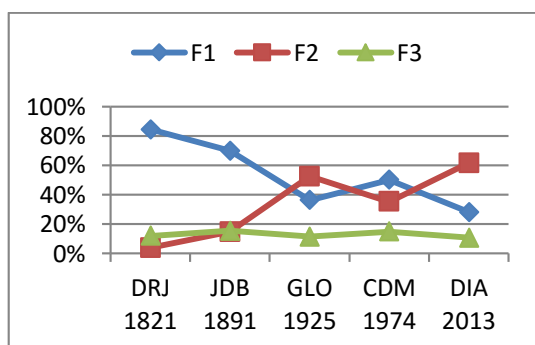


GRÁFICO 64 – Frequência de formas no singular na *notícia* do PB

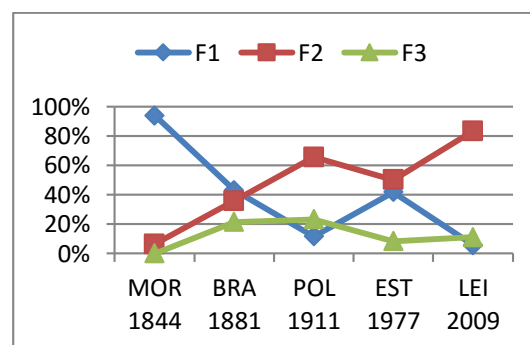


GRÁFICO 65 – Frequência de formas no plural na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	SINGULAR			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	55 45,1%	43 35,2%	24 19,7%	122 100%
	BRA 1881	52 41,3%	58 46%	16 12,7%	126 100%
XX	POL 1911	38 29,2%	56 43,1%	36 27,7%	130 100%
	EST 1977	45 31,7%	93 65,5%	4 2,8%	142 100%
XXI	LEI 2009	16 12,9%	64 51,6%	44 35,5%	124 100%

TABELA 66 – Frequência de formas no singular no *romance* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	PLURAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	13 46,4%	12 42,9%	3 10,7%	28 100%
	BRA 1881	11 45,8%	10 41,7%	3 12,5%	24 100%
XX	POL 1911	3 15%	11 55%	6 30%	20 100%
	EST 1977	2 25%	5 62,5%	1 12,5%	8 100%
XXI	LEI 2009	2 7,7%	19 73,1%	5 19,2%	26 100%

TABELA 67 – Frequência de formas no plural no *romance* do PB

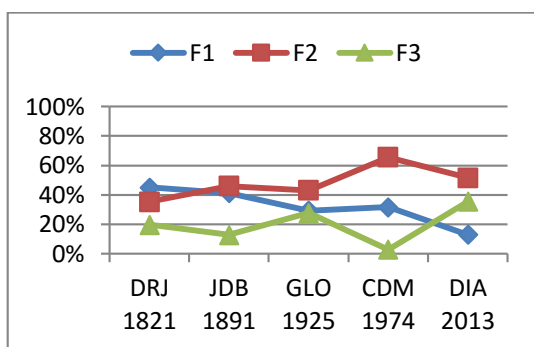


GRÁFICO 66 – Frequência de formas no singular no *romance* do PB

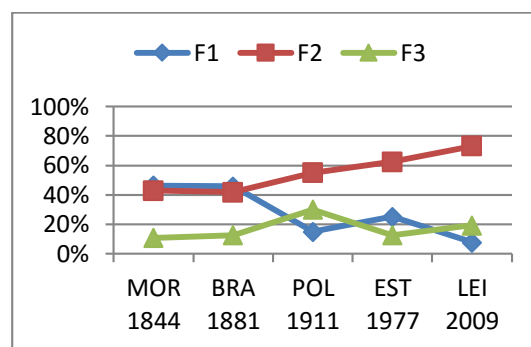


GRÁFICO 67 – Frequência de formas no plural no *romance* do PB

Assim como as formas dos gêneros, como se viu na seção anterior, as formas dos números do PB também refletem, tanto o SIN quanto o PLU, de ambos os GTs, a tendência geral de ascensão da forma F2 em oposição à queda de F1 ao longo do tempo, além de F3 se mantendo com uma baixa frequência em todos os casos.

Número no EM

A tabela e o gráfico a seguir contêm as frequências das formas dos demonstrativos com relação a seu número no EM:

EM			
Séc.	SIN	PLU	Total
XIX	234	66	300
1ªm.	78,0%	22,0%	100%
XIX	256	44	300
2ªm.	85,3%	14,7%	100%
XX	235	65	300
1ªm.	78,3%	21,7%	100%
XX	241	59	300
2ªm.	80,3%	19,7%	100%
XXI	256	44	300
1ªm.	85,3%	14,7%	100%

TABELA 68 – Frequência por número no EM

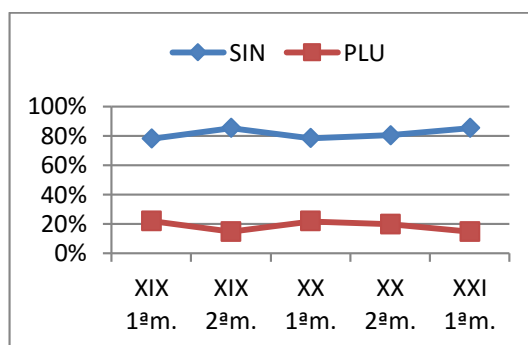


GRÁFICO 68 – Frequência por número no EM

Os dados do EM apresentam as mesmas características do PB com relação às frequências dos demonstrativos por número, uma vez que o SIN, também nessa língua, possui uma frequência geralmente quatro vezes maior que PLU em todos os séculos.

Número na notícia e no romance do EM

Nas tabelas a seguir e em seus gráficos correspondentes, vê-se a divisão por gênero textual das frequências dos demonstrativos por número no EM. O mesmo padrão de predomínio de SIN também é percebido nestes dados.

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	SIN	PLU	Total
XIX	GAC 1821	123 82%	27 18%	150 100%
	IMP 1897	134 89,3%	16 10,7%	150 100%
XX	EXC 1917	122 81%	28 19%	150 100%
	UNI 1952	111 74%	39 26%	150 100%
XXI	REF 2014	128 85,3%	22 14,7%	150 100%

TABELA 69 – Frequência por número na notícia do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	SIN	PLU	Total
XIX	PER 1816	111 74%	39 26%	150 100%
	BAN 1889	122 81,3%	28 18,7%	150 100%
XX	ABA 1916	113 75%	37 25%	150 100%
	ART 1962	130 87%	20 13,3%	150 100%
XXI	TES 2004	128 85,3%	22 14,7%	150 100%

TABELA 70 – Frequência por número no romance do EM

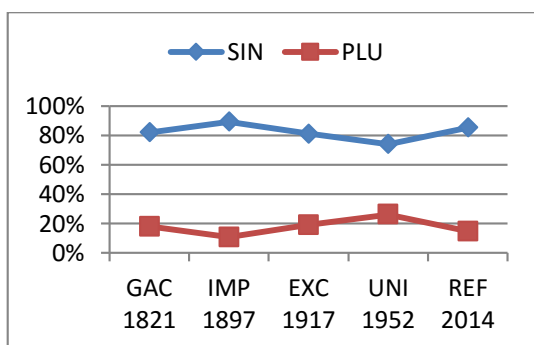


GRÁFICO 69 – Frequência por número na notícia do EM

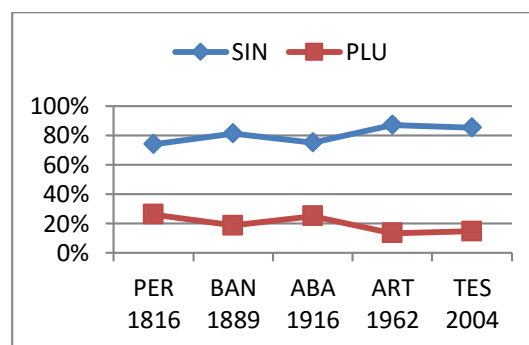


GRÁFICO 70 – Frequência por número no romance do EM

Número no teatro do EM

Do mesmo modo, nos dados do *teatro*, como mostra o gráfico abaixo, SIN possui frequência bem maior que a de PLU, com por volta de 80% das ocorrências no *corpus*.

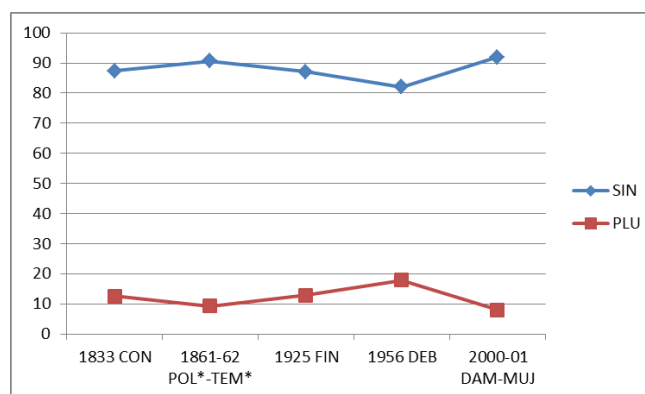


GRÁFICO 71 – Frequência por número no teatro do EM (CAMBRAIA, 2009, p. 40, adaptado)

Número e modalidade no EM

As tabelas e gráficos correspondentes, abaixo, mostram as frequências dos demonstrativos por número em ocorrências nas modalidades oral e escrita da *notícia* e do *romance* do EM. Assim como no PB e nos dados completos, as ocorrências orais e escritas também atestam a superioridade de SIN sobre PLU, com frequências que ficam em torno dos 80%, tanto na *notícia* quanto no *romance* do EM, em todos os séculos analisados.

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ORAL		
		SIN	PLU	Total
XIX	GAC 1821	-	-	-
	IMP 1897	2 66,7%	1 33,3%	3 100%
XX	EXC 1917	2 100%	-	2 100%
	UNI 1952	11 68,8%	5 31,3%	16 100%
XXI	REF 2014	46 83,6%	9 16,4%	55 100%

TABELA 72 – Frequência por número na modalidade oral na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		SIN	PLU	Total
XIX	GAC 1821	123 82,0%	27 18,0%	150 100%
	IMP 1897	132 89,8%	15 10,2%	147 100%
XX	EXC 1917	120 81,1%	28 18,9%	148 100%
	UNI 1952	100 74,6%	34 25,4%	134 100%
XXI	REF 2014	82 86,3%	13 13,7%	95 100%

TABELA 73 – Frequência por número na modalidade escrita na *notícia* do EM

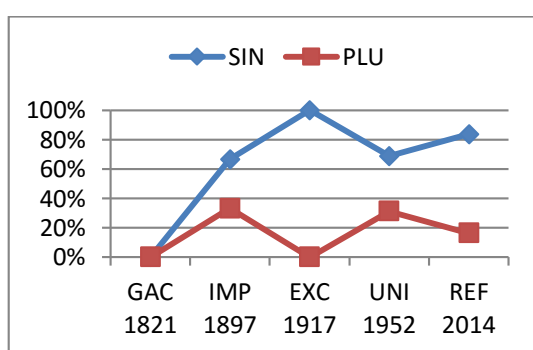


GRÁFICO 72 – Frequência por número na modalidade oral na *notícia* do EM

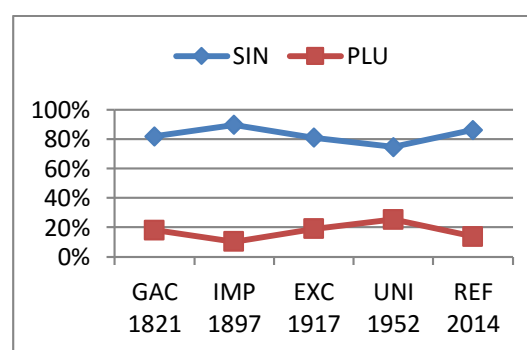


GRÁFICO 73 – Frequência por número na modalidade escrita na *notícia* do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	ORAL		
		SIN	PLU	Total
XIX	PER 1816	8	2	10
		80%	20%	100%
	BAN 1889	35	5	40
		87,5%	12,5%	100%
XX	ABA 1916	86	26	112
		76,8%	23,2%	100%
	ART 1962	14	-	14
		100%	-	100%
XXI	TES 2004	13	3	16
		81,3%	18,8%	100%

TABELA 74 – Frequência por número na modalidade oral no *romance* do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		SIN	PLU	Total
XIX	PER 1816	103	37	140
		73,6%	26,4%	100%
	BAN 1889	87	23	110
		79,1%	20,9%	100%
XX	ABA 1916	27	11	38
		71,1%	28,9%	100%
	ART 1962	116	20	136
		85,3%	14,7%	100%
XXI	TES 2004	115	19	134
		85,8%	14,2%	100%

TABELA 75 – Frequência por número na modalidade escrita no *romance* do EM

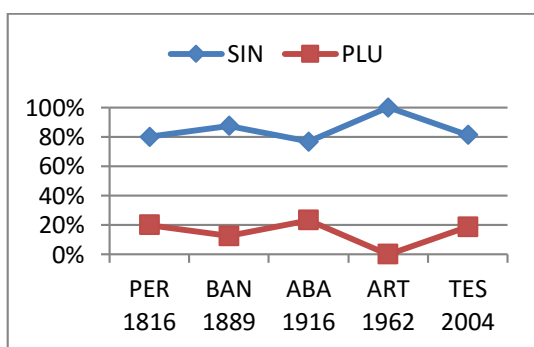


GRÁFICO 74 – Frequência por número na modalidade oral no *romance* do EM

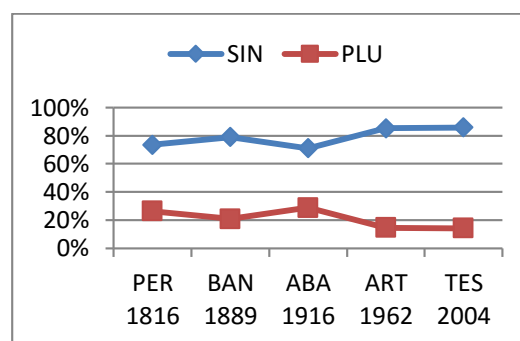


GRÁFICO 75 – Frequência por número na modalidade escrita no *romance* do EM

Número e forma no EM

As tabelas e gráficos, a seguir, apresentam as formas dos demonstrativos de acordo com o seu número nos GTs *notícia* e *romance* do EM. Os dados mostram que, assim como visto no PB, e também no quesito *gênero*, as formas apresentam o padrão geral de mudança do EM, no caso, a manutenção da posição de F1 como mais frequente em todas as faixas temporais na *notícia* e a ascensão de F2 no *romance* para o posto ocupado por F1, além do constante baixo número de ocorrências da forma F3.

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	SINGULAR			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC	103	8	12	123
	1821	83,7%	6,5%	9,8%	100%
	IMP	90	24	20	134
	1897	67,2%	17,9%	14,9%	100%
XX	EXC	98	18	6	122
	1917	80,3%	14,8%	4,9%	100%
	UNI	85	21	5	111
	1952	76,6%	18,9%	4,5%	100%
XXI	REF	75	47	6	128
	2014	58,6%	36,7%	4,7%	100%

TABELA 76 – Frequência de formas no singular na *notícia* do EM

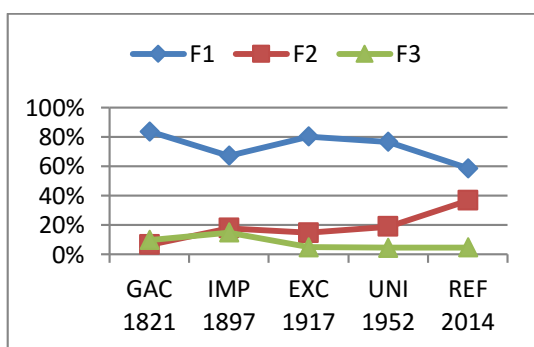


GRÁFICO 76 – Frequência de formas no singular na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	PLURAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC	15	4	8	27
	1821	55,6%	14,8%	29,6%	100%
	IMP	11	3	2	16
	1897	68,8%	18,8%	12,5%	100%
XX	EXC	22	4	2	28
	1917	78,6%	14,3%	7,1%	100%
	UNI	21	13	5	39
	1952	53,8%	33,3%	12,8%	100%
XXI	REF	15	5	2	22
	2014	68,2%	22,7%	9,1%	100%

TABELA 77 – Frequência de formas no plural na *notícia* do EM

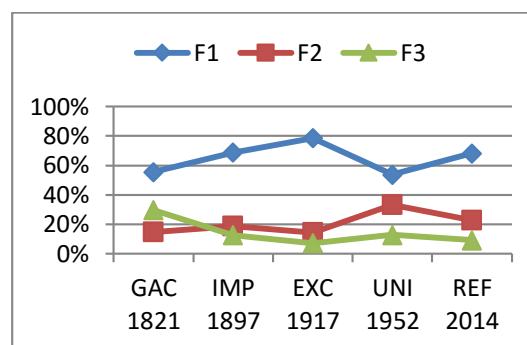


GRÁFICO 77 – Frequência de formas no plural na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	SINGULAR			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER	94	9	8	111
	1816	84,7%	8,1%	7,2%	100%
	BAN	77	45	-	122
	1889	63,1%	36,9%	-	100%
XX	ABA	35	58	20	113
	1916	31%	51,3%	17,7%	100%
	ART	34	95	1	130
	1962	26,2%	73,1%	0,8%	100%
XXI	TES	20	98	10	128
	2004	15,6%	76,6%	7,8%	100%

TABELA 78 – Frequência de formas no singular no *romance* do EM

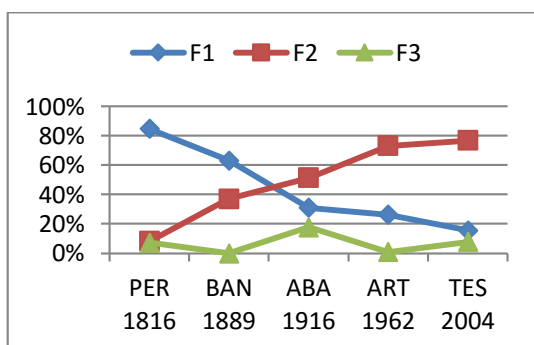


GRÁFICO 78 – Frequência de formas no singular no *romance* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	PLURAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER	34	1	4	39
	1816	87,2%	2,6%	10,3%	100%
	BAN	15	12	1	28
	1889	53,6%	42,9%	3,6%	100%
XX	ABA	21	6	10	37
	1916	56,8%	16,2%	27%	100%
	ART	6	14	-	20
	1962	30%	70%	-	100%
XXI	TES	3	16	3	22
	2004	13,6%	72,7%	13,6%	100%

TABELA 79 – Frequência de formas no plural no *romance* do EM

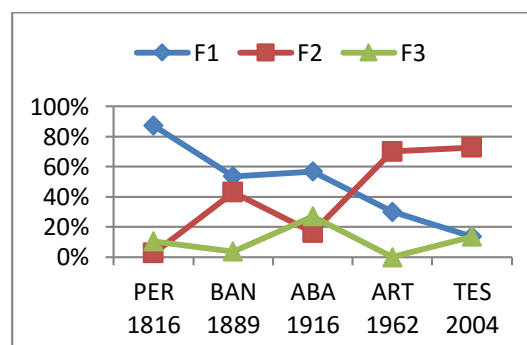


GRÁFICO 79 – Frequência de formas no plural no *romance* do EM

5.3 ANÁLISE SINTÁTICA

Analisar-se-á, nesta seção, a influência de fatores sintáticos, diacronicamente, no uso dos demonstrativos nos GTs *notícia* e *romance*, no PB e no EM. São eles: o uso de preposições com os demonstrativos (*preposicionado* ou *não-preposicionado*), a posição dos demonstrativos no sintagma nominal (*margem* ou *núcleo do SN*) e a posição dos demonstrativos com relação ao núcleo do SN (*anteposto* ou *posposto*).

5.3.1 PREPOSIÇÃO

Preposição no PB

A tabela e o gráfico abaixo apresentam as frequências dos demonstrativos *não-preposicionados* (NPR) e *preposicionados* (PRE) no *corpus* do PB:

PB			
Séc.	NPR	PRE	Total
XIX 1ªm.	157 52,3%	143 47,7%	300 100%
XIX 2ªm.	126 42,0%	174 58,0%	300 100%
XX 1ªm.	171 57,0%	129 43,0%	300 100%
XX 2ªm.	171 57,0%	129 43,0%	300 100%
XXI 1ªm.	152 50,7%	148 49,3%	300 100%

TABELA 80 – Frequência por preposição no PB

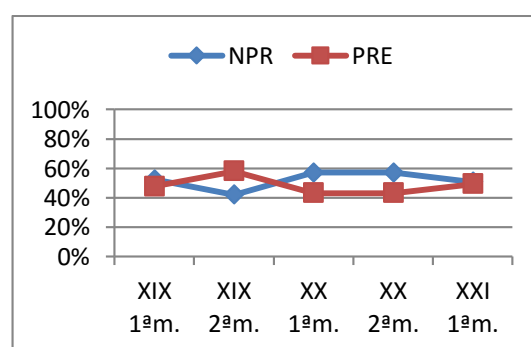


GRÁFICO 80 – Frequência por preposição no PB

A presença de uma preposição é, como se vê pelos dados apresentados, um fator importante para o emprego de demonstrativos no PB. A estrutura constituída por *preposição+demonstrativo* possui valores muito próximos a NPR e chega até mesmo a superá-lo na 2ª metade do século XIX.

Preposição na notícia e no romance do PB

As tabelas abaixo e os gráficos correspondentes apresentam as frequências dos demonstrativos preposicionados e não-preposicionados, que aparecem na *notícia* e no *romance* do PB:

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	NPR	PRE	Total
XIX	DRJ 1821	67 44,7%	83 55,3%	150 100%
	JDB 1891	33 22%	117 78%	150 100%
XX	GLO 1925	71 47,3%	79 52,7%	150 100%
	CDM 1974	69 46%	81 54%	150 100%
XXI	DIA 2013	79 53%	71 47%	150 100%

TABELA 81 – Frequência por preposição na notícia do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	NPR	PRE	Total
XIX	MOR 1844	90 60%	60 40%	150 100%
	BRA 1881	93 62%	57 38%	150 100%
XX	POL 1911	100 66,7%	50 33,3%	150 100%
	EST 1977	102 68%	48 32%	150 100%
XXI	LEI 2009	73 48,7%	77 51,3%	150 100%

TABELA 82 – Frequência por preposição no romance do PB

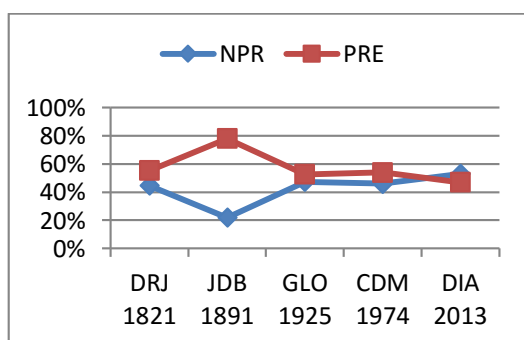


GRÁFICO 81 – Frequência por preposição na notícia do PB

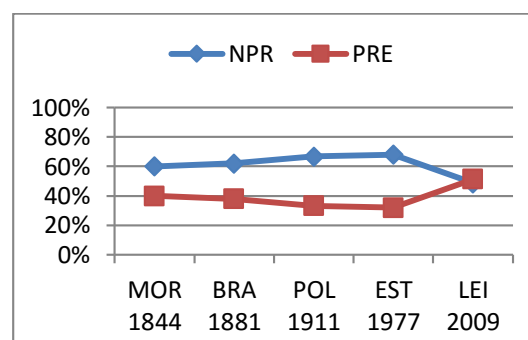


GRÁFICO 82 – Frequência por preposição no romance do PB

Com relação aos dois GTs, PRE não só possui uma frequência alta no *romance*, girando em torno de 40% das ocorrências, mas se mostra importante sobretudo na *notícia*, já que, nesse GT, supera o número de ocorrências dos demonstrativos NPR em quase todas as faixas temporais (exceto em *DIA*), com uma frequência que fica próxima a 60% das ocorrências.

Inventário de preposições

Quanto ao inventário de preposições encontradas em ambos os GTs, foram localizadas doze preposições precedendo os demonstrativos no PB, são elas: *a*, *após*, *com*, *contra*, *de*, *durante*, *em*, *entre*, *para*, *por*, *segundo* e *sobre*. As tabelas, a seguir, apresentam as frequências dos demonstrativos nos GTs *notícia* e *romance* do PB de acordo com as preposições que os acompanham.

As preposições *de* e *em* apresentam as maiores frequências nessa estrutura, notadamente mais altas que as de quaisquer outras encontradas nos textos de ambos os GTs em questão e é interessante notar que essas duas preposições são, no PB, justamente aquelas que desenvolveram e mantiveram a atual combinação⁵³ obrigatória com as três formas dos demonstrativos (p. ex. *deste*, *disso* e *naquela*). Portanto, além dos motivos estritamente fonéticos, o fato de ocorrer com tamanha frequência a repetição dessas estruturas (*de+demonstrativo* e *em+demonstrativo*) certamente contribuiu, ao longo dos séculos, com a gênese e manutenção desse fenômeno no PB.

⁵³ Há também, nos dias de hoje, a necessidade de combinação, no PB, do demonstrativo com a preposição *a*, entretanto, isso ocorre apenas quando ela antecede o demonstrativo da forma F3 (p. ex. *àquela*), através de um processo de crase entre as duas vogais *a*. Além disso, Cambraia (2012, p. 65) registra, em seus dados do PB, a combinação com as preposições *com* (p. ex. *co'esta* e *c'aquele*) e com a preposição *para* (p. ex. *pr'estas*), e em seus dados do EM, a combinação com as preposições *de* (p. ex. *desto*) e *sobre* (p. ex. *sobr'eso*).

PB - NOTÍCIA														
Séc.	Texto	PREPOSICIONADO												Total
		<i>a</i>	<i>após</i>	<i>com</i>	<i>contra</i>	<i>de</i>	<i>durante</i>	<i>em</i>	<i>entre</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>segundo</i>	<i>sobre</i>	
XIX	DRJ 1821	8 9,6%	-	7 8,4%	1 1,2%	39 47%	-	15 18,1%	1 1,2%	2 2,4%	7 8,4%	-	3 3,6%	83 100%
	JDB 1891	12 10,3%	-	1 0,9%	-	71 60,7%	-	15 12,8%	-	12 10,3%	5 4,3%	1 0,9%	-	117 100%
XX	GLO 1925	5 6,3%	-	1 1,3%	-	46 58,2%	-	19 24,1%	1 1,3%	3 3,8%	3 3,8%	-	1 1,3%	79 100%
	CDM 1974	4 4,9%	-	1 1,2%	-	48 59,3%	-	25 30,9%	-	3 3,7%	-	-	-	81 100%
XXI	DIA 2013	-	1 1,4%	4 5,7%	-	32 45,7%	-	17 24,3%	-	8 11,4%	8 11,4%	-	-	70 100%

TABELA 83 – Frequência das preposições
na notícia do PB

PB - ROMANCE														
Séc.	Texto	PREPOSICIONADO												Total
		<i>a</i>	<i>após</i>	<i>com</i>	<i>contra</i>	<i>de</i>	<i>durante</i>	<i>em</i>	<i>entre</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>segundo</i>	<i>sobre</i>	
XIX	MOR 1844	5 8,3%	-	-	1 1,7%	29 48,3%	-	22 36,7%	-	-	3 5%	-	-	60 100%
	BRA 1881	3 5,3%	-	2 3,5%	-	26 45,6%	1 1,8%	19 33,3%	1 1,8%	2 3,5%	3 5,3%	-	-	57 100%
XX	POL 1911	3 6%	-	4 8%	-	19 38%	-	15 30%	-	4 8%	5 10%	-	-	50 100%
	EST 1977	4 8,3%	-	3 6,3%	-	20 41,7%	-	13 27,1%	-	3 6,3%	4 8,3%	-	1 2,1%	48 100%
XXI	LEI 2009	1 1,3%	-	14 18,2%	-	19 24,7%	-	33 42,9%	-	-	10 13%	-	-	77 100%

TABELA 84 – Frequência das preposições
no romance do PB

Preposição no teatro do PB

A tabela abaixo apresenta o número de ocorrências de cada uma das preposições que podem preceder os demonstrativos no GT *teatro* do PB, que não se diferenciam daquelas já vistas nos outros GTs. Também nesse caso, as preposições *de* e *em* são as mais utilizadas e vê-se que, nesse GT, também há um amplo uso dos demonstrativos preposicionados, assim como no *romance*, sempre na faixa de um terço das ocorrências.

Século	Texto	<i>a</i>	<i>com</i>	<i>de</i>	<i>em</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>sobre</i>	Total
XIX	1838-44 JUI/JUD	12	7	21	15	2	3	—	60/150
	1891 TRI	2	9	16	15	3	7	—	52/150
XX	1940 RUA	—	6	19	13	4	5	1	48/138
	1955 ELE	3	11	15	14	2	3	1	49/150
XXI	2002 CAP	5	2	25	26	1	4	1	64/150

**TABELA 85 – Número de ocorrências das preposições no teatro do PB
(CAMBRAIA, 2012, p. 42, adaptado)**

Preposição e modalidade no PB

As tabelas e os gráficos correspondentes, abaixo, mostram as frequências dos demonstrativos com relação à presença de preposição nos dados de modalidade oral e escrita dos GTs *notícia* e *romance* do PB:

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ORAL		
		NPR	PRE	Total
XIX	DRJ 1821	-	-	-
	JDB 1891	-	-	-
XX	GLO 1925	12 41,4%	17 58,6%	29 100%
	CDM 1974	11 61,1%	7 38,9%	18 100%
XXI	DIA 2013	42 61,8%	26 38,2%	68 100%

TABELA 86 – Frequência por preposição na modalidade oral na *notícia* do PB

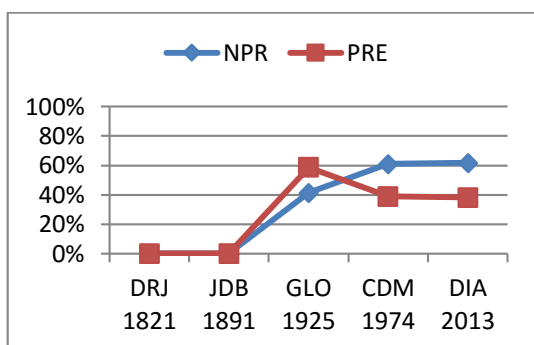


GRÁFICO 86 – Frequência por preposição na modalidade oral na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		NPR	PRE	Total
XIX	DRJ 1821	67 44,7%	83 55,3%	150 100%
	JDB 1891	33 22,0%	117 78,0%	150 100%
XX	GLO 1925	59 48,8%	62 51,2%	121 100%
	CDM 1974	58 43,9%	74 56,1%	132 100%
XXI	DIA 2013	37 45,1%	45 54,9%	82 100%

TABELA 87 – Frequência por preposição na modalidade escrita na *notícia* do PB

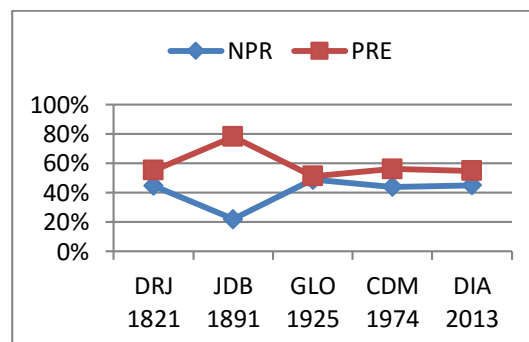


GRÁFICO 87 – Frequência por preposição na modalidade escrita na *notícia* do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	ORAL		
		NPR	PRE	Total
XIX	MOR 1844	43 57,3%	32 42,7%	75 100%
	BRA 1881	23 82,1%	5 17,9%	28 100%
XX	POL 1911	30 83,3%	6 16,7%	36 100%
	EST 1977	9 69,2%	4 30,8%	13 100%
XXI	LEI 2009	7 100%	-	7 100%

TABELA 88 – Frequência por preposição na modalidade oral no *romance* do PB

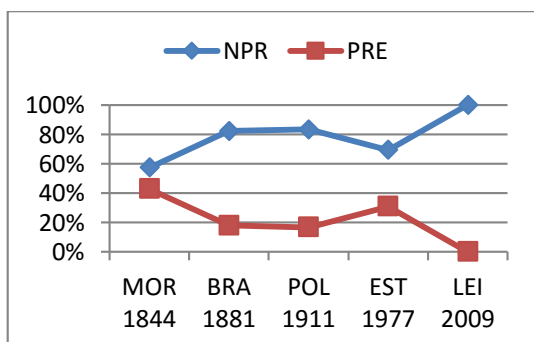


GRÁFICO 88 – Frequência por preposição na modalidade oral no *romance* do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		NPR	PRE	Total
XIX	MOR 1844	47 62,7%	28 37,3%	75 100%
	BRA 1881	70 57,4%	52 42,6%	122 100%
XX	POL 1911	70 61,4%	44 38,6%	114 100%
	EST 1977	93 67,9%	44 32,1%	137 100%
XXI	LEI 2009	66 46,2%	77 53,8%	143 100%

TABELA 89 – Frequência por preposição na modalidade escrita no *romance* do PB

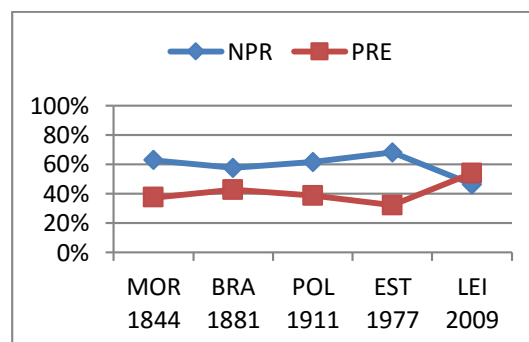


GRÁFICO 89 – Frequência por preposição na modalidade escrita no *romance* do PB

Na oralidade, diferentemente do padrão de prevalência de PRE no GT *notícia* visto anteriormente, há um maior uso de NPR nas duas últimas faixas temporais desse GT do PB, enquanto PRE só é mais frequente em *GLO*. Já no *romance*, percebe-se que também há uma queda no uso de PRE, que era de 40% nos dados totais e que passa a 20% na maioria das faixas temporais dos dados orais e um posterior desaparecimento no último romance analisado. Assim, pode-se dizer que na modalidade escrita é mais propício o uso de preposições antecedendo os demonstrativos do que na oralidade no PB, pois os dados mostram que PRE continua superior na *notícia* e com a frequência em torno de 40% no *romance*.

Preposição e forma no PB

As tabelas e os gráficos correspondentes apresentados a seguir mostram os usos das formas dos demonstrativos nas estruturas não-preposicionadas e preposicionadas na *notícia* e no *romance* do PB.

Pode-se ver que, exceto nos dados dos demonstrativos preposicionados do *romance*, em que F2 já prevalece tanto no período inicial como em todas as faixas temporais subsequentes, há, nos outros casos, novamente, mais um indício do processo de mudança do sistema de demonstrativos que está em andamento no PB, que é a ascensão de F2 para o âmbito de F1 e a resultante queda desta última forma, para a constituição de um sistema binário.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	NÃO-PREPOSICIONADO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	61 91%	-	6 9%	67 100%
	JDB 1891	17 51,5%	9 27,3%	7 21,2%	33 100%
XX	GLO 1925	26 36,6%	34 47,9%	11 15,5%	71 100%
	CDM 1974	40 58%	24 34,8%	5 7,2%	69 100%
XXI	DIA 2013	19 24,1%	49 62%	11 13,9%	79 100%

TABELA 90 – Frequência de formas não-preposicionadas na *notícia* do PB

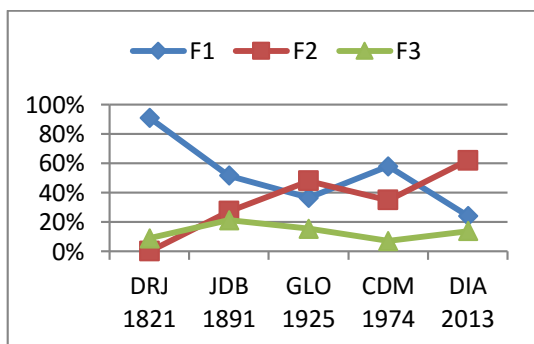


GRÁFICO 90 – Frequência de formas não-preposicionadas na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	PREPOSICIONADO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	67 80,7%	6 7,3%	10 12%	83 100%
	JDB 1891	84 71,8%	16 13,7%	17 14,5%	117 100%
XX	GLO 1925	22 27,8%	48 60,8%	9 11,4%	79 100%
	CDM 1974	32 39,5%	34 42%	15 18,5%	81 100%
XXI	DIA 2013	19 26,8%	47 66,2%	5 7%	71 100%

TABELA 91 – Frequência de formas preposicionadas na *notícia* do PB

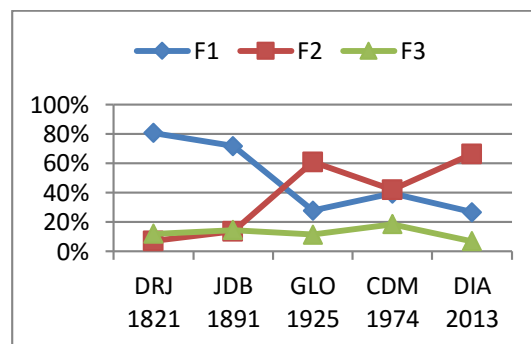


GRÁFICO 91 – Frequência de formas preposicionadas na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	NÃO-PREPOSICIONADO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	47 52,2%	28 31,1%	15 16,7%	90 100%
	BRA 1881	44 47,3%	40 43,0%	9 9,7%	93 100%
XX	POL 1911	31 31,0%	39 39,0%	30 30,0%	100 100%
	EST 1977	31 30,4%	68 66,7%	3 2,9%	102 100%
XXI	LEI 2009	9 12,3%	41 56,2%	23 31,5%	73 100%

TABELA 92 – Frequência de formas não-preposicionadas no *romance* do PB

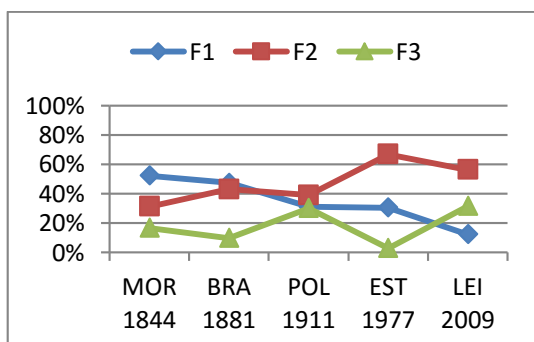


GRÁFICO 92 – Frequência de formas não-preposicionadas no *romance* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	PREPOSICIONADO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	21 35,0%	27 45,0%	12 20,0%	60 100%
	BRA 1881	19 33,3%	28 49,1%	10 17,5%	57 100%
XX	POL 1911	10 20,0%	28 56,0%	12 24,0%	50 100%
	EST 1977	16 33,3%	30 62,5%	2 4,2%	48 100%
XXI	LEI 2009	9 11,7%	42 54,5%	26 33,8%	77 100%

TABELA 93 – Frequência de formas preposicionadas no *romance* do PB

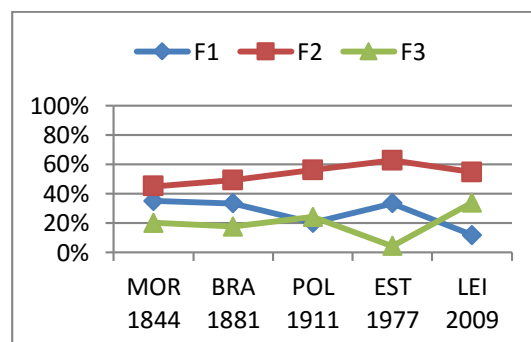


GRÁFICO 93 – Frequência de formas preposicionadas no *romance* do PB

Preposição no EM

Abaixo, estão a tabela e o gráfico que mostram as frequências do uso de preposições com os demonstrativos no *corpus* do EM:

EM - ROMANCE			
Séc.	NPR	PRE	Total
XIX 1ªm.	141 47,0%	159 53,0%	300 100%
XIX 2ªm.	130 43,3%	170 56,7%	300 100%
XX 1ªm.	134 44,7%	166 55,3%	300 100%
XX 2ªm.	157 52,3%	143 47,7%	300 100%
XXI 1ªm.	146 48,7%	154 51,3%	300 100%

TABELA 94 – Frequência por preposição no EM

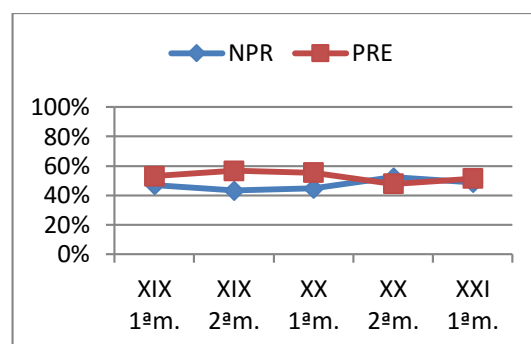


GRÁFICO 94 – Frequência por preposição no EM

Diferentemente do PB, no EM tem-se a maioria das faixas temporais dominadas por demonstrativos preposicionados, o que corrobora a importância desse fator sintático no aparecimento dos demonstrativos em um texto.

Preposição na notícia e no romance do EM

As tabelas a seguir e os gráficos correspondentes apresentam as frequências dos demonstrativos *não-preposicionados* e *preposicionados* que aparecem na *notícia* e no *romance* do EM.

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	NPR	PRE	Total
XIX	GAC 1821	56 37,3%	94 62,7%	150 100%
	IMP 1897	58 38,7%	92 61,3%	150 100%
XX	EXC 1917	47 31,3%	103 68,7%	150 100%
	UNI 1952	63 42%	87 58%	150 100%
XXI	REF 2014	76 50,7%	74 49,3%	150 100%

TABELA 95 – Frequência por preposição na notícia do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	NPR	PRE	Total
XIX	PER 1816	85 56,7%	65 43,3%	150 100%
	BAN 1889	72 48%	78 52%	150 100%
XX	ABA 1916	87 58%	63 42%	150 100%
	ART 1962	94 62,7%	56 37,3%	150 100%
XXI	TES 2004	70 46,7%	80 53,3%	150 100%

TABELA 96 – Frequência por preposição no romance do EM

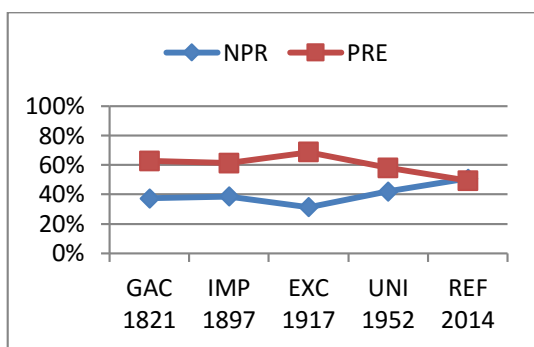


GRÁFICO 95 – Frequência por preposição na notícia do EM

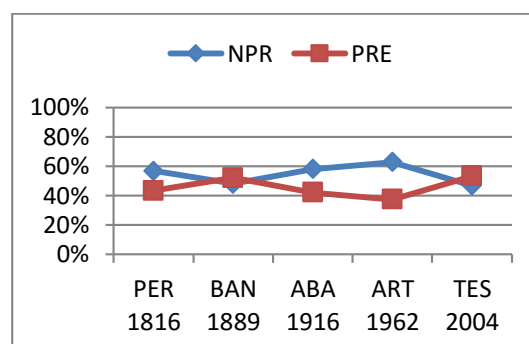


GRÁFICO 96 – Frequência por preposição no romance do EM

Seguindo-se os mesmos padrões do PB, como se vê pelos dados apresentados, PRE possui uma frequência bastante alta no *romance*, abrangendo cerca de 40% das ocorrências, enquanto na *notícia* este é o padrão mais frequente na maioria das faixas temporais analisadas, com 60% em quase todos os séculos.

Inventário de preposições

O inventário de preposições encontradas em ambos os GTs do EM constitui-se de quatorze preposições precedendo os demonstrativos, duas a mais do que se observou no PB. São elas: *a, ante, con, de, desde, durante, en, entre, hasta, mediante, para, por, sin* e *sobre*. As tabelas a seguir apresentam as frequências dos demonstrativos nos GTs *notícia* e *romance* do EM de acordo com as preposições que os acompanham.

EM - NOTÍCIA																
Séc.	Texto	PREPOSICIONADO														Total
		<i>a</i>	<i>ante</i>	<i>con</i>	<i>de</i>	<i>desde</i>	<i>durante</i>	<i>en</i>	<i>entre</i>	<i>hasta</i>	<i>mediante</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>sin</i>	<i>sobre</i>	
XIX	GAC 1821	12 12,8%	-	4 4,3%	43 45,7%	1 1,1%	-	26 27,7%	-	-	-	-	7 7,4%	1 1,1%	-	94 100%
	IMP 1897	13 14,1%	-	6 6,5%	37 40,2%	1 1,1%	-	22 23,9%	-	-	-	4 4,3%	5 5,4%	2 2,2%	2 2,2%	92 100%
XX	EXC 1917	16 15,5%	-	8 7,8%	34 33%	1 1%	2 1,9%	36 35%	2 1,9%	1 1%	-	1 1%	2 1,9%	-	-	103 100%
	UNI 1952	13 14,9%	1 1,1%	-	44 50,6%	-	1 1,1%	17 19,5%	-	-	1 1,1%	4 4,6%	5 5,7%	-	1 1,1%	87 100%
XXI	REF 2014	6 8,1%	-	4 5,4%	33 44,6%	-	-	23 31,1%	-	-	-	3 4,1%	4 5,4%	-	1 1,4%	74 100%

TABELA 97 – Frequência das preposições
na notícia do EM

EM - ROMANCE																
Séc.	Texto	PREPOSICIONADO														Total
		<i>a</i>	<i>ante</i>	<i>con</i>	<i>de</i>	<i>desde</i>	<i>durante</i>	<i>en</i>	<i>entre</i>	<i>hasta</i>	<i>mediante</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>sin</i>	<i>sobre</i>	
XIX	PER 1816	7 10,8%	-	12 18,5%	25 38,5%	-	-	14 21,5%	-	-	-	-	5 7,7%	-	2 3,1%	65 100%
	BAN 1889	16 20,5%	-	10 12,8%	30 38,5%	-	1 1,3%	17 21,8%	-	-	-	1 1,3%	3 3,8%	-	-	78 100%
XX	ABA 1916	14 22,2%	-	6 9,5%	12 19,0%	1 1,6%	-	15 23,8%	-	-	-	1 1,6%	13 20,6%	-	1 1,6%	63 100%
	ART 1962	7 12,5%	-	5 8,9%	21 37,5%	-	1 1,8%	13 23,2%	-	-	-	2 3,6%	4 7,1%	1 0,7%	2 3,6%	56 99%
XXI	TES 2004	9 11,3%	-	6 7,5%	27 33,8%	-	-	27 33,8%	-	1 1,3%	-	4 5,0%	6 7,5%	-	-	80 100%

TABELA 98 – Frequência das preposições
no romance do EM

Vê-se, através dos dados anteriores que, assim como no PB, as preposições *de* e *em* também são as mais utilizadas no EM, as mesmas que requerem uma combinação com os demonstrativos no PB, contudo, no espanhol atual, as combinações entre preposições e demonstrativos não são mais aceitas pela gramática, apesar de já terem sido produtivas na língua durante vários séculos.

Preposição no teatro do EM

A tabela abaixo apresenta o número de ocorrências de cada uma das preposições que podem preceder os demonstrativos no GT *teatro* do EM. Nota-se que são as mesmas já encontradas nos GTs anteriores e que também há uma superioridade no uso de *de* e de *em* com relação às restantes. Seguindo os passos do PB, esse GT também apresenta um amplo uso de preposições acompanhando os demonstrativos, assim como no *romance*, não chegando a ultrapassar os valores de NPR, como acontece na *notícia*, mas com frequências sempre superiores a 30%.

Século	Texto	<i>a</i>	<i>ante</i>	<i>con</i>	<i>de</i>	<i>desde</i>	<i>en</i>	<i>para</i>	<i>por</i>	<i>según</i>	<i>sobre</i>	Total
XIX	1833 CON	5	—	5	16	—	12	2	8	—	—	48/150
	1861 POL*/TEM*	9	—	8	7	1	20	1	3	—	1	50/150
XX	1925 FIN	8	—	5	23	—	12	—	3	—	—	51/132
	1956 DEB	3	1	4	23	—	22	1	8	—	1	63/150
XXI	2000-01 DAM-MUJ	11	—	3	17	1	9	3	8	1	—	53/150

TABELA 99 – Número de ocorrências das preposições no *teatro* do EM (CAMBRAIA, 2012, p. 42, adaptado)

Preposição e modalidade no EM

As tabelas e os gráficos correspondentes, a seguir, mostram as frequências dos demonstrativos com relação à presença de preposição nos dados orais e escritos dos GTs *notícia* e *romance* do EM:

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ORAL		
		NPR	PRE	Total
XIX	GAC 1821	-	-	-
	IMP 1897	1 33,3%	2 66,7%	3 100%
XX	EXC 1917	1 50%	1 50%	2 100%
	UNI 1952	11 68,8%	5 31,3%	16 100%
XXI	REF 2014	31 56,4%	24 43,6%	55 100%

TABELA 100 – Frequência por preposição na modalidade oral na *notícia* do EM

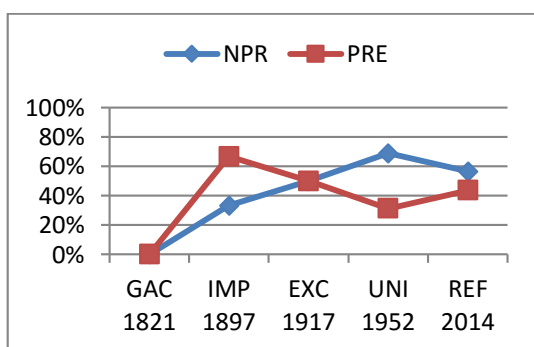


GRÁFICO 100 – Frequência por preposição na modalidade oral na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		NPR	PRE	Total
XIX	GAC 1821	56 37,3%	94 62,7%	150 100%
	IMP 1897	57 38,8%	90 61,2%	147 100%
XX	EXC 1917	46 31,1%	102 68,9%	148 100%
	UNI 1952	52 38,8%	82 61,2%	134 100%
XXI	REF 2014	45 47,4%	50 52,6%	95 100%

TABELA 101 – Frequência por preposição na modalidade escrita na *notícia* do EM

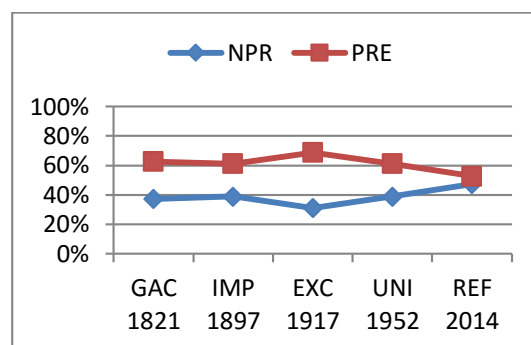


GRÁFICO 101 – Frequência por preposição na modalidade escrita na *notícia* do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	ORAL		
		NPR	PRE	Total
XIX	PER 1816	7 70%	3 30%	10 100%
	BAN 1889	25 62,5%	15 37,5%	40 100%
XX	ABA 1916	63 56,3%	49 43,8%	112 100%
	ART 1962	13 92,9%	1 7,1%	14 100%
XXI	TES 2004	6 37,5%	10 62,5%	16 100%

TABELA 102 – Frequência por preposição na modalidade oral no *romance* do EM

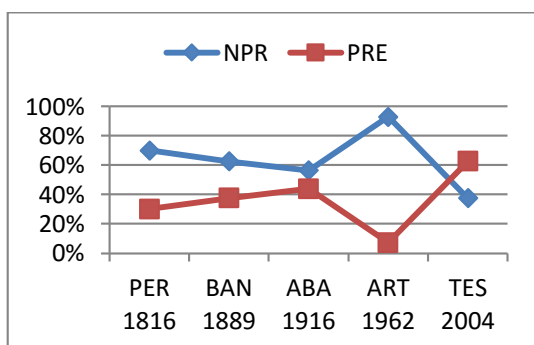


GRÁFICO 102 – Frequência por preposição na modalidade oral no *romance* do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		NPR	PRE	Total
XIX	PER 1816	78 55,7%	62 44,3%	140 100%
	BAN 1889	47 42,7%	63 57,3%	110 100%
XX	ABA 1916	24 63,20%	14 36,80%	38 100%
	ART 1962	81 59,6%	55 40,4%	136 100%
XXI	TES 2004	64 47,8%	70 52,2%	134 100%

TABELA 103 – Frequência por preposição na modalidade escrita no *romance* do EM

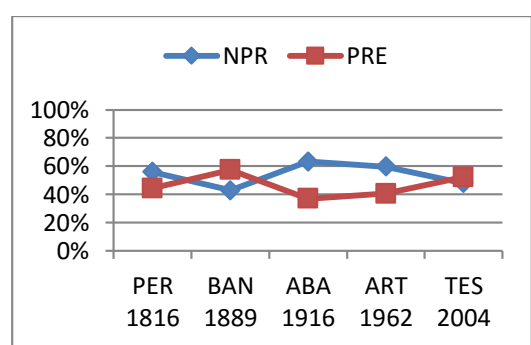


GRÁFICO 103 – Frequência por preposição na modalidade escrita no *romance* do EM

Percebe-se que há uma queda sutil do uso de PRE em ambos os GTs analisados, assim como acontece no PB em ORA, mas a superioridade no GT *notícia* e frequências muito próximas a NPR no *romance* continuam sendo vistas em ESC, também seguindo o padrão visto no PB. Deste modo, PRE perde a sua hegemonia como forma mais frequente na *notícia* e as suas frequências no *romance* são um pouco mais baixas que nos dados completos, legitimando a afirmação, feita anteriormente, de que a modalidade escrita viabiliza um maior uso de demonstrativos preposicionados que a linguagem oral.

Preposição e forma no EM

As tabelas e os gráficos correspondentes apresentados a seguir mostram os usos das formas dos demonstrativos nas estruturas não-preposicionadas e preposicionadas na *notícia* e no *romance* do EM.

Também no caso do EM, mais uma vez tem-se uma amostra do processo de mudança do sistema que está em andamento nessa língua nos dados de ambos os GTs, que apresentam a manutenção de F1 como a forma mais frequente na *notícia* em todas as faixas temporais e a ascensão de F2 para o âmbito de F1 no *romance*, além da constante diminuição da frequência de F3, a qual tende a ficar com frequências cada vez menores ao longo dos tempos.

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	NÃO-PREPOSICIONADO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	46	5	5	56
		82,1%	8,9%	8,9%	100%
XIX	IMP 1897	45	5	8	58
		77,6%	8,6%	13,8%	100%
XX	EXC 1917	37	8	2	47
		78,7%	17,0%	4,3%	100%
XX	UNI 1952	51	8	4	63
		81%	12,7%	6,3%	100%
XXI	REF 2014	47	27	2	76
		61,8%	35,5%	2,6%	100%

TABELA 104 – Frequência de formas não-preposicionadas na *notícia* do EM

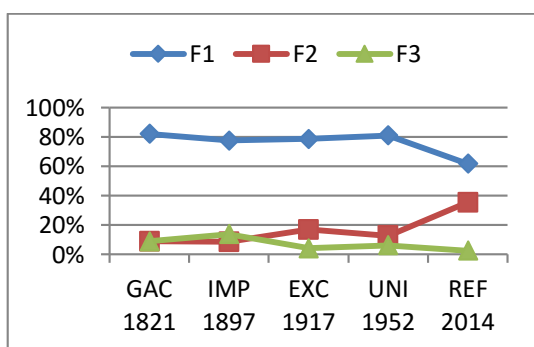


GRÁFICO 104 – Frequência de formas não-preposicionadas na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	PREPOSICIONADO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	72	7	15	94
		76,6%	7,4%	16%	100%
XIX	IMP 1897	56	22	14	92
		60,9%	23,9%	15,2%	100%
XX	EXC 1917	83	14	6	103
		80,6%	13,6%	5,8%	100%
XX	UNI 1952	55	26	6	87
		63,2%	29,9%	6,9%	100%
XXI	REF 2014	43	25	6	74
		58,1%	33,8%	8,1%	100%

TABELA 105 – Frequência de formas preposicionadas na *notícia* do EM

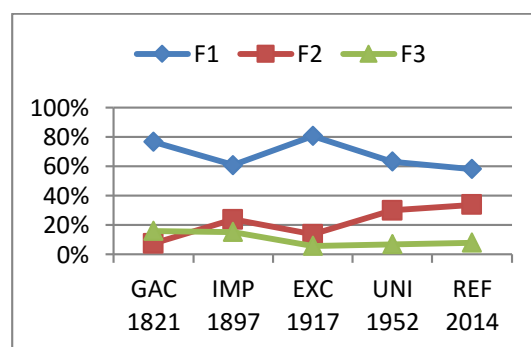


GRÁFICO 105 – Frequência de formas preposicionadas na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	NÃO-PREPOSICIONADO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	74	4	7	85
		87,1%	4,7%	8,2%	100%
XIX	BAN 1889	46	26	-	72
		63,9%	36,1%	-	100%
XX	ABA 1916	34	35	18	87
		39,1%	40,2%	20,7%	100%
XX	ART 1962	29	64	1	94
		30,9%	68,1%	1,1%	100%
XXI	TES 2004	14	51	5	70
		20%	72,9%	7,1%	100%

TABELA 106 – Frequência de formas não-preposicionadas no *romance* do EM

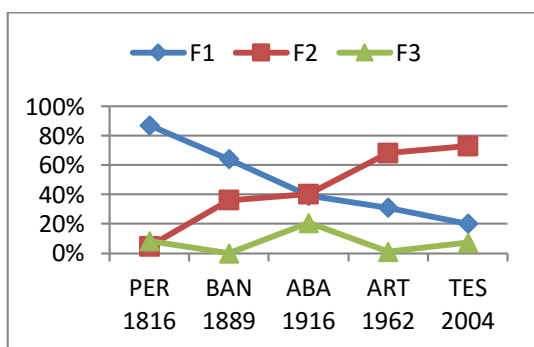


GRÁFICO 106 – Frequência de formas não-preposicionadas no *romance* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	PREPOSICIONADO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	54	6	5	65
		83,1%	9,2%	7,7%	100%
XIX	BAN 1889	46	31	1	78
		59%	39,7%	1,3%	100%
XX	ABA 1916	22	29	12	63
		34,9%	46%	19,0%	100%
XX	ART 1962	11	45	-	56
		19,6%	80,4%	-	100%
XXI	TES 2004	9	63	8	80
		11,3%	78,8%	10%	100%

TABELA 107 – Frequência de formas preposicionadas no *romance* do EM

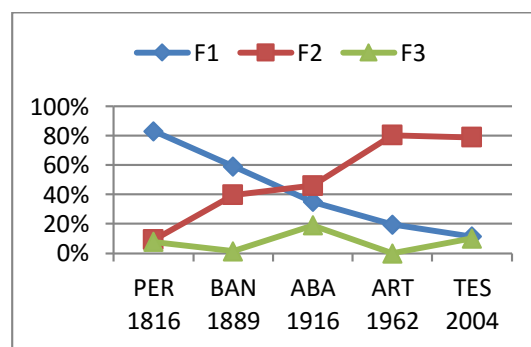


GRÁFICO 107 – Frequência de formas preposicionadas no *romance* do EM

5.3.2 POSIÇÃO NO SINTAGMA NOMINAL

Classificação da posição no SN

Os demonstrativos podem se apresentar tanto numa posição de *núcleo* do sintagma nominal, desempenhando um papel de *pronome*, como nos exemplos (15) e (17), ou também podem aparecer numa posição de *margem* do SN, exercendo um papel de *determinante*, como nos exemplos (16) e (18), abaixo:

- (15) “Bem diferente era o tio conego. **Esse** tinha muita austeridade e pureza; taes dotes, comtudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre.” (BRA, 1881)
- (16) “Há, por exemplo, as comunicações dos emissarios do Imperio austro-hungaro, relativos á queda do ultimo Imperio americano - o desthronamento de Dom Pedro II, Imperador do Brasil. A maior parte **dessas comunicações** eram transmitidas em codigo diplomatico.” (GLO, 1925)
- (17) “Doña Pascuala era hija de un cura de raza española, nativo de Cuautitlán. **Éste** en sus mocedades se dedicó al comercio de maíz y también al de amores, resultando de lo primero que reuniese un pequeño capital, y, de lo segundo, una robusta muchacha que vino al mundo sin grandes dificultades.” (BAN, 1889)
- (18) “Medicina, sicología, nutrición y veterinaria son las principales áreas en las que brindamos asesoría’, indicó Rafael Rodríguez Patricio, responsable del programa Medicina a Distancia. **Este proyecto** inició en 2007 para orientar a las mujeres interesadas en la ILE, el servicio operaba con un horario y sólo 5 personas atendían.” (REF, 2014)

Foram adotados, neste trabalho, os mesmos critérios de classificação da natureza dos demonstrativos com relação à sua posição no SN utilizados por Cambraia (2012, p. 45), o qual considera que um demonstrativo pode ocupar as posições: a) de margem do SN quando está acompanhado de substantivo, de adjetivo, apenas do referenciador *mesmo*, apenas do referenciador *tal*, apenas do indefinido ou apenas de possessivo; ou b) de núcleo do SN quando está sozinho no SN, acompanhado apenas de sintagmas preposicionados, acompanhado apenas de sintagmas adverbiais, acompanhado apenas do quantificador *todo/tudo*, acompanhado apenas de oração relativa (restritiva ou explicativa), em estrutura coordenada ou em expressões idiomáticas.

Posição no SN no PB

As frequências dos demonstrativos do *corpus* do PB em posição *margin* (MAR) ou *núcleo* (NUC) no sintagma nominal estão expressas na tabela e no gráfico abaixo:

PB			
Séc.	MAR	NUC	Total
XIX	198	102	300
1ªm.	66,0%	34,0%	100%
XIX	234	66	300
2ªm.	78,0%	22,0%	100%
XX	202	98	300
1ªm.	67,3%	32,7%	100%
XX	206	94	300
2ªm.	68,7%	31,3%	100%
XXI	190	110	300
1ªm.	63,3%	36,7%	100%

TABELA 108 – Frequência por posição no SN do PB

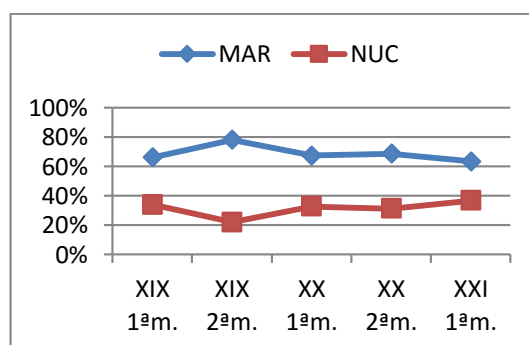


GRÁFICO 108 – Frequência por posição no SN do PB

Há a predominância dos demonstrativos em posição MAR em todos os séculos, segundo se vê nos dados do *corpus* do PB.

Posição no SN na notícia e no romance do PB

Seguem, abaixo, as tabelas e os gráficos correspondentes, com as frequências dos demonstrativos por posição no sintagma nominal nos GTs *notícia* e *romance* do PB:

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	MAR	NUC	Total
XIX	DRJ 1821	121 80,7%	29 19,3%	150 100%
	JDB 1891	132 88%	18 12%	150 100%
XX	GLO 1925	116 77,3%	34 22,7%	150 100%
	CDM 1974	115 76,7%	35 23,3%	150 100%
XXI	DIA 2013	95 63,3%	55 36,7%	150 100%

TABELA 109 – Frequência por posição no SN na notícia do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	MAR	NUC	Total
XIX	MOR 1844	77 51,3%	73 48,7%	150 100%
	BRA 1881	102 68%	48 32%	150 100%
XX	POL 1911	86 57,3%	64 42,7%	150 100%
	EST 1977	91 60,7%	59 39,3%	150 100%
XXI	LEI 2009	95 63,3%	55 36,7%	150 100%

TABELA 110 – Frequência por posição no SN no romance do PB

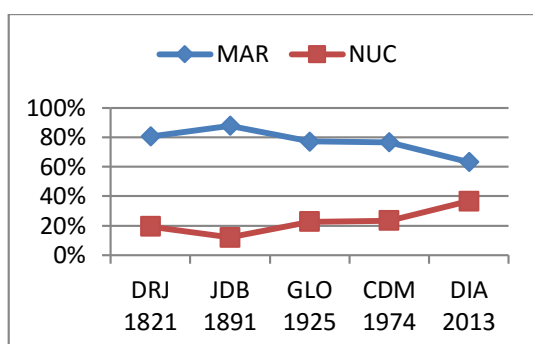


GRÁFICO 109 – Frequência por posição no SN na notícia do PB

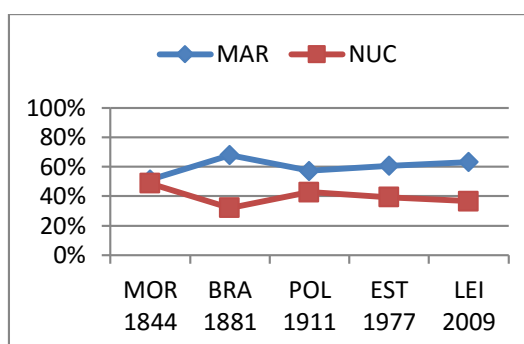


GRÁFICO 110 – Frequência por posição no SN no romance do PB

Como se vê, no PB, os demonstrativos em posição MAR são mais frequentes em todas as faixas temporais apresentadas, e em ambos os GTs em questão.

Posição no SN e o neutro no PB

Como se pode ver, nos dados apresentados anteriormente, o valor da posição MAR é muito superior na *notícia*, pois se mantém sempre bem próximo à faixa de 80% das ocorrências, enquanto no *romance* as frequências ficam mais próximas aos 60%. Esse fato pode ser explicado pela grande quantidade de demonstrativos do gênero neutro que este último GTs possui, influenciado pela sua ligação mais estreita com a língua falada, como visto anteriormente⁵⁴, o que propicia uma ampliação de frequência de NUC, uma vez que essa é a única posição possível com esse gênero.

⁵⁴ cf. seção 5.2.1.

Sendo assim, realizou-se também a contabilização das frequências de MAR e NUC retirando-se as ocorrências de demonstrativos do gênero neutro, conforme se vê nas tabelas e gráficos correspondentes, a seguir:

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	MAR	NUC	Total
XIX	DRJ 1821	121 85,8%	20 14,2%	144 100%
	JDB 1891	132 92,3%	11 7,7%	140 100%
XX	GLO 1925	116 85,9%	19 14,1%	134 100%
	CDM 1974	115 86,5%	18 13,5%	135 100%
XXI	DIA 2013	95 86,4%	15 13,6%	110 100%

TABELA 111 – Frequência por posição no SN (sem neutros) na *notícia* do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	MAR	NUC	Total
XIX	MOR 1844	77 72,6%	29 27,4%	106 100%
	BRA 1881	102 86,4%	16 13,6%	118 100%
XX	POL 1911	86 88,7%	11 11,3%	97 100%
	EST 1977	91 85,8%	15 14,2%	106 100%
XXI	LEI 2009	95 86,4%	15 13,6%	110 100%

TABELA 112 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no *romance* do PB

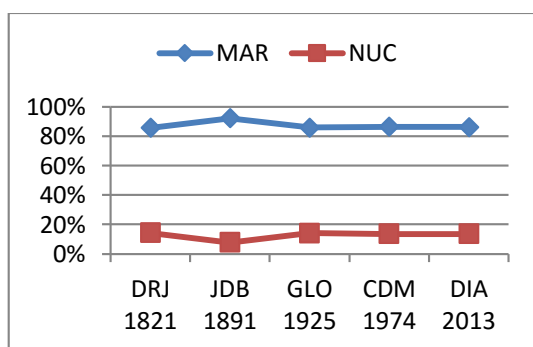


GRÁFICO 111 – Frequência por posição no SN (sem neutros) na *notícia* do PB

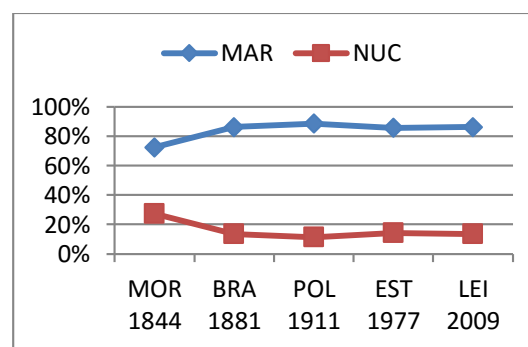


GRÁFICO 112 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no *romance* do PB

Como esperado, com a retirada dos demonstrativos de gênero neutro, os GTs *notícia* e *romance* no PB ficam, em geral, com números muito semelhantes quanto às posições MAR e NUC, nos quais a posição MAR é a mais frequente e representada por mais de 80% das ocorrências em quase todos os casos.

Posição no SN no teatro do PB

Os dados sobre o *teatro* da tabela abaixo também expõem a mesma prevalência da posição MAR sobre NUC, com frequências parecidas com as do *romance*:

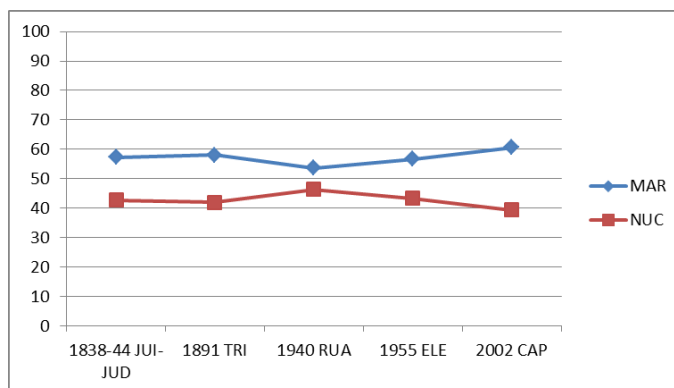


GRÁFICO 113 – Frequência por posição no SN no teatro do PB
CAMBRAIA (2012, p. 46, adaptada)

Ao se retirar os neutros, o GT *teatro* também apresenta uma elevação de MAR para 80% das ocorrências em quase todas as faixas temporais, como se vê abaixo, como aconteceu com o *romance*, afinal, o teatro também é um GT em que a oralidade está muito presente:

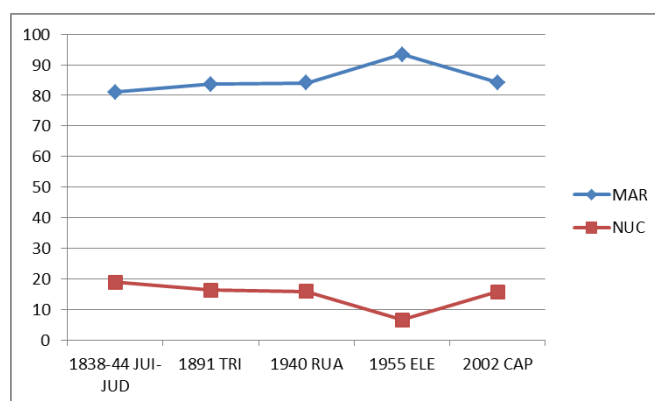


GRÁFICO 114 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no teatro do PB
CAMBRAIA (2012, p. 46, adaptada)

Posição no SN e modalidade no PB

As tabelas e gráficos a seguir apresentam as frequências dos demonstrativos em trechos orais e escritos das notícias e dos romances de acordo com a sua posição no sintagma nominal no PB:

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ORAL		
		MAR	NUC	Total
XIX	DRJ 1821	-	-	-
	JDB 1891	-	-	-
XX	GLO 1925	25 86,2%	4 13,8%	29 100%
	CDM 1974	13 72,2%	5 27,8%	18 100%
XXI	DIA 2013	47 69,1%	21 30,9%	68 100%

TABELA 115 – Frequência por posição no SN na modalidade oral na *notícia* do PB

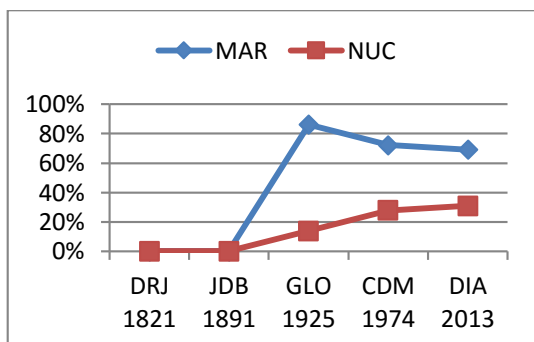


GRÁFICO 115 – Frequência por posição no SN na modalidade oral na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		MAR	NUC	Total
XIX	DRJ 1821	121 80,7%	29 19,3%	150 100%
	JDB 1891	132 88%	18 12%	150 100%
XX	GLO 1925	91 75,2%	30 24,8%	121 100%
	CDM 1974	102 77,3%	30 22,7%	132 100%
XXI	DIA 2013	48 58,5%	34 41,5%	82 100%

TABELA 116 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita na *notícia* do PB

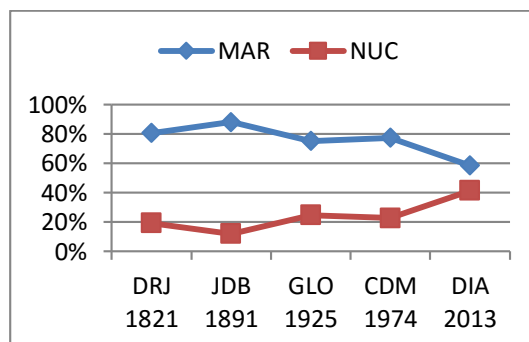


GRÁFICO 116 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita na *notícia* do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	ORAL		
		MAR	NUC	Total
XIX	MOR 1844	32 42,7%	43 57,3%	75 100%
	BRA 1881	15 53,6%	13 46,4%	28 100%
XX	POL 1911	14 38,9%	22 61,1%	36 100%
	EST 1977	6 46,2%	7 53,8%	13 100%
XXI	LEI 2009	2 28,6%	5 71,4%	7 100%

TABELA 117 – Frequência por posição no SN na modalidade oral no *romance* do PB

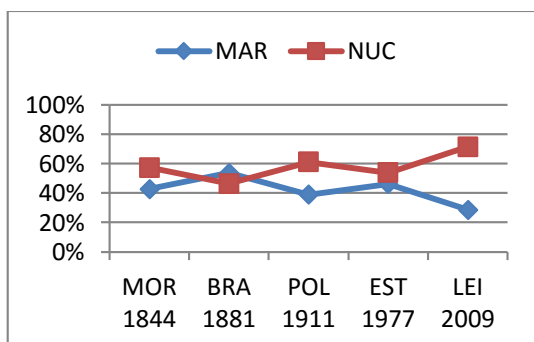


GRÁFICO 117 – Frequência por posição no SN na modalidade oral no *romance* do PB

PB - ROMANCE				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		MAR	NUC	Total
XIX	MOR 1844	45 60%	30 40%	75 100%
	BRA 1881	87 71,3%	35 28,7%	122 100%
XX	POL 1911	72 63,2%	42 36,8%	114 100%
	EST 1977	85 62%	52 38%	137 100%
XXI	LEI 2009	93 65%	50 35%	143 100%

TABELA 118 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita no *romance* do PB

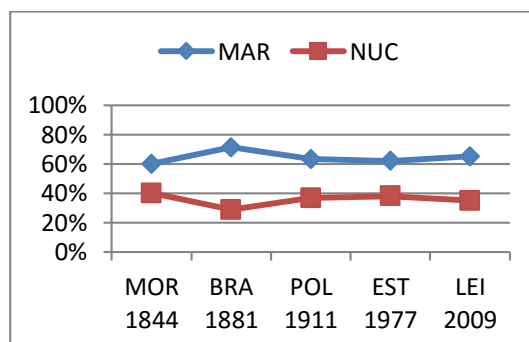


GRÁFICO 118 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita no *romance* do PB

Os dados orais mostram a predominância de MAR na *notícia* do PB, entretanto, no *romance*, prevalece a posição NUC, o que também pode ser explicado pela grande quantidade de formas neutras presentes na língua falada, as quais somente podem exercer a função de NUC na língua. Em ESC, a *notícia* mantém a faixa de domínio de 80% da posição MAR, mas no *romance* essa frequência cai, chegando à faixa dos 60%.

Posição no SN e forma no PB

As tabelas e gráficos a seguir mostram as frequências das formas dos demonstrativos nas posições margem e núcleo do PB.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	MARGEM			Total
		F1	F2	F3	
XIX	DRJ 1821	106 87,6%	2 1,7%	13 10,7%	121 100%
	JDB 1891	90 68,2%	22 16,7%	20 15,2%	132 100%
XX	GLO 1925	27 23,3%	70 60,3%	19 16,4%	116 100%
	CDM 1974	52 45,3%	48 41,7%	15 13%	115 100%
XXI	DIA 2013	34 35,8%	53 55,8%	8 8,4%	95 100%

TABELA 119 – Frequência de formas em posição margem na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	NÚCLEO			Total
		F1	F2	F3	
XIX	DRJ 1821	22 75,9%	4 13,8%	3 10,3%	29 100%
	JDB 1891	11 61,1%	3 16,7%	4 22,2%	18 100%
XX	GLO 1925	21 61,8%	12 35,3%	1 2,9%	34 100%
	CDM 1974	20 57,1%	10 28,6%	5 14,3%	35 100%
XXI	DIA 2013	4 7,3%	43 78,2%	8 14,5%	55 100%

TABELA 120 – Frequência de formas em posição núcleo na *notícia* do PB

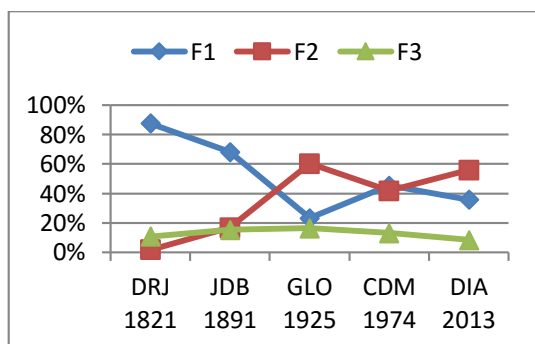


GRÁFICO 119 – Frequência de formas em posição margem na *notícia* do PB

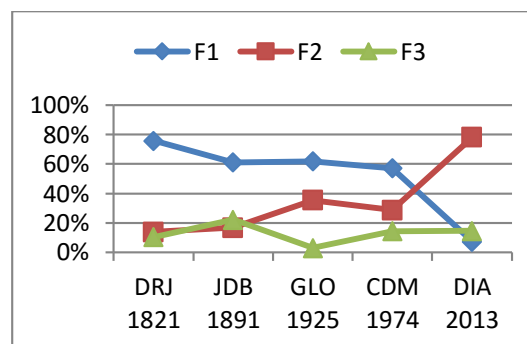


GRÁFICO 120 – Frequência de formas em posição núcleo na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	MARGEM			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	32 41,6%	29 37,7%	16 20,8%	77 100%
	BRA 1881	43 42,2%	46 45,1%	13 12,7%	102 100%
XX	POL 1911	13 15,1%	39 45,3%	34 39,5%	86 100%
	EST 1977	33 36,3%	54 59,3%	4 4,4%	91 100%
XXI	LEI 2009	10 10,5%	45 47,4%	40 42,1%	95 100%

TABELA 121 – Frequência de formas em posição margem no romance do EM

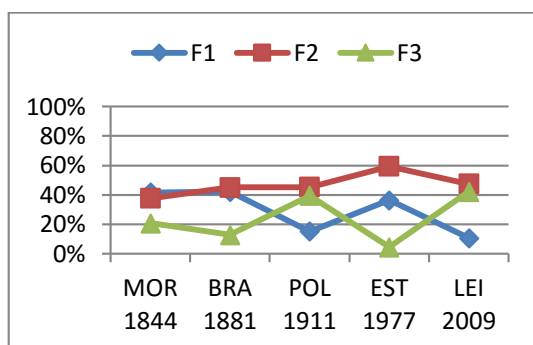


GRÁFICO 121 – Frequência de formas em posição margem no romance do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	NÚCLEO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	36 49,3%	26 35,6%	11 15,1%	73 100%
	BRA 1881	20 41,7%	22 45,8%	6 12,5%	48 100%
XX	POL 1911	28 43,8%	28 43,8%	8 12,5%	64 100%
	EST 1977	14 23,7%	44 74,6%	1 1,7%	59 100%
XXI	LEI 2009	8 14,5%	38 69,1%	9 16,4%	55 100%

TABELA 122 – Frequência de formas em posição núcleo no romance do EM

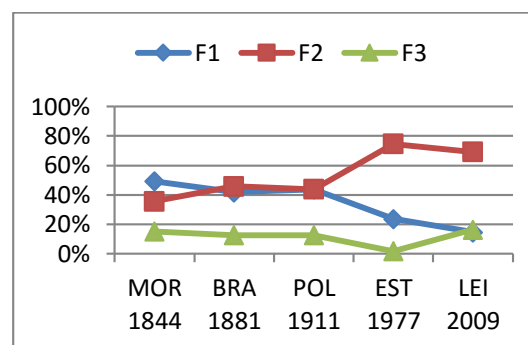


GRÁFICO 122 – Frequência de formas em posição núcleo no romance do PB

Vê-se que as formas dos demonstrativos continuam seguindo o seu padrão geral também na análise deste fator, que é a ascensão de F2 e constante queda de F1 ao longo dos séculos em ambos os GTs.

Posição no SN no EM

A tabela e o gráfico a seguir trazem as frequências dos demonstrativos de acordo com a sua posição no SN (margem ou núcleo) no *corpus* do EM:

EM - ROMANCE			
Séc.	MAR	NUC	Total
XIX	209	91	300
1ªm.	69,7%	30,3%	100%
XIX	220	80	300
2ªm.	73,3%	26,7%	100%
XX	217	83	300
1ªm.	72,3%	27,7%	100%
XX	231	69	300
2ªm.	77,0%	23,0%	100%
XXI	251	49	300
1ªm.	83,7%	16,3%	100%

TABELA 123 – Frequência por posição no SN no EM

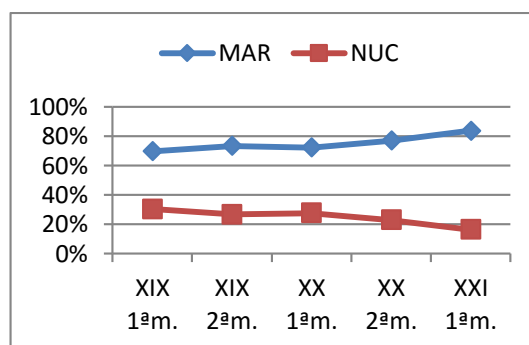


GRÁFICO 123 – Frequência por posição no SN no EM

Assim como no PB, no EM há um uso bem mais significativo da posição MAR que a de NUC nos dados coletados do *corpus*.

Posição no SN na notícia e no romance do EM

Seguem, abaixo, as tabelas e os gráficos com as frequências dos demonstrativos por posição no sintagma nominal (margem ou núcleo), nas notícias e nos romances do EM.

Os dados também mostram uma grande semelhança entre o EM e o PB nesse quesito, uma vez que a posição MAR, da mesma forma, ocupa o posto de mais frequente em todos os séculos avaliados de ambos os GTs e o GT *notícia* novamente apresenta uma frequência bem maior de MAR do que o *romance*.

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	MAR	NUC	Total
XIX	GAC 1821	118 78,7%	32 21%	150 100%
	IMP 1897	117 78%	33 22%	150 100%
XX	EXC 1917	132 88%	18 12%	150 100%
	UNI 1952	122 81%	28 18,7%	150 100%
XXI	REF 2014	128 85,3%	22 14,7%	150 100%

TABELA 124 – Frequência por posição no SN na *notícia* do EM

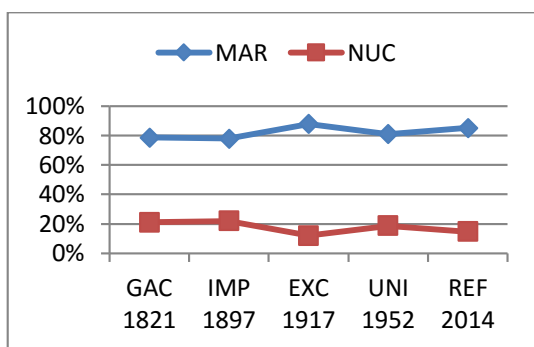


GRÁFICO 124 – Frequência por posição no SN na *notícia* do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	MAR	NUC	Total
XIX	PER 1816	91 60,7%	59 39%	150 100%
	BAN 1889	103 68,7%	47 31,3%	150 100%
XX	ABA 1916	85 57%	65 43%	150 100%
	ART 1962	109 73%	41 27,3%	150 100%
XXI	TES 2004	123 82%	27 18%	150 100%

TABELA 125 – Frequência por posição no SN no *romance* do EM

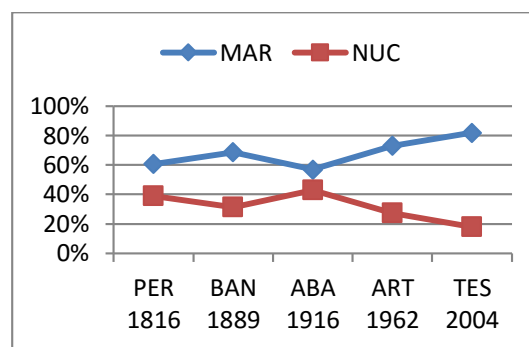


GRÁFICO 125 – Frequência por posição no SN no *romance* do EM

Posição no SN e o neutro no EM

Assim como no PB, a superioridade de frequência da posição MAR com relação a NUC é muito maior na *notícia*, uma vez que a grande quantidade de formas neutras no *romance* eleva o número de ocorrências de NUC. Para se observar melhor esse fenômeno, as tabelas e gráficos abaixo apresentam as frequências das posições MAR e NUC, sem a inclusão das formas neutras:

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	MAR	NUC	Total
XIX	GAC 1821	118 80,8%	28 19,2%	146 100%
	IMP 1897	117 83%	24 17%	141 100%
XX	EXC 1917	132 93%	10 7%	142 100%
	UNI 1952	122 84,1%	23 15,9%	145 100%
XXI	REF 2014	128 92,8%	10 7,2%	138 100%

TABELA 126 – Frequência por posição no SN (sem neutros) na *notícia* do EM

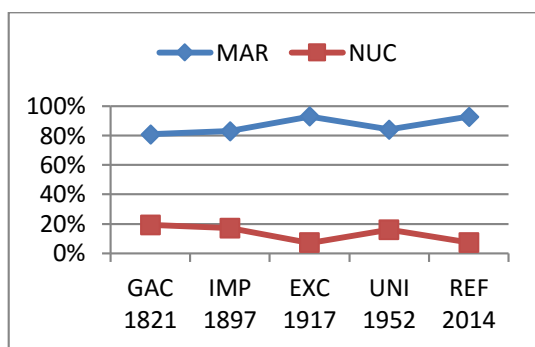


GRÁFICO 126 – Frequência por posição no SN (sem neutros) na *notícia* do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	MAR	NUC	Total
XIX	PER 1816	91 77,1%	27 22,9%	118 100%
	BAN 1889	103 93,6%	7 6,4%	110 100%
XX	ABA 1916	85 78,7%	23 21,3%	108 100%
	ART 1962	109 94,8%	6 5,2%	115 100%
XXI	TES 2004	123 95,3%	6 4,7%	129 100%

TABELA 127 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no *romance* do EM

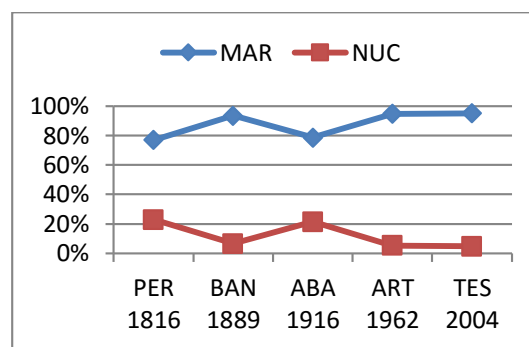


GRÁFICO 127 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no *romance* do EM

Retirando-se os neutros, portanto, há uma melhor equiparação entre as frequências das posições no SN entre os GTs *notícia* e *romance* no EM, da mesma forma que foi visto nos dados do PB.

Posição no SN no teatro do EM

Também no GT *teatro* do EM há sempre uma maior prevalência da posição MAR, conforme mostra o gráfico a seguir, que se assemelha à frequência vista no *romance*:

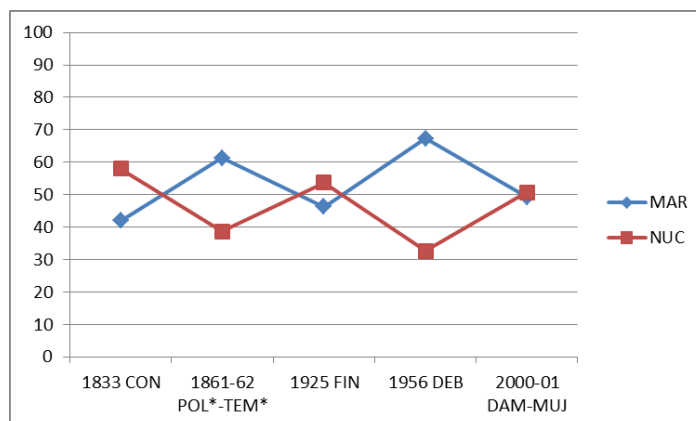


GRÁFICO 128 – Frequência por posição no SN no teatro do EM CAMBRAIA (2012, p. 46, adaptada)

Sem as formas neutras, MAR fica no *teatro* com frequências semelhantes às da *notícia*, na faixa de 80% das ocorrências, como mostra o gráfico abaixo.

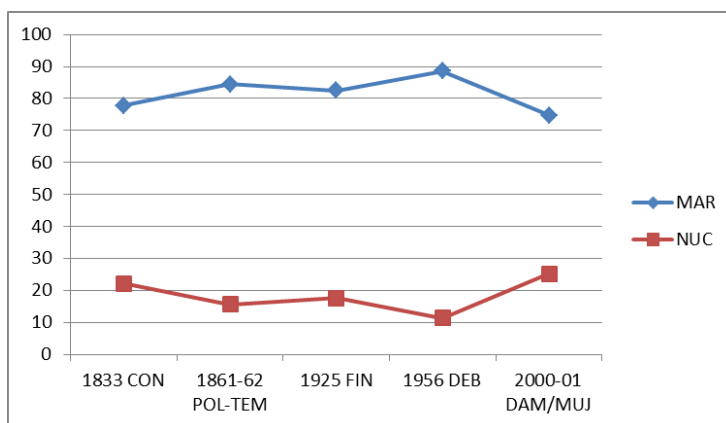


GRÁFICO 129 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no teatro do EM CAMBRAIA (2012, p. 46, adaptada)

Posição no SN e modalidade no EM

As tabelas e gráficos, a seguir, apresentam as frequências dos demonstrativos em ocorrências da modalidade oral e da modalidade escrita das notícias e dos romances de acordo com a sua posição no sintagma nominal do EM.

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ORAL		
		MAR	NUC	Total
XIX	GAC 1821	-	-	-
	IMP 1897	2 66,7%	1 33,3%	3 100%
XX	EXC 1917	1 50%	1 50%	2 100%
	UNI 1952	12 75%	4 25%	16 100%
XXI	REF 2014	42 76,4%	13 23,6%	55 100%

TABELA 130 – Frequência por posição no SN na modalidade oral na *notícia* do EM

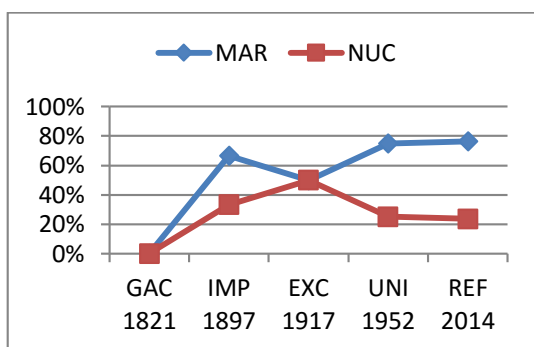


GRÁFICO 130 – Frequência por posição no SN na modalidade oral na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		MAR	NUC	Total
XIX	GAC 1821	118 78,7%	32 21,3%	150 100%
	IMP 1897	115 78,2%	32 21,8%	147 100%
XX	EXC 1917	131 88,5%	17 11,5%	148 100%
	UNI 1952	110 82,1%	24 17,9%	134 100%
XXI	REF 2014	86 90,5%	9 9,5%	95 100%

TABELA 131 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita na *notícia* do EM

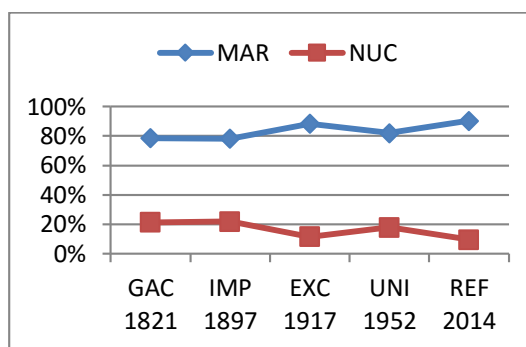


GRÁFICO 131 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita na *notícia* do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	ORAL		
		MAR	NUC	Total
XIX	PER 1816	7 70%	3 30%	10 100%
	BAN 1889	18 45%	22 55%	40 100%
XX	ABA 1916	61 54,5%	51 45,5%	112 100%
	ART 1962	5 35,7%	9 64,3%	14 100%
XXI	TES 2004	12 75%	4 25%	16 100%

TABELA 132 – Frequência por posição no SN na modalidade oral no *romance* do EM

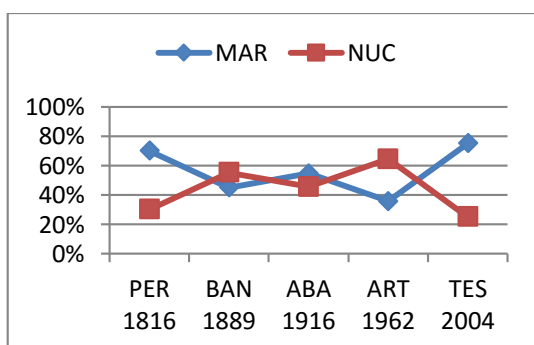


GRÁFICO 132 – Frequência por posição no SN na modalidade oral no *romance* do EM

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	ESCRITA		
		MAR	NUC	Total
XIX	PER 1816	84 60,0%	56 40,0%	140 100%
	BAN 1889	85 77,3%	25 22,7%	110 100%
XX	ABA 1916	24 63,2%	14 36,8%	38 100%
	ART 1962	104 76,5%	32 23,5%	136 100%
XXI	TES 2004	111 82,8%	23 17,2%	134 100%

TABELA 133 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita no *romance* do EM

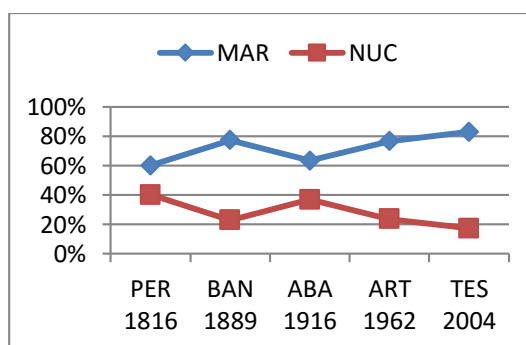


GRÁFICO 133 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita no *romance* do EM

Os dados orais nessa língua registram uma acentuação do uso de NUC em ambos os GTs, chegando até essa posição ser a mais frequente em alguns períodos, e isso resulta da grande presença de neutros na oralidade, assim como ocorre no PB. Já nos dados da modalidade escrita não há alterações significativas no padrão de predomínio de MAR.

Posição no SN e forma no EM

As tabelas e gráficos a seguir apresentam as frequências das formas dos demonstrativos de acordo com a sua posição no SN:

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	MARGEM			Total
		F1	F2	F3	
XIX	GAC	92	10	16	118
	1821	78%	8,5%	13,5%	100%
	IMP	76	25	16	117
XX	1897	65%	21,3%	13,7%	100%
	EXC	107	19	6	132
	1917	81,1%	14,4%	4,5%	100%
XXI	UNI	82	33	7	122
	1952	67,3%	27%	5,7%	100%
	REF	77	44	7	128
2014	60,2%	34,4%	5,5%	100%	

TABELA 134 – Frequência de formas em posição margem na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	NÚCLEO			Total
		F1	F2	F3	
XIX	GAC	26	2	4	32
	1821	81,3%	6,3%	12,5%	100%
	IMP	25	2	6	33
XX	1897	75,8%	6,1%	18,2%	100%
	EXC	13	3	2	18
	1917	72,2%	16,7%	11,1%	100%
XXI	UNI	24	1	3	28
	1952	85,7%	3,6%	10,7%	100%
	REF	13	8	1	22
2014	59,1%	36,4%	4,5%	100%	

TABELA 135 – Frequência de formas em posição núcleo na *notícia* do EM

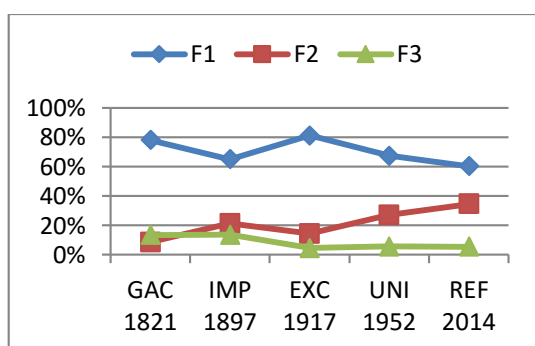


GRÁFICO 134 – Frequência de formas em posição margem na *notícia* do EM

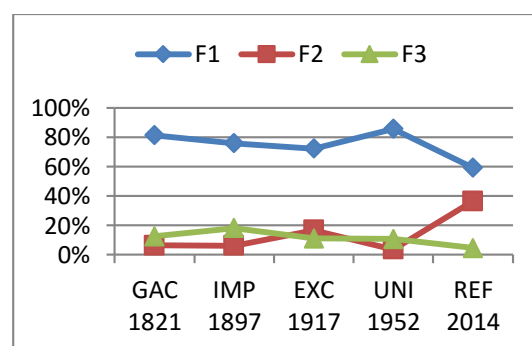


GRÁFICO 135 – Frequência de formas em posição núcleo na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	MARGEM			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	80 87,9%	5 5,5%	6 6,6%	91 100%
	BAN 1889	65 63,1%	37 35,9%	1 1%	103 100%
XX	ABA 1916	42 49,4%	24 28,2%	19 22,4%	85 100%
	ART 1962	32 29,4%	76 69,7%	1 0,9%	109 100%
XXI	TES 2004	18 14,6%	92 74,8%	13 10,6%	123 100%

TABELA 136 – Frequência de formas em posição margem no *romance* do EM

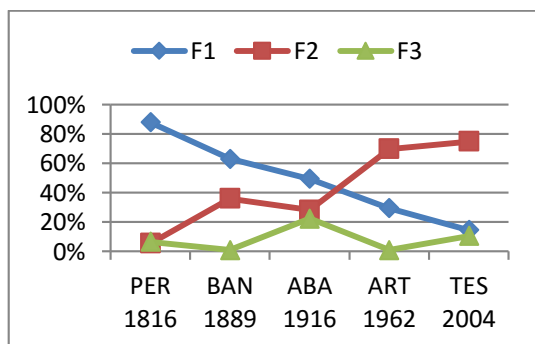


GRÁFICO 136 – Frequência de formas em posição margem no *romance* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	NÚCLEO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	48 81,4%	5 8,5%	6 10,2%	59 100%
	BAN 1889	27 57,4%	20 42,6%	-	47 100%
XX	ABA 1916	14 21,5%	40 61,5%	11 16,9%	65 100%
	ART 1962	8 19,5%	33 80,5%	-	41 100%
XXI	TES 2004	5 18,5%	22 81,5%	-	27 100%

TABELA 137 – Frequência de formas em posição núcleo no *romance* do EM

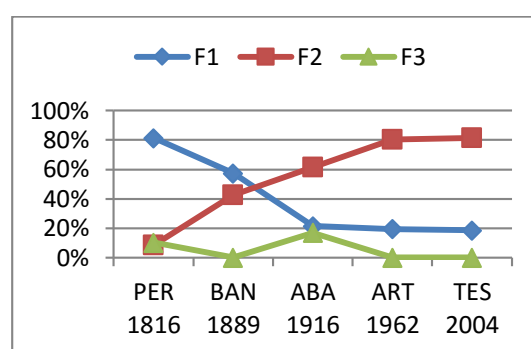


GRÁFICO 137 – Frequência de formas em posição núcleo no *romance* do EM

Em todos os casos tem-se a repetição do padrão geral das formas visto anteriormente, em que F1 se mantém categoricamente como a mais frequente no GT *notícia*, enquanto no GT *romance* a frequência de F2 cresce ao longo dos séculos e supera F1, além de se ter F3 sempre com frequências bastante baixas e até mesmo nula em alguns casos

Tipos de Posposição

Os demonstrativos em posição de margem no SN podem aparecer não só precedendo o seu núcleo, mas também em posição posposta a ele. A posição anteposta é a mais frequente e usual, enquanto a aparição de uma estrutura posposta é bastante rara tanto na língua portuguesa quanto na língua espanhola, ou seja, pode-se considerá-la como uma estrutura marcada, segundo Ramalho (2012, p. 101).

Há dois tipos de posposição encontradas no *corpus*. A primeira, chamada de *posposição não-articulada de demonstrativo* (PND), como pode ser vista nos exemplos (19) e (20), não possui a presença de um artigo definido e é a mais comum no português:

(19) “Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as *informações sobre os personagens* são poucas e não muito elucidativas, **informações essas** que pensosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria..” (EST, 1977)

(20) “Logo depois, *senti-me transformado na Summa Theologica de S. Thomaz, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéia esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade.” (BRA, 1881)

Existe também a chamada *posposição articulada de demonstrativo* (PAD), a qual apresenta um artigo definido no mesmo SN, em posição anterior à do núcleo, e é a mais comum no espanhol, principalmente na língua oral, como se vê no exemplo (21), a seguir:

(21) “—¡Orgullosa!... ¿Tan mal te serví que hasta el habla me niegas?...
—¿Por qué me dices eso, Camila? Tú has sido muy buena conmigo... mejor que una amiga; me has cuidado como una hermana. Yo me voy muy agradecido de ti y siempre lo recordaré.
—¡Mentiroso! —dijo Camila transfigurada de alegría—. ¿Y si yo no te he hablado?
—Yo iba a darte las gracias esta noche en el baile.
—¿Cuál baile?... Si hay baile, no iré yo...
—¿Por qué no irás?
— Porque no puedo ver **al viejo ese... a! Demetrio.**
— ¡Qué tonta!...”
(ABA, 1916)

Ramalho (2012, p. 17) afirma que a PAD ocorre no espanhol e em outras línguas românicas, como o catalão e romeno, mas não seria possível em português, por não encontrar nenhuma ocorrência na base eletrônica de Mark Davies, *Corpus do Português*, fonte de seus dados, ou qualquer referência a esta estrutura articulada em literatura acadêmica sobre os demonstrativos nessa língua. Contudo, os dados coletados na presente pesquisa acabaram contrariando essa afirmação, uma vez que neles foram encontradas tais ocorrências em um romance do PB, como se verá a seguir.

Posposição na notícia, no romance e no teatro do PB

As tabelas a seguir mostram as frequências dos demonstrativos em posição de *margem anteposta* (MA) e de *margens pospostas* (PND, posposição não-articulada de demonstrativo, e PAD, posposição articulada de demonstrativo) no PB:

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	MA	PND	PAD	Total
XIX	DRJ 1821	121 100%	-	-	121 100%
	JDB 1891	131 99,2%	1 0,8%	-	132 100%
XX	GLO 1925	115 99,1%	1 0,9%	-	116 100%
	CDM 1974	112 97,4%	3 2,6%	-	115 100%
XXI	DIA 2013	95 100%	-	-	95 100%

TABELA 138 – Frequência por tipo de posição margem no SN na notícia do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	MA	PND	PAD	Total
XIX	MOR 1844	77 100%	-	-	77 100%
	BRA 1881	101 99%	1 1%	-	102 100%
XX	POL 1911	85 98,8%	1 1,2%	-	86 100%
	EST 1977	85 94,3%	5 5,5%	2 2,2%	91 100%
XXI	LEI 2009	95 100%	-	-	95 100%

TABELA 139 – Frequência por tipo de posição margem no SN no romance do PB

Com relação à PND, vê-se que essa é realmente uma estrutura bastante rara, uma vez que atinge, no máximo, pouco mais de 5,5% dos demonstrativos em posição de margem do SN no *corpus* deste trabalho, enquanto no GT *teatro*, não foi encontrada nenhuma ocorrência desse tipo de posposição no PB (CAMBRAIA, 2012, p. 47). Além disso, a época em que esses demonstrativos pospostos primeiramente ocorrem no *corpus* do PB desta pesquisa corrobora a hipótese de Ramalho (2012, p. 50), de que a gênese da PND se deu na segunda metade do século XIX, em português.

Quanto à sua função, segundo Ramalho (2012, p. 101) a PND é usada para retomar anaforicamente um elemento anterior com baixa distância referencial, como no exemplo (19) ou para se referir a uma parte do discurso imediatamente anterior, através da referência *dêitico-discursiva* (também chamada de *anáfora escura*), como no exemplo (20). Os dados do *corpus* deste trabalho confirmam esses usos, sendo que as duas ocorrências da 2ª metade do século XIX, de *JDB* e de *BRA* desempenham a segunda função apresentada e as restantes exercem a primeira.

Outro fato notável é que o uso da PND parece estar fortemente ligado ao estilo do autor, uma vez que, por exemplo, duas das três ocorrências da PND em *CDM* encontram-se em uma mesma notícia, cujo autor, portanto, parecia ter um grande hábito de usar esse tipo de construção. Do mesmo modo, a autora de *EST*, Clarice Lispector, também parecia possuir, em seu estilo de próprio de composição textual, um grande gosto por posposições, já que, no trecho de seu romance analisado, foram encontradas cinco ocorrências desse fenômeno, como visto no exemplo (19).

Além de utilizar o maior número de PNDs dentre os todos os textos analisados, Lispector também é quem emprega as duas ocorrências da estrutura PAD encontradas no PB, reproduzidas nos exemplos (22) e (23), a seguir:

(22) “Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio. E assim se passava o tempo para **a moça esta**. Assoava o nariz na barra da combinação. Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto.” (EST, 1977)

(23) “Quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. Mas eu, que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada. Sou gratuito e pago as contas de luz, gás e telefone. Quanto à ela, até mesmo de vez em quando ao receber o salário comprava uma rosa. Tudo isso acontece **no ano este** que passa e só acabarei esta história difícil quando eu ficar exausto da luta, não sou um desertor.” (EST, 1977)

Sendo assim, a existência dessas ocorrências contradiz a posição de Ramalho (2012, p. 50), de que a PAD não seria admissível em português. Todavia, a biografia da autora pode dar indícios para se explicar tal uso inesperado, em língua portuguesa, da PAD. A autora nasceu na Ucrânia e, depois de vir com seus pais para o Brasil, foi criada em um ambiente poliglota, o que fez com que ela aprendesse e dominasse vários idiomas. Não se põe em dúvida a *brasildade* da autora, que, por sinal, possuía um forte sotaque estrangeiro. O que se sugere é a hipótese de que o uso da PAD em seu texto tenha sido um recurso estilístico gerado por uma possível influência dos seus conhecimentos de outros idiomas que possuem tal estrutura como, por exemplo, o espanhol.

Posposição na notícia, no romance e no teatro do EM

No EM, não há ocorrências de pospostos na *notícia*, portanto, apresenta-se apenas a tabela, abaixo, referente à frequência dos demonstrativos pospostos no *romance*:

EM - ROMANCE				
Séc.	Texto	MA	PAD	Total
XIX	PER 1816	91 100%	-	91 100%
	BAN 1889	103 100%	-	103 100%
XX	ABA 1916	82 96,5%	3 3,5%	85 100%
	ART 1962	109 100%	-	109 100%
XXI	TES 2004	123 100%	-	123 100%

TABELA 140 – Frequência por tipo de posição margem no SN no romance do EM

Não foram encontradas ocorrências de PND no EM, somente da posposição do demonstrativo do tipo PAD, com uma baixíssima frequência. Assim também são os dados do *teatro*, de Cambraia (2012, p. 47-48), o qual encontra no EM apenas a PAD nas duas últimas faixas temporais, 2ª metade do século XX e 1ª do século XX, com 1% e 7,5% das ocorrências em cada século, respectivamente.

As três ocorrências coletadas desta categoria no *romance* estão presentes na mesma obra, em ABA, de Mariano Azuela, o que dá ainda mais vitalidade à ideia de que este fenômeno também tem relação com a questão de estilo do autor. Além disso, as três ocorrências têm em comum o fato de fazerem parte de uma reprodução da língua falada no texto, ou seja, estão em diálogos, e esse fato já era de se esperar, uma vez que é na modalidade oral em que há o maior uso dessa estrutura (RAMALHO, 2012, p. 101).

Com relação às funções da PAD no discurso, Lavric (1995) chega à conclusão de que os pospostos em espanhol serviriam para expressar *pejoratividade*, *afetividade* ou mesmo funcionariam como um indicador de *indexicalidade*, ou seja, “como sinais de um contexto consabido a reconstruir, de uma informação prévia que o locutor não está totalmente seguro de poder pressupor em seu ouvinte” (LAVRIC, 1995, p. 112).⁵⁵

Isto se confirma ao se retomar o exemplo (21), pois se nota que Camila, para se referir pejorativamente ao personagem Demetrio, utiliza a construção *el viejo esse*. As outras duas ocorrências, reproduzidas abaixo nos exemplos (24) e (25), são modelos de *indexicalidade*, pois, em ambos os casos, o falante pretende “checar se um referente pressuposto pelo falante como conhecimento partilhado pelo ouvinte efetivamente o é” (RAMALHO, 2012, p. 102), como se vê claramente pelo uso das expressões “*Usté ha de saber*” em (24) e “*Usted ha de conocer*” em (25), logo antes da aparição da PAD:

(24) “ Bueno. ¿Qué pasó con don Mónico? ¡Faceto! Muchísimo menos que con los otros. ¡Ni siquiera vio correr el gallo!... Una escupida en las barbas por entrometido, y pare usted de contar... Pues con eso ha habido para que me eche encima a la Federación. Usté ha de saber **del chisme ése** de México, donde mataron al señor Madero y a otro, a un tal Félix o Felipe Díaz, ¡qué sé yo!...” (ABA, 1916)

(25) “—¿Conque aquí es Limón?... ¡La tierra del famoso Demetrio Macías!... ¿Lo oye, mi teniente? Estamos en Limón.
—¿En Limón?... Bueno, para mí...¡plin!... Ya sabes, sargento, si he de irme al infierno, nunca mejor que ahora..., que voy en buen caballo. ¡Mira nomás qué cachetitos de morena!... ¡Um perón para morderlo!...
—Usted ha de conocer **al bandido ese**, señora... Yo estuve junto con él en la Penitenciaría de Escobedo.”
(ABA, 1916)

⁵⁵ No original: “(...) como señales de un contexto consabido a reconstruir, de una información previa que el locutor no está totalmente seguro de poder presuponer en su oyente (...)”

5.4 ANÁLISE SEMÂNTICA

A partir da revisão bibliográfica sobre os parâmetros de análise semântico-referencial dos demonstrativos realizada anteriormente⁵⁶, foram estabelecidas as categorias de classificação mais adequadas à análise das ocorrências do *corpus* deste. Na presente seção, exemplifica-se e realiza-se a classificação das ocorrências de acordo com essa categorização, além de se expor as suas implicações no emprego e comportamento das formas dos demonstrativos nos gêneros textuais estudados.

5.4.1 VALOR REFERENCIAL

Valor referencial no PB

A tabela e o gráfico abaixo mostram as frequências dos demonstrativos no PB, de acordo com o valor referencial que possuem: *endofórico* (END), *exofórico* (EXF), *endo-exofórico* (EEX), *anamnésico* (ANM) ou *indefinido* (IND), nos dados totais do *corpus* do PB.

PB						
Séc.	END	EXF	EEX	ANM	IND	Total
XIX 1 ^a m.	251 83,7%	39 13,0%	8 2,7%	0 0,0%	2 0,7%	300 100%
XIX 2 ^a m.	258 86,0%	37 12,3%	0 0,0%	3 1,0%	2 0,7%	300 100%
XX 1 ^a m.	263 87,7%	16 5,3%	1 0,3%	10 3,3%	10 3,3%	300 100%
XX 2 ^a m.	244 81,3%	50 16,7%	3 1,0%	2 0,7%	1 0,3%	300 100%
XXI 1 ^a m.	250 83,3%	43 14,3%	0 0,0%	7 2,3%	0 0,0%	300 100%

TABELA 141 – Frequência por valor referencial no PB

⁵⁶ cf. seção 2.5.

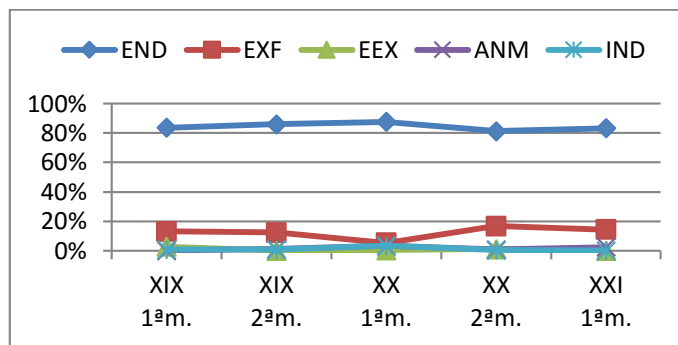


GRÁFICO 141 – Frequência por valor referencial no PB

Observa-se uma constância nos padrões de distribuição dos valores referenciais que perdura ao passar dos séculos, em que a endófora possui grande frequência, sempre acima de 80% das ocorrências, seguida pela exófora, com pouco menos de 20% na maioria dos casos. Os outros três tipos de referência, EEX, ANM e IND, por sua vez, têm pouca relevância nos valores totais observados.

Valor referencial na notícia e no romance do PB

A seguir, estão as tabelas com os valores referenciais dos demonstrativos de acordo com o GT em que as ocorrências se encontram no PB. Pode-se ver que as ocorrências de referências END no PB, na *notícia* e no *romance*, assim como no padrão geral visto anteriormente, apresentam um valor muito superior ao dos outros tipos, contemplando frequências acima de 80% dos dados coletados em quase todas as faixas temporais. Já a referência EXF, apesar de menos frequente, também mantém uma constância e desempenha um papel de protagonista, ao longo do tempo, com o número de ocorrências que fica por volta de 10% a 20% dos dados em quase todas as obras do *corpus* deste trabalho, exceto em POL, em que ocorre com uma frequência muito baixa.

PB - NOTÍCIA							
Séc.	Texto	END	EXF	EEX	ANM	IND	Total
XIX	DRJ 1821	124 82,7%	20 13,3%	6 4%	-	-	150 100%
	JDB 1891	132 88%	16 10,7%	-	2 1,3%	-	150 100%
XX	GLO 1925	132 88%	14 9,3%	1 0,7%	3 2%	-	150 100%
	CDM 1974	128 85,3%	20 13,3%	1 0,7%	1 0,7%	-	150 100%
XXI	DIA 2014	124 82,7%	23 15,3%	-	3 2%	-	150 100%

TABELA 142 – Frequência por valor referencial na notícia do PB

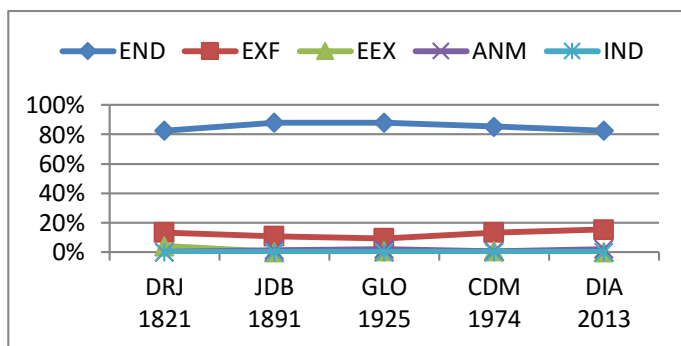


GRÁFICO 142 - Frequência por valor referencial na notícia do PB

PB - ROMANCE							
Séc.	Texto	END	EXF	EEX	ANM	IND	Total
XIX	MOR 1844	127 84,7%	19 12,7%	2 1,3%	-	2 1,3%	150 100%
	BRA 1881	126 84%	21 14%	-	1 0,7%	2 1,3%	150 100%
XX	POL 1911	131 87,3%	2 1,3%	-	7 4,7%	10 6,7%	150 100%
	EST 1977	116 77,3%	30 20%	2 1,3%	1 0,7%	1 0,7%	150 100%
XXI	LEI 2009	126 84%	20 13,3%	-	4 2,7%	-	150 100%

TABELA 143 – Frequência por valor referencial no romance do PB

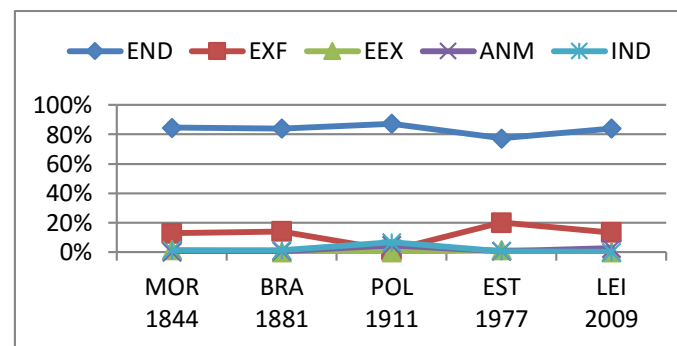


GRÁFICO 143 – Frequência por valor referencial no romance do PB

Quanto aos outros três tipos de referência, nota-se que todos possuem, na grande maioria dos casos, uma frequência pouco significativa, com um número geralmente muito baixo de ocorrências. Mas é interessante notar, por exemplo, que IND não ocorre no GT *notícia*, o que pode ser explicado justamente pela tradição discursiva de composição desse tipo de texto, uma vez que, como seu objetivo primordial é o de apresentar informações sobre fatos e eventos particulares de forma completa e detalhada, uma referência utilizada para generalizar e apontar para entes não específicos torna-se completamente inútil nesse GT.

Valor referencial no teatro do PB

Os dados do GT *teatro* não seguem à risca esse padrão, já que é atestada uma frequência bem maior de EXF no PB, que fica em torno de 35%, o que, por sua vez, faz com que o valor de END seja mais baixo do que nos outros dois GTs, na faixa de 60%, como se vê na tabela a seguir:

Séc.	Texto	END	EXF	ANM	IND	ATR	Total
XIX	1838-44 JUI/JUD	75 (50%)	53 (35,3%)	15 (10%)	4 (2,7%)	3 (2%)	150 (100%)
	1891 TRI	66 (44%)	72 (48%)	12 (8%)	—	—	150 (100%)
XX	1940 RUA	79 (57,2%)	48 (34,8%)	11 (8%)	—	—	138 (100%)
	1955 ELE	88 (58,7%)	54 (36%)	7 (4,7%)	—	1 (0,7%)	150 (100%)
XXI	2002 CAP	85 (56,7%)	50 (33,3%)	11 (7,3%)	2 (1,3%)	2 (1,3%)	150 (100%)

TABELA 144 – Frequência por valor referencial no teatro do PB
CAMBRAIA (2012, p. 49, adaptada)⁵⁷

⁵⁷ ATR é a referência atributiva (a qual não se incluiu neste trabalho como categoria à parte, pois foi analisada como um tipo de catáfora). O autor não identificou as referências endo-exofóricas.

O número superior de EXF no *teatro* com relação às frequências vistas nos outros GTs pode ser também explicado através de um olhar sobre a tradição discursiva de produção desse GT, uma vez que os seus textos são produzidos para serem encenados e, conseqüentemente, têm como objetivo explorarem muito mais as relações entre as falas de seus personagens e o seu campo visual, através de extensa interação com o mundo exterior, tanto com o cenário, quanto com os outros personagens. Sendo assim, não é estranho o *teatro* que possua uma frequência muito mais significativa de EXF, o que explica também, por conseguinte, a menor quantidade de ocorrências de END, em comparação aos outros dois GTs.

Valor referencial e modalidade no PB

As tabelas e gráficos a seguir apresentam os usos dos demonstrativos em ocorrências orais e escritas na *notícia* e no *romance* do PB, de acordo com o seu valor referencial. Percebe-se, por esses dados, que a oralidade influencia no aumento do número de END na *notícia* e de EXF na maioria dos casos do *romance*. Esse aumento de EXF no *romance* em trechos orais é esperado, pelo fato de que os personagens dos romances, em seus diálogos, têm a capacidade de realizar constantemente referências a seu contexto de produção linguística, referindo-se a elementos próximos, ao espaço e ao tempo em que se encontram. Os outros tipos de valores referenciais, EEX, ANM e IND, permanecem muito pouco frequentes ou mesmo inexistentes.

PB - NOTÍCIA							
Séc.	Texto	ORAL					Total
		END	EXF	EEX	ANM	IND	
XIX	DRJ 1821	-	-	-	-	-	-
	JDB 1891	-	-	-	-	-	-
XX	GLO 1925	25 86,2%	1 3,4%	-	3 10,3%	-	29 100%
	CDM 1974	15 83,3%	2 11,1%	-	1 5,6%	-	18 100%
XXI	DIA 2014	62 91,2%	3 4,4%	-	3 4,4%	-	68 100%

TABELA 145 - Frequência por valor referencial na modalidade oral na *notícia* do PB

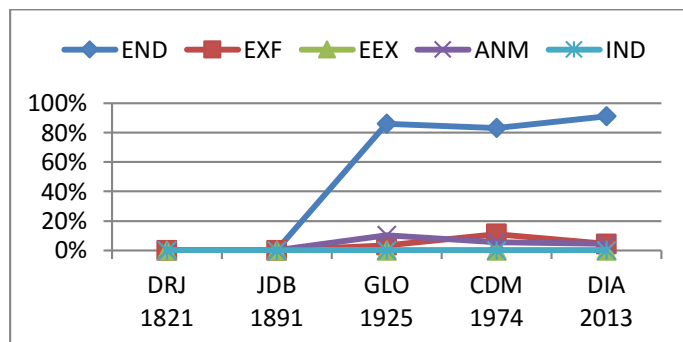


GRÁFICO 145 - Frequência por valor referencial na modalidade oral na *notícia* do PB

PB - NOTÍCIA							
Século	Texto	ESCRITA					Total
		END	EXF	EEX	ANM	IND	
XIX	DRJ 1821	124 82,7%	20 13,3%	6 4,0%	-	-	150 100%
	JDB 1891	132 88,0%	16 10,7%	-	2 1,3%	-	150 100%
XX	GLO 1925	107 88,4%	13 10,7%	1 0,8%	-	-	121 100%
	CDM 1974	113 85,6%	18 13,6%	1 0,8%	-	-	132 100%
XXI	DIA 2014	62 75,6%	20 24,4%	-	-	-	82 100%

TABELA 146 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita na *notícia* do PB

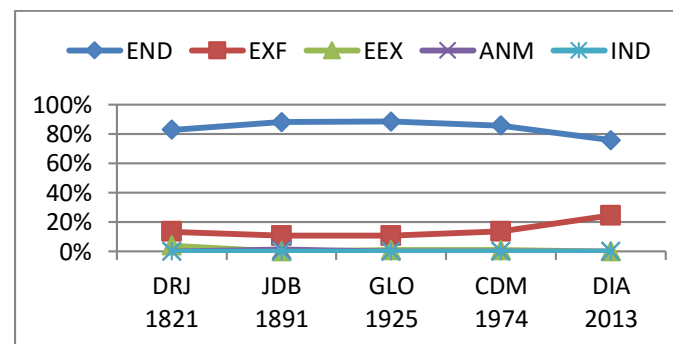


GRÁFICO 146 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita na *notícia* do PB

PB - ROMANCE							
Séc.	Texto	ORAL					Total
		END	EXF	EEX	ANM	IND	
XIX	MOR 1844	53 70,7%	19 25,3%	1 1,3%	-	2 2,7%	75 100%
	BRA 1881	20 71,4%	7 25%	-	1 3,6%	-	28 100%
XX	POL 1911	32 88,8%	2 5,6%	-	2 5,6%	-	36 100%
	EST 1977	11 84,6%	1 7,7%	-	-	1 7,7%	13 100%
XXI	LEI 2009	2 28,6%	4 57,1%	-	1 14,3%	-	7 100%

TABELA 147 - Frequência por valor referencial na modalidade oral no *romance* do PB

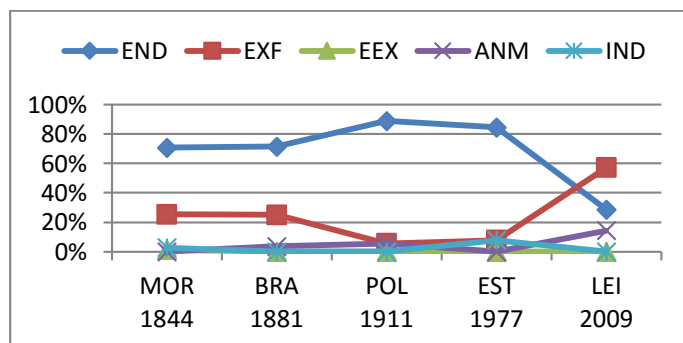


GRÁFICO 147 - Frequência por valor referencial na modalidade oral no *romance* do PB

PB - ROMANCE							
Século	Texto	ESCRITA					Total
		END	EXF	EEX	ANM	IND	
XIX	MOR 1844	74 98,7%	-	1 1,3%	-	-	75 100%
	BRA 1881	106 86,9%	14 11,5%	-	-	2 1,6%	122 100%
XX	POL 1911	99 86,8%	-	-	5 4,4%	10 8,8%	114 100%
	EST 1977	105 76,6%	29 21,2%	2 1,5%	1 0,7%	-	137 100%
XXI	LEI 2009	124 86,7%	16 11,2%	-	3 2,1%	-	143 100%

TABELA 148 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita no *romance* do PB

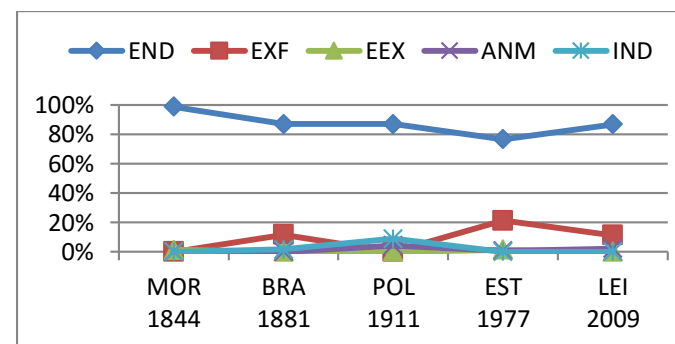


GRÁFICO 148 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita no *romance* do PB

Valor referencial no EM

A tabela a seguir e o gráfico correspondente mostram as frequências dos demonstrativos segundo o seu valor referencial no EM.

EM						
Séc	END	EXF	EEX	ANM	IND	Total
XIX 1ªm.	263 87,7%	26 8,7%	2 0,7%	4 1,3%	5 1,7%	300 100%
XIX 2ªm.	260 86,7%	36 12,0%	0 0,0%	3 1,0%	1 0,3%	300 100%
XX 1ªm.	226 75,3%	62 20,7%	1 0,3%	11 3,7%	0 0,0%	300 100%
XX 2ªm.	237 79,0%	59 19,7%	3 1,0%	1 0,3%	0 0,0%	300 100%
XXI 1ªm.	264 88,0%	27 9,0%	0 0,0%	9 3,0%	0 0,0%	300 100%

TABELA 149 – Frequência por valor referencial no EM

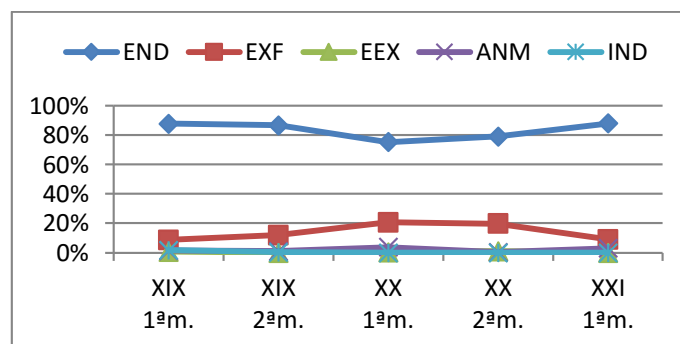


GRÁFICO 149 – Frequência por valor referencial no EM

Vê-se grande semelhança com o padrão visto no PB, com o valor endofórico prevalecendo com cerca de 80% das ocorrências e o exofórico também com pouco menos de 20%. Além disso, os outros tipos de referência também não apresentam valores tão significativos no EM.

Valor referencial na notícia e no romance do EM

A seguir, estão as tabelas com os valores referenciais dos demonstrativos de acordo com o GT em que as ocorrências se encontram no EM:

EM - NOTÍCIA							
Séc	Texto	END	EXF	EEX	ANM	IND	Total
XIX	GAC 1821	131 87,3%	16 10,7%	1 0,7%	2 1,3%	-	150 100%
	IMP 1897	130 86,7%	20 13,3%	-	-	-	150 100%
XX	EXC 1917	129 86%	21 14%	-	-	-	150 100%
	UNI 1952	132 88%	18 12%	-	-	-	150 100%
XXI	REF 2014	125 83,3%	20 13,3%	-	5 3,3%	-	150 100%

TABELA 150 – Frequência por valor referencial na notícia do EM

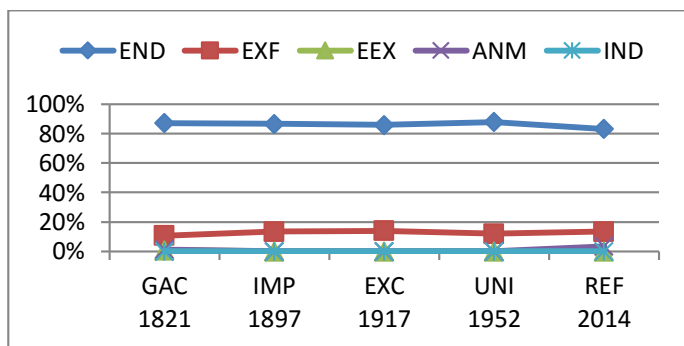


GRÁFICO 150 - Frequência por valor referencial na notícia do EM

EM - ROMANCE							
Séc	Texto	END	EXF	EEX	ANM	IND	Total
XIX	PER 1816	132 88%	10 6,7%	1 0,7%	2 1,3%	5 3,3%	150 100%
	BAN 1889	130 86,7%	16 10,7%	-	3 2%	1 0,7%	150 100%
XX	ABA 1916	97 64,7%	41 27,3%	1 0,7%	11 7,3%	-	150 100%
	ART 1962	105 70%	41 27,3%	3 2%	1 0,7%	-	150 100%
XXI	TES 2004	139 92,7%	7 4,7%	-	4 2,7%	-	150 100%

TABELA 151 – Frequência por valor referencial no romance do EM

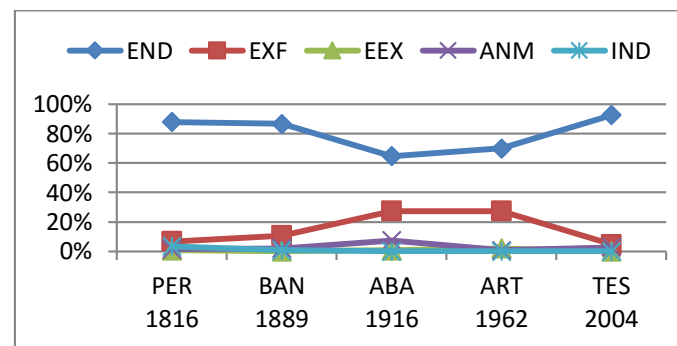


GRÁFICO 151 – Frequência por valor referencial no romance do EM

Assim como foi visto no PB, a referência END é sempre a mais frequente, tanto na *notícia*, quanto no *romance* do EM, também com valores em torno dos 80% das ocorrências. Somente em dois romances, ABA e ART, essa frequência diminui um pouco para a faixa entre os 60% e os 70%, causando um aumento inversamente proporcional de frequência dos demonstrativos com referência EXF. Já EXF, por sua vez, mantém-se sempre numa faixa inferior a 15% das ocorrências, exceto no caso dos já referidos romances, nos quais ocorre o quase dobro desse valor.

No que diz respeito aos outros três tipos de valores referenciais, seguindo o mesmo padrão visto no PB, são encontrados sempre números muito baixos de frequência, que não passam dos 3,3%, exceto no caso do romance *ABA*, que possui 7,3% dos demonstrativos com referência ANM. IND também não é encontrado na *notícia* do EM, por causa da tradição textual desse GT, assim como foi observado no PB.

Valor referencial no teatro do EM

Os dados do GT *teatro*, como visto no PB, apresentam um valor de EXF muito superior do que as frequências observadas na *notícia* e no *romance*, como mostra a tabela a seguir. Como explicado anteriormente, na análise do PB, a relação entre o GT *teatro* e a sua tradição de maior envolvimento dos personagens com o contexto extralinguístico de enunciação (p. ex. cenários, elementos de cena, etc) propicia fortemente essa ampliação de uso de EXF nos textos desse GT.

Séc.	Texto	ENDO	EXF	ANM	IND	ATR	Total
XIX	1833 CON	102 (68%)	37 (24,7%)	11 (7,3%)	—	—	150 (100%)
	1861 POL/TEM	77 (51,3%)	70 (46,7%)	3 (2%)	—	—	150 (100%)
XX	1925 FIN	102 (77,3%)	21 (15,9%)	6 (4,5%)	1 (0,8%)	2 (1,5%)	132 (100%)
	1956 DEB	90 (60%)	53 (35,3%)	6 (4%)	—	1 (0,7%)	150 (100%)
XXI	2000-01 DAM-MUJ	90 (60,4%)	48 (32,2%)	9 (6%)	2 (1,3%)	—	149 (100%)

TABELA 152 – Frequência por valor referencial no teatro do EM CAMBRAIA (2012, p. 49, adaptada)

Valor referencial e modalidade no EM

As tabelas e gráficos a seguir apresentam os usos dos demonstrativos em ocorrências orais na *notícia* e no *romance* do EM, de acordo com o seu valor referencial. A oralidade, no caso do EM, influencia bastante no aumento de frequência de referências EXF em quase todas as faixas temporais de ambos os GTs analisados, e isso ocorre porque na fala se interage mais com os elementos do mundo externo do que numa produção discursiva escrita. A referência ANM também apresenta frequências um pouco maiores nos dados de língua oral. Assim como no PB, os padrões apresentados por ESC não se alteraram com relação ao padrão original de frequência dos valores referenciais em ambos os GTs.

EM - NOTÍCIA							
Séc	Texto	ORAL					Total
		END	EXF	EEX	ANM	IND	
XIX	GAC 1821	-	-	-	-	-	-
	IMP 1897	1 33,3%	2 66,7%	-	-	-	3 100%
XX	EXC 1917	1 50%	1 50%	-	-	-	2 100%
	UNI 1952	13 81,3%	3 18,8%	-	-	-	16 100%
XXI	REF 2014	45 81,8%	5 9,1%	-	5 9,1%	-	55 100%

TABELA 153 - Frequência por valor referencial na modalidade oral na *notícia* do EM

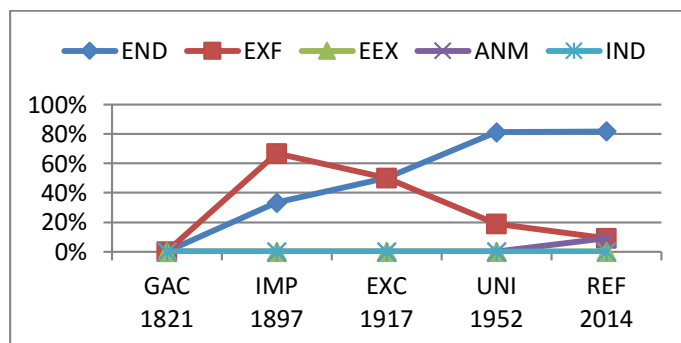


GRÁFICO 153 - Frequência por valor referencial na modalidade oral na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA							
Séc	Texto	ESCRITA					Total
		END	EXF	EEX	ANM	IND	
XIX	GAC 1821	131 87,3%	16 10,7%	1 0,7%	2 1,3%	-	150 100%
	IMP 1897	129 87,8%	18 12,2%	-	-	-	147 100%
XX	EXC 1917	128 86,5%	20 13,5%	-	-	-	148 100%
	UNI 1952	119 88,8%	15 11,2%	-	-	-	134 100%
XXI	REF 2014	80 84,2%	15 15,8%	-	-	-	95 100%

TABELA 154 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita na *notícia* do EM

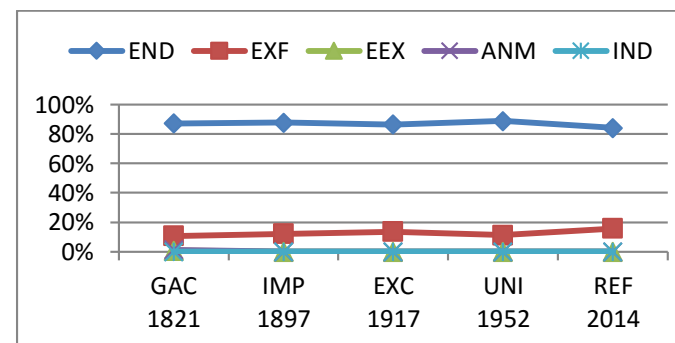


GRÁFICO 154 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita na *notícia* do EM

EM - ROMANCE							
Séc	Texto	ORAL					Total
		END	EXF	EEX	ANM	IND	
XIX	PER 1816	4 40%	3 30%	1 10%	2 20%	-	10 100%
	BAN 1889	28 70%	10 25%	-	2 5%	-	40 100%
XX	ABA 1916	65 58%	36 32,1%	1 0,9%	10 8,9%	-	112 100%
	ART 1962	8 57,1%	6 42,9%	-	-	-	14 100%
XXI	TES 2004	9 56,3%	7 43,8%	-	-	-	16 100%

TABELA 155 - Frequência por valor referencial na modalidade oral no *romance* do EM

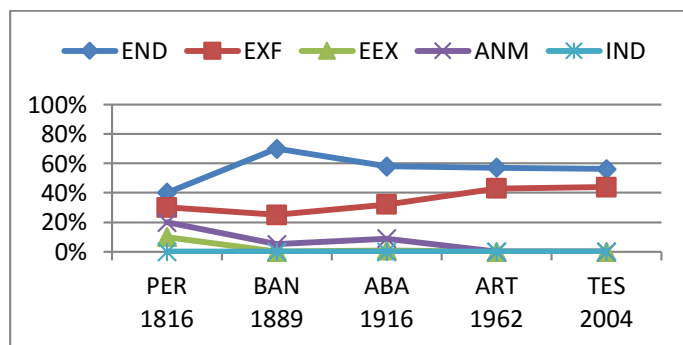


GRÁFICO 155 - Frequência por valor referencial na modalidade oral no *romance* do EM

EM - ROMANCE							
Séc	Texto	ESCRITA					Total
		END	EXF	EEX	ANM	IND	
XIX	PER 1816	128 91,4%	7 5%	-	-	5 3,6%	140 100%
	BAN 1889	102 92,7%	6 5,5%	-	1 0,9%	1 0,9%	110 100%
XX	ABA 1916	32 84,2%	5 13,2%	-	1 2,6%	-	38 100%
	ART 1962	97 71,3%	35 25,7%	3 2,2%	1 0,7%	-	136 100%
XXI	TES 2004	130 97%	-	-	4 3%	-	134 100%

TABELA 156 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita no *romance* do EM

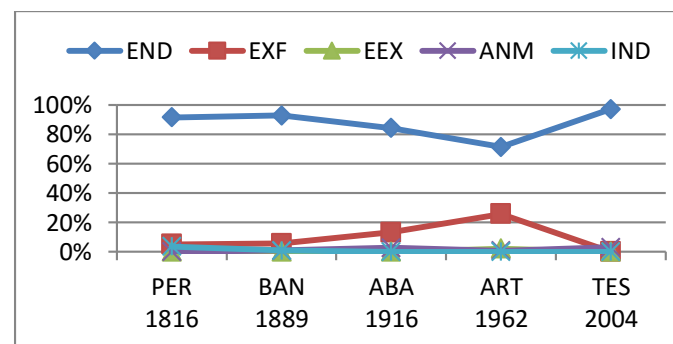


GRÁFICO 156 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita no *romance* do EM

A seguir, serão melhor explicados e exemplificados todos os tipos e subtipos de referência encontrados no *corpus* e as suas relações com os usos das formas dos demonstrativos no PB e no EM.

5.4.2 REFERÊNCIA ENDOFÓRICA

As tabelas a seguir e os gráficos correspondentes apresentam a classificação das ocorrências dos demonstrativos incluindo o detalhamento da frequência de cada uma das subclassificações dos valores referenciais de endófora: *anáfora clara* (ANC), *anáfora escura* (ANE), *catáfora* (CAT) e *ana-catáfora* (ACA), tanto no PB e quanto no EM.

No âmbito endofórico, os dados mostram um grande contraste entre os gêneros *notícia* e *romance*, uma vez que, no primeiro, o valor referencial mais frequente tende a ser o das ANC (exceto em DIA no PB e em GAC no EM), enquanto o segundo possui, categoricamente, as ANE como as mais utilizadas em ambas as línguas. Novamente, o entendimento das tradições discursivas envolvidas na produção desses GTs ajuda a descobrir o porquê desta assimetria. A *notícia* tem por objetivo apresentar informações sempre mais precisas e específicas e isso se reflete também, portanto, no costume de se empregar as suas referências prezando a especificidade nas referências ao se utilizar ANC, enquanto o *romance*, por ser uma produção textual bem mais longa e complexa, realiza mais repetidamente referências a fatos e eventos distantes, genéricos e menos evidentes textualmente através de ANE. As referências CAT e ACA, por sua vez, possuem valores muito baixos, que poucas vezes ultrapassa os 10% das ocorrências no PB e no EM.

PB - NOTÍCIA						
Séc.	Texto	ENDOFÓRICO				Total
		ANC	ANE	CAT	ACA	
XIX	DRJ 1821	80 64,5%	42 33,9%	2 1,6%	-	124 100%
	JDB 1891	106 80,3%	26 19,7%	-	-	132 100%
XX	GLO 1925	86 65,2%	36 27,3%	8 6,1%	2 1,5%	132 100%
	CDM 1974	85 66,4%	38 29,7%	3 2,3%	2 1,6%	128 100%
XXI	DIA 2013	44 35,5%	71 57,3%	7 5,6%	2 1,6%	124 100%

TABELA 157 – Frequência por referência endofórica na *notícia* do PB

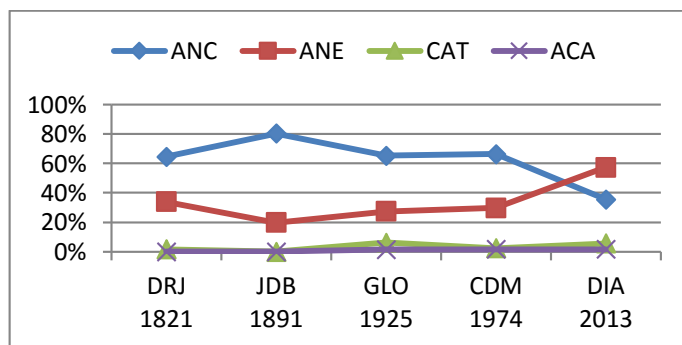


GRÁFICO 157 – Frequência por referência endofórica na *notícia* do PB

PB - ROMANCE						
Séc.	Texto	ENDOFÓRICO				Total
		ANC	ANE	CAT	ACA	
XIX	MOR 1844	30 23,6%	76 59,8%	14 11%	7 5,5%	127 100%
	BRA 1881	37 29,4%	73 57,9%	12 9,5%	4 3,2%	126 100%
XX	POL 1911	31 23,7%	76 58%	16 12,2%	8 6,1%	131 100%
	EST 1977	49 42,2%	56 48,3%	7 6%	4 3,4%	116 100%
XXI	LEI 2009	42 33,3%	69 54,8%	11 8,7%	4 3,2%	126 100%

TABELA 158 – Frequência por referência endofórica no *romance* do PB

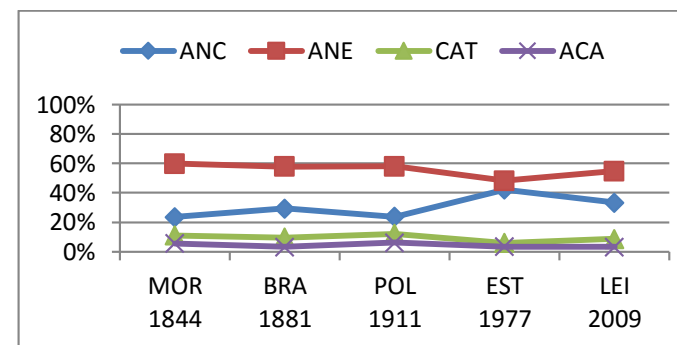


GRÁFICO 158 – Frequência por referência endofórica no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA						
Séc.	Texto	ENDOFÓRICO				Total
		ANC	ANE	CAT	ACA	
XIX	GAC 1821	57 43,5%	65 49,6%	9 6,9%	-	131 100%
	IMP 1897	76 58,5%	46 35,4%	6 4,6%	2 1,5%	130 100%
XX	EXC 1917	83 64,3%	44 34,1%	1 0,8%	1 0,8%	129 100%
	UNI 1952	81 61,4%	41 31,1%	9 6,8%	1 0,8%	132 100%
XXI	REF 2014	72 57,6%	47 37,6%	5 4%	1 0,8%	125 100%

TABELA 159 – Frequência por referência endofórica na *notícia* do EM

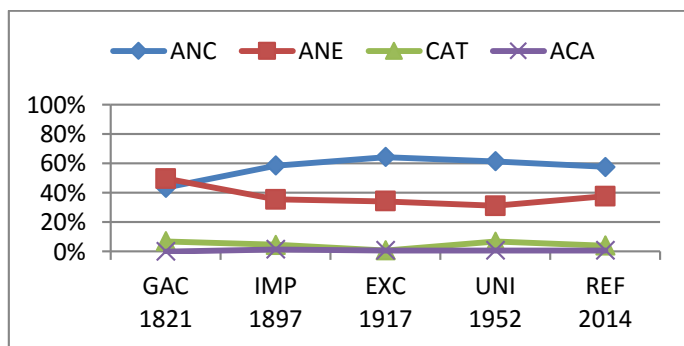


GRÁFICO 159 – Frequência por referência endofórica na *notícia* do PB

EM - ROMANCE						
Séc.	Texto	ENDOFÓRICO				Total
		ANC	ANE	CAT	ACA	
XIX	PER 1816	49 37,1%	73 55,3%	10 7,6%	-	132 100%
	BAN 1889	50 38,5%	75 57,7%	5 3,8%	-	130 100%
XX	ABA 1916	31 32%	53 54,6%	12 12,4%	1 1%	97 100%
	ART 1962	23 21,9%	66 62,9%	15 14,3%	1 1%	105 100%
XXI	TES 2004	43 30,9%	89 64%	6 4,3%	1 0,7%	139 100%

TABELA 160 – Frequência por referência endofórica no *romance* do EM

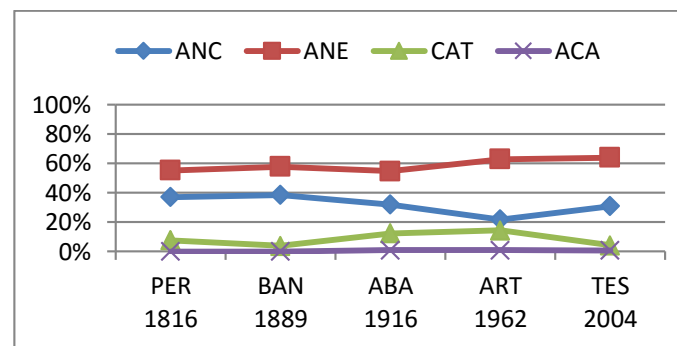


GRÁFICO 160 – Frequência por referência endofórica no *romance* do EM

5.4.2.1 ANÁFORA CLARA

As *anáforas claras* são referências endofóricas que possuem o que se intitula de *identificação* (CHARAUDEAU, 1971), isto é, são facilmente delimitáveis no contexto linguístico anterior, opondo-se às *anáforas escuras*, as quais não possuem essa característica. Elas tanto podem se apresentar através da reiteração do mesmo nominal da base do referente, como nos exemplos (26) e (28), quanto podem ser constituídas por um nominal diferente (como sinônimos, hipônimos ou hiperônimos), como se vê nos exemplos (27) e (29), abaixo:

- (26) “Em outros setores do desenvolvimento social, porém, registraram-se tendências positivas nos anos iniciais desta década. **Essas tendências** são principalmente evidentes nos setores da educação, saúde, água, esgotos, habitação, sobretudo no que se refere à criação de políticas, instituições e mecanismos de planificação, e ao financiamento de projetos.” (CDM, 1974)
- (27) “Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi **essa rainha**.” (LEI, 2009)
- (28) “WASHINGTON, 27 de diciembre. — *Fuentes del Departamento de Defensa* dijeron hoy que “cierto movimiento” de fuerza aérea norte-americana habrá de Gran Bretaña hacia España en 1953, si las negociaciones con el gobierno de Franco para establecer bases militares allí terminan pronto. **Estas fuentes** declararon, no obstante, que cualquier traslado de aviones y equipo dependerá de las decisiones de los jefes militares de Estados Unidos y de los dirigentes de la Organización del Tratado del Atlántico del Norte.” (UNI, 1952)
- (29) “¡Válgame Dios cuánto tuvo mi padre que batallar con las preocupaciones de las benditas viejas! Cuánta saliva no gastó para hacerles ver que era una quimera y un absurdo pernicioso el liar y atar las manos a las criaturas! ¡Y qué trabajo no lo costó persuadir a **estas ancianas** inocentes a que el azabache, el hueso, la piedra, ni otros amuletos de esta ni ninguna virtud, no tienen virtud alguna contra el aire, rabia, mal de ojo, y semejantes faramallas!” (PER, 1816)

As tabelas e gráficos a seguir mostram que, por a anáfora clara ser o tipo de referência mais frequente não só na endófora, mas também dentre todas as outras categorias, há uma grande semelhança entre os seus padrões de uso e os padrões gerais de uso das formas dos demonstrativos, vistos no início deste capítulo⁵⁸, já que também se observa, diacronicamente, a ascensão de F2 e queda de uso de F1 nos dois GTs do PB e no *romance* do EM, enquanto F1 segue como a forma mais usada apenas na *notícia* do EM.

⁵⁸ cf. 5.1.1.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ANÁFORA CLARA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	68 85%	-	12 15%	80 100%
	JDB 1891	65 61,3%	17 16%	24 22,6%	106 100%
XX	GLO 1925	19 22,1%	50 58,1%	17 19,8%	86 100%
	CDM 1974	38 44,7%	31 36,5%	16 18,8%	85 100%
XXI	DIA 2013	6 13,6%	33 75%	5 11,4%	44 100%

TABELA 161 – Frequência de formas na anáfora clara na *notícia* do PB

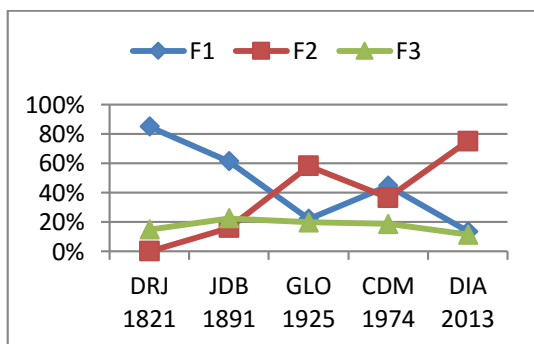


GRÁFICO 161 – Frequência de formas na anáfora clara na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ANÁFORA CLARA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	12 40%	9 30%	9 30%	30 100%
	BRA 1881	10 27%	21 56,8%	6 16,2%	37 100%
XX	POL 1911	10 32,3%	13 41,9%	8 25,8%	31 100%
	EST 1977	11 22,4%	37 75,5%	1 2%	49 100%
XXI	LEI 2009	7 16,7%	17 40,5%	18 42,9%	42 100%

TABELA 162 – Frequência de formas na anáfora clara no *romance* do PB

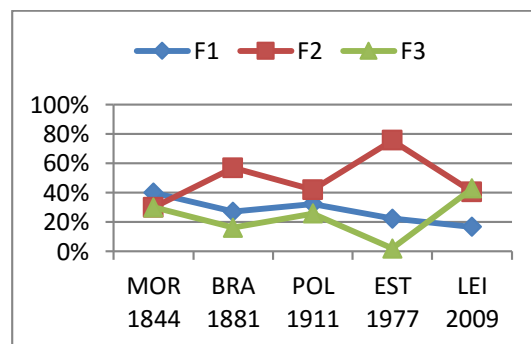


GRÁFICO 162 – Frequência de formas na anáfora clara no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ANÁFORA CLARA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	40 70,2%	8 14%	9 15,8%	57 100%
	IMP 1897	41 53,9%	18 23,7%	17 22,4%	76 100%
XX	EXC 1917	64 77,1%	15 18,1%	4 4,8%	83 100%
	UNI 1952	62 76,5%	17 21%	2 2,5%	81 100%
XXI	REF 2014	42 58,3%	26 36,1%	4 5,6%	72 100%

TABELA 163 – Frequência de formas na anáfora clara na *notícia* do EM

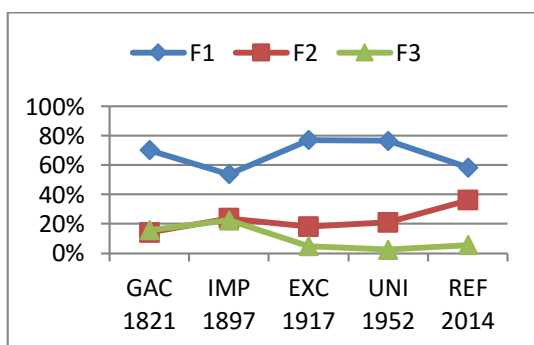


GRÁFICO 163 – Frequência de formas na anáfora clara na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ANÁFORA CLARA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	44 89,8%	1 2%	4 8,2%	49 100%
	BAN 1889	28 56%	21 42%	1 2%	50 100%
XX	ABA 1916	17 54,8%	7 22,6%	7 22,6%	31 100%
	ART 1962	3 13%	20 87%	-	23 100%
XXI	TES 2004	2 4,7%	36 83,7%	5 11,6%	43 100%

TABELA 164 – Frequência de formas na anáfora clara no *romance* do EM

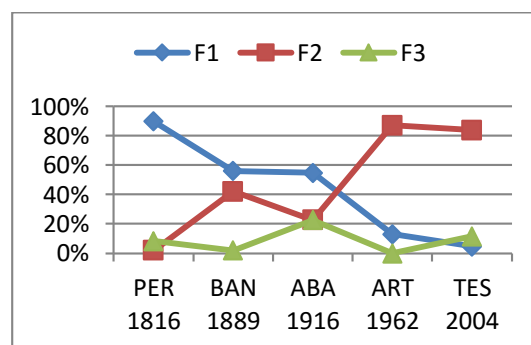


GRÁFICO 164 – Frequência de formas na anáfora clara no *romance* do EM

5.4.2.2 ANÁFORA ESCURA

As *anáforas escuras* ocorrem quando as estruturas com demonstrativos não se remetem a um elemento adjacente específico, mas sim a uma série de entidades, uma parte do discurso anterior de forma mais ampla ou a participantes implícitos, como nos exemplos (30) a (33), abaixo:

- (30) “*A Antônio José Gomes Moreira furtarão, no dia 4 do corrente, de Caza hum bilhete do Banco da quantia de quatro centos mil réis*, e como suspeita que **este furto** fosse feito por Negro, roga a qualquer pessoa a quem algum preto vá trocar Bilhete de semelhante quantia, queira reter o Bilhete em seo poder.” (DRJ, 1821)
- (31) “A’ vista de tão escandaloso facto, *a consideração e o respeito que o major Polycarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa, diminuíram um pouco*. Estava perdido, maluco, diziam. Elle, porém, continuou serenamente nos seus estudos, mesmo porque não percebeu **essa diminuição**.” (POL, 1911)
- (32) “Se cree que el origen del descarrilamiento, se debe á que el tercer coche se le cayó una de las palancas con que se dá garrote, porque quedó hecha mil pedazos, lo mismo que las zapatas; otros también aseguran que *una de las agujas de la vía se abrió* y a **esto** se debe la desgracia.” (IMP, 1897)
- (33) “Estaría abriendo los ojos para mirar un techo de vigas antiguas y cálidas; tendría al alcance de la mano la casulla de oro que adorna mi cabecera, los candelabros de la mesa de noche, el terciopelo de los respaldos, el cristal de Bohemia de mis vasos. *Tendría a Serafín fumando cerca de mí*, aspiraría **ese humo**.” (ART, 1962)

Conforme os dados apresentados nas tabelas e gráficos a seguir, vê-se que, por também ser um tipo de referência muito frequente no *corpus*, a *anáfora escura* demonstra os mesmos padrões da *anáfora clara*, ou seja, também demonstra uma identidade com o padrão geral de uso das formas já observado nos GTs *notícia* e *romance* em ambas as línguas: ascensão de F2 e a consequente queda de F1, exceto na *notícia* do EM, em que F1 sempre se mantém como a forma mais frequente em todos os séculos.

A principal diferença entre este e o outro tipo de *anáfora* fica no uso bem mais expressivo das *anáforas escuras* nos romances, enquanto as *anáforas claras* são mais recorrentes nas notícias, por causa da diferença em sua tradição discursiva, como já discutido anteriormente⁵⁹.

⁵⁹ cf. 5.4.2.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ANÁFORA ESCURA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	34 81%	6 14,3%	2 4,8%	42 100%
	JDB 1891	18 69,2%	8 30,8%	-	26 100%
XX	GLO 1925	12 33,3%	24 66,7%	-	36 100%
	CDM 1974	14 36,8%	24 63,2%	-	38 100%
XXI	DIA 2013	8 11,3%	60 84,5%	3 4,2%	71 100%

TABELA 165 – Frequência de formas na anáfora escura na *notícia* do PB

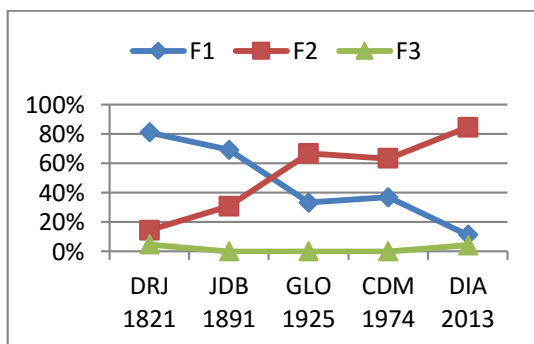


GRÁFICO 165 – Frequência de formas na anáfora escura na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ANÁFORA ESCURA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	34 44,7%	35 46,1%	7 9,2%	76 100%
	BRA 1881	25 34,2%	39 53,4%	9 12,3%	73 100%
XX	POL 1911	20 26,3%	46 60,5%	10 13,2%	76 100%
	EST 1977	7 12,5%	47 83,9%	2 3,6%	56 100%
XXI	LEI 2009	2 2,9%	46 66,7%	21 30,4%	69 100%

TABELA 166 – Frequência de formas na anáfora escura no *romance* do PB

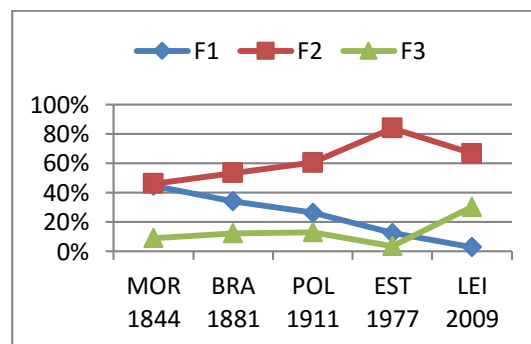


GRÁFICO 166 – Frequência de formas na anáfora escura no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ANÁFORA ESCURA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	56 86,2%	3 4,6%	6 9,2%	65 100%
	IMP 1897	35 76,1%	9 19,6%	2 4,3%	46 100%
XX	EXC 1917	36 81,8%	6 13,6%	2 4,5%	44 100%
	UNI 1952	27 65,9%	12 29,3%	2 4,9%	41 100%
XXI	REF 2014	25 53,2%	20 42,6%	2 4,3%	47 100%

TABELA 167 – Frequência de formas na anáfora escura na *notícia* do EM

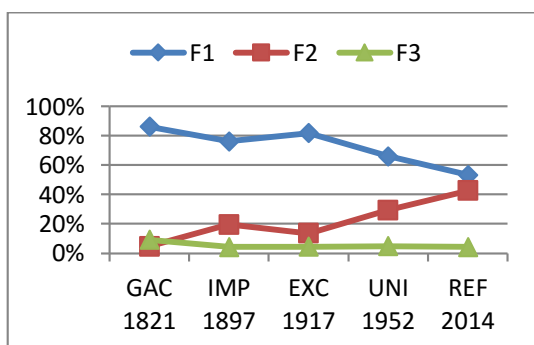


GRÁFICO 167 – Frequência de formas na anáfora escura na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ANÁFORA ESCURA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	64 87,7%	8 11%	1 1,4%	73 100%
	BAN 1889	42 56,8%	32 43,2%	-	74 100%
XX	ABA 1916	3 5,7%	33 62,3%	17 32,1%	53 100%
	ART 1962	7 10,8%	58 89,2%	-	65 100%
XXI	TES 2004	15 16,9%	67 75,3%	7 7,9%	89 100%

TABELA 168 – Frequência de formas na anáfora escura no *romance* do EM

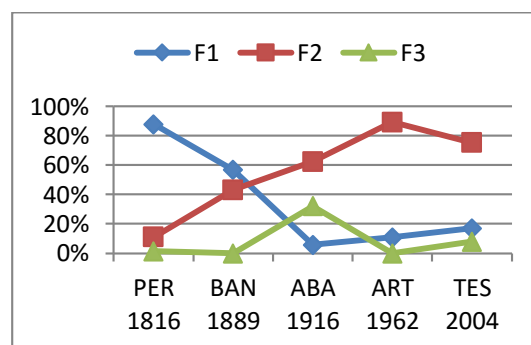


GRÁFICO 168 – Frequência de formas na anáfora escura no *romance* do EM

5.4.2.3 CATÁFORA

A referência catafórica ocorre quando o referente em questão é encontrado somente no contexto linguístico subsequente, como se pode ver nos exemplos (34) a (37), abaixo:

- (34) “Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornaes, mostradores, folhetos, esquinas, e emfim nas caixinhas do remédio, **estas três palavras: *emplasto Braz Cubas***. Para que negal-o? Eu tinha a paixão do arruido.do cartaz, do foguete de lagrimas.” (BRA, 1881)
- (35) “16º Distrito – O Dr. Martins Costa: ‘Não acredito nessas lendas, a não ser quando se trate de um caso como d’**aquelle menor *que fugiu de S. Paulo para ver, no Rio, um circo de cavalinhos*** – o que é um pouco diferente da história dos papões.” (GLO, 1925)
- (36) “(...) en las gradas del trono está un genio con carcax, arco y macana que son las armas antiguas con que peleaban los Mexicanos, y otros dos que de uno y otro lado levantan el pabellón del trono, sostienen un lazo en que se lee **este dístico: *AL CIELO AUGUSTA DESCENDE QUE YA DE NADIE TU CORONA PENDE***.” (GAC, 1821)
- (37) “Es verdad que tenía su tintura en **aquella parte de la escritura *que se llama calografía***; porque lo que eran trazos, finales, perfiles, distancias, proporciones, etc., en una palabra, pintaba muy bonitas letras; pero en esto de *ortografía* no había nada.” (PER, 1816)

Nas tabelas e gráficos correspondentes a seguir, é notável o papel de protagonista, em grande parte das ocorrências de referências catafóricas, da forma F3, tanto no PB quanto no EM.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	CATÁFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	-	-	2 100%	2 100%
	JDB 1891	-	-	-	-
XX	GLO 1925	5 62,5%	-	3 37,5%	8 100%
	CDM 1974	-	-	3 100%	3 100%
XXI	DIA 2013	1 14,3%	2 28,6%	4 57,1%	7 100%

TABELA 169 – Frequência de formas na catáfora na *notícia* do PB

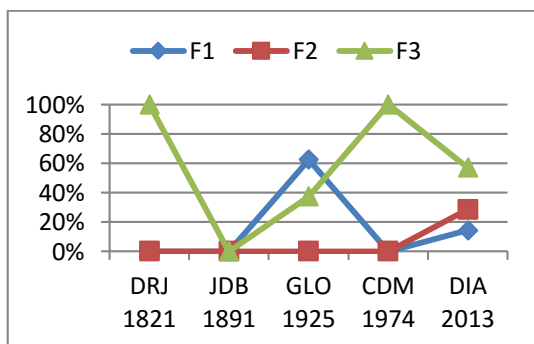


GRÁFICO 169 – Frequência de formas na catáfora na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	CATÁFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	4 28,6%	6 42,9%	4 28,6%	14 100%
	BRA 1881	8 66,7%	4 33,3%	-	12 100%
XX	POL 1911	3 18,8%	2 12,5%	11 68,8%	16 100%
	EST 1977	1 14,3%	5 71,4%	1 14,3%	7 100%
XXI	LEI 2009	-	7 63,6%	4 36,4%	11 100%

TABELA 170 – Frequência de formas na catáfora no *romance* do PB

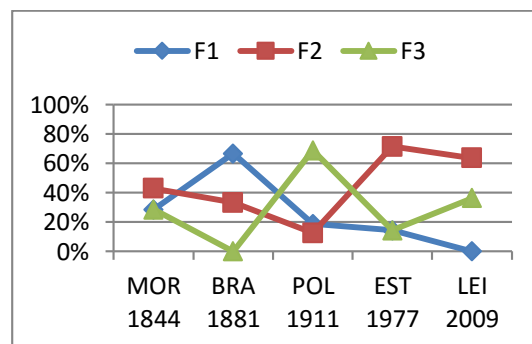


GRÁFICO 170 – Frequência de formas na catáfora no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	CATÁFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	5 55,6%	-	4 44,4%	9 100%
	IMP 1897	5 83,3%	-	1 16,7%	6 100%
XX	EXC 1917	-	-	1 100%	1 100%
	UNI 1952	2 22,2%	2 22,2%	5 55,6%	9 100%
XXI	REF 2014	1 20%	3 60%	1 20%	5 100%

TABELA 171 – Frequência de formas na catáfora na *notícia* do EM

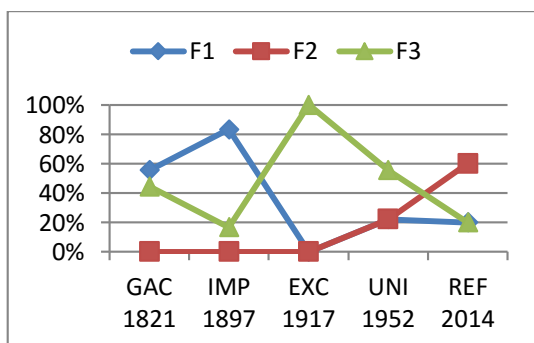


GRÁFICO 171 – Frequência de formas na catáfora na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	CATÁFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	5 50%	-	5 50%	10 100%
	BAN 1889	5 100%	-	-	5 100%
XX	ABA 1916	1 8,3%	11 91,7%	-	12 100%
	ART 1962	2 13,3%	13 86,7%	-	15 100%
XXI	TES 2004	-	5 83,3%	1 16,7%	6 100%

TABELA 172 – Frequência de formas na catáfora no *romance* do EM

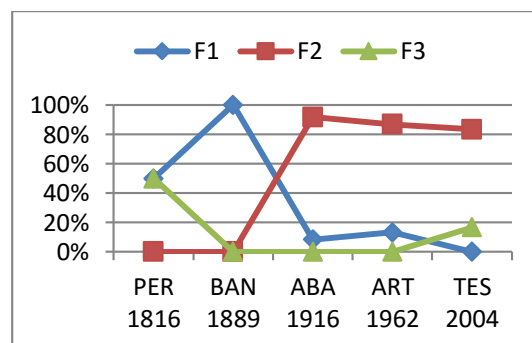


GRÁFICO 172 – Frequência de formas na catáfora no *romance* do EM

5.4.2.4 ANA-CATÁFORA

Em alguns casos, a referência realizada no discurso mantém uma ligação com o contexto linguístico anterior e, ao mesmo tempo, com o posterior, isto é, há tanto uma relação regressiva quanto progressiva com a referência, como se pode ver nos exemplos (38) a (41), abaixo. Sendo assim, tais ocorrências que conjugam as noções de anáfora e de catáfora e são denominadas como referências ana-catafóricas.

- (38) “Há 11 anos que, no Dia de Tiradentes, Amarilio Hevia Carvalho, 80 anos, veste bata marrom, bota corda no pescoço e vem ao Rio homenagear o herói. Desta vez, triste por não encontrar qualquer solenidade, deu uma esticada em Niterói para cumprimentar amigos que cultivam outra paixão, o esperanto, aquela que seria a língua comum entre os povos.” (DIA, 2013)
- (39) “No futuro, que eu não digo nesta história, não é que ele terminou mesmo deputado? E obrigando os outros a chamarem-no de doutor. Macabéa era na verdade uma figura medieval enquanto Olímpico de Jesus se julgava peça-chave, dessas que abrem qualquer porta” (EST, 1977)
- (40) “Así lo expuso en Tribuna el diputado Sánchez Miranda, quien precisó que las más beneficiados serían las empresas salarialmente responsables. Dichas empresas serían aquellas que demostrarán que la totalidad de su plantilla gana más de 82.86 pesos de salario diario; tal y como lo propuso el Jefe de Gobierno, Miguel Ángel Mancera, a través de la figura de Proveedor Salarialmente Responsable.” (REF, 2014)
- (41) “Tú te sentirás satisfecho de imponerte a ellos; confiésalo: te impusiste para que te admitieran como su par: pocas veces te has sentido más feliz, porque desde que empezaste a ser lo que eres, desde que aprendiste a apreciar el tacto de las buenas telas, el gusto de los buenos licores, el olfato de las buenas lociones, todo eso que en los últimos años ha sido tu placer aislado y único, desde entonces clavaste la mirada allá arriba, en el Norte, y desde entonces has vivido con la nostalgia del error geográfico que no te permitió ser en todo parte de ellos (...)” (ART, 1962)

Assim como nas referências catafóricas, a forma F3 é também muito utilizada nas ana-catáforas, principalmente na *notícia* do EM, já que ocorre nessa forma em todos os dados coletados desse GT.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ANA-CATÁFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	-	-	-	-
	JDB 1891	-	-	-	-
XX	GLO 1925	-	2 100%	-	2 100%
	CDM 1974	-	1 50%	1 50%	2 100%
XXI	DIA 2013	-	-	2 100%	2 100%

TABELA 173 – Frequência de formas na ana-catáfora na *notícia* do PB

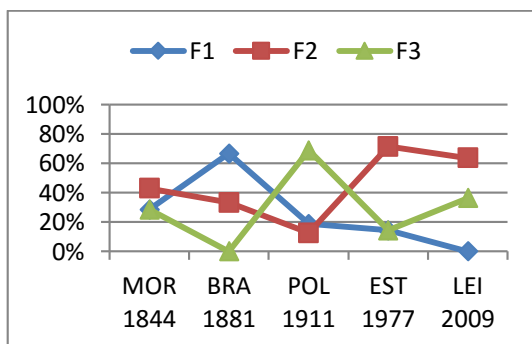


GRÁFICO 173 – Frequência de formas na ana-catáfora na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ANA-CATÁFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	1 14,3%	5 71,4%	1 14,3%	7 100%
	BRA 1881	2 50%	-	2 50%	4 100%
XX	POL 1911	1 12,5%	2 25%	5 62,5%	8 100%
	EST 1977	-	3 75%	1 25%	4 100%
XXI	LEI 2009	-	1 25%	3 75%	4 100%

TABELA 174 – Frequência de formas na ana-catáfora no *romance* do PB

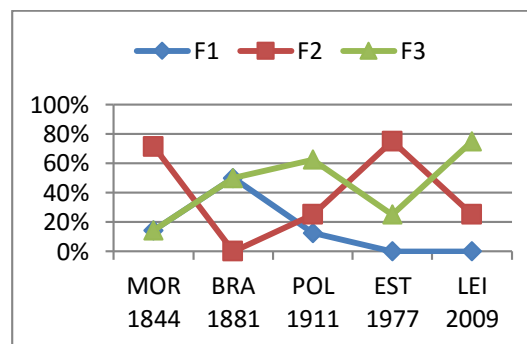


GRÁFICO 174 – Frequência de formas na ana-catáfora no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ANA-CATÁFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	-	-	-	-
	IMP 1897	-	-	2 100%	2 100%
XX	EXC 1917	-	-	1 100%	1 100%
	UNI 1952	-	-	1 100%	1 100%
XXI	REF 2014	-	-	1 100%	1 100%

TABELA 175 – Frequência de formas na ana-catáfora na *notícia* do EM

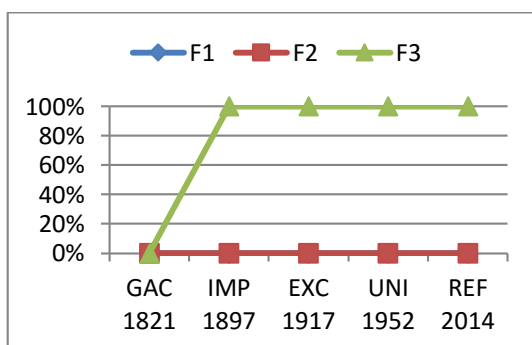


GRÁFICO 175 – Frequência de formas na ana-catáfora na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ANA-CATÁFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	-	-	-	-
	BAN 1889	-	-	-	-
XX	ABA 1916	-	1 100%	-	1 100%
	ART 1962	-	1 100%	-	1 100%
XXI	TES 2004	-	1 100%	-	1 100%

TABELA 176 – Frequência de formas na ana-catáfora no *romance* do EM

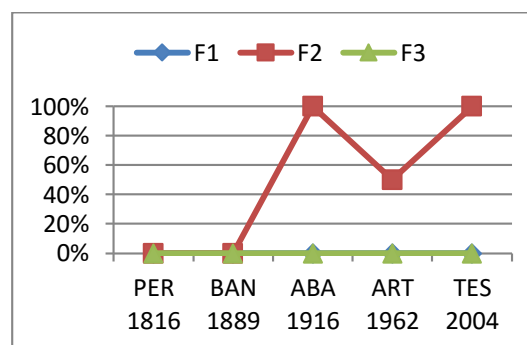


GRÁFICO 176 – Frequência de formas na ana-catáfora no *romance* do EM

5.4.3 REFERÊNCIA EXOFÓRICA

Diessel (1999, p. 6) propõe que a categoria exofórica seria o uso mais básico na questão da referência, uma vez que ela seria o primeiro valor referencial aprendido pelo falante durante a aquisição da linguagem, por ser mais concreto, com referentes visíveis, e que, a partir dele, dar-se-ia origem às outras categorias semântico-referenciais, claramente mais abstratas.

As tabelas a seguir e os gráficos correspondentes apresentam a classificação das ocorrências dos demonstrativos de acordo com a referência exofórica, incluindo o detalhamento da frequência de cada uma das subclassificações dos valores referenciais de exófora: *exófora espacial* (EXE), *exófora metatextual* (EXM), *exófora presencial* (EXP) e *exófora temporal* (EXT), no PB e no EM.

O valor EXE mostra-se ser o mais produtivo, pois é o único a aparecer em todos os textos de ambos os GTs. Além disso, nota-se que a EXM é algo recorrente em quase todos os textos do GT *notícia*, contudo, aparece, exclusivamente, nos romances *BRA*, *EST*, *PER* e *BAN*, o que pode ser explicado pelo conteúdo dessas obras, as quais são as únicas em que há a recorrente remissão ao processo de produção do próprio texto por seus “personagens-autores”.

Quanto aos outros dois tipos de referência exofórica, vê-se que EXP tem sempre valor mais expressivo nos romances, pois os narradores e/ou personagens interagem mais com elementos do mundo exterior, enquanto EXT é bem mais recorrente nas notícias, pois a informação temporal é imprescindível na correta identificação dos eventos noticiados.

PB - NOTÍCIA						
Séc.	Texto	EXOFÓRICO				Total
		EXE	EXM	EXP	EXT	
XIX	DRJ 1821	12 60%	5 25%	-	3 15%	20 100%
	JDB 1891	10 62,5%	1 6,3%	-	5 31,3%	16 100%
XX	GLO 1925	8 57,1%	1 7,1%	1 7,1%	4 28,6%	14 100%
	CDM 1974	-	-	-	20 100%	20 100%
XXI	DIA 2013	1 4,3%	1 4,3%	-	21 91,3%	23 100%

TABELA 177 – Frequência por referência exofórica na *notícia* do PB

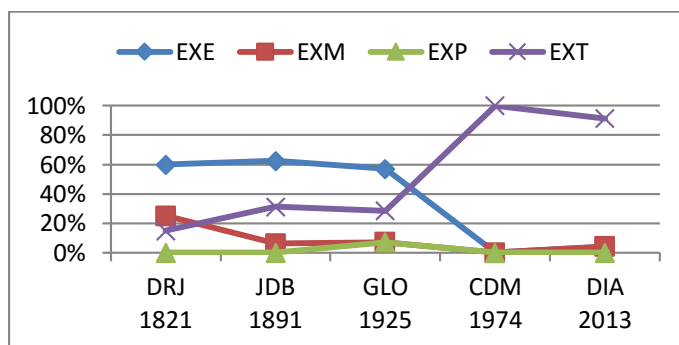


GRÁFICO 177 – Frequência por referência exofórica na *notícia* do PB

PB - ROMANCE						
Séc.	Texto	EXOFÓRICO				Total
		EXE	EXM	EXP	EXT	
XIX	MOR 1844	2 10,5%	-	12 63,2%	5 26,3%	19 100%
	BRA 1881	2 9,5%	11 52,4%	8 38,1%	-	21 100%
XX	POL 1911	2 100%	-	-	-	2 100%
	EST 1977	1 3,3%	24 80%	-	5 16,7%	30 100%
XXI	LEI 2009	4 20%	-	14 70%	2 10%	20 100%

TABELA 178 – Frequência por referência exofórica no *romance* do PB

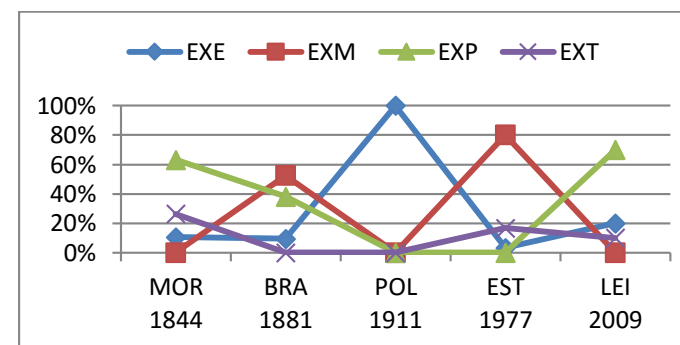


GRÁFICO 178 – Frequência por referência exofórica no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA						
Séc.	Texto	EXOFÓRICO				Total
		EXE	EXM	EXP	EXT	
XIX	GAC 1821	13 81,3%	1 6,3%	-	2 12,5%	16 100%
	IMP 1897	16 80%	1 5%	1 5%	2 10%	20 100%
XX	EXC 1917	12 57,1%	-	-	9 42,9%	21 100%
	UNI 1952	5 27,8%	3 16,7%	3 16,7%	7 38,9%	18 100%
XXI	REF 2014	2 10%	3 15%	3 15%	12 60%	20 100%

TABELA 179 – Frequência por referência exofórica na *notícia* do EM

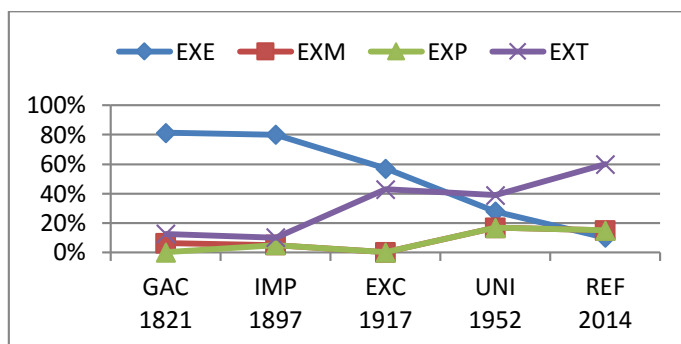


GRÁFICO 179 – Frequência por referência exofórica na *notícia* do EM

EM - ROMANCE						
Séc.	Texto	EXOFÓRICO				Total
		EXE	EXM	EXP	EXT	
XIX	PER 1816	1 10%	7 70%	2 20%	-	10 100%
	BAN 1889	2 12,5%	5 31,3%	8 50%	1 6,3%	16 100%
XX	ABA 1916	6 14,6%	-	26 63,4%	9 22%	41 100%
	ART 1962	3 7,3%	-	32 78%	6 14,6%	41 100%
XXI	TES 2004	4 57,1%	-	2 28,6%	1 14,3%	7 100%

TABELA 180 – Frequência por referência exofórica no *romance* do EM

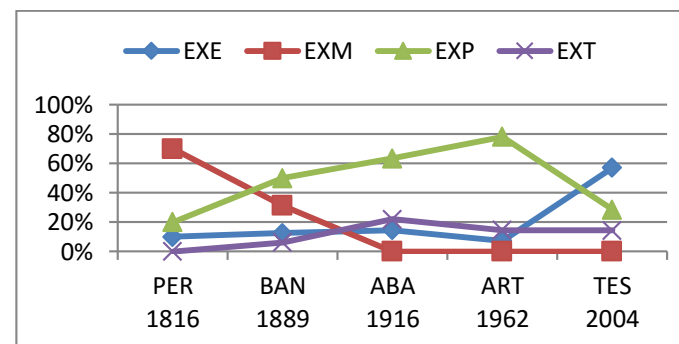


TABELA 180 – Frequência por referência exofórica no *romance* do EM

A seguir, são detalhados e exemplificados os quatro tipos de referência exofórica encontrados no *corpus*, além de serem apresentadas as frequências das formas dos demonstrativos com cada uma dessas categorias semântico-referenciais. Como se pode ver nas tabelas e gráficos correspondentes que seguem cada um dos tipos de referência exofórica, há um padrão comum em todos eles, que é o uso categórico da forma F1 na maioria dos casos, tanto no PB quanto no EM.

5.4.3.1 EXÓFORA ESPACIAL

A exófora espacial consiste no uso dos demonstrativos com a função dêitica locativa, isto é, serve para apontar exoforicamente para o lugar em que os participantes do discurso se encontram, como nos exemplos (42) a (45), abaixo:

- (42) “Achão-se presos na Cadêa **desta Corte**, os Pretos José Mina, que diz ser escravo do Cadete Frias, e Joaquim Angolla, que diz ser escravo de Joaquim de tal.” (DRJ, 1821)
- (43) “Bustamante quebrou o silencio:
— **Este paiz** não vale mais nada. Imaginem que o meu requerimento, pedindo honras de Tenente Coronel, está no ministério ha seis mezes!” (POL, 1911)
- (44) “A bordo de un carro especial agregado al tren de pasajeros llegó anoche el señor general Alfredo Rodriguez, gobernador del Estado de Hidalgo. La estancia del referido funcionario en **esta capital** será breve.” (EXC, 1917)
- (45) “Ahí había conocido a su novia actual.
—Perdón por tanto rodeo, manejen **esta ciudad** te acostumbra a evitar las líneas rectas.
—¿Dejaste los clavados? —le preguntó Julio, sintiendo el cansancio en los párpados.” (TES, 2004)

A forma F1 é sempre a mais frequente neste tipo de referência, no EM, e também na maioria dos casos no PB, como se vê nas tabelas e gráficos correspondentes, a seguir:

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA ESPACIAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	12	-	-	12
	JDB 1891	10	-	-	10
XX	GLO 1925	6	2	-	8
	CDM 1974	-	-	-	-
XXI	DIA 2013	1	-	-	1

TABELA 181 – Frequência de formas na exófora espacial na *notícia* do PB

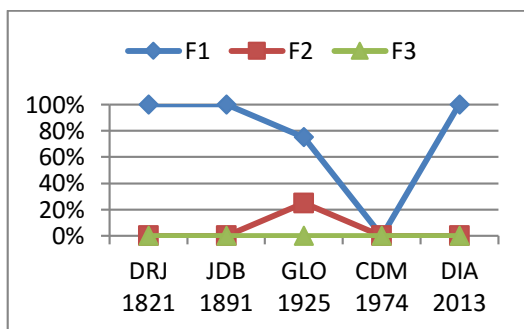


GRÁFICO 181 – Frequência de formas na exófora espacial na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA ESPACIAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	2	-	-	2
	BRA 1881	-	2	-	2
XX	POL 1911	2	-	-	2
	EST 1977	1	-	-	1
XXI	LEI 2009	4	-	-	4

TABELA 182 – Frequência de formas na exófora espacial no *romance* do PB

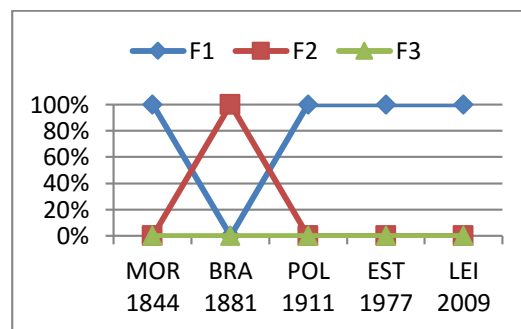


GRÁFICO 182 – Frequência de formas na exófora espacial no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA ESPACIAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	13	-	-	13
	IMP 1897	16	-	-	16
XX	EXC 1917	12	-	-	12
	UNI 1952	5	-	-	5
XXI	REF 2014	2	-	-	2

TABELA 183 – Frequência de formas na exófora espacial na *notícia* do EM

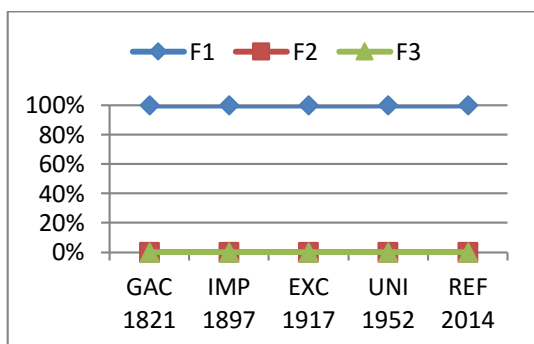


GRÁFICO 183 – Frequência de formas na exófora espacial na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA ESPACIAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	1	-	-	1
	BAN 1889	2	-	-	2
XX	ABA 1916	6	-	-	6
	ART 1962	3	-	-	3
XXI	TES 2004	4	-	-	4

TABELA 184 – Frequência de formas na exófora espacial no *romance* do EM

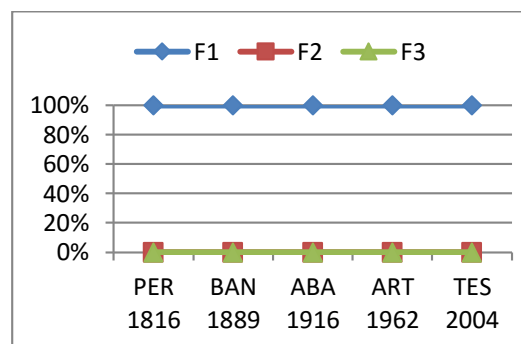


GRÁFICO 184 – Frequência de formas na exófora espacial no *romance* do EM

5.4.3.2 EXÓFORA METATEXTUAL

Quando, em um texto, trata-se do próprio texto ou de suas partes, estabelecendo uma relação com o mundo exterior ao discurso, com o objetivo de orientar o leitor com informações sobre a produção daquela obra metalinguisticamente, tem-se a exófora metatextual (CONTE, 1981 *apud* MARINE, 2009), como nos exemplos (46) a (49), a seguir:

- (46) “Segundo informações do 31º BPM (Recreio dos Bandeirantes), o policial foi ferido na troca de tiros com os dois assaltantes e levado por colegas para o Hospital Lourenço Jorge. O comparsa do ladrão morto conseguiu fugir. Um idoso, que estava no coletivo, teria sido atingido por bala perdida. Até o fechamento **desta edição**, não havia informações sobre o estado das vítimas.” (DIA, 2013)
- (47) “De uma coisa tenho certeza: **essa narrativa** mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê?” (EST, 1977)
- (48) “Hijos míos, después de mi muerte leeréis por primera vez **estos escritos**. Dirigid entonces vuestros votos por mí al trono de las misericordias; escarmentad en mis locuras; no os dejéis seducir por las falsedades de los hombres; aprended las máximas que os enseño, acordándoos que las aprendí a costa de muy dolorosas experiencias; jamás alabéis mi obra, pues ha tenido más parte en ella el deseo de aprovecharos; y empapados en estas consideraciones, comenzad a leer.” (PER, 1816)
- (49) “NUEVA YORK. - La legalización de la marihuana en Estados Unidos consiguió ayer un nuevo hito: los habitantes de la capital del país, Washington D.C., podrán usarla abiertamente para fines recreativos. La Iniciativa 71, un referendo que permite el cultivo de hasta seis plantas, la posesión de 56 gramos y el uso de cannabis, aunque no su venta comercial, logró, al cierre de **esta edición**, el respaldo del 68.6 por ciento de los votantes.” (REF, 2014)

A forma F1 também é sempre a mais frequente neste tipo de referência, tanto no PB quanto no EM, como se vê nas tabelas e gráficos correspondentes, a seguir:

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA METATEXTUAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	5 100%	-	-	5 100%
	JDB 1891	1 100%	-	-	1 100%
XX	GLO 1925	1 100%	-	-	1 100%
	CDM 1974	-	-	-	-
XXI	DIA 2013	1 100%	-	-	1 100%

TABELA 185 – Frequência de formas na exófora metatextual na *notícia* do PB

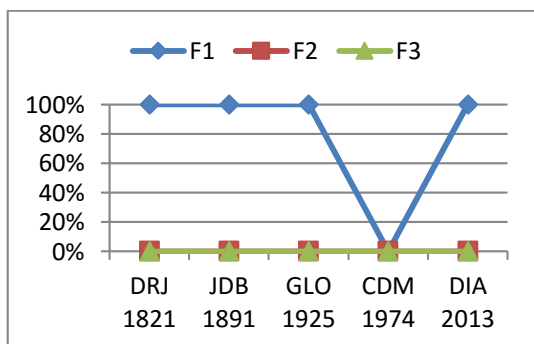


GRÁFICO 185 – Frequência de formas na exófora metatextual na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA METATEXTUAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	-	-	-	-
	BRA 1881	11 100%	-	-	11 100%
XX	POL 1911	-	-	-	-
	EST 1977	20 83,3%	4 16,7%	-	24 100%
XXI	LEI 2009	-	-	-	-

TABELA 186 – Frequência de formas na exófora metatextual no *romance* do PB

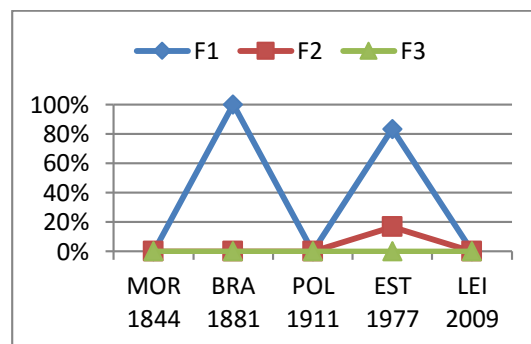


GRÁFICO 186 – Frequência de formas na exófora metatextual no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA METATEXTUAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	1 100%	-	-	1 100%
	IMP 1897	1 100%	-	-	1 100%
XX	EXC 1917	-	-	-	-
	UNI 1952	3 100%	-	-	3 100%
XXI	REF 2014	3 100%	-	-	3 100%

TABELA 187 – Frequência de formas na exófora metatextual na *notícia* do EM

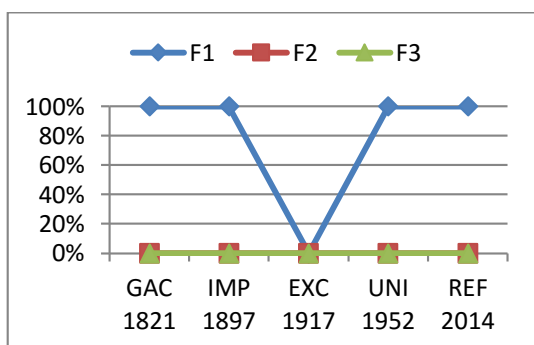


GRÁFICO 187 – Frequência de formas na exófora metatextual na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA METATEXTUAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	7 100%	-	-	7 100%
	BAN 1889	5 83,3%	1 16,7%	-	6 100%
XX	ABA 1916	-	-	-	-
	ART 1962	-	-	-	-
XXI	TES 2004	-	-	-	-

TABELA 188 – Frequência de formas na exófora metatextual no *romance* do EM

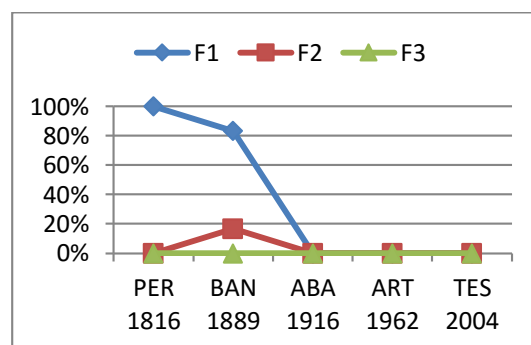


GRÁFICO 188 – Frequência de formas na exófora metatextual no *romance* do EM

5.4.3.3 EXÓFORA PRESENCIAL

Na exófora presencial, conhecida também como *demonstratio ad oculos* (BÜHLER, 1934, p. 174 *apud* CARBONERO CANO, 1979, p. 17), o contexto de produção discursiva proporciona uma forte ligação dêitica com o referente, uma vez que ele se encontra explicitamente no campo de visão de quem realiza a referência, o qual abertamente aponta para aquela entidade, que se encontra em sua presença, no discurso. Como mostram os exemplos (50) a (53), abaixo, percebe-se que os elementos mencionados estão presentes no campo de visão dos falantes:

- (50) “Nem tudo foi-me possível trazer exemplares, principalmente no que se refere aos peixes, e aqui **neste livro**, como vê - e mostrou-nos - estão desenhados muitos e com todas as explicações necessárias, afim de que mais tarde, terminada a viagem, o artista os complete, dando-lhes as cores próprias e aperfeiçoando o meu desenho.” (GLO, 1925)
- (51) “— Eu recompensar-te-hei, se fores fiel.
— Mais prompto, mais lesto, e mais agudo.
— Por agora toma **estes cobres**.
— Oh meo Snr. promptissimo, lestissimo, e agudissimo.”
(MOR, 1844)
- (52) “Luis Cervantes, confuso, no sabía qué decir.
— ¡Ah! ¿No estaba usted allí? ¡Bravo! ¡Buscó lugar seguro a muy buena hora!... Mire, compañero; venga para explicarle. Vamos allí, detrás de **aquel picacho**. Note que de **aquella laderita**, al pie del cerro, no hay más vía accesible que lo que tenemos delante; a la derecha la vertiente está cortada a plomo y toda maniobra es imposible por ese lado;” (ABA, 1916)
- (53) “Y aquí surgió un incidente chusco: donde Lauro Caloca despertó en su asiento al escuchar lo anterior y en voz alta interrogó al Secretario:
— ¿Quién es **ese señor?**...” (UNI, 1952)

A forma F1 é, na maioria dos casos, a mais frequente neste tipo de referência, tanto no PB quanto no EM, como se vê nas tabelas e gráficos correspondentes, a seguir:

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA PRESENCIAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	-	-	-	-
	JDB 1891	-	-	-	-
XX	GLO 1925	1 100%	-	-	1 100%
	CDM 1974	-	-	-	-
XXI	DIA 2013	-	-	-	-

TABELA 189 – Frequência de formas na exófora presencial na *notícia* do PB

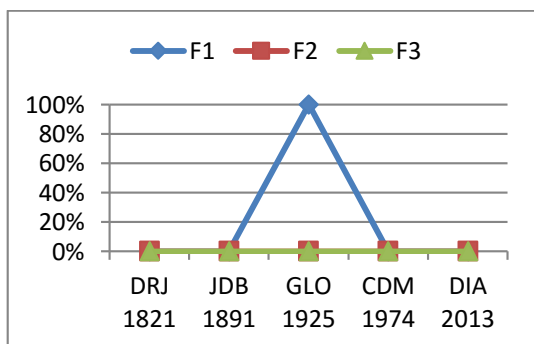


GRÁFICO 189 – Frequência de formas na exófora presencial na *notícia* do PB

ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA PRESENCIAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	7 58,3%	-	5 41,7%	12 100%
	BRA 1881	5 62,5%	2 25,0%	1 12,5%	8 100%
XX	POL 1911	-	-	-	-
	EST 1977	-	-	-	-
XXI	LEI 2009	4 28,6%	9 64,3%	1 7,1%	14 100%

TABELA 190 – Frequência de formas na exófora presencial no *romance* do PB

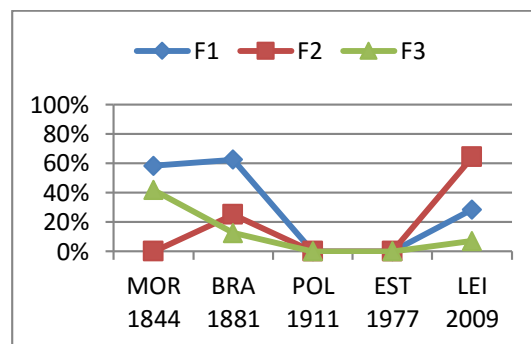


GRÁFICO 190 – Frequência de formas na exófora presencial no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA PRESENCIAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	-	-	-	-
	IMP 1897	1 100%	-	-	1 100%
XX	EXC 1917	-	-	-	-
	UNI 1952	1 33,3%	2 66,7%	-	3 100%
XXI	REF 2014	3 100%	-	-	3 100%

TABELA 191 – Frequência de formas na exófora presencial na *notícia* do EM

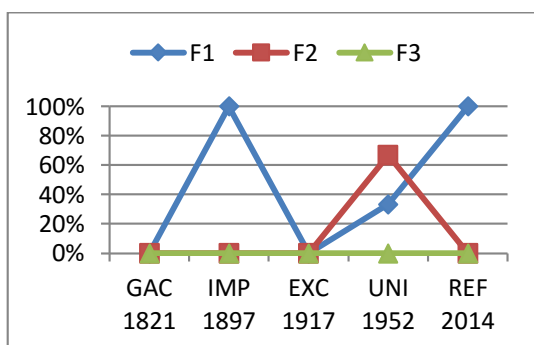


GRÁFICO 191 – Frequência de formas na exófora presencial na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA PRESENCIAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	2 100%	-	-	2 100%
	BAN 1889	6 75%	2 25%	-	8 100%
XX	ABA 1916	13 50%	9 34,6%	4 15,4%	26 100%
	ART 1962	20 62,5%	12 37,5%	-	32 100%
XXI	TES 2004	1 50%	1 50%	-	2 100%

TABELA 192 – Frequência de formas na exófora presencial no *romance* do EM

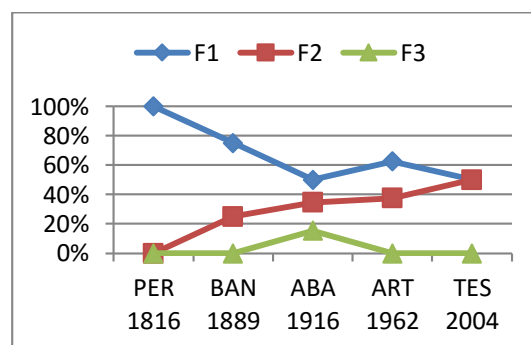


GRÁFICO 192 – Frequência de formas na exófora presencial no *romance* do EM

5.4.3.4 EXÓFORA TEMPORAL

A seguir, encontram-se os exemplos (54) a (57), os quais mostram que a noção de tempo também pode ser explicitada exoforicamente no discurso, usando-se os demonstrativos:

- (54) “O Presidente Richard Nixon recebeu o segundo vice-primeiro-ministro da Arábia Saudita, Príncipe Fahd Ibn Aziz, na Casa Branca em sua campanha para melhorar as relações dos Estados Unidos com os países do Oriente Médio que pretende visitar ainda **este mês**” (CDM, 1974)
- (55) “Veja só, **neste momento** olho para você, que toda noite está comigo tão amorosa, e fico até sem graça de perguntar seu nome de novo. Em compensação, recordo cada fio da barba do meu avô, que só conheci de um retrato a óleo” (LEI, 2009)
- (56) “Con el mezcal mexicano cada vez más personas se embriagan en el mundo. De enero a agosto de **este año**, las exportaciones nacionales de mezcal alcanzaron un volumen de 720 mil 483 litros, 47.5 por ciento más que lo exportado durante el mismo periodo del año pasado, y el volumen más grande de envíos fuera de México registrado en la historia.” (REF, 2014)
- (57) “Una noche despertó doña Pascuala a su marido.
—Espiridión —le dijo—. Haz que pongan el carretón que acaba decomponer el carpintero, monta a caballo, ve a Zacoalco y me traes a Matiana y a Jipila.
—¿A **estas horas**? —preguntó el marido esperezándose.
—En el momento. Me sube una cosa del estómago que me quiere ahogar.”
(BAN, 1889)

A forma F1 é, como em todos os outros casos de referência exofórica, a mais frequente, tanto no PB quanto no EM, como se vê nas tabelas e gráficos correspondentes, a seguir.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA TEMPORAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	3	-	-	3
	JDB 1891	5	-	-	5
XX	GLO 1925	4	-	-	4
	CDM 1974	19	1	-	20
XXI	DIA 2013	21	-	-	21

TABELA 193 – Frequência de formas na exófora temporal na *notícia* do PB

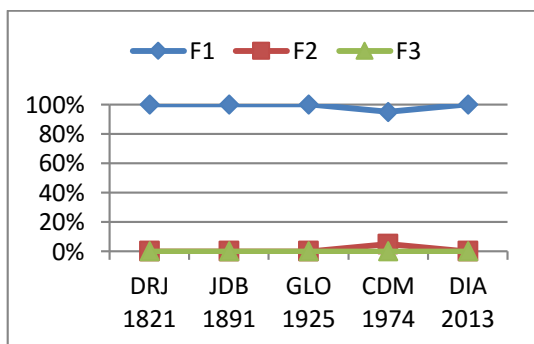


GRÁFICO 193 – Frequência de formas na exófora temporal na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA TEMPORAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	5	-	-	5
	BRA 1881	-	-	-	-
XX	POL 1911	-	-	-	-
	EST 1977	5	-	-	5
XXI	LEI 2009	1	1	-	2

TABELA 194 – Frequência de formas na exófora temporal no *romance* do PB

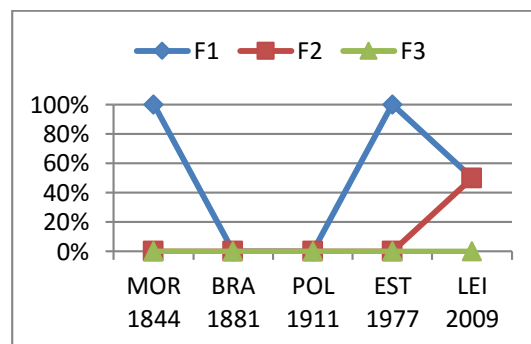


GRÁFICO 194 – Frequência de formas na exófora temporal no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA TEMPORAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	2	-	-	2
	IMP 1897	2	-	-	2
XX	EXC 1917	8	1	-	9
	UNI 1952	6	1	-	7
XXI	REF 2014	12	-	-	12

TABELA 195 – Frequência de formas na exófora temporal na *notícia* do EM

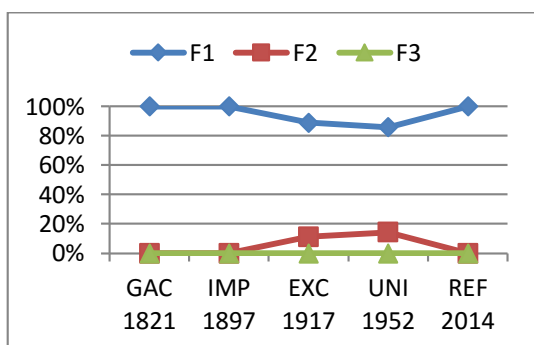


GRÁFICO 195 – Frequência de formas na exófora temporal na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA TEMPORAL			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	-	-	-	-
	BAN 1889	1	-	-	1
XX	ABA 1916	6	3	-	9
	ART 1962	3	3	-	6
XXI	TES 2004	1	-	-	1

TABELA 196 – Frequência de formas na exófora temporal no *romance* do EM

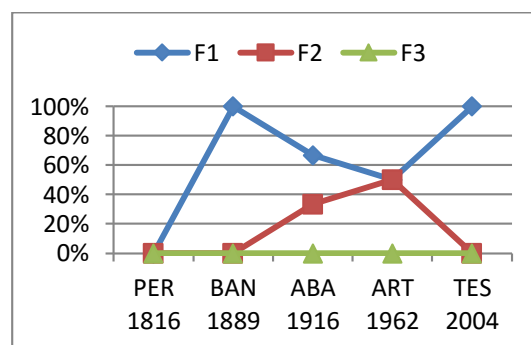


GRÁFICO 196 – Frequência de formas na exófora temporal no *romance* do EM

5.4.4 REFERÊNCIA ENDO-EXOFÓRICA

Foram coletadas também ocorrências que fazem referências exofóricas, nos âmbitos espacial, presencial e temporal, seguidas por uma catáfora, a qual é de natureza endofórica, como se vê nos exemplos (58) a (61), abaixo, constituindo, portanto, as referências *endo-exofóricas*. Tal utilização de uma nova referência endofórica posterior à exofóricas para um mesmo referente, nessa situação, parece advir da necessidade de se confirmar que haja uma correta interpretação do elemento referido anteriormente pela exófora. Há, portanto, um câmbio do valor dêitico, do contexto exterior ao linguístico, isto é, a catáfora aparece quando o falante não tem certeza que o seu interlocutor conseguiu identificar apropriadamente o referente presente no plano da situação discursiva.

- (58) “A viuva e Filhos do licenciado Francisco Gomes da Silva dezeitão fallar com os herdeiros de Placido Correia de Brito, que era irmão de Luiz Correia de Brito, empregado no Erario de Lisboa, e elle morreo **nesta cidade do Rio de Janeiro**.” (DRJ, 1821)
- (59) “Augusto quiz provocar os tiros de D. Clementina contra aquella menina impertinente, que tão pouco lhe agradava.
— E que pensa V. S. **desta joven Senhora, que está defronte de nós?** perguntou elle em voz baixa.
— Quem?... a Moreninha?... respondeo ella no mesmo tom.” (MOR, 1844)
- (60) “A medianoche me sacaron de mi casa tres gendarmes; amanecí en el cuartel y anochecí a doce leguas de mi pueblo... Hace un mes pasé por allí con la tropa... ¡Mi madre estaba ya debajo de la tierra!... No tenía más consuelo en esta vida... Ahora no le hago falta a nadie. Pero, por mi Dios que está en los cielos, **estos cartuchos que aquí me cargan** no han de ser para los enemigos...” (ABA, 1916)
- (61) “El martes 9 del corriente se extrajeron del meson del S. Isidro en el pueblo de Cuautitlan un enbultorio de ropa, y una caja con los papeles de la compañía que tiene á su cargo el Capitan de artilleros D. Juan José Rubio, el que perdona la ropa, dinero &c. y solo suplica se pongan en **esta librería de Valdes** los papeles con la seguridad de que ni se les seguirá perjuicio alguno, ni se indagará del agresor.” (GAC, 1821)

Assim como na exófora, nas referências endo-exofóricas há uma preferência de uso da forma F1 em quase todas as faixas temporais e GTs do PB e do EM, como mostram as tabelas e gráficos correspondentes, a seguir:

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ENDO-EXOFÓRICO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	6	-	-	6
	JDB 1891	-	-	-	-
XX	GLO 1925	-	1	-	1
	CDM 1974	1	-	-	1
XXI	DIA 2013	-	-	-	-

TABELA 197 – Frequência de formas na endo-exófora na *notícia* do PB

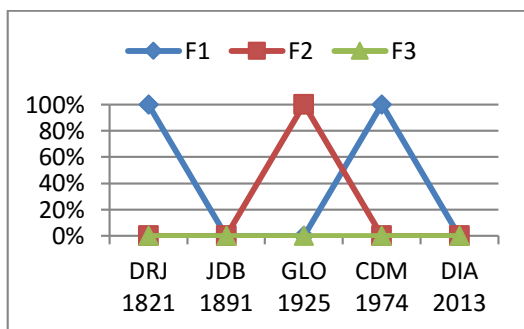


GRÁFICO 197 – Frequência de formas na endo-exófora na *notícia* do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ENDO-EXOFÓRICO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	2	-	-	2
	BRA 1881	-	-	-	-
XX	POL 1911	-	-	-	-
	EST 1977	2	-	-	2
XXI	LEI 2009	-	-	-	-

TABELA 198 – Frequência de formas na endo-exófora no *romance* do PB

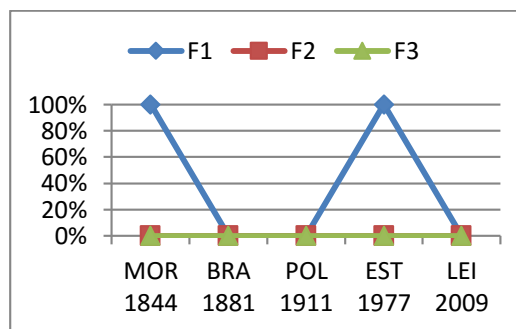


GRÁFICO 198 – Frequência de formas na endo-exófora no *romance* do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ENDO-EXOFÓRICO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	1	-	-	1
	IMP 1897	-	-	-	-
XX	EXC 1917	-	-	-	-
	UNI 1952	-	-	-	-
XXI	REF 2014	-	-	-	-

TABELA 199 – Frequência de formas na endo-exófora na *notícia* do EM

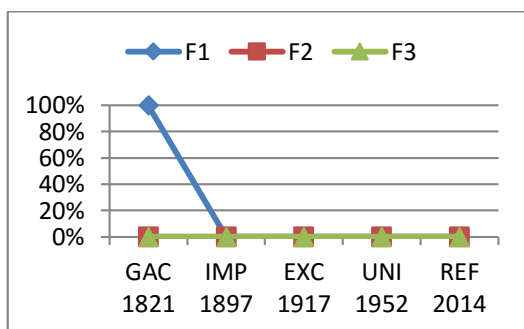


GRÁFICO 199 – Frequência de formas na endo-exófora na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ENDO-EXOFÓRICO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	1	-	-	1
	BAN 1889	-	-	-	-
XX	ABA 1916	1	-	-	1
	ART 1962	1	2	-	3
XXI	TES 2004	-	-	-	-

TABELA 200 – Frequência de formas na endo-exófora no *romance* do EM

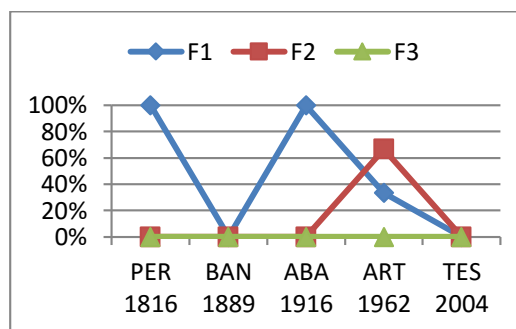


GRÁFICO 200 – Frequência de formas na endo-exófora no *romance* do EM

5.4.5 REFERÊNCIA ANAMNÉSICA

Os falantes fazem parte de uma comunidade linguística integrada a um conhecimento universalizado sobre elementos socioculturais, realizando, a todo momento, referências a essas informações de conhecimento compartilhado durante a comunicação. Esse tipo de conhecimento, do mesmo modo, pode ser algo encontrado na relação particular entre participantes de um discurso, quando os mesmos compartilham um cotidiano em comum.

Abaixo, essa retomada de conhecimentos compartilhados pode ser vista nos exemplos (62), em que o jogador de futebol assume que todos sabem que o seu time possui 100% de aproveitamento no campeonato; (63), em que a amiga da mãe do protagonista se refere, de certo modo pejorativamente, ao povo judeu, contudo, sem efetivamente citá-lo em seu discurso; (64), no qual o editor da notícia teve de colocar entre parênteses o referente para que o leitor interpretasse corretamente a fala da pessoa entrevistada; e (65), em que parece haver um consenso geral de como são as senhoras ricas da época:

- (62) “A vitória diante do Volta Redonda não mudou a classificação do Grupo A da Taça Rio. Bruno Mendes, porém, teve um motivo a mais para comemorar. Autor do gol da partida, ele acabou com um jejum de 80 dias, que vinha desde a Taça Guanabara. ‘A bola sobrou após um bate-rebate, peguei atrás e fiz o gol. Importante é que o jejum acabou e o jeito como foi não importa (risos)’, brincou o atacante, acrescentando: ‘Nosso pensamento é manter **esses 100% de aproveitamento na Taça Rio** e continuar com o empenho para conquistarmos o turno e o Estadual antecipadamente.’” (DIA, 2013)
- (63) “No fim da tarde fui à casa de mamãe, que recebia a mãe de Matilde para um chá, e ouvi suas vozes plangentes no jardim-de-inverno: ela... as andanças dela... as companhias dela... o destino dela... Com a minha entrada as duas desconversaram, passaram a falar da iminência de nova guerra na Europa, das levas de refugiados que aportavam no país diariamente: em Copacabana, Maria Violeta, só se ouve falar alemão e polaco... é **aquele povo**, Anna Theodora, é tudo gente **daquele povo**...” (LEI, 2009)
- (64) “Llegaron muchos carros y patrullas, se escuchó mucho movimiento de gente. Ya después se oyó cómo estaban abriendo la puerta, pero muy pocos vecinos salimos a ver. “Después hubo gritos y otra vez mucho movimiento, jamás nos imaginamos que ahí estaba **ese señor** (Abarca)”, comentó una vecina.” (REF, 2014)
- (65) “ (...) pero en fin, no las conocía bien y no podía hablar y como decían los americanos *the costumer is Always right* y hay que salir al salón sonriendo, diciendo cheese, che-eeeeese y cheeee-eeeeese. Estaba obligada a trabajar, aun cuando no hubiera nacido para trabajar, y estaba acostumbrada a **estas señoras ricas de ahora**.” (ART, 1962)

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ANAMNÉSICO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	-	-	-	-
	JDB 1891	2 100%	-	-	2 100%
XX	GLO 1925	-	3 100%	-	3 100%
	CDM 1974	-	1 100%	-	1 100%
XXI	DIA 2013	-	1 33,3%	2 66,7%	3 100%

TABELA 201 – Frequência de formas na referência anamnésica na notícia do PB

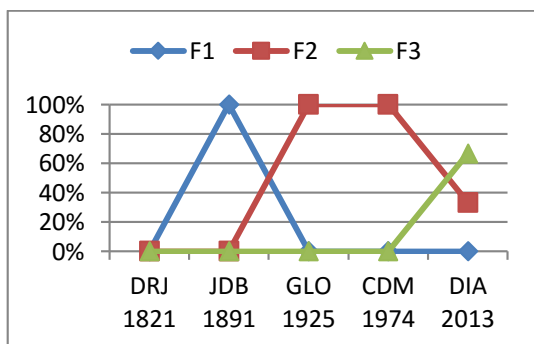


GRÁFICO 201 – Frequência de formas na referência anamnésica na notícia do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ANAMNÉSICO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR 1844	-	-	-	-
	BRA 1881	1 100%	-	-	1 100%
XX	POL 1911	2 28,6%	2 28,6%	3 42,9%	7 100%
	EST 1977	-	1 100%	-	1 100%
XXI	LEI 2009	-	2 50%	2 50%	4 100%

TABELA 202 – Frequência de formas na referência anamnésica no romance do PB

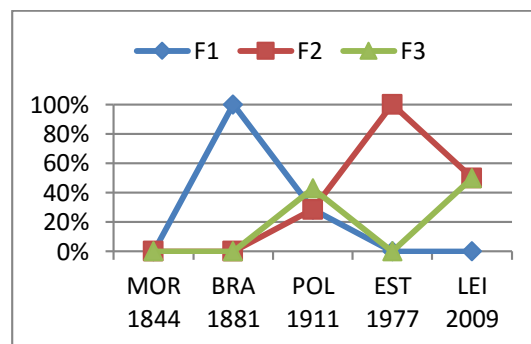


GRÁFICO 202 – Frequência de formas na referência anamnésica no romance do PB

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ANAMNÉSICO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	GAC 1821	-	1 50%	1 50%	2 100%
	IMP 1897	-	-	-	-
XX	EXC 1917	-	-	-	-
	UNI 1952	-	-	-	-
XXI	REF 2014	2 40%	3 60%	-	5 100%

TABELA 203 – Frequência de formas na referência anamnésica na notícia do EM

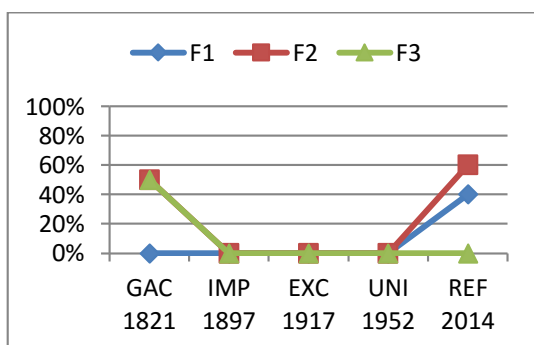


GRÁFICO 203 – Frequência de formas na referência anamnésica na notícia do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ANAMNÉSICO			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	1 50%	1 50%	-	2 100%
	BAN 1889	2 66,7%	1 33,3%	-	3 100%
XX	ABA 1916	9 81,8%	-	2 18,2%	11 100%
	ART 1962	1 100%	-	-	1 100%
XXI	TES 2004	-	4 100%	-	4 100%

TABELA 204 – Frequência de formas na referência anamnésica no romance do EM

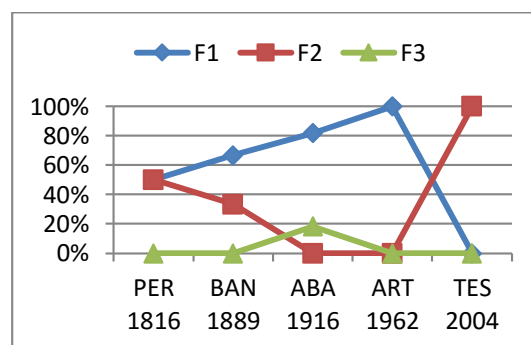


GRÁFICO 204 – Frequência de formas na referência anamnésica no romance do EM

Não é possível, através dos dados apresentados pelas tabelas e gráficos anteriores, delimitar uma relação entre a referência anamnésica e o uso específico de uma das formas dos demonstrativos, uma vez que a quantidade de ocorrências é escassa e há uma multiplicidade de usos das formas nos GTs analisados.

5.4.6 REFERÊNCIA INDEFINIDA

O valor referencial indefinido, por não ter ligação com os outros três tipos de referência, é o uso de demonstrativos de um modo em que não se pretende especificar com clareza aquilo a que se refere. Geralmente se contrastam as formas proximais e distais dos demonstrativos ou também, no caso do EM, o demonstrativo em contraponto com pronomes indefinidos (*uno, otro*) como nos exemplos (66) a (69), abaixo:

- (66) “A custa dos bellos olhos d’uma, das lindas madeixas d’outra, do collo de alabastro **desta**, do talhe elegante **daquella**, eu formei o meo bello-ideal, a quem tributo o amor mais constante. Reuno o que de melhor está repartido; e faço mais ainda, aperfeiço-o a minha obra todos os dias.” (MOR, 1844)
- (67) “O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um commando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante de ordens, assistente, encarregado **disso** ou **daquillo**, escripturário, almoxarife, e era secretario do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em general.” (POL, 1911)
- (68) “En mi escuela se nos olvidaban nuestros nombres propios por llamarnos con los injuriosos que nos poníamos. Uno se conocía por el tuerto, otro por el corcovado, **éste** por el lagañoso, **aquél** por el roto. Quien había que entendía muy bien por loco, quien por burro, quien por guajolote, y así todos.” (PER, 1816)
- (69) “Doña Pascuala se ocupaba de barrer la casa, de echar ramas en el braseiro formado de las tres matatenas consabidas, de dar de comer a las gallinas, de limpiar las jaulas de los pájaros, de regar unas cuantas macetas con chinos y espuela de caballero, de preparar la comida y de dar las lecciones al heredero de Moctezuma. En **esto** y en lo otro pasaba el día y la tarde, y el tiempo libre de que podía disponerlo consagraba a la lectura de las muy pocas obras que se publicaban en México y que encargaba a su marido cuando extendía sus excursiones a la gran Tenoxtitlán;” (BAN, 1889)

Não houve nenhuma ocorrência da referência indefinida na *notícia* de ambas as línguas e sua baixa frequência no *romance*, assim como no caso da anamnésica, impede a definição da forma do demonstrativo mais comum a esse tipo de referência, como se vê as tabelas e gráficos correspondentes abaixo:

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	INDEFINIDO			Total
		F1	F2	F3	
XIX	MOR 1844	1 50%	-	1 50%	2 100%
	BRA 1881	1 50%	-	1 50%	2 100%
XX	POL 1911	3 30%	2 20%	5 50%	10 100%
	EST 1977	-	1 100%	-	1 100%
XXI	LEI 2009	-	-	-	-

TABELA 205 – Frequência de formas na referência indefinida no romance do PB

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	INDEFINIDO			Total
		F1	F2	F3	
XIX	PER 1816	3 60%	-	2 40%	5 100%
	BAN 1889	1 100%	-	-	1 100%
XX	ABA 1916	-	-	-	-
	ART 1962	-	-	-	-
XXI	TES 2004	-	-	-	-

TABELA 206 – Frequência de formas na referência indefinida no romance do EM

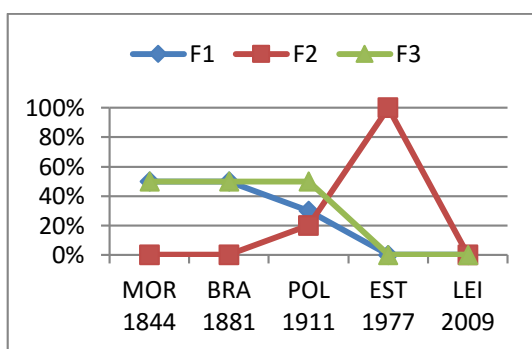


GRÁFICO 205 – Frequência de formas na referência indefinida no romance do PB

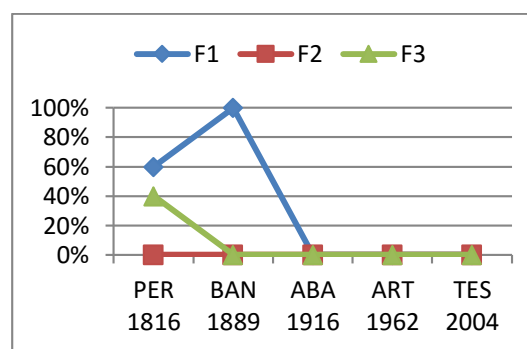


GRÁFICO 206 – Frequência de formas na referência indefinida no romance do EM

5.5 MUDANÇA NO SISTEMA: ENDÓFORA E EXÓFORA

Segundo Câmara Jr. (1971, 1985), a passagem de um sistema ternário para um binário no português teria acontecido pela *similaridade funcional* entre as referências endofóricas e as referências exofóricas. Haveria, assim, a busca por uma simetria no uso desses dois valores referenciais, porque, enquanto a exófora poderia expressar três funções (apontar para elementos próximos do falante, do ouvinte ou longe dos dois), a endófora seria utilizada para apenas duas (remeter ao momento da comunicação ou a outro momento (anterior ou posterior)) e a língua tenderia a solucionar esse desequilíbrio. Em suma, a proposta central é que a endófora, por ser binária, influencia na implementação de apenas dois papéis a serem desempenhados também na exófora.

Assim, a expansão de F2 para a função de F1, ocasionando frequências cada vez mais raras desta última forma, é uma simplificação do sistema de demonstrativos do PB que deve ter ocorrido inicialmente na endófora e posteriormente na exófora. Essa hipótese pôde ser corroborada por Cambraia (2012, p. 51), pois os seus dados do *teatro* mostram que, no PB, a expansão da forma F2 para o âmbito de F1 realmente ocorre primeiramente nas referências endofóricas e somente um século mais tarde essa tendência é transmitida ao âmbito exofórico.

A fim de se saber se esses padrões também se confirmam nos GTs *notícia* e *romance* do PB, contabilizou-se o uso das formas dos demonstrativos na endófora e na exófora em ambas as línguas, como mostram as tabelas e gráficos, a seguir. Além disso, são apresentados os gráficos do *teatro*, a título de comparação com os resultados dos outros GTs.

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ENDÓFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ	102	6	16	124
	1821	82,3%	4,8%	12,9%	100%
	JDB	83	25	24	132
XX	GLO	36	76	20	132
	1925	27,3%	57,6%	15,2%	100%
	CDM	52	56	20	128
XXI	1974	40,6%	43,8%	15,6%	100%
	DIA	15	95	14	124
XXI	2013	12,1%	76,6%	11,3%	100%

TABELA 207 - Frequência de formas por endófora na notícia do PB

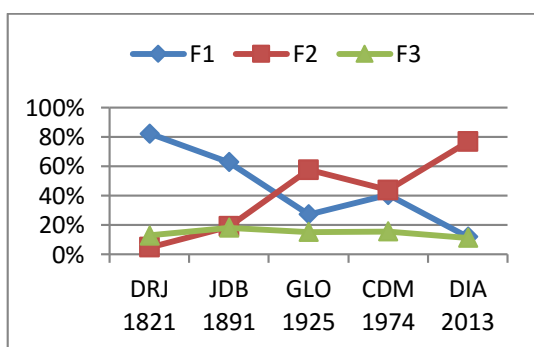


GRÁFICO 207 - Frequência de formas por endófora na notícia do PB

PB - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ	20	-	-	20
	1821	100%	-	-	100%
	JDB	16	-	-	16
XX	GLO	12	2	-	14
	1925	85,7%	14,3%	-	100%
	CDM	19	1	-	20
XXI	1974	95%	5%	-	100%
	DIA	23	-	-	23
XXI	2013	100%	-	-	100%

TABELA 208 - Frequência de formas por exófora na notícia do PB

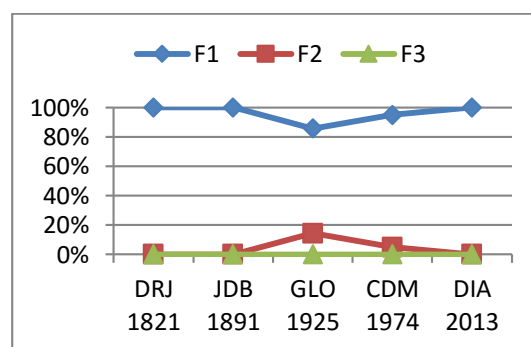


GRÁFICO 208 - Frequência de formas por exófora na notícia do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	ENDÓFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR	51	55	21	127
	1844	40,2%	43,3%	16,5%	100%
	BRA	45	64	17	126
XX	1881	35,7%	50,8%	13,5%	100%
	POL	34	63	34	131
	1911	26%	48,1%	26%	100%
XXI	EST	19	92	5	116
	1977	16,4%	79,3%	4,3%	100%
	LEI	9	71	46	126
XXI	2009	7,1%	56,3%	36,5%	100%

TABELA 209 - Frequência de formas por endófora no romance do PB

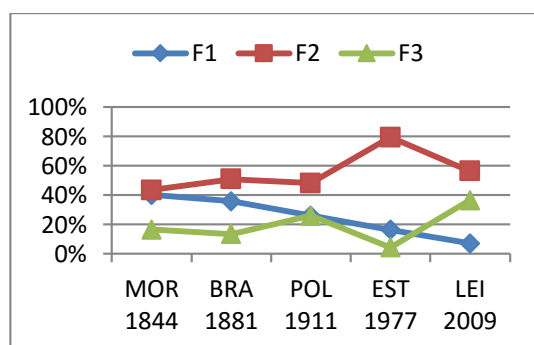


GRÁFICO 209 - Frequência de formas por endófora no romance do PB

PB - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	MOR	14	-	5	19
	1844	73,7%	-	26,3%	100%
	BRA	16	4	1	21
XX	1881	76,2%	19%	4,8%	100%
	POL	2	-	-	2
	1911	100%	-	-	100%
XXI	EST	26	4	-	30
	1977	86,7%	13,3%	-	100%
	LEI	9	10	1	20
XXI	2009	45%	50%	5%	100%

TABELA 210 - Frequência de formas por exófora no romance do PB

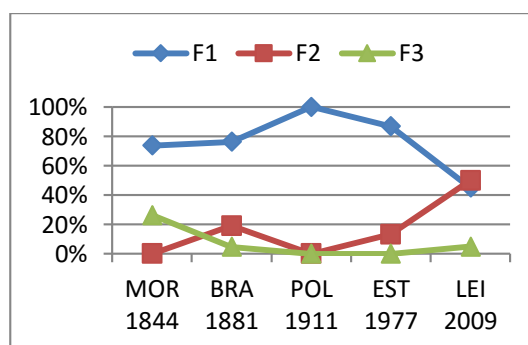


GRÁFICO 210 - Frequência de formas por exófora no romance do PB

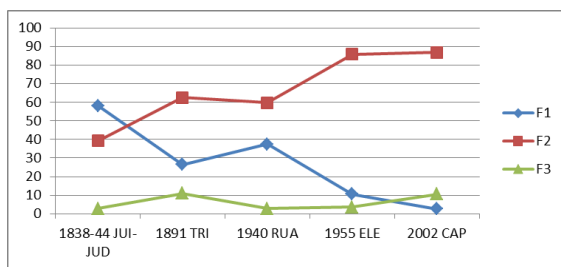


GRÁFICO 211 - Frequência de formas por endófora no teatro do PB (CAMBRAIA, 2012, p. 51 adaptado)

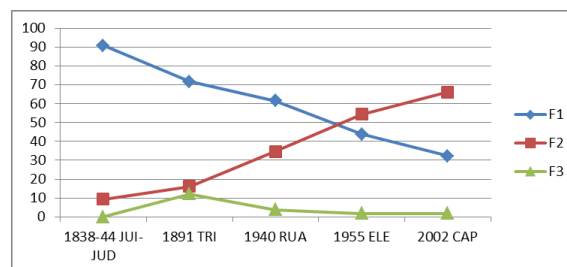


GRÁFICO 212 - Frequência de formas por exófora no teatro do PB (CAMBRAIA, 2012, p. 51 adaptado)

Com relação à endófora no PB, vê-se que, na *notícia* e no *teatro*, a forma F2 toma o lugar de mais frequente de F1, respectivamente, na 1ª metade do século XX e na 2ª metade do século XIX. Já no *romance*, não há essa inversão de valores, pois F2 prevalece como mais frequente desde a primeira faixa temporal analisada, 1ª metade do século XIX, contudo, assim como nos outros GTs, a frequência de F2 tende a crescer ao longo do tempo, enquanto F1 segue em constante queda em todos os casos, sempre com uma linha descendente, chegando a valores muito baixos.

O valor exofórico no PB é, na *notícia*, quase que unicamente expresso pela forma F1, com apenas algumas ocorrências esporádicas de F2 em *GLO* e em *CDM* e não há quaisquer indícios de mudança desse padrão. Enquanto isso, apesar da prevalência de F1 também ser em maior parte do tempo no *romance* e no *teatro*, a forma F2 consegue superá-la em ambos esses GTs, respectivamente na 1ª metade do século XXI e na 2ª metade do século XX.

A seguir, são apresentados os dados de endófora e exófora referentes ao EM, com o objetivo de saber se a hipótese avaliada para o PB também pode ser transposta a essa outra língua:

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	ENDÓFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	101	11	19	131
		77,1%	8,4%	14,5%	100%
	JDB 1891	81	27	22	130
		62,3%	20,8%	16,9%	100%
XX	GLO 1925	100	21	8	129
		77,5%	16,3%	6,2%	100%
	CDM 1974	91	31	10	132
		68,9%	23,5%	7,6%	100%
XXI	DIA 2013	68	49	8	125
		54,4%	39,2%	6,4%	100%

TABELA 213 - Frequência de formas por endófora na *notícia* do EM

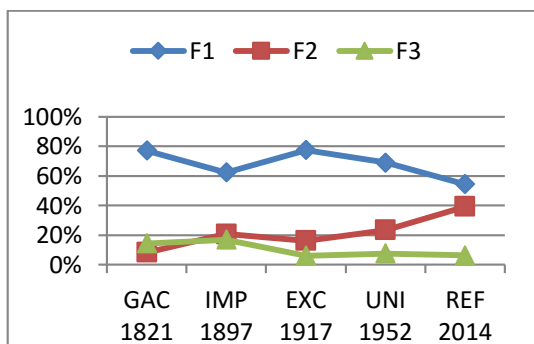


GRÁFICO 213 - Frequência de formas por endófora na *notícia* do EM

EM - NOTÍCIA					
Séc.	Texto	EXÓFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	DRJ 1821	16	-	-	16
		100%	-	-	100%
	JDB 1891	20	-	-	20
		100%	-	-	100%
XX	GLO 1925	20	1	-	21
		95,2%	4,8%	-	100%
	CDM 1974	15	3	-	18
		83,3%	16,7%	-	100%
XXI	DIA 2013	20	-	-	20
		100%	-	-	100%

TABELA 214 - Frequência de formas por exófora na *notícia* do EM

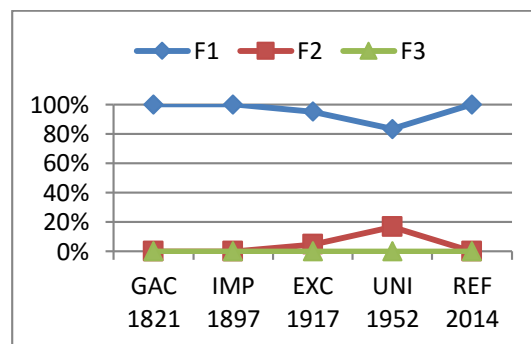


GRÁFICO 214 - Frequência de formas por exófora na *notícia* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	ENDÓFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	113	9	10	132
		85,6%	6,8%	7,6%	100%
	BAN 1889	75	53	1	129
		58,1%	41,1%	0,8%	100%
XX	ABA 1916	21	52	24	97
		21,6%	53,6%	24,7%	100%
	ART 1962	12	92	1	105
		11,4%	87,6%	1%	100%
XXI	TES 2004	17	109	13	139
		12,2%	78,4%	9,4%	100%

TABELA 215 - Frequência de formas por endófora no *romance* do EM

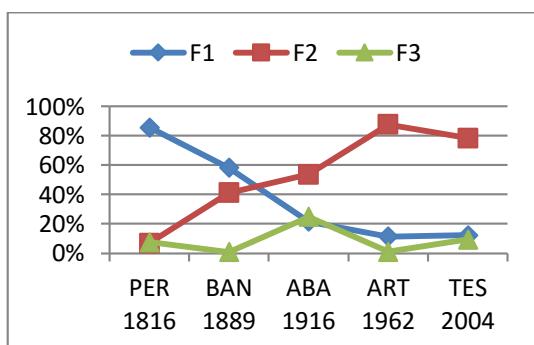


GRÁFICO 215 - Frequência de formas por endófora no *romance* do EM

EM - ROMANCE					
Séc.	Texto	EXÓFORA			
		F1	F2	F3	Total
XIX	PER 1816	10	-	-	10
		100%	-	-	100%
	BAN 1889	14	3	-	17
		82,4%	17,6%	-	100%
XX	ABA 1916	25	12	4	41
		61%	29,3%	9,8%	100%
	ART 1962	26	15	-	41
		63,4%	36,6%	-	100%
XXI	TES 2004	6	1	-	7
		85,7%	14,3%	-	100%

TABELA 216 - Frequência de formas por exófora no *romance* do EM

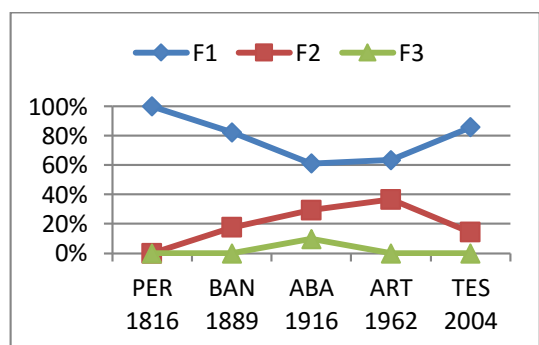


GRÁFICO 216 - Frequência de formas por exófora no *romance* do EM

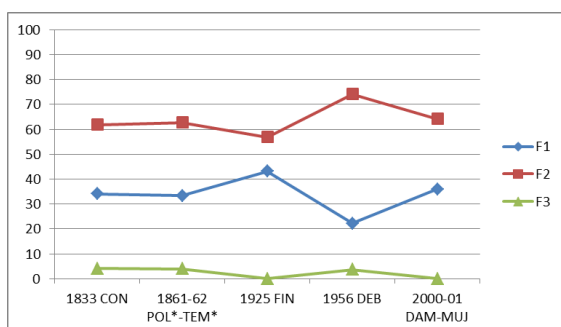


GRÁFICO 217 – Frequência de formas por endófora no teatro do EM (CAMBRAIA, 2012, p. 51 adaptado)

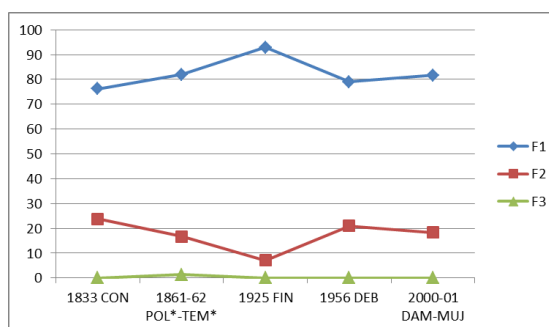


GRÁFICO 218 - Frequência de formas por exófora no teatro do EM (CAMBRAIA, 2012, p. 51 adaptado)

A endófora no EM também apresenta, assim como no PB, a tendência de mudança em que há uma ascensão da forma F2 para o lugar de F1, tanto no *romance*, na 1ª metade do século XX, quanto no *teatro*, na 1ª metade do século XIX⁶⁰. Apenas na *notícia* essa tomada do lugar de F1 por F2 ainda não ocorreu, embora se possa observar, também nesse caso, a tendência de constante crescimento de F2, que resulta na queda gradual do número de ocorrências de F1. É interessante notar que a forma F1, no EM, após ser ultrapassada por F2, se estabiliza com uma frequência mais baixa, mas constante, ao contrário do que pode ser visto no PB, em que F1 continua sempre em queda, de tendência ao seu desaparecimento.

Por outro lado, todos os três GTs, na exófora do EM, apresentam o mesmo padrão de uso das formas dos demonstrativos, uma vez que a forma F1 é sempre a mais frequente e não há quaisquer sinais de mudança desse padrão por haver uma notável constância no número de ocorrências das formas ao longo dos tempos.

⁶⁰ Não se pode ver essa mudança através do gráfico, adaptado apenas para as faixas temporais mais recentes do uso das formas no *teatro*, mas o original (CAMBRAIA, 2012, p. 51) mostra a prevalência da forma F1 na endófora desde o século XVI até a 2ª metade do século XVIII e a tomada da posição de mais frequente por F2 a partir da 1ª metade do século XIX.

A partir dos dados obtidos anteriormente, fez-se a tabela abaixo, para se observar melhor as épocas em que acontece a expansão de F2 para o posto de F1 nos três GTs do PB e do EM ao longo do tempo:

GT	PB		EM	
	END	EXF	END	EXF
Notícia	1ª metade do século XX	<i>não ocorre</i>	<i>não ocorre</i>	<i>não ocorre</i>
Romance	1ª metade do século XIX	1ª metade do século XXI	1ª metade do século XX	<i>não ocorre</i>
Teatro	2ª metade do século XIX	2ª metade do século XX	1ª metade do século XIX	<i>não ocorre</i>

QUADRO 7 – Período de expansão de F2 como forma mais frequente segundo valor referencial

Na endófora do PB, ocorre a ascensão de F2 como forma mais frequente em todos os três GTs, no período entre a 1ª metade do século XIX e a 1ª metade do século XX. Essa mudança ainda não atinge, no valor exofórico, o GT *notícia*, contudo, ela aparece nos outros dois GTs sempre em épocas posteriores às do primeiro caso, corroborando a hipótese de que a mudança linguística dos demonstrativos teria que ocorrer primeiramente na endófora. Dessa forma, F2 tende a assumir as duas funções referenciais e F1 parece entrar em desuso, já que suas frequências são cada vez mais baixas, como preconiza a teoria do binarismo no sistema de demonstrativos do PB.

No EM, a mudança em questão ocorre na endófora do *romance* e do *teatro*, entretanto, a forma F2 nunca consegue superar os valores de F1 na exófora. Sendo assim, diferentemente do PB, em que F2 parece se expandir para o domínio de ambos os tipos de referência, o demonstrativo F2 no EM estaria se especializando na função endofórica, enquanto F1 se manteria como a principal forma usada para expressar a função exofórica. Assim, não se pode dizer que no EM haja a influência da endófora na mudança da exófora, entretanto, a manutenção de F1 e F2 em funções diferentes também está de acordo com o que prega o binarismo dessa língua, uma vez que a forma que deixa de ser utilizada é a F3.

CAPÍTULO 6

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 CONCLUSÕES

Conclui-se o presente estudo, neste momento, através da avaliação da validade das hipóteses apresentadas no terceiro capítulo, a partir da compilação dos principais resultados obtidos pelas análises morfológica, sintática e semântica dos dados coletados no *corpus* sobre os demonstrativos nos gêneros *notícia* e *romance* do PB e do EM, além de se empregar novamente as considerações teóricas sobre o tema, que foram construídas ao longo deste texto sobre os temas de mudança linguística, gêneros textuais e tradições discursivas.

Avaliação da Hipótese 1

A *notícia* e o *romance* surgem a partir do desenvolvimento de outros gêneros textuais e consolidam a sua importância na sociedade através das funções que exercem para suprir as necessidades que brotam no desenvolvimento das comunidades linguísticas ao longo dos tempos, e os dados apresentados nesta pesquisa parecem corroborar a primeira hipótese de trabalho proposta, de que **as mudanças nos gêneros textuais devem estar historicamente ligadas às transformações das sociedades em que estão inseridos.**

Como foi mostrado, a *notícia de jornal* tem a sua origem a partir de panfletos impressos (*avvisos*) com o conteúdo de cartas informativas (WILHELM, 1996 *apud* COSTA, 2009, p. 640)⁶¹ e se firma como um GT extremamente produtivo por causa do cada vez mais abundante consumo de conteúdo informacional pelo grande público, tornando o compilado dessas notícias em formato de uma publicação periódica um elemento essencial no cotidiano de grande parte da população no período de sua gênese e até os dias de hoje.

Do mesmo modo, ao se considerar a *notícia* como uma tradição discursiva, entende-se que, com as descobertas da ciência que acarretaram grandes avanços na tecnologia de transmissão de informações, que se torna cada vez mais ágil e dinâmica, esse GT se altera para se adequar também a esse padrão, tanto numa perspectiva de sua forma, como a adoção da chamada técnica da pirâmide invertida em contraposição à narração cronológica do desenrolar dos fatos e eventos (GENRO FILHO, 1987, p. 183) em dado momento histórico, quanto em seu conteúdo, com a inclusão cada vez mais frequente de reproduções de discursos orais nos textos, o que é proporcionado pelos novos recursos tecnológicos de gravação de áudio e vídeo e que tornam possível a posterior transcrição desse tipo de informação.

⁶¹ cf. figura 2, da seção 4.2.

Quanto ao *romance* moderno, este também surge a partir de uma reconstrução de outro gênero textual, o chamado *romance de cavalaria*, muito comum na Idade Média, e tem como objetivo apresentar uma narrativa mais inclusiva a várias classes sociais, principalmente a burguesia em ascensão naquela época, uma vez que empregava uma linguagem em prosa e menos rebuscada, substituindo a narrativa longa em verso, a *epopeia*. Além disso, o *romance* agrada a públicos mais diversificados por ser, em suas melhores manifestações, um retrato fiel da sociedade de seu tempo, com a inclusão de elementos de entretenimento, como acontecimentos fantásticos, românticos, surpreendentes e cômicos, que satisfazia fortemente o gosto das camadas mais populares.

Contudo, o *romance*, por ser um gênero textual integrante de uma das formas de expressão artística, a literatura, não possui uma estrutura fixa a ser seguida para a sua produção, uma vez que é fortemente suscetível às intenções específicas e à liberdade individual de criação dos autores, como relata Monteiro (1940, p. 9):

De todas as formas de expressão de que dispõe o homem (...), o romance é a que lhe concede mais largas possibilidades, porque na ausência de rigidez, na infinita extensibilidade e maleabilidade que o caracterizam, encontra um convite a dar largas à desmesura própria. (...) O romance, por nunca ter estado sujeito à regra clássica, é, portanto, um gênero sem tradições formais e muito menos formalistas (recorde-se que no século XVII quase nem chegava a ser um gênero menor, e ainda mal se pressentia a sua existência ao lado do drama e da poesia); cresceu por assim dizer ao acaso, dependendo a sua estrutura mais das dedadas que lhe foi imprimindo cada romancista do que um equilíbrio intrínseco."

Por isso, existem romances tão diferentes ao longo dos séculos, como os vistos no *corpus* desta pesquisa, pois no passar dos tempos e surgimento de novas escolas literárias, são utilizados recursos de criação bastante diferenciados como, por exemplo, o suspense no fim de cada capítulo na era do folhetim, a inclusão de numerosas palavras das línguas indígenas na época indianista do Romantismo ou mesmo a construção fragmentária e não-linear deste gênero na era modernista. *Romances* são narrativas em prosa (o que os diferencia do GT *epopeia*), relativamente longas (o que os diferencia do GT *novela*) e podem ser contados em 1ª ou 3ª

pessoas do discurso, por narradores oniscientes, por narradores-personagens, por fluxo de pensamento, conter diálogos ou discursos indiretos, etc; as possibilidades são inúmeras.

Portanto, o *romance* pode ser considerado mais como uma *possibilidade* do que como uma *forma* (MONTEIRO, 1940, p. 11) e o que une todos esses textos em uma mesma categoria é sua relação direta com a caracterização social, política e histórica da época que retratam.

No romance, a totalidade nunca é sistematizável senão a um nível abstrato; nunca será portanto possível estabelecer nele uma referência com um sistema – a única forma possível de totalidade capaz de sobreviver à desaparecimento definitiva do orgânico – que não seja sistemas de conceitos deduzidos, o que lhe interdiz a utilização imediata na ordem da criação estética. Sem dúvida, este sistema abstrato é a base final de toda a construção mas, na realidade dada e estruturada, só se vê aparecer a distância que a separa da vida concreta, sob o duplo aspecto do caráter convencional do mundo objetivo e da excessiva interioridade do mundo subjetivo. É por isso que os elementos do romance são, no sentido hegeliano do termo, inteiramente abstratos. (LUKÁCS, 196-, p. 77-78)

Assim, por possuir um caráter mutável desde a sua gênese, não foi possível se reconstruir uma linha cronologicamente organizada de desenvolvimento de novas maneiras de se constituir esse GT, uma vez que em um mesmo período há uma grande diversidade de produções que seguem suas próprias maneiras de se criar tal tipo de texto. Entretanto, ao se entender o *romance* como uma tradição discursiva, vê-se que a escolha de determinados modos de criação, dentre todas essas inúmeras possibilidades, é determinada por fatores socioculturais e históricos, servindo às demandas do público leitor da época de sua publicação, uma vez que, como afirma Stephen (1904, *apud* Watt, 1996, p. 34), “a extensão gradual da classe leitora afetou o desenvolvimento da literatura a ela dirigida”, apontando o surgimento do *romance* e do *jornalismo* como exemplos fundamentais dos efeitos das mudanças no público literário.

Avaliação da Hipótese 2

A segunda hipótese está ligada às alterações sofridas pelas tradições de composição nos gêneros *notícia* e *romance*, propondo que **as especificidades de cada GT e as mudanças ocorridas em suas TDs ao passar do tempo acarretam em usos diferentes do sistema de demonstrativos em cada um deles.**

Na pesquisa preliminar, em *corpora* eletrônicos do português e do espanhol⁶², foram encontrados indícios de que a natureza de produção dos gêneros textuais e o seu grau de ligação com a oralidade parecem realmente influenciar no comportamento dos demonstrativos, isto é, viu-se, em ambas as línguas, que há um uso bem mais amplo da forma F2 dos demonstrativos em gêneros textuais considerados mais próximos às características da língua falada, como o *romance* e o *teatro*, do que naqueles mais ligados à tradição escrita, como a *notícia*. Nos dados coletados do *corpus*, a presença de representações de discursos orais nos textos realmente confere grande influência no aumento de frequência de F2 em ambos os GTs e também em ambas as línguas⁶³, corroborando a ideia de que F2 é mais produtiva na língua falada.

Uma relação mais estreita do *romance* com a oralidade pôde ser confirmada também pela grande frequência de formas neutras nos textos desse GT⁶⁴, já que elas são sempre bem mais frequentes na linguagem oral tanto do PB quanto do EM⁶⁵. A retirada dos neutros da análise da posição dos demonstrativos no sintagma nominal, por exemplo, equiparou as frequências de margem e núcleo na *notícia* e no *romance* em ambas as línguas⁶⁶, o que mostra a existência de um acréscimo de frequência da posição núcleo neste último GT gerada por sua maior quantidade de formas neutras.

⁶² cf. tabelas e gráficos 1 a 3, da seção 4.1.

⁶³ cf. tabelas e gráficos 14 a 17 e 22 a 25, da seção 5.1.1.

⁶⁴ cf. tabelas e gráficos 29 a 31 e 43 a 45, da seção 5.2.1.

⁶⁵ cf. tabelas e gráficos 32 a 35 e 46 a 49, da seção 5.2.1.

⁶⁶ cf. tabelas e gráficos 111, 112, 126 e 127, da seção 5.3.2.

Tal padrão também pode ser visto no *teatro* (CAMBRAIA, 2012), uma vez que esse GT também possui uma relação bem mais próxima com a produção discursiva oral⁶⁷. Além disso, viu-se que o gênero neutro apresenta, na análise de suas formas⁶⁸, os processos de mudança em curso, como o fenômeno do binarismo, em estágios mais avançados do que nos outros gêneros, justamente por causa da sua grande conexão com oralidade, já que é primeiramente nessa modalidade que as mudanças linguísticas aparecem.

Foi possível se observar também influências das tradições discursivas dos gêneros textuais analisados nos usos dos tipos de referências semântica identificados no *corpus* de ambas as línguas, como se vê a seguir:

No âmbito endofórico⁶⁹, as *anáforas claras* são o tipo de referência mais frequente em todas as faixas temporais na *notícia*, uma vez que o seu conteúdo preza pela realização de identificações sempre bem precisas dos elementos que compõem o fato noticiado; enquanto isso, no *romance*, as *anáforas escuras* prevalecem, pois nesse GT há a tradição de se remeter a entidades mais distantes e genéricas, por ser uma produção textual bem mais longa, resultando uma cadeia referencial também mais complexa. O fato de a *notícia* ter que realizar referências a elementos bem mais específicos também impede que haja, nesse GT, tanto no PB quanto no EM, ocorrências de referência indefinida, a qual é utilizada apenas em generalizações e para se remeter a entes não identificados⁷⁰.

A *referência exofórica* possui frequências bem mais altas nos dados do GT *teatro*⁷¹ do que as que foram encontradas no *corpus* do presente trabalho para a *notícia* e o *romance*. Essa assimetria tem a sua explicação pelo fato de que o *teatro*

⁶⁷ cf. gráficos 114 e 129, da seção 5.3.2.

⁶⁸ cf. tabelas e gráficos 40, 41, 54 e 55, da seção 5.2.1.

⁶⁹ cf. tabelas e gráficos 157 a 160, da seção 5.4.2.

⁷⁰ cf. tabelas e gráficos 145 e 150, da seção 5.4.1.

⁷¹ cf. tabelas 144 e 152, da seção 5.4.1.

tem por objetivo se transformar em uma peça encenada, contendo, portanto, um maior número de interações entre os personagens e o seu entorno, o que propicia maior quantidade de referências a elementos presentes na situação de enunciação utilizando a exófora.

Avaliação da Hipótese 3

A terceira hipótese prevê que **os sistemas de demonstrativos no PB e no EM devem ter seguido caminhos diferentes, resultando em usos inovadores distintos dos demonstrativos nos gêneros *notícia* e *romance***. Tal afirmação tem a ver com a transposição do binarismo, fenômeno já comprovadamente presente na língua falada, tanto no PB quanto no EM, para os gêneros da modalidade escrita trabalhados no presente estudo. Como já mostrado por diversos trabalhos, o binarismo⁷² prevê a simplificação dos sistemas ternários dos demonstrativos para a abrangência de apenas duas formas, uma proximal e outra distal, respectivamente F2 e F3 no PB e F1 e F2 no EM, isto é, por uma pressão adaptativa do sistema (GIVÓN, 2001), em que algumas formas começam a desempenhar a função de outras, identifica-se a queda de uma delas, a saber, de F1 no PB e de F3 no EM.

A análise diacrônica do uso das formas dos demonstrativos no *corpus* mostra que a forma F2 toma a posição de F1 como mais frequente na *notícia* e no *romance* do PB e também no *romance* do EM⁷³. Entretanto, na *notícia* do EM, F1 continua prevalecendo em todas as faixas temporais⁷⁴. Sendo assim, pode-se dizer que enquanto no PB a forma F1 fica cada vez mais em segundo plano nos dois GTs, com tendência ao desaparecimento, as formas F1 e F2 continuam produtivas no EM, deixando-se de lado a forma F3, a qual tende a entrar em desuso.

⁷² cf. seção 1.3.

⁷³ cf. tabelas e gráficos 11, 12 e 20, da seção 5.1.1.

⁷⁴ cf. tabela e gráfico 19, da seção 5.1.1.

Tais características também são vistas nos dados do *teatro*⁷⁵. Assim, comprova-se que os sistemas de demonstrativos de ambas as línguas estão se diferenciando, com cada uma delas adotando um padrão inovador específico, e que essa mudança linguística, já fortemente implementada na língua oral, está atingindo, gradativamente, também os gêneros escritos.

Além disso, outro indício de que essa mudança já está se solidificando nos gêneros escritos em questão é que, nos fatores analisados de cunho *morfológico* (gênero e número) e *sintático* (preposições e posição no SN), foram observados os mesmos padrões para o uso das formas dos sistemas de demonstrativos do PB e do EM especificados acima, inclusive, pode-se incluir aqui os dados do gênero *teatro*.

No que se refere aos fatores *semânticos*⁷⁶, no caso o valor referencial dos demonstrativos, tem-se a endófora seguindo, novamente, os padrões anteriores, enquanto a exófora apresenta o uso quase categórico da forma F1 como a mais frequente em todos os GTs de ambas as línguas. A prevalência de F1 nos três GTs (incluindo-se aqui os dados do *teatro*) ainda presente na exófora pode ser entendida a partir da teoria de Câmara Jr. (1971), de que as mudanças no sistema de demonstrativos ocorreriam primeiramente na endófora, para somente mais tarde englobar as referências exofóricas. Os dados do *corpus* mostraram que, cronologicamente, a passagem de F2 para o lugar de mais frequente, ocorre realmente sempre na endófora num período anterior ao da exófora, ou mesmo o novo padrão aparece na endófora, mas não na exófora, porém nunca ocorre o inverso⁷⁷.

⁷⁵ cf. gráficos 13 e 21, da seção 5.1.1.

⁷⁶ cf. tabelas e gráficos 207 a 212 e 213 a 218, da seção 5.5.

⁷⁷ cf. quadro 7, da seção 5.5.

6.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, esta pesquisa logra avaliar e testar a validade das três hipóteses de trabalho, o que demonstra a adequação do *corpus* compilado e da metodologia empregada para se atingir os objetivos propostos. Além da avaliação das hipóteses sugeridas, o presente trabalho serviu também para contribuir, em dois momentos, com a construção de uma metodologia de pesquisa a ser utilizada na investigação do comportamento dos demonstrativos:

O primeiro momento foi a confirmação da validade de que a seleção das primeiras 150 ocorrências dos demonstrativos em um texto longo, no caso o *GT romance*, consegue ser bastante representativa da obra como um todo, uma vez que se encontra uma proporção muito parecida entre as frequências das formas dos demonstrativos no trecho inicial e no texto completo⁷⁸. Além disso, os demonstrativos são fenômenos linguísticos que parecem se distribuir uniformemente ao longo dos textos⁷⁹, o que também valida tomar-se ocorrências apenas da sua parte inicial. Contudo, não é possível se afirmar que esses padrões possam ser estendidos a apreciações de outros fenômenos linguísticos.

A outra contribuição importante foi a sistematização dos parâmetros de análise semântico-referenciais dos demonstrativos para um *corpus* diacrônico de língua escrita⁸⁰, a partir das informações obtidas em vários trabalhos anteriores sobre o tema, o que pode servir para a expansão desta mesma análise sobre esse fenômeno linguístico a outros gêneros textuais e até mesmo a outras línguas românicas.

⁷⁸ cf. gráficos 26 e 27, da seção 5.1.2.

⁷⁹ cf. figuras 23 a 28, da seção 5.1.2.

⁸⁰ cf. quadro 3, da seção 2.5.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Real Academia Española: gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1995.

ALCALÁ-ZAMORA Y TORRES, Niceto. *Dudas y temas gramaticales*. Buenos Aires: ESA, 1948.

ALEXANDER, D. B. *The Spanish postnominal demonstrative in synchrony and diachrony*. Department of Spanish and Portuguese Ohio State University , 2007.

ALI, Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 8. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

ALONSO PEDRAZ, Martin. *Gramática del español contemporáneo: el lenguaje del hombre de hoy actualizado con autoridades de los escritores de nuestra época, españoles e hispanoamericanos*. Madrid: Guadarrama, 1968.

- ALONSO, Amado; HENRIQUEZ URENA, Pedro. *Gramática castellana: primer curso*. 25. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1969.
- ASSIS, F. *Gêneros e Formatos do Jornalismo Cultural: Vestígios na Revista Bravo!* Natal: Anais do Intercom, 2008.
- ASSIS, K.S. *O Correio da Manhã no Processo de Modernização e Concentração da Imprensa Carioca nos Anos 1960-70*. Rio de Janeiro: Anais do Intecom, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881.
- AZUELA, Mariano. *Los de Abajo*. El Paso: Imprenta de El Paso del Norte, 1916.
- BADIA I MARGARIT, A. M. *Gramática catalana*. 3. reimpr.. Madrid: Gredos, 1985
- BAKHTIN, M. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARRETO, Lima. *Triste Fim de Polycarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Typographia Revista dos Tribunaes: 1915.
- BAZERMAN, C. *Gênero textual, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. *Letters and the social grounding of differentiated genres*. In: BARTON, David. e HALL, Nigel. *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BELLO, Andres. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: EDAF, 1984.
- BENÍTEZ ROSETE, V. A.. *No es lo mismo 'el este rollo' que 'el rollo este': interfaz sintáctico-pragmática de los demostrativos*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2011. (Master en Letras: Lingüística Hispánica)

- BENOT Y RODRIGUEZ, Eduardo. *Arte de hablar, gramática filosófica de la lengua castellana*. Nueva ed. Buenos Aires: Ediciones Anaconda, 1941.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOSQUE, Ignacio.; DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, c1999. 3 v. (Colección Nebrija y Bello).
- BRUGMANN, Karl. *Die Demonstrativpronomina der indogermanischen Sprachen: eine bedeutungsgeschichtliche Untersuchung. Abhandlungen der Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften*, Leipzig, n. 22., p. 1-50, 1904.
- BRUSHWOOD, J. S. *México en su novela: una nación en busca de su identidad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso superior: com suplemento literário e a nomenclatura gramatical brasileira*. 7. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 1968.
- BÜHLER, K. *Sprachtheorie*. Jena: Fischer, 1934
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Uma evolução em marcha: a relação entre esse e este*. In: COSERIU, Eugenio e STEMPEL, Wolf-Dieter (orgs.). *Sprache und Geschichte: Festschrift für Harri Meier zum 65 Geburtstag*. München: Wilhelm Fink, 1971., p. 327-331.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAMBRAIA, C. N. *O caos na norma: demonstrativos em gramáticas tradicionais*. Belo Horizonte, 2008. (Comunicação apresentada na VIII Semana de Eventos da Faculdade de Letras, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no período de 1o a 5 de outubro de 2008).

- _____. *Demonstrativos na România Nova: português brasileiro x espanhol mexicano (dados de diálogos entre informante e documentador)*. Caligrama, Belo Horizonte, v. 14, p. 7-34, 2009.
- _____. *Assimetrias Românicas: Sistemas de Demonstrativos (Português Brasileiro x Espanhol Mexicano) [Fase I]*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2012. (Relatório Final de Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPQ)
- CAMBRAIA, C. N.; BIANCHET, S. M. G. B. *Caleidoscópio Latino-Românico: Demonstrativos*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Patrimônio cultural e latinidade, nº 35, p. 15-35. Rio de Janeiro: UFF, 2008.
- CARBONERO CANO, Pedro. *Deixis espacial y temporal en el sistema lingüístico*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1979.
- CARMO, Simone Silva do. *Intelectuais e testemunhas no México contemporâneo em El Testigo de Juan Villoro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. (Dissertação de Mestrado)
- CARNEIRO, Noemia. *Lições de português*. Rio de Janeiro: São José, 1957.
- CASTILHO, A.T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 2005.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Literatura Brasileira: ensino médio*. São Paulo: Atual, 2000.
- CERQUEIRA, R. *Por que O filho do pescador não vingou: uma tentativa de explicação histórico-literária*. Revista Língua e Literatura vol.13 n.20, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Les démonstratifs*. In: _____. *Cours de Linguistique*. Paris: Centre de Documentation Universitaire de Sorbonne, 1971.
- CID, O.; COSTA, M. C.; OLIVEIRA, C. T. *Este e esse na fala culta da Rio de Janeiro*. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador: UFBA, 1986.

- COMPANY COMPANY, Concepción. *Gramaticalización, género discursivo y otras variables en la difusión del cambio sintáctico*. In: *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico. Nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas*. KABATEK, J. (ed.). Frankfurt-Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2008.
- CONTE, M. E. Deissi testuale ed anafora. In: *Sull'anafora. Atti Dell seminário, Accademia della Crusca, 14-16 dic., 1981*.
- COSERIU, E. *Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar*. *Romanistisches Jahrbuch VII*, p. 29–54, 1955.
- _____. *Teoría del Lenguaje y Lingüística General*. Madrid: Editorial Gredos, 1973.
- COSTA, A. C. F da. *Transformação de Gêneros Discursivos em uma Perspectiva Diacrônica: O Exemplo da Notícia*. In: CASTILHO, A. T. de. (org). *História do Português Paulista*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- DIESSEL, Holger. *Demonstratives: form, function and grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1999.
- FARACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- FERNÁNDEZ DE LIZARDI, José Joaquín. *El Periquillo Sarniento*. Cidade do México: Oficina de Alexandro Valdés, 1816.
- FUENTES, Carlos. *La Muerte de Artemio Cruz*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1962.
- GALLARDO, S. *Gêneros Acadêmicos y Tradiciones Discursivas: Variación em Artículos Científicos y Tesis Doctorales*. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; LIMA-HERNANDEZ, M. C. (orgs). *História do Português Paulista: Modelos e Análises*. Campinas: UNICAMP / Publicações IEL, 2012.

- GENRO FILHO, Adelmo. *Segredo da Piramide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Editora Tche, 1987
- GILI Y GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. 11. ed. Barcelona: Bibliograf, 1973.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- GÓMEZ TORREGO, L. *Gramática didáctica del español*. 9. ed. Madrid: Ediciones SM, 2007.
- GONZALES HERMOSO, A; CUENOT, J. R. *Gramática de español lengua extranjera: normas, recursos para la comunicación*. 2. ed. Madrid: Edelsa, 1995.
- GONZÁLEZ ÁLVAREZ, E. A. del S. C. de J. *Usos de los demostrativos en las hablas culta y popular de la Ciudad de México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. (Master en Letras: Lingüística Hispánica)
- HALLIDAY. *Estrutura e função da linguagem*. In: LYONS, J. (Org.). *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.
- HIMMELMANN, N., p. *Demonstrative in narrative discourse: a taxonomy of universal uses*. In: FOX, B. (Ed.) *Studies in anaphora*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- HOLLANDA, Aurélio Buarque de. Teixeira e Sousa: 'O filho do pescador' e 'As fatalidades de dous jovens'. In: TEIXEIRA E SOUSA, Antônio Gonçalves. *O filho do pescador: romance brasileiro original*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- _____. *O Romance Brasileiro. (De 172 a 1930)*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.
- JIMENEZ RUEDA, Julio. *Letras mexicanas em el siglo XIX*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1944.

- JUBRAN, C. C. A. S. *A Repetição como um Processo Configurador de Tradição Discursiva*. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; LIMA-HERNANDEZ, M. C. (orgs). *História do Português Paulista: Modelos e Análises*. Campinas: UNICAMP / Publicações IEL, 2012.
- JUILLAND, A.; CHANG-RODRIGUEZ, E. *Frequency Dictionary of Spanish Words*. Mouton: The Hague, 1965.
- JUNGBLUTH, K. *Pragmatik der Demonstrativpronomina in den iberoromanischen Sprachen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2005.
- KABATEK, J. *Tradições discursivas e mudança lingüística*. In: LOBO, T, RIBEIRO, I., CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (eds.): *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*, Salvador: EDUFBA, 2006.
- KANY, C. E. *Sintaxis hispanoamericana*. 2. reimpr. Madrid: Gredos, 1994.
- KEWITZ, V. *Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no português brasileiro (séc. XIX e XX)*. São Paulo: FFLCH–USP, 2007. (Tese de Doutorado)
- _____. *Mudança lingüística e gênero textual*. In: AQUINO, Z. G. O.; GIL, B.D.. (Org.). *Estudos do Discurso: Diferentes perspectivas*. 1 ed. São Paulo: Ideia, 2009. v. 1
- KOCK, J. de; GOMEZ MOLINA, C.; VERDONK, R. *Gramática española: Enseñanza e investigación*. vol. II. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1992.
- KOCH, p. *Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik*. in: FRANK, B., HAYE, T, TOPHINKE, D. (eds.), *Gattungen* (eds.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr, 1997.
- LANGFORD, W. M. *The Mexican Novel Comes of Age*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1973.
- LAVRIC, Eva. *Aquellos misteriosos demostrativos pospuestos*. In: CICHON, Peter; HASSAUER, Friederike; KREMnitz, Georg; MARTÍNEZ, Pablo (eds.). *Actas de las Primeras Jornadas de Hispanistas en Austria*. Wien: Edition Praesens, 1996.

- LEAL, Luis. *Panorama de la literatura mexicana actual*. Washington D.C.: Unión Panamericana, 1968.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LINHARES, Temistocles. *História Crítica do Romance Brasileiro*. São Paulo: Itatiaia, 1987. v. 1-3.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1977.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 13. ed. São Paulo: Globo, 1996.
- LUKÁSC, G. *Teoria do Romance*. Lisboa: Editorial; Presença, 196-. Trad. Alfredo Margarido
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Typographia Franceza, 1844.
- MACÍAS VILLALOBOS, Cristóbal. *Estructura y funciones del demostrativo en el español moderno*. Málaga : Universidad de Málaga, 1997
- MAMUS, p. T. Análise da ocorrência dos pronomes *demonstrativos variáveis* no “Orto do Esposo”. In: CELLI - Maringá: Anais, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais & ensino*. DIONISIO, Â., p. e MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. orgs). 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MARQUES DE MELO, J. *Formatos jornalísticos: evidências brasileiras*. 2006. (Apresentação em PowerPoint).
- MARINE, T. de C. *O Binarismo dos pronomes Demonstrativos no Século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele*. Araraquara: FCL/UNESP, 2004. (Dissertação de Mestrado)
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2006.

MEYER-HERMANN, R. *Some Topics in the Study of Referentials in Portuguese*. In: SCHMIDT-RADEFELDT, *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam: North Holland, 1976.

MARINE, Talita de Cássia. *O binarismo dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele*. Dissertação (Mestrado) FCL/UNESP, Araraquara, 2004.

_____. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*. Tese (Doutorado) FCL/UNESP, Araraquara, 2009.

MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español*. Madrid: Edelsa, 1995.

MIRANDA PODADERA, Luis. *Análisis gramatical de la lengua española: curso superior con mil ejemplos en su mayor parte de Cervantes*. 26. ed. Madrid: Hermandado, 1952.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Sobre o Romance Contemporâneo*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1940.

MORENO GARCÍA, Concha. *Temas de gramática con ejercicios prácticos: nivel superior*. 6. ed. Alcobendas (Madrid): Sociedad General Española de Librería, 2007.

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. 2ª ed.

NASCIMENTO, M. S. do. *Sob o Signo do Folhetim: O Filho do Pescador, um Clássico do seu Gênero*. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2010. (Dissertação de Mestrado)

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

- OESTERREICHER, W. *Zur Fundierung von Diskurstraditionen*. in: FRANK, B., HAYE, T.; TOPHINKE, D. (eds.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr, 1997.
- NICOLA, Jose de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 11. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- OLIVEIRA, M. R. A. R. *Jornal Popular X Jornal Tradicional: Análise léxico-gramatical da notícia a partir da Linguística de Corpus Um estudo de casos dos jornais cariocas "O Globo" e "O Dia"*. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v.13, n.2, 2009.
- PALISA MUJICA DE LACAU, María Hortensia. *Castellano: segundo curso*. 3. ed. Buenos Aires: Kapelusz, 1967.
- PAVANI, S. *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em São Paulo*. Campinas: UNICAMP, 1987. (Dissertação, Mestrado em Linguística)
- PAYNO, Manuel. *Los Bandidos de Río Frío*. Cidade do México: México Moderno, 1919.
- GONZÁLEZ PEÑA, Carlos. *Historia de la literatura mexicana. Desde los orígenes hasta nuestros días*. Cidade do México: Porrúa, 1949.
- PEREIRA, H. B. *'Esse' versus 'este' no português brasileiro e no europeu*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2005. (Dissertação, Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa)
- PESSOA, M. B. *O Gênero Notícia no Brasil: Notas para uma História*. In: *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. V., 2007.
- RAMALHO, V. H. B. *Posposição de demonstrativos em português e em espanhol: estudo histórico e comparado das estruturadas articuladas e não-articuladas*. Faculdade de Letras/UFMG: Belo Horizonte, 2012. (Dissertação de Mestrado)
- REED TORRES, Luis; RUÍZ CASTAÑEDA, María del Carmen. *El periodismo em México. 500 años de historia*. Cidade do México: EDAMEX, 1998.

- REZENDE, A. M. de. *Latina Essentia: preparação ao latim*. Belo Horizonte: UFMG, 2000 (ed. revista e ampliada.)
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- RONCARATI, Cláudia. *Os mostrativos na variedade carioca falada*. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- SACCONI, L. Antonio. *Nossa gramática: teoria*. 27. ed. reform. São Paulo: Atual, 2001.
- SALMOIRAGHI, A. *Conoscere l'italiano*. Firenze: Le Monnier, 1989.
- SARMIENTO, Ramón; SANCHEZ, Aquilino. *Gramática básica del español: norma e uso*. 5. ed. ampl. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1993.
- SEABRA, Roberto. *Dois Séculos de Imprensa no Brasil: do Jornalismo Literário à Era da Internet*. In: MOTTA, L.G. (Org.) *Imprensa e Poder*. Brasília/São Paulo: UNB/Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- SECO, Manuel. *Gramática esencial del español: introducción al estudio de la lengua*. Madrid: Aguilar, 1974.
- SERRA, Tânia Rebelo. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: a luneta mágica do I reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Dep. Nacional do Livro, 1944.
- SILVA, Clarice Soares França. *Demonstrativos na România Nova: Espanhol de Lima e espanhol de Buenos Aires*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Dissertação de Mestrado)
- SILVEIRA, Álvaro Ferdinando Souza da. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.
- SIMÕES, J. S.; KEWITZ, V. . *Tradições Discursivas e organização de corpora*. In: AGUILERA, Vanderci. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro: Vozes, Veredas, Voragens*. Londrina: EDUEL, 2009.

- _____. *Normas lingüísticas, história social, contatos lingüísticos e tradições discursivas: transformando encruzilhadas em novos caminhos para a constituição de corpora diacrônicos*. In: Castilho, Ataliba T. de. (Org.). *História do Português Paulista*. Campinas: Publicações IEL / Fapesp, 2009, v. 1, p. 699-720.
- SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOMMERS, Joseph. Yañes, Rulfo, Fuentes. *La novela mexicana moderna*. Caracas: Monte Avila, 1969.
- SANT'ANNA, Affonso Romano. *Análise Estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. *Traditionen des Sprechens: Elemente einer pragmatischen Sprachgeschichtsschreibung*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1983.
- STEPHEN, L. *English literature and society in the eighteenth century*. Londres: Duckworth, 1904.
- STRADIOTO, S. A. *Dêixis na românia nova: o lugar dos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México*. Faculdade de Letras/UFMG: Belo Horizonte, 2012. (Dissertação de Mestrado)
- THOMAS, Henry. *Spanish and portuguese romances of chivalry*. Cambridge: Universty Press, 1920.
- VILLORO, Juan. *El Testigo*. Cidade do México: Colofón, 2004.
- WACKERNAGEL, Jakob. *Vorlesungen über Syntax mit besonderer Berücksichtigung von Griechisch, Lateinisch und Deutsch*. Basel: Birkhäuser, 1954.
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance. Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1996. Trad. Hildegard Feist.
- WHEELER, M. W. O. In: HARRIS, M.; VINCENT, N. (Eds.) *The romance languages*. New York: Oxford University Press, 1990

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Esquema de tradições discursivas	30
FIGURA 2 – Tradições discursivas em panfletos italianos 1500-1550	63
FIGURA 3 – Diário do Rio de Janeiro, nº2	65
FIGURA 4 – Notícia no Diário do Rio de Janeiro	66
FIGURA 5 – Jornal do Brasil, nº2	68
FIGURA 6 – Notícias no Jornal do Brasil	69
FIGURA 7 – O Globo, nº1	70
FIGURA 8 – Trecho de notícia em O Globo	72
FIGURA 9 – Correio da Manhã, nº 24.882	73
FIGURA 10 – Notícia no Correio da Manhã	75
FIGURA 11 – O Dia, nº 22.226	76
FIGURA 12 – Notícia em O Dia	77
FIGURA 13 – Gaceta Imperial de México, nº1	78
FIGURA 14 – Notícias na Gaceta Imperial de México	79
FIGURA 15 – El Imparcial, nº201	80
FIGURA 16 – Notícia em El Imparcial	81
FIGURA 17 – El Excelsior nº01	82
FIGURA 18 – Notícia em El Excelsior	83
FIGURA 19 – El Universal nº13.097	84
FIGURA 20 – Notícias em El Universal	85
FIGURA 21 – Reforma nº7.619	86
FIGURA 22 – Notícia em Reforma	87
FIGURA 23 – Trama de concordância de demonstrativos F1 no romance do PB	121
FIGURA 24 – Trama de concordância de demonstrativos F2 no romance do PB	121
FIGURA 25 – Trama de concordância de demonstrativos F3 no romance do PB	121
FIGURA 26 – Trama de concordância de demonstrativos F1 no romance do EM	121
FIGURA 27 – Trama de concordância de demonstrativos F2 no romance do EM	121
FIGURA 28 – Trama de concordância de demonstrativos F3 no romance do EM	121

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Valores dos demonstrativos no PB	21
QUADRO 2 – Níveis, domínios e regras do falar	30
QUADRO 3 – Categorias de classificação semântica dos demonstrativos	45
QUADRO 4 – Lista de jornais que compõem o <i>corpus</i> de notícias do PB e do EM	52
QUADRO 5 – Lista de obras que compõem o <i>corpus</i> de romances do PB e do EM	53
QUADRO 6 – Formas dos demonstrativos no PB e no EM	104
QUADRO 7 – Período de expansão de F2 como forma mais frequente segundo valor referencial	227

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais em espanhol	57
TABELA 2 – Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais no CDP	59
TABELA 3 – Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais no CDE	60
TABELA 4 – Frequência de modalidades no PB	98
TABELA 5 – Frequência de modalidades no EM	98
TABELA 6 – Frequência de modalidades na notícia do PB	99
TABELA 7 – Frequência de modalidades no romance do PB	99
TABELA 8 – Frequência de modalidades na notícia do EM	99
TABELA 9 – Frequência de modalidades no romance do EM	99
TABELA 10 – Frequência por forma no PB	105
TABELA 11 – Frequência por forma na notícia do PB	106
TABELA 12 – Frequência por forma no romance do PB	106
TABELA 14 – Frequência por forma na modalidade oral na notícia do PB	109
TABELA 15 – Frequência por forma na modalidade escrita na notícia do PB	109
TABELA 16 – Frequência por forma na modalidade oral no romance do PB	110
TABELA 17 – Frequência por forma na modalidade escrita no romance do PB	110
TABELA 18 – Frequência por forma no EM	112
TABELA 19 – Frequência por forma na notícia do EM	113
TABELA 20 – Frequência por forma no romance do EM	113
TABELA 22 – Frequência por forma na modalidade oral na notícia do EM	115
TABELA 23 – Frequência por forma na modalidade escrita na notícia do EM	115
TABELA 24 – Frequência por forma na modalidade oral no romance do EM	116
TABELA 25 – Frequência por forma na modalidade escrita no romance do EM	116
TABELA 26 – Frequência por forma no romance (completo) do PB	118
TABELA 27 – Frequência por forma no romance (completo) do EM	118
TABELA 28 – Frequência por gênero no PB	122
TABELA 29 – Frequência por gênero na notícia do PB	123
TABELA 30 – Frequência por gênero no romance do PB	123
TABELA 32 – Frequência por gênero na modalidade oral na notícia do PB	126
TABELA 33 – Frequência por gênero na modalidade escrita na notícia do PB	126
TABELA 34 – Frequência por gênero na modalidade oral no romance do PB	126
TABELA 35 – Frequência por gênero na modalidade escrita no romance do PB	126
TABELA 36 – Frequência de formas no gênero masculino na notícia do PB	127

TABELA 37 – Frequência de formas no gênero masculino no romance do PB	127
TABELA 38 – Frequência de formas no gênero feminino na notícia do PB	128
TABELA 39 – Frequência de formas no gênero feminino no romance do PB	128
TABELA 40 – Frequência de formas no gênero neutro na notícia do PB	128
TABELA 41 – Frequência de formas no gênero neutro no romance do PB	128
TABELA 42 – Frequência por gênero no EM	129
TABELA 43 – Frequência por gênero na notícia do EM	130
TABELA 44 – Frequência por gênero no romance do EM	130
TABELA 46 – Frequência por gênero na modalidade oral na notícia do EM	132
TABELA 47 - Frequência por gênero na modalidade escrita na notícia do EM	132
TABELA 48 – Frequência por gênero na modalidade oral no romance do EM	132
TABELA 49 - Frequência por gênero na modalidade escrita no romance do EM	132
TABELA 50 – Frequência de formas no gênero masculino na notícia do EM	133
TABELA 51 – Frequência de formas no gênero masculino no romance do EM	133
TABELA 52– Frequência de formas no gênero feminino na notícia do EM	134
TABELA 53 – Frequência de formas no gênero feminino no romance do EM	134
TABELA 54 – Frequência de formas no gênero neutro na notícia do EM	134
TABELA 55 – Frequência de formas no gênero neutro no romance do EM	134
TABELA 56 – Frequência por número no PB	135
TABELA 57 – Frequência por número na notícia do PB	136
TABELA 58 – Frequência por número no romance do PB	136
TABELA 60 – Frequência por número na modalidade oral na notícia do PB	138
TABELA 61 – Frequência por número na modalidade escrita na notícia do PB	138
TABELA 62 – Frequência por número na modalidade oral no romance do PB	138
TABELA 63 – Frequência por número na modalidade escrita no romance do PB	138
TABELA 64 – Frequência de formas no singular na notícia do PB	139
TABELA 65 – Frequência de formas no plural na notícia do PB	139
TABELA 66 – Frequência de formas no singular no romance do PB	140
TABELA 67 – Frequência de formas no plural no romance do PB	140
TABELA 68 – Frequência por número no EM	141
TABELA 69 – Frequência por número na notícia do EM	142
TABELA 70 – Frequência por número no romance do EM	142
TABELA 72 – Frequência por número na modalidade oral na notícia do EM	143
TABELA 73 – Frequência por número na modalidade escrita na notícia do EM	143
TABELA 74 – Frequência por número na modalidade oral no romance do EM	144
TABELA 75 – Frequência por número na modalidade escrita no romance do EM	144
TABELA 76 – Frequência de formas no singular na notícia do EM	145
TABELA 77 – Frequência de formas no plural na notícia do EM	145
TABELA 78 – Frequência de formas no singular no romance do EM	145
TABELA 79 – Frequência de formas no plural no romance do EM	145
TABELA 80 – Frequência por preposição no PB	146
TABELA 81 – Frequência por preposição na notícia do PB	147
TABELA 82 – Frequência por preposição no romance do PB	147
TABELA 83 – Frequência das preposições na notícia do PB	149
TABELA 84 – Frequência das preposições no romance do PB	149
TABELA 85 – Número de ocorrências das preposições no teatro do PB	150

TABELA 86 – Frequência por preposição na modalidade oral na notícia do PB	151
TABELA 87 – Frequência por preposição na modalidade escrita na notícia do PB	151
TABELA 88 – Frequência por preposição na modalidade oral no romance do PB	151
TABELA 89 – Frequência por preposição na modalidade escrita no romance do PB	151
TABELA 90 – Frequência de formas não-preposicionadas na notícia do PB	153
TABELA 91 – Frequência de formas preposicionadas na notícia do PB	153
TABELA 92 – Frequência de formas não-preposicionadas no romance do PB	153
TABELA 93 – Frequência de formas preposicionadas no romance do PB	153
TABELA 94 – Frequência por preposição no EM	154
TABELA 95 – Frequência por preposição na notícia do EM	155
TABELA 96 – Frequência por preposição no romance do EM	155
TABELA 97 – Frequência das preposições na notícia do EM	156
TABELA 98 – Frequência das preposições no romance do EM	156
TABELA 99 – Número de ocorrências das preposições no teatro do EM	157
TABELA 100 – Frequência por preposição na modalidade oral na notícia do EM	158
TABELA 101 – Frequência por preposição na modalidade escrita na notícia do EM	158
TABELA 102 – Frequência por preposição na modalidade oral no romance do EM	158
TABELA 103 – Frequência por preposição na modalidade escrita no romance do EM	158
TABELA 104 – Frequência de formas não-preposicionadas na notícia do EM	160
TABELA 105 – Frequência de formas preposicionadas na notícia do EM	160
TABELA 106 – Frequência de formas não-preposicionadas no romance do EM	160
TABELA 107 – Frequência de formas preposicionadas no romance do EM	160
TABELA 108 – Frequência por posição no SN do PB	162
TABELA 109 – Frequência por posição no SN na notícia do PB	163
TABELA 110 – Frequência por posição no SN no romance do PB	163
TABELA 111 – Frequência por posição no SN (sem neutros) na notícia do PB	164
TABELA 112 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no romance do PB	164
TABELA 115 – Frequência por posição no SN na modalidade oral na notícia do PB	166
TABELA 116 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita na notícia do PB	166
TABELA 117 – Frequência por posição no SN na modalidade oral no romance do PB	166
TABELA 118 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita no romance do PB	166
TABELA 119 – Frequência de formas em posição margem na notícia do PB	167
TABELA 120 – Frequência de formas em posição núcleo na notícia do PB	167
TABELA 121 – Frequência de formas em posição margem no romance do EM	168
TABELA 122 – Frequência de formas em posição núcleo no romance do EM	168
TABELA 123 – Frequência por posição no SN no EM	169
TABELA 124 – Frequência por posição no SN na notícia do EM	170
TABELA 125 – Frequência por posição no SN no romance do EM	170
TABELA 126 – Frequência por posição no SN (sem neutros) na notícia do EM	171
TABELA 127 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no romance do EM	171
TABELA 130 – Frequência por posição no SN na modalidade oral na notícia do EM	173
TABELA 131 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita na notícia do EM	173
TABELA 132 – Frequência por posição no SN na modalidade oral no romance do EM	173
TABELA 133 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita no romance do EM	173
TABELA 134 – Frequência de formas em posição margem na notícia do EM	174
TABELA 135 – Frequência de formas em posição núcleo na notícia do EM	174

TABELA 136 – Frequência de formas em posição margem no romance do EM	175
TABELA 137 – Frequência de formas em posição núcleo no romance do EM	175
TABELA 138 – Frequência por tipo de posição margem no SN na notícia do PB	177
TABELA 139 – Frequência por tipo de posição margem no SN no romance do PB	177
TABELA 140 – Frequência por tipo de posição margem no SN no romance do EM	179
TABELA 141 – Frequência por valor referencial no PB	181
TABELA 142 – Frequência por valor referencial na notícia do PB	183
TABELA 143 – Frequência por valor referencial no romance do PB	183
TABELA 144 – Frequência por valor referencial no teatro do PB	184
TABELA 145 - Frequência por valor referencial na modalidade oral na notícia do PB	186
TABELA 146 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita na notícia do PB	186
TABELA 147 - Frequência por valor referencial na modalidade oral no romance do PB	187
TABELA 148 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita no romance do PB	187
TABELA 149 – Frequência por valor referencial no EM	188
TABELA 150 – Frequência por valor referencial na notícia do EM	189
TABELA 151 – Frequência por valor referencial no romance do EM	189
TABELA 152 – Frequência por valor referencial no teatro do EM	191
TABELA 153 – Frequência por valor referencial na modalidade oral na notícia do EM	192
TABELA 154 – Frequência por valor referencial na modalidade escrita na notícia do EM	192
TABELA 155 – Frequência por valor referencial na modalidade oral no romance do EM	193
TABELA 156 – Frequência por valor referencial na modalidade escrita no romance do EM	193
TABELA 157 – Frequência por referência endofórica na notícia do PB	195
TABELA 158 – Frequência por referência endofórica no romance do PB	195
TABELA 159 – Frequência por referência endofórica na notícia do EM	196
TABELA 160 – Frequência por referência endofórica no romance do EM	196
TABELA 161 – Frequência de formas na anáfora clara na notícia do PB	198
TABELA 162 – Frequência de formas na anáfora clara no romance do PB	198
TABELA 163 – Frequência de formas na anáfora clara na notícia do EM	198
TABELA 164 – Frequência de formas na anáfora clara no romance do EM	198
TABELA 165 – Frequência de formas na anáfora escura na notícia do PB	200
TABELA 166 – Frequência de formas na anáfora escura no romance do PB	200
TABELA 167 – Frequência de formas na anáfora escura na notícia do EM	200
TABELA 168 – Frequência de formas na anáfora escura no romance do EM	200
TABELA 169 – Frequência de formas na catáfora na notícia do PB	202
TABELA 170 – Frequência de formas na catáfora no romance do PB	202
TABELA 171 – Frequência de formas na catáfora na notícia do EM	202
TABELA 172 – Frequência de formas na catáfora no romance do EM	202
TABELA 173 – Frequência de formas na ana-catáfora na notícia do PB	204
TABELA 174 – Frequência de formas na ana-catáfora no romance do PB	204
TABELA 175 – Frequência de formas na ana-catáfora na notícia do EM	204
TABELA 176 – Frequência de formas na ana-catáfora no romance do EM	204
TABELA 177 – Frequência por referência exofórica na notícia do PB	206
TABELA 178 – Frequência por referência exofórica no romance do PB	206
TABELA 179 – Frequência por referência exofórica na notícia do EM	207
TABELA 180 – Frequência por referência exofórica no romance do EM	207
TABELA 181 – Frequência de formas na exófora espacial na notícia do PB	209

TABELA 182 – Frequência de formas na exófora espacial no romance do PB	209
TABELA 183 – Frequência de formas na exófora espacial na notícia do EM	209
TABELA 184 – Frequência de formas na exófora espacial no romance do EM	209
TABELA 185 – Frequência de formas na exófora metatextual na notícia do PB	211
TABELA 186 – Frequência de formas na exófora metatextual no romance do PB	211
TABELA 187 – Frequência de formas na exófora metatextual na notícia do EM	211
TABELA 188 – Frequência de formas na exófora metatextual no romance do EM	211
TABELA 189 – Frequência de formas na exófora presencial na notícia do PB	213
TABELA 190 – Frequência de formas na exófora presencial no romance do PB	213
TABELA 191 – Frequência de formas na exófora presencial na notícia do EM	213
TABELA 192 – Frequência de formas na exófora presencial no romance do EM	213
TABELA 193 – Frequência de formas na exófora temporal na notícia do PB	215
TABELA 194 – Frequência de formas na exófora temporal no romance do PB	215
TABELA 195 – Frequência de formas na exófora temporal na notícia do EM	215
TABELA 196 – Frequência de formas na exófora temporal no romance do EM	215
TABELA 197 – Frequência de formas na endo-exófora na notícia do PB	217
TABELA 198 – Frequência de formas na endo-exófora no romance do PB	217
TABELA 199 – Frequência de formas na endo-exófora na notícia do EM	217
TABELA 200 – Frequência de formas na endo-exófora no romance do EM	217
TABELA 201 – Frequência de formas na referência anamnésica na notícia do PB	219
TABELA 202 – Frequência de formas na referência anamnésica no romance do PB	219
TABELA 203 – Frequência de formas na referência anamnésica na notícia do EM	219
TABELA 204 – Frequência de formas na referência anamnésica no romance do EM	219
TABELA 205 – Frequência de formas na referência indefinida no romance do PB	221
TABELA 206 – Frequência de formas na referência indefinida no romance do EM	221
TABELA 207 - Frequência de formas por endófora na notícia do PB	223
TABELA 208– Frequência de formas por exófora na notícia do PB	223
TABELA 209 - Frequência de formas por endófora no romance do PB	223
TABELA 210 - Frequência de formas por exófora no romance do PB	223
TABELA 213- Frequência de formas por endófora na notícia do EM	225
TABELA 214– Frequência de formas por exófora na notícia do EM	225
TABELA 215 - Frequência de formas por endófora no romance do EM	225
TABELA 216 - Frequência de formas por exófora no romance do EM	225

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais em espanhol	58
GRÁFICO 2 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais no CDP	59
GRÁFICO 3 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais no CDE	61
GRÁFICO 4 - Frequência de modalidades no PB	98
GRÁFICO 5 - Frequência de modalidades no EM	98
GRÁFICO 6 - Frequência de modalidades na notícia do PB	99
GRÁFICO 7 - Frequência de modalidades no romance do PB	99
GRÁFICO 8 - Frequência de modalidades na notícia do EM	99
GRÁFICO 9 - Frequência de modalidades no romance do EM	99
GRÁFICO 10 – Frequência por forma no PB	105
GRÁFICO 11 – Frequência por forma na notícia do PB	106
GRÁFICO 12 – Frequência por forma no romance do PB	106
GRÁFICO 13 – Frequência por forma no teatro do PB	108
GRÁFICO 14 - Frequência por forma na modalidade oral na notícia do PB	109
GRÁFICO 15 - Frequência por forma na modalidade escrita na notícia do PB	109
GRÁFICO 16 - Frequência por forma na modalidade oral no romance do PB	110
GRÁFICO 17 - Frequência por forma na modalidade escrita no romance do PB	110
GRÁFICO 18 – Frequência por forma no EM	112
GRÁFICO 19 – Frequência por forma na notícia do EM	113
GRÁFICO 20 – Frequência por forma no romance do EM	113
GRÁFICO 21 - Frequência por forma no teatro do EM	114
GRÁFICO 22 - Frequência por forma na modalidade oral na notícia do EM	115
GRÁFICO 23 – Frequência por forma na modalidade escrita na notícia do EM	115
GRÁFICO 24 - Frequência por forma na modalidade oral no romance do EM	116
GRÁFICO 25 – Frequência por forma na modalidade escrita no romance do EM	116
GRÁFICO 26 – Frequência por forma no romance (trecho inicial x texto completo) do PB	119
GRÁFICO 27 – Frequência por forma no romance (trecho inicial x texto completo) do EM	119
GRÁFICO 28 – Frequência por gênero no PB	122
GRÁFICO 29 – Frequência por gênero na notícia do PB	123
GRÁFICO 30 – Frequência por gênero no romance do PB	123
GRÁFICO 31 – Frequência por gênero no teatro do PB	124
GRÁFICO 32 – Frequência por gênero na modalidade oral na notícia do PB	126
GRÁFICO 33 – Frequência por gênero na modalidade escrita na notícia do PB	126
GRÁFICO 34 – Frequência por gênero na modalidade oral no romance do PB	126

GRÁFICO 35 – Frequência por gênero na modalidade escrita no romance do PB	126
GRÁFICO 36 – Frequência de formas no gênero masculino na notícia do PB	127
GRÁFICO 37 – Frequência de formas no gênero masculino no romance do PB	127
GRÁFICO 38 – Frequência de formas no gênero feminino na notícia do PB	128
GRÁFICO 39 – Frequência de formas no gênero feminino no romance do PB	128
GRÁFICO 40 – Frequência de formas no gênero neutro na notícia do PB	128
GRÁFICO 41 – Frequência de formas no gênero neutro no romance do PB	128
GRÁFICO 42 – Frequência por gênero no EM	129
GRÁFICO 43 – Frequência por gênero na notícia do EM	130
GRÁFICO 44 – Frequência por gênero no romance do EM	130
GRÁFICO 45 – Frequência por gênero no teatro do EM	131
GRÁFICO 46 – Frequência por gênero na modalidade oral na notícia do EM	132
GRÁFICO 47 – Frequência por gênero na modalidade escrita na notícia do EM	132
GRÁFICO 48 – Frequência por gênero na modalidade oral no romance do EM	132
GRÁFICO 49 – Frequência por gênero na modalidade oral no romance do EM	132
GRÁFICO 50 – Frequência de formas no gênero masculino na notícia do PB	133
GRÁFICO 51 – Frequência de formas no gênero masculino no romance do EM	133
GRÁFICO 52 – Frequência de formas no gênero feminino na notícia do EM	134
GRÁFICO 53 – Frequência de formas no gênero feminino no romance do EM	134
GRÁFICO 54 – Frequência de formas no gênero neutro na notícia do EM	134
GRÁFICO 55 – Frequência de formas no gênero neutro no romance do EM	134
GRÁFICO 56 – Frequência por número no PB	136
GRÁFICO 57 – Frequência por número na notícia do PB	136
GRÁFICO 58 – Frequência por número no romance do PB	136
GRÁFICO 59 – Frequência por número no teatro do PB	137
GRÁFICO 60 – Frequência por número na modalidade oral na notícia do PB	138
GRÁFICO 61 – Frequência por número na modalidade escrita na notícia do PB	138
GRÁFICO 62 – Frequência por número na modalidade oral no romance do PB	138
GRÁFICO 63 – Frequência por número na modalidade escrita no romance do PB	138
GRÁFICO 64 – Frequência de formas no singular na notícia do PB	139
GRÁFICO 65 – Frequência de formas no plural na notícia do PB	139
GRÁFICO 66 – Frequência de formas no singular no romance do PB	140
GRÁFICO 67 – Frequência de formas no plural no romance do PB	140
GRÁFICO 68 – Frequência por número no EM	141
GRÁFICO 69 – Frequência por número na notícia do EM	142
GRÁFICO 70 – Frequência por número no romance do EM	142
GRÁFICO 71 – Frequência por número no teatro do EM	142
GRÁFICO 72 – Frequência por número na modalidade oral na notícia do EM	143
GRÁFICO 73 – Frequência por número na modalidade escrita na notícia do EM	143
GRÁFICO 74 – Frequência por número na modalidade oral no romance do EM	144
GRÁFICO 75 – Frequência por número na modalidade escrita no romance do EM	144
GRÁFICO 76 – Frequência de formas no singular na notícia do EM	145
GRÁFICO 77 – Frequência de formas no plural na notícia do EM	145
GRÁFICO 78 – Frequência de formas no singular no romance do EM	145
GRÁFICO 79 – Frequência de formas no plural no romance do EM	145
GRÁFICO 80 – Frequência por preposição no PB	146

GRÁFICO 81 – Frequência por preposição na notícia do PB	147
GRÁFICO 82 – Frequência por preposição no romance do PB	147
GRÁFICO 86 – Frequência por preposição na modalidade oral na notícia do PB	151
GRÁFICO 87 – Frequência por preposição na modalidade escrita na notícia do PB	151
GRÁFICO 88 – Frequência por preposição na modalidade oral no romance do PB	151
GRÁFICO 89 – Frequência por preposição na modalidade escrita no romance do PB	151
GRÁFICO 90 – Frequência de formas não-preposicionadas na notícia do PB	153
GRÁFICO 91 – Frequência de formas preposicionadas na notícia do PB	153
GRÁFICO 92 – Frequência de formas não-preposicionadas no romance do PB	153
GRÁFICO 93 – Frequência de formas preposicionadas no romance do PB	153
GRÁFICO 94 – Frequência por preposição no EM	154
GRÁFICO 95 – Frequência por preposição na notícia do EM	155
GRÁFICO 96 – Frequência por preposição no romance do EM	155
GRÁFICO 100 – Frequência por preposição na modalidade oral na notícia do EM	158
GRÁFICO 101 – Frequência por preposição na modalidade escrita na notícia do EM	158
GRÁFICO 102 – Frequência por preposição na modalidade oral no romance do EM	158
GRÁFICO 103 – Frequência por preposição na modalidade escrita no romance do EM	158
GRÁFICO 104 – Frequência de formas não-preposicionadas na notícia do EM	160
GRÁFICO 105 – Frequência de formas preposicionadas na notícia do EM	160
GRÁFICO 106 – Frequência de formas não-preposicionadas no romance do EM	160
GRÁFICO 107 – Frequência de formas preposicionadas no romance do EM	160
GRÁFICO 108 – Frequência por posição no SN do PB	162
GRÁFICO 109 – Frequência por posição no SN na notícia do PB	163
GRÁFICO 110 – Frequência por posição no SN no romance do PB	163
GRÁFICO 111 – Frequência por posição no SN (sem neutros) na notícia do PB	164
GRÁFICO 112 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no romance do PB	164
GRÁFICO 113 – Frequência por posição no SN no teatro do PB	165
GRÁFICO 114 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no teatro do PB	165
GRÁFICO 115 – Frequência por posição no SN na modalidade oral na notícia do PB	166
GRÁFICO 116 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita na notícia do PB	166
GRÁFICO 117 – Frequência por posição no SN na modalidade oral no romance do PB	166
GRÁFICO 118 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita no romance do PB	166
GRÁFICO 119 – Frequência de formas em posição margem na notícia do PB	167
GRÁFICO 120 – Frequência de formas em posição núcleo na notícia do PB	167
GRÁFICO 121 – Frequência de formas em posição margem no romance do PB	168
GRÁFICO 122 – Frequência de formas em posição núcleo no romance do PB	168
GRÁFICO 123 – Frequência por posição no SN no EM	169
GRÁFICO 124 – Frequência por posição no SN na notícia do EM	170
GRÁFICO 125 – Frequência por posição no SN no romance do EM	170
GRÁFICO 126 – Frequência por posição no SN (sem neutros) na notícia do EM	171
GRÁFICO 127 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no romance do EM	171
GRÁFICO 128 – Frequência por posição no SN no teatro do EM	172
GRÁFICO 129 – Frequência por posição no SN (sem neutros) no teatro do EM	172
GRÁFICO 130 – Frequência por posição no SN na modalidade oral na notícia do EM	173
GRÁFICO 131 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita na notícia do EM	173
GRÁFICO 132 – Frequência por posição no SN na modalidade oral no romance do EM	173

GRÁFICO 133 – Frequência por posição no SN na modalidade escrita no romance do EM	173
GRÁFICO 134 – Frequência de formas em posição margem na notícia do EM	174
GRÁFICO 135 – Frequência de formas em posição núcleo na notícia do EM	174
GRÁFICO 136 – Frequência de formas em posição margem no romance do EM	175
GRÁFICO 137 – Frequência de formas em posição núcleo no romance do EM	175
GRÁFICO 141 – Frequência por valor referencial no PB	182
GRÁFICO 142 – Frequência por valor referencial na notícia do PB	183
GRÁFICO 143 – Frequência por valor referencial no romance do PB	183
GRÁFICO 145 - Frequência por valor referencial na modalidade oral na notícia do PB	186
GRÁFICO 146 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita na notícia do PB	186
GRÁFICO 147 - Frequência por valor referencial na modalidade oral no romance do PB	187
GRÁFICO 148 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita no romance do PB	187
GRÁFICO 149 – Frequência por valor referencial no EM	188
GRÁFICO 150 - Frequência por valor referencial na notícia do EM	189
GRÁFICO 151 – Frequência por valor referencial no romance do EM	189
GRÁFICO 153 - Frequência por valor referencial na modalidade oral na notícia do EM	192
GRÁFICO 154 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita na notícia do EM	192
GRÁFICO 155 - Frequência por valor referencial na modalidade oral no romance do EM	193
GRÁFICO 156 - Frequência por valor referencial na modalidade escrita no romance do EM	193
GRÁFICO 157 – Frequência por referência endofórica na notícia do PB	195
GRÁFICO 158 – Frequência por referência endofórica no romance do PB	195
GRÁFICO 159 – Frequência por referência endofórica na notícia do PB	196
GRÁFICO 160 – Frequência por referência endofórica no romance do EM	196
GRÁFICO 161 – Frequência de formas na anáfora clara na notícia do PB	198
GRÁFICO 162 – Frequência de formas na anáfora clara no romance do PB	198
GRÁFICO 163 – Frequência de formas na anáfora clara na notícia do EM	198
GRÁFICO 164 – Frequência de formas na anáfora clara no romance do EM	198
GRÁFICO 165 – Frequência de formas na anáfora escura na notícia do PB	200
GRÁFICO 166 – Frequência de formas na anáfora escura no romance do PB	200
GRÁFICO 167 – Frequência de formas na anáfora escura na notícia do EM	200
GRÁFICO 168 – Frequência de formas na anáfora escura no romance do EM	200
GRÁFICO 169 – Frequência de formas na catáfora na notícia do PB	202
GRÁFICO 170 – Frequência de formas na catáfora no romance do PB	202
GRÁFICO 171 – Frequência de formas na catáfora na notícia do EM	202
GRÁFICO 172 – Frequência de formas na catáfora no romance do EM	202
GRÁFICO 173 – Frequência de formas na ana-catáfora na notícia do PB	204
GRÁFICO 174 – Frequência de formas na ana-catáfora no romance do PB	204
GRÁFICO 175 – Frequência de formas na ana-catáfora na notícia do EM	204
GRÁFICO 176 – Frequência de formas na ana-catáfora no romance do EM	204
GRÁFICO 177 – Frequência por referência exofórica na notícia do PB	206
GRÁFICO 178 – Frequência por referência exofórica no romance do PB	206
GRÁFICO 179 – Frequência por referência exofórica na notícia do EM	207
GRÁFICO 180 – Frequência por referência exofórica no romance do EM	207
GRÁFICO 181 – Frequência de formas na exófora espacial na notícia do PB	209
GRÁFICO 182 – Frequência de formas na exófora espacial no romance do PB	209
GRÁFICO 183 – Frequência de formas na exófora espacial na notícia do EM	209

GRÁFICO 184 – Frequência de formas na exófora espacial no romance do EM	209
GRÁFICO 185 – Frequência de formas na exófora metatextual na notícia do PB	211
GRÁFICO 186 – Frequência de formas na exófora metatextual no romance do PB	211
GRÁFICO 187 – Frequência de formas na exófora metatextual na notícia do EM	211
GRÁFICO 188 – Frequência de formas na exófora metatextual no romance do EM	211
GRÁFICO 189– Frequência de formas na exófora presencial na notícia do PB	213
GRÁFICO 190 – Frequência de formas na exófora presencial no romance do PB	213
GRÁFICO 191 – Frequência de formas na exófora presencial na notícia do EM	213
GRÁFICO 192– Frequência de formas na exófora presencial no romance do EM	213
GRÁFICO 193 – Frequência de formas na exófora temporal na notícia do PB	215
GRÁFICO 194 – Frequência de formas na exófora temporal no romance do PB	215
GRÁFICO 195 – Frequência de formas na exófora temporal na notícia do EM	215
GRÁFICO 196 – Frequência de formas na exófora temporal no romance do EM	215
GRÁFICO 197 – Frequência de formas na endo-exófora na notícia do PB	217
GRÁFICO 198 – Frequência de formas na endo-exófora no romance do PB	217
GRÁFICO 199 – Frequência de formas na endo-exófora na notícia do EM	217
GRÁFICO 200 – Frequência de formas na endo-exófora no romance do EM	217
GRÁFICO 201– Frequência de formas na referência anamnésica na notícia do PB	219
GRÁFICO 202 – Frequência de formas na referência anamnésica no romance do PB	219
GRÁFICO 203 – Frequência de formas na referência anamnésica na notícia do EM	219
GRÁFICO 204 – Frequência de formas na referência anamnésica no romance do EM	219
GRÁFICO 205 – Frequência de formas na referência indefinida no romance do PB	221
GRÁFICO 206– Frequência de formas na referência indefinida no romance do EM	221
GRÁFICO 207– Frequência de formas por endófora na notícia do PB	223
GRÁFICO 208– Frequência de formas por exófora na notícia do PB	223
GRÁFICO 209 - Frequência de formas por endófora no romance do PB	223
GRÁFICO 210- Frequência de formas por exófora no romance do PB	223
GRÁFICO 211 - Frequência de formas por endófora no teatro do PB	224
GRÁFICO 212 - Frequência de formas por exófora no teatro do PB	224
GRÁFICO 213 – Frequência de formas por endófora na notícia do EM	225
GRÁFICO 214– Frequência de formas por exófora na notícia do EM	225
GRÁFICO 215 - Frequência de formas por endófora no romance do EM	225
GRÁFICO 216 - Frequência de formas por exófora no romance do EM	225
GRÁFICO 217 – Frequência de formas por endófora no teatro do EM	226
GRÁFICO 218 - Frequência de formas por exófora no teatro do EM	226